USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

NAVESSA ALLEN



CAUGHT UP

AN *INTO DARKNESS* NOVEL

Índice

Apanhados
Também por Navessa Allen
Título
Direitos autorais
Avisos de gatilho
Dedicação
Conteúdo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor
Mais de Navessa Allen

Apanhados

Também por Navessa Allen
Luzes apagadas

UM ROMANCE NA ESCURIDÃO

APANHADOS

NAVESSA ALLEN



Este e-book foi publicado pela primeira vez em 2025 por

Quercus Editions Limited
Casa Carmelita
50 Victoria Embankment
Londres EC4Y 0DZ
Uma empresa Hachette UK
O representante autorizado no EEE é a Hachette Ireland,
8 Castlecourt Centre, Dublin 15, D15 XTP3, Irlanda (e-mail:info@hbgi.ie)
Direitos autorais © 2025 Navessa Allen
Originalmente publicado nos Estados Unidos pela Slowburn,
e marca da Zando, LLC. www.zandoprojects.com.
O direito moral de Navessa Allen de ser
identificado como o autor desta obra foi
afirmado de acordo com os direitos autorais,
Lei de Desenhos e Patentes de 1988.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
pode ser reproduzido ou transmitido em qualquer forma
ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia, gravação ou qualquer
sistema de armazenamento e recuperação de informações,
sem a permissão por escrito do editor.
Um registro de catálogo CIP para este livro está disponível
da Biblioteca Britânica
E-BOOK ISBN 978-1-52944-244-1
Design por Neuwirth & Associates, Inc.
Design da capa por Christopher Brian King
Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens,
empresas, organizações, lugares e eventos são
seja o produto da imaginação do autor
ou usado ficticiamente. Qualquer semelhança com
pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou
locais é mera coincidência.
www.quercusbooks.co.uk

Avisos de gatilho

Apanhados é uma comédia romântica sombria e cheia de suspense, com temas pesados. Recomenda-se a leitura criteriosa, pois este livro contém:

Camwork
Trabalho sexual
Máfia e crime organizado
Chantagem
Coerção
Religião
Sangue
Violência
Gore (breve)
Sexo gráfico (incluindo multiparceiros)
Brincadeira de respiração
Jogo primal
Brincadeira de medo
Voyeurismo
Exibicionismo
Escravidão
BDSM leve
Perseguição
Abuso infantil
Violência doméstica (lembrada)
Bullying (lembrado)
Vergonha de vagabunda
Álcool
Jogatina
Fumar
Menção de assassinos em série e seus crimes
Canibalismo (fora da página, aludido)

Para todos prontos para jogar.

Conteúdo

Apanhados
Também por Navessa Allen
Título
Direitos autorais
Avisos de gatilho
Dedicação

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
Epílogo

Agradecimentos
Sobre o autor
Mais de Navessa Allen

1

Júnior

O sangue estava por toda parte. Encharcado na minha camisa, borrifado na minha calça e enterrado sob as unhas rombas. Era por isso que eu sempre usava preto da cabeça aos pés. Com qualquer outra cor, o sangue ficaria óbvio demais, mas com preto, as manchas de sangue eram mais fáceis de explicar: alguém jogava uma bebida em mim, ou um carro que passava batia em uma poça d'água e eu me molhava. Eu tive que inventar inúmeras desculpas ao longo dos anos.

Felizmente, eu não precisaria de nenhum deles esta noite, porque estava chovendo torrencialmente. Relâmpagos brilhavam em arco no céu, pintando os arranha-céus distantes de prata e branco. Trovões os perseguiam, fazendo as janelas dos prédios próximos tremerem. A cidade parecia Gotham em noites como aquela. Corajosa, perigosa.

Desviei o olhar da tempestade. Três figuras estavam ao meu lado na beira do rio, todas vestidas de preto porque tinham aprendido a mesma lição que eu sobre manchas de sangue. Estavam imóveis, com os olhos mortos fixos à frente, as jaquetas esvoaçando ao redor como asas errantes. Outro relâmpago rasgou o céu, banhando-nos em prata. Parecíamos mais um bando de abutres prestes a atacar um cadáver do que um grupo de irmãos que deveriam estar comemorando.

Quatro dias. Chovia havia quatro dias, e o rio estava tão cheio de água que o carro que acabávamos de empurrar para dentro estava sendo sugado para baixo da superfície com uma facilidade alarmante. Talvez tivéssemos sorte, e os policiais pensassem que o dono dele tinha sido pego por uma enchente repentina e se afogado, em vez do que nós...*realmente* fizemos a ele.

Uma faísca vermelha surgiu na minha visão periférica. Virei-me e vi meu irmão mais novo, Greg, levar um cigarro aos lábios.

"Essas coisas vão te matar", eu disse.

Ele soprou a fumaça para o vento. "Não antes que outra pessoa o faça."

Com isso, ele se virou e foi embora, com Stefan logo atrás.

Alec, o irmão mais próximo de mim em idade, me encarou através do abismo que havia entre nós. "Terminamos aqui?"

Concordei. É, tínhamos terminado. Tommy Marchetti tinha sido tratado. Exatamente como papai ordenou.

Alec levantou a gola do casaco para se proteger da chuva enquanto seguia atrás dos nossos irmãos mais novos, deixando-me sozinha para assistir à ponta do Beamer do Tommy desaparecer na água escura como a noite. O velhote finalmente tinha ido embora, finalmente saído do caminho, e eu não poderia ter pedido um presente de aniversário melhor.

Esperei apenas o tempo suficiente para ter certeza de que o carro não voltaria inconvenientemente à superfície, antes de entrar no armazém, agachado à beira do rio. O chão era de concreto armado e as paredes de tábuas eram velhas o suficiente para que o vento assobiasse pelas frestas a cada rajada, mas pelo menos eu não estava mais sendo atingido pela chuva.

Meus irmãos estavam sob o brilho de uma luz fluorescente, com os olhos fixos em uma grande mancha vermelha a seus pés.

Alec apontou para ele. "O que você quer que a gente faça sobre isso?"

“Alvejante”, eu disse.

Ele foi em direção a um armário nos fundos.

Olhei para o Greg. "Ele sangrou muito."

Os olhos escuros de Greg se voltaram para os meus enquanto ele dava outra tragada no cigarro. "Cadáveres frescos costumam fazer isso."

Eu poderia ser o "Júnior", mas, de todos nós, Greg era o que mais se parecia com o papai, principalmente agora que o humor havia começado a desaparecer de seus olhos e o mesmo olhar cansado que todos nós tínhamos estava surgindo em sua expressão.

Alec se juntou a nós novamente, e recuamos enquanto ele virava uma garrafa inteira de água sanitária sobre a mancha. Quando terminou, jogou a garrafa vazia em outro lixo acumulado em um canto. Este lugar pertencia a uma peixaria antes do colapso da indústria local. Agora pertencia a um dos sócios do meu pai, um homem que ignorava nosso uso ocasional.

Alec se virou para me encarar. "Você ainda quer sair?"

Olhei para ele. "O que você acha?"

Ele deu de ombros. "Eu topo, se você também quiser."

Stefan deu a Alec um *Você está falando sério?* Olha, ele não viu. Ao lado de Stefan, Greg me observava, esperando minha decisão. Como o mais velho, eu era o líder de fato. Aquele em quem meu pai mais confiava, aquele a quem meus irmãos recorriam

em busca de orientação. Só uma vez, desejei que outra pessoa tomasse uma maldita decisão para que eu não tivesse que pensar tanto o tempo todo.

Voltei a focar meu olhar em Alec. "Não, eu não quero sair. Estou encharcada e cansada, e quando todos tomarmos banho e nos trocarmos, serão duas da manhã e tudo estará fechando."

"Então você vai passar seu último aniversário aos vinte e poucos anos triste e sozinho?", perguntou Alec. "Parece bem deprimente."

Balancei a cabeça, começando a ficar irritada. "Não passei sozinha. Jantamos em família e depois nós quatro pudemos fazer uma excursão divertida." Ele abriu a boca para discutir, mas eu o interrompi. "Terminamos por aqui. Não me importa o que vocês três façam pelo resto da noite, mas vou para o meu apartamento. Avisem a mamãe e o papai que só volto daqui a alguns dias."

Sem esperar por uma resposta, fui embora. Talvez fosse deprimente, mas eu queria ficar sozinho. Queria sossego e a solidão do meu próprio espaço, e não tinha como conseguir isso se voltasse para a casa dos meus pais com os babacas dos meus irmãos.

Meu apartamento não ficava longe do cais, talvez uns dez minutos a pé, e eu já estava encharcado, então não me importava nem um pouco com a chuva. Era quase bom sentir um pouco de frio. O calor intenso do verão estava se aproximando da cidade e, com toda aquela água ao redor, o ar estava enjoativo e fétido. A tempestade estava levando um pouco da temperatura para longe, mas eu sabia que era apenas temporário. Teríamos sorte se conseguíssemos um ou dois dias de temperaturas mais amenas antes que a temperatura subisse para perto dos 32°C.

As pessoas passavam correndo por mim na calçada. A maioria estava curvada, como se de alguma forma a protegesse da chuva torrencial, mas eu caminhei ereto, esperando que a chuva lavasse as evidências dos meus pecados. Porra, eu estava cansado. E não por causa do que eu tinha acabado de fazer. Era uma exaustão profunda que me corroía como um lobo raivoso.

Eu me perguntava se meu pai já se sentiu assim. Se o nosso "trabalho" o pesava da mesma forma. Ao contrário de mim, meu pai não tinha nascido na máfia. Ele havia conquistado um espaço entre os soldados rasos e, aos poucos, galgado as fileiras. Agora ele era o cara a quem os figurões recorriam quando precisavam resolver suas bagunças, mas, como ele se considerava demais para continuar se sujando, delegava.

Um sorriso sem humor surgiu em meus lábios. É claro que nosso trabalho não pesava para o papai. Não era ele quem o fazia.*EU*era. Bem, eu e meus irmãos. Sofríamos o peso de tudo. O risco de sermos pegos. O risco de nos machucarmos. O risco de nunca mais conseguirmos dormir, porque cada vez que fechávamos os olhos, imagens das coisas que tínhamos feito vinham à tona e ameaçavam nos afogar nas

profundezas das nossas próprias memórias.

Ou talvez fosse só eu. Talvez eu estivesse sendo um filho da puta mal-humorado, porque em vez de passar meu aniversário na cidade, como havia planejado, passei-o no cais, criando mais pesadelos para mim.

Balancei a cabeça e me concentrei nos arredores. Esta parte da cidade era velha, e não de um jeito agradável; velha de um jeito esquecido que até então escapara da gentrificação que tomava conta de outros bairros. Os prédios de tijolos e argamassa aglomerados perto da rua tinham apenas alguns andares de altura. Poças d'água se acumulavam na calçada, refletindo o brilho neon das placas das lojas próximas. Pequenos grupos de pessoas se amontoavam sob toldos, fumando cigarros ou conversando com amigos enquanto esperavam a chuva passar. Este bairro era de classe trabalhadora, principalmente imigrantes, e as ruas estavam repletas de evidências disso. Era um bom lugar para se perder, para passar despercebido, e foi por isso que aluguei um apartamento aqui.

Na maioria das vezes, meu pai gostava de nos manter por perto porque era um velho paranoico. Meus irmãos e eu, apesar de estarmos na casa dos vinte anos, ainda passávamos muito tempo dormindo nos quartos da infância. Eu ficava fora em noites como esta, quando precisava desaparecer, clarear a mente por um tempo antes de estar em condições de estar perto de outras pessoas novamente. As imagens e os sons da cidade me lembravam que o mundo continuava girando. Que havia pessoas ali vivendo suas vidas, alegremente alheias à escuridão que fervilhava logo abaixo da superfície. Isso me dava esperança, me lembrava de que havia mais na vida do que morte, destruição e a ameaça constante de passar o resto dos meus dias atrás das grades.

Quando cheguei à porta discreta entre uma joalheria e uma padaria, eu estava mais do que pronto para sair da chuva. Subindo um lance estreito de escadas, meu pequeno estúdio estava escuro e estagnado, com um cheiro de mofo no ar que denunciava abandono. Quando foi a última vez que estive aqui? Um mês atrás? Dois? Esta primavera passou como um borrão, desencadeada por um homicídio acidental que minha prima idiota, Aly, e seu namorado cometeram. A vítima deles tinha sido um assassino em série, mas ele também era o filho de uma família bilionária, e isso levou todos *meu* tempo e recursos da família para enganar os federais, fazendo-os pensar que Bradley Bluhm ainda estava vivo e foragido. Durante esse tempo, a paranoia do meu pai atingiu novos patamares, e ele mal deixava os filhos fora de vista. Eu provavelmente seria repreendido por ficar longe, logo naquela noite, mas precisava de um tempo para mim.

Acendi o interruptor ao lado da porta e fiquei aliviado quando uma lâmpada

próxima acendeu. Pelo menos eu tinha me lembrado de pagar as contas de luz. O brilho da luz iluminava um espaço compacto que poderia ser melhor descrito como utilitário. Cama à direita, sofá à esquerda, cozinha em frente, com uma porta ao lado da geladeira que dava para o banheiro.

Peguei uma muda de roupa e fui tomar banho, abrindo a torneira até ficar escaldante. Rastros rosados escorriam pelo ralo enquanto eu limpava o resto do sangue da minha pele. Em minha mente, repassei a lembrança do carro de Tommy desaparecendo sob a superfície negra da água e sorri. Fiquei feliz por ele ter ido embora, porque isso liberou um dos últimos obstáculos entre mim e sua filha.

Lauren Marchetti.

A garota com quem eu cresci no "bairro antigo", como chamávamos Little Italy, antes de meus pais nos mudarem da cidade para um subúrbio chique. Ela estava uma série abaixo de mim e, no final do meu último ano, uma situação envolvendo nós duas saiu do controle, ficando tão ruim que ela acabou sendo transferida para outro distrito.

Fechei os olhos, pensando no passado, e meu sorriso desapareceu ao me lembrar da sensação dos nós dos dedos de Tommy martelando meu rosto, ouvindo sua voz enfurecida me dizer que, se eu sequer olhasse para sua filha novamente, ele me mataria. Depois, fui para casa, correndo direto para o meu quarto, querendo esconder a vergonha de ter levado uma surra de um velho, mas meu pai me pegou, olhou para o meu rosto e exigiu saber o que tinha acontecido.

Balancei a cabeça enquanto a água me inundava, lembrando-me de como eu era ingênuo, mesmo aos dezoito anos, mesmo depois de toda a merda que já tinha visto e feito. Meu pai me arrancara a história, e eu estava apavorado de que ele piorasse tudo se declarando contra Tommy. Homens da máfia não eram exatamente conhecidos por deixar ofensas contra a família sem resposta. Mas, em vez de prometer vingança, meu pai só fazia mais ameaças.

Bem, Tommy não estava mais por perto para dar continuidade à sua vida, e eu não tinha tanto medo do meu velho quanto antes. Eu estava farta de ficar enrolando. Estava farta de esperar. Eu tinha passado quase uma década mantendo distância da Lauren, e que Deus ajudasse qualquer um que tentasse se meter entre nós desta vez.

Assim que saí do banho, ensaquei minhas roupas sujas e as levei para uma lixeira na esquina. Lixeiras eram ótimas para descartar evidências. Quando os policiais desconfiaram, o lixo já estava no aterro sanitário, e boa sorte na triagem. Mesmo que finalmente encontrassem minhas roupas, ficar ao relento e cercado por lixo em decomposição as contaminaria o suficiente para que qualquer amostra fosse inútil no tribunal.

Depois, tirei os sapatos na porta da frente e me joguei no sofá surrado. E então fiz o que fazia todas as noites, sem exceção: tirei o celular do bolso, abri meu aplicativo de rede social favorito e fui direto para o perfil da Lauren. A página dela estava cheia de fotos dela quase sem roupa, todas artisticamente posadas e perfeitamente iluminadas.

Intercaladas entre essas fotos, havia pequenos momentos da vida: o que ela havia almoçado; uma foto dela abraçando seu cachorro monstruoso; ela segurando uma placa em um comício. A foto de hoje a mostrava vestindo um terninho preto justo, apertando a mão de uma mulher branca mais velha em um escritório. Sorri ao ver isso. Marion Blackwell tinha sido um osso duro de roer. Lauren tentava encontrar a vereadora há meses, na esperança de garantir seu voto em uma nova lei municipal que visa tornar o trabalho sexual mais seguro. Blackwell, de tendência mais conservadora, vinha evitando Lauren, mas uma pequena investigação revelou o problema do filho com "pó branco", e bastou a ameaça de vazar fotos dele cheirando narcóticos nos fundos de um clube de striptease para Blackwell mudar de ideia e marcar a reunião.

Eu teria feito muito pior se tivesse visto aquela foto da Lauren tão triunfante. Ela havia evoluído muito desde a aluna quieta, de óculos, do quadro de honra e com o braço cheio de livros didáticos que eu me lembrava. Aquela deusa curvilínea mal se parecia mais com ela, mas as evidências eram irrefutáveis: grandes olhos castanhos, nariz arrebitado, aquela pequena falha entre os dois dentes da frente e, o mais condenável de tudo, uma pinta logo abaixo do olho esquerdo.

Rolando de volta para o topo do perfil dela, cliquei no link na bio dela e meu aplicativo Me4U apareceu. Lauren estava tão determinada a garantir os direitos das trabalhadoras sexuais porque ela mesma era uma.

E eu era seu fã número um.

Logo abaixo do perfil de criadora dela, havia um pequeno botão que permitia solicitar um vídeo personalizado dela. Toquei nele e enviei minha última solicitação, junto com uma mensagem.

Bom trabalho com a Blackwell hoje. Estou orgulhosa de você. Agora me mostre o quanto você está orgulhosa de si mesma, Lauren.

2

Lauren

EU FIQUEI EM PÉ SOBRE O MEU COLEGA DE QUARTOombro, observando a tela do computador enquanto um vídeo meu me masturbando com os dedos passava em câmera lenta. Estava escuro como uma caverna no quarto de Ryan, as cortinas blackout cumprindo seu papel de bloquear a luz forte do fim de tarde. Na tela, eu estava deslumbrante. Nua. Perdida no auge da paixão. Uma verdadeira deusa do sexo. Até que de repente soltei um grito silencioso (o volume de Ryan estava no mudo) e caí de lado da cama.

Ryan recuou alguns quadros e pausou. "Aqui", disseram eles, apontando para o software de edição abaixo do vídeo. "Se cortarmos aqui e depois passarmos para o lado, vai parecer que foi uma sessão de filmagem contínua, e você trocou a posição da câmera para ficar artístico."

Arqueei uma sobrancelha. "E não como se eu tivesse que parar no meio da gravação porque alguém disparou o alarme de incêndio?"*De novo?*"

Ryan colocou uma mecha de cabelo loiro comprido atrás da orelha, adquirindo aquele tom espetacular de ruivo que só os muito brancos conseguem alcançar. "Eu não queria ligar o ventilador do fogão muito alto, caso seu microfone captasse."

"Aham", eu disse. "Tenho certeza que era isso."

Ryan ficou ainda mais vermelho. Atormentá-los era tão fácil quanto prazeroso.

Abri a boca para ver se conseguia fazê-los corar até os dedos dos pés, mas a porta se abriu atrás de nós e nos viramos, piscando contra a claridade repentina quando nossa terceira colega de quarto, Taylor, entrou no quarto. A princípio, tudo o que vi foi o contorno dela, mas, à medida que meus olhos se acostumaram, notei seu cabelo lilás balançando sobre os ombros e o robe de seda florido amarrado frouxamente em suas curvas. Ela estava com o rosto todo maquiado, a pele iluminada e bronzeada, os olhos amendoados emoldurados por cílios postiços, o que me dizia que ela estava se preparando para filmar ou tinha acabado de terminar.

Ela parou a alguns metros de distância e ergueu uma caixinha em cada mão, olhando de mim para Ryan e vice-versa. "Um sub acabou de me enviar um pedido de vídeo para um close do meu cu." Seu sorriso se tornou provocador. "Quem quer me ajudar a descolorir e depilar?"

Virei-me para Ryan, que já segurava o dedo no nariz em um gesto*não é isso*gesto.

"Estou fora", disseram eles. "Vou ter que ficar olhando para ele o tempo todo enquanto estiver filmando e editando. Não deveria ter que prepará-lo também."

Meus ombros caíram em uma derrota exagerada quando me virei para Taylor. "Tudo bem. Eu faço isso."

Ela deu de ombros, parecendo satisfeita. O assinante dela devia ter lhe oferecido uma fortuna pela foto. Ela e eu poderíamos ganhar a vida filmando vídeos picantes para nossos assinantes, mas ambas achávamos que closes eram muito mais íntimos e exigiam um nível de vulnerabilidade com o qual normalmente não nos sentíamos confortáveis.

Seu olhar passou de mim para a tela do computador de Ryan. "Essa é a cena que o Ryan estragou quando queimaram o jantar ontem à noite?"

Ryan se virou de volta para o monitor, com as bochechas ainda rosadas. "Eu não estraguei nada. Lauren conseguiu terminar de filmar."

Taylor e eu trocamos um olhar irônico. Como parte do rodízio de tarefas, nos revezávamos na cozinha. Algumas noites, isso significava macarrão com queijo e salsichas cortadas (Taylor), comida tradicional italiana (eu) e pratos cada vez mais elaborados do mundo todo, que ou eram incríveis ou acabavam espalhados pela nossa cozinha (Ryan). Em defesa de Ryan, pelo menos eles estavam tentando aprimorar suas habilidades culinárias. E eles...*tive* Melhorou recentemente. Foi só quando tentaram alguma receita nova e complicada, como ontem à noite, que nossa casa encheu de fumaça.

"Você me deve uma panela nova", eu disse. "Acho que a pasta tandoori queimou no metal da que você usou ontem à noite."

Ryan se irritou. "Continue tirando sarro de mim, e eu mostro para a Taylor o vídeo que eu gravei de você caindo e caindo sem parar."

Soltei um suspiro horrorizado. "Você não fez isso."

Com um clique, Ryan abriu outra aba no software de edição, e lá estava eu, caindo da cama em câmera lenta. E depois de volta para ela. Desligada de novo. Ligada. Eram ângulos profundamente desfavoráveis para os meus seios, que pareciam tentar fugir um do outro em direções opostas. Meu cabelo parecia eletrificado, e o horror no meu rosto deixava claro que eu pensava que estava prestes a ser assassinada em série.

“Talvez eu nunca me recupere de me ver assim”, eu disse.

Ryan gargalhou. Ao meu lado, Taylor ria tanto que parou de fazer barulho. Minha vingança por essa traição viraria manchete.

Ryan levou cinco minutos inteiros e ameaças cada vez mais violentas de agressão física para fechar a aba e prometer excluí-la.

Mais alguns minutos se passaram antes que Taylor conseguisse falar. "Para quem é o vídeo?"

“Meu sanduíche favorito”, eu disse a ela.

Ela olhou na minha direção, enxugando as lágrimas. "NT95?"

Concordei. Mesmo fazendo isso há anos, ainda ficava nervosa filmando certos pedidos de vídeo, especialmente aqueles com preços altos. Eu queria que fossem perfeitos. Queria que meus inscritos estivessem desesperados por mais. E o NT95 foi meu primeiro inscrito, aliás, o meu primeiro, inscrevendo-se quase assim que anunciei minha página do Me4U nas redes sociais. Tínhamos passado incontáveis horas trocando mensagens de sexo. Eu sabia sobre o pai horrível dele e a pressão constante que ele sofria no trabalho. Ele me mandava bilhetes de parabéns toda vez que eu conquistava um novo político, pedia para eu ficar em segurança quando comparecesse a comícios. Ele não era mais apenas um inscrito sem rosto. Ele era importante para mim. Daí eu ficar por cima do ombro do Ryan em vez de deixá-los trabalhar em paz.

“O que ele pediu?”, perguntou Taylor.

"Um striptease seguido de um trabalho solo", eu disse a ela. "A escolha do criador."

Ela me lançou um olhar malicioso. "Acha que ele gostaria da edição especial do Ryan?"

“Eu vou matar você por colocar essa ideia na cabeça deles.”

Ryan bufou, mas permaneceu em um silêncio suspeito enquanto terminavam de editar a cena juntos. Eu teria que observá-los atentamente nos próximos dias. Assim que terminaram, eles começaram a corrigir as cores da filmagem original. Nós três tínhamos a configuração perfeita. Taylor e eu éramos os talentos na tela, e Ryan era nosso mágico de fundo, editando nossos vídeos e até mesmo ajudando a filmar tomadas complicadas como aquela para a qual eu havia concordado em preparar Taylor.

"Meu Deus", disse ela. "A iluminação do seu quarto é tão bonita durante o pôr do sol."

Eu estava prestes a responder quando um som de fungada chamou minha atenção. Taylor e eu nos viramos em direção à porta bem a tempo de ver Walter, nosso enorme pastor Shiloh, entrar rebolando na sala, parecendo satisfeito consigo mesmo, com as orelhas para trás e os olhos semicerrados de alegria canina. Ele carregava na boca o que

a princípio pensei ser um brinquedo de mastigar, mas, olhando mais de perto, parecia muito com...

"Meu chicote favorito!", gritei, me lançando contra ele. Droga, ele ia estragar tudo.

Ele latia e dançava, de cabeça baixa, pronto para brincar.

Parei de repente e tentei soar sério. "Isso não é um brinquedo, Walter. Larga isso."

"Tecnicamente..." Ryan começou.

Apontei o dedo na direção deles, sem querer desviar o olhar de Walter, caso ele percebesse minha distração e me mandasse embora. "Você já está na minha lista negra. Não piore a situação ficando do lado do cachorro."

Atrás de mim, Taylor começou a rir.

Walter, interpretando isso como um sinal de que era definitivamente hora de brincar, mastigou o cabo do chicote e começou a saltitar em minha direção, balançando a cabeça de um lado para o outro em seu típico*Eu tenho um brinquedo e você não consegue pegá-lo*moda. Infelizmente, isso fez com que as cinco tiras de couro presas a ele voassem pelo ar. Em nossa direção.

"Porra!" Taylor gritou, desviando para o lado.

Ryan pulou do assento, escapando por pouco de um golpe no braço.

Walter latiu ao redor da maçaneta e avançou em nossa direção com o que só poderia ser descrito como uma alegria maníaca. Saímos correndo da sala e descemos correndo as escadas, tropeçando uns nos outros na pressa de escapar.

Eu quebrei bem no fundo. Ryan desviou para a esquerda.

Taylor pulou no sofá da sala.

"Vá buscar o Ryan!", ordenei ao Walter. "Vingue-me!"

"Ei!" Ryan gritou, correndo para salvar a vida, com nosso cão enlouquecido em seu encalço.

Felizmente, nossa casa era um prédio de três andares, então não havia vizinhos abaixo para reclamar do caos repentino. Escolhemos o lugar pelo seu isolamento superior, pois ajudava na insonorização — nosso trabalho envolvia muitos ruídos viscerais. O bônus oculto era que a explosão ocasional de latidos, berros e fugas de um cão chicoteando era...*majoritariamente*despercebido.

Como o brinquedo era meu, provavelmente era minha responsabilidade cair sobre a espada metafórica, apesar de toda a diversão que eu estava tendo assistindo Walter atormentar meus colegas de quarto. Havia uma coisa com a qual podíamos contar para fazê-lo se comportar, então, enquanto Taylor e Ryan o mantinham ocupado (veja, corriam dele aterrorizados), fui em direção ao pote de biscoitos que guardávamos no balcão da cozinha. No segundo em que o abri, ouvi pregos batendo na madeira e soube que Walter estava vindo em minha direção.

Ele contornou a ilha e tentou diminuir a velocidade, mas estava se movendo tão rápido que deslizou completamente. O problema de ter um metro e meio de altura e ser magro é que, quando seu cachorro tem metade da sua altura e quase o seu peso total, você não tem chance contra ele. Walter pareceu perceber que estávamos à beira de uma catástrofe ao mesmo tempo que eu, mas não havia nada que pudéssemos fazer para evitar.

Nossos olhares se encontraram e compartilhamos uma*Ah, merda*olha que transcendeu espécies antes que ele me derrubasse pelos joelhos. Caí com um grito estrangulado, aterrissando com força no chão de ladrilhos e suportando o impacto da queda no meu cotovelo e ombro para não esmagar meu cachorro idiota.

"Meu Deus", Taylor ofegou. "Você está bem?"

Olhei para cima e vi meus colegas de quarto parados diante de mim, Ryan com a mão cobrindo a boca para abafar o riso, Taylor curvado, gargalhando abertamente.

Virei-me de costas. "Acho que sim?"

Minha mão esquerda estava molhada. Olhei de relance para o lado e vi Walter pegar delicadamente o biscoito dos meus dedos e depois se afastar, como se esperasse que ninguém o notasse.

Pelo menos ele largou o chicote.

Uma hora depois, o apartamento estava limpo, o cu de Taylor estava pronto para a câmera, e ela e Ryan estavam trancados no quarto dela.

Hoje à noite foi minha vez de cozinhar, e enquanto meus colegas de quarto filmavam, eu pude trabalhar na cozinha com meu laptop aberto na ilha para poder assistir à barra de progresso enquanto meu vídeo semanal era carregado na minha página do Me4U — este de mim fazendo pole dance no nosso quarto de hóspedes transformado em um palácio kink.

Eu esperava que meus inscritos gostassem. Meu trabalho de pole dance tinha melhorado muito desde que comecei a postar, graças às aulas semanais que frequentava, mas eu não era nem de longe um especialista. Eu só fazia porque era divertido, gerava ótimo conteúdo e era um treino surpreendentemente bom — multitarefa em sua melhor forma.

Cada criador do Me4U era diferente e tinha níveis variados de atividade, mas como esse era meu trabalho em tempo integral, eu postava uma foto picante na minha página pelo menos uma vez por dia e um vídeo longo toda quarta-feira, pontualmente, na minha página principal para todos os meus assinantes pagos. Normalmente, eu agendava minhas postagens com antecedência, mas a semana passada tinha sido especialmente agitada. Eu estava com o trabalho no limite e não

estava gostando. Isso não era apenas um trabalho para mim. Meus assinantes não eram pessoas aleatórias; eles eram a minha comunidade.

Ao longo dos anos, recebi inúmeras mensagens de inscritos me agradecendo por uma ou outra publicação, seja por terem tido um dia terrível ou por estarem passando por um momento difícil. Meus vídeos os faziam se sentir bem, os ajudavam a esquecer brevemente toda aquela situação desagradável. Muitos passaram a depender de mim e da minha agenda rígida. Isso lhes dava algo pelo qual ansiar, e a ideia de decepcionar algum deles por estar atrasado pesava muito na minha mente.

Um chiado me fez levantar o olhar bem a tempo de ver a panela de água no fogão começar a transbordar. Se eu estragasse o jantar logo depois de dar uma bronca no Ryan por fazer o mesmo, eu jamais superaria.

Passei por cima de Walter, que estava inconvenientemente esparramado no meio da cozinha (planejando seu próximo ataque, eu tinha certeza), e liguei o fogo em fogo baixo antes de adicionar lentamente a massa à panela. Depois de misturar tudo, liguei o timer e comecei a preparar o molho — manteiga, chalotas, alho e vinho branco, com uma pequena lata de mariscos misturada no final.

O vinho estava começando a evaporar quando meu celular tocou com uma notificação. Peguei o aparelho e vi uma mensagem do NT95 pelo aplicativo Me4U.

Estou ansioso para ver o que você tem reservado para nós esta noite, dizia.

Eu sorri e respondi:*Tenho a sensação de que você vai gostar deste*. Enviei a ele uma captura de tela do vídeo, na qual eu estava de topless e mordendo o lábio enquanto olhava para a câmera. Ryan sempre salvava várias cenas de cada vídeo que Taylor e eu gravávamos para que pudéssemos usá-las para provocar nossos inscritos enquanto eles esperavam as publicações irem ao ar.

Outra notificação apareceu. NT95 tinha me dado cinquenta dólares de gorjeta.

Espere só até ver SEU vídeo, Eu disse, seguido por vários emojis de carinhas beijando.

Mal posso esperar, ele respondeu. Espero que você tenha uma boa noite, Lauren, e parabéns novamente pela grande vitória de ontem.

Obrigado!!!

Eu ainda estava animada por ter convencido a Vereadora Blackwell a se juntar a nós. Com o voto dela garantido, a lei tinha boas chances de ser aprovada, e em breve as profissionais do sexo desta cidade poderiam denunciar quaisquer agressões cometidas contra elas enquanto trabalhavam, sem enfrentar acusações de solicitação. Seria uma grande vitória, pela qual lutamos durante anos, e mesmo tendo sido um longo e exaustivo esforço, estávamos chegando lá. Isso me deu esperança de que, com bastante trabalho duro, poderíamos eventualmente arrastar esta cidade operária para a era moderna.

NT95 curtiu minha última mensagem e eu larguei o celular, sorrindo. Era engraçado relembrar nossa história em comum e o quanto havia mudado desde que ele se inscreveu pela primeira vez. Agora, eu tinha um "cardápio" na minha página do Me4U onde os assinantes podiam fazer pedidos. Quando comecei, eu calculava preços personalizados para cada solicitação, mas conforme minha conta crescia, eu não conseguia mais acompanhar, então passei a cobrar uma taxa fixa de 25 dólares por minuto de câmera, com um mínimo de três minutos. Havia taxas adicionais para trabalhos com brinquedos e taras, e para uso de nomes ou frases específicas. NT95 havia solicitado um vídeo de 700 dólares alguns dias antes, e eu não perdi tempo filmando.

Meu sorriso se alargou enquanto eu verificava a massa. Eu tinha arrecadado quinze mil esta semana. Havia tanta coisa boa que eu poderia fazer com esse dinheiro que me deixou tonto. Levei dois anos inteiros de postagens para chegar a esse ponto, mas agora eu estava ganhando tanto que só...*precisar*trabalhar mais um pouco antes de poder viver confortavelmente o resto dos meus dias fazendo o que eu quisesse.

A questão era que esse trabalho*era* O que eu queria fazer. Eu amava o que fazia, e o fato de receber tanto por isso ainda me parecia surreal. Jornalistas, terapeutas, políticos e especialistas em teclado se desdobravam para analisar o trabalho sexual e por que as pessoas o faziam, e embora tivessem todo o direito de fazê-lo, porque era uma questão ampla e muito complexa, com tantos elementos problemáticos e perigosos, para mim, pessoalmente, não era tão complicado assim.

Achei o trabalho de câmera libertador e curativo. Fui criada como católica em um bairro italiano incrivelmente patriarcal, onde a vergonha era uma parte importante da cultura, onde qualquer mulher que vivesse fora do código de normas rígido e não escrito era ostracizada. Na adolescência, senti o chicote do julgamento cair sobre mim repetidamente, golpes tão fortes que quase me quebrei sob a força deles. Levei anos para curar aquelas feridas invisíveis, mas agora, eu...*aprecia*sexo. Eu*aprecia*me filmando nua. Eu*aprecia*fazendo os outros gozarem.

Foi tão simples quanto isso.

Na última década, eu recuperei minha agência, meu poder, e vivi minha vida abertamente para todos verem, abraçando minha sexualidade, encorajando outros a fazerem o mesmo, lutando por aqueles que ainda eram envergonhados, ainda empurrados para as margens da sociedade porque muitas pessoas se recusavam a ver que o trabalho sexual era um trabalho válido e deveria vir com as mesmas proteções que qualquer outra carreira.

Minha vitória com a Vereadora Blackwell foi um grande passo na direção certa, mas ainda havia muitos outros políticos para convencer. Não apenas em nossa cidade, mas

no resto do estado e do país. Camwork era o que eu amava, mas advocacy era minha paixão na vida. Mesmo que todos os meus inscritos do Me4U desaparecessem amanhã, eu passaria o resto do meu tempo aqui na Terra tornando o trabalho sexual mais seguro para todos que viessem depois de mim.

Uma porta se abriu no andar de cima, me tirando dos meus pensamentos.

"Como foi?", gritei.

"Ótimo", Ryan gritou, e o som de outra porta fechando me disse que eles tinham ido para o quarto.

Taylor desceu as escadas apressadamente um minuto depois, amarrando seu robe florido de volta no lugar enquanto se juntava a mim na cozinha. Seu nariz a levou direto para a panela borbulhante. "Que cheiro incrível."

"Obrigada", eu disse, apontando minha colher de pau para a geladeira. "O vinho que acompanha é geladinho."

Entendendo a indireta, ela se virou para nos servir copos. Brindamos e cada um tomou um gole antes que ela saísse para entregar o terceiro copo para Ryan na sala de edição. Enquanto ela estava fora, meu vídeo terminou de ser carregado, e eu o publiquei rapidamente antes que o alarme que eu tinha programado para o macarrão tocasse.

Taylor voltou para junto de mim bem a tempo de ajudar a preparar tudo.

"Desça e coma conosco, sua vadia antissocial!", gritei para Ryan.

Eles desceram as escadas com um ar apenas ligeiramente descontente e se acomodaram em seus lugares de sempre à mesa de jantar. Taylor e eu nos sentamos um de cada lado deles e, juntos, nós três nos deliciamos com o jantar, com Walter dormindo sob nossos pés enquanto comíamos, ríamos e bebíamos até nossos pratos ficarem vazios e nossas barrigas cheias. Foi uma noite perfeita. Eu estava extremamente feliz, infinitamente grata por esta vida que eu havia criado para mim.

E então meu telefone tocou.

3

Júnior

EUERAM TRÊS HORAS DA TARDEna manhã de sexta-feira, quando voltei para o meu apartamento imundo. Desta vez, metade do sangue que molhava minha camisa era meu.

Tirei o tecido no banheiro, estremecendo ao ver minha barriga no espelho. Havia um corte de oito centímetros no meu lado esquerdo, causado por uma faca da qual não fui rápido o suficiente para desviar. Merda de guerra territorial. Por que diabos a gente tinha se envolvido? Não era o que costumávamos fazer com os superiores. Meu velho devia estar devendo um favor a alguém ou algo assim.

Porra Cristo", pensei, revivendo a noite na minha cabeça. Se eu tivesse sido mais lento em desviar da lâmina, ela teria perfurado meu pulmão.

Meus olhos se voltaram para as cicatrizes que cobriam o resto do meu torso. Elas eram um lembrete gritante de quantas vezes passei por momentos difíceis ao longo dos anos, de como uma fração de segundo de distração poderia ter me levado para o hospital, ou pior.

Abaixei-me, estremecendo, e peguei o kit de primeiros socorros debaixo da pia do banheiro. Depois de tomar banho, comecei a fazer um curativo no ferimento. Eu já tinha me acostumado a costurar, mas, felizmente, naquela noite, não precisei de pontos, já que o corte era bem superficial.

Só depois de pronto é que me permiti abrir o último vídeo da Lauren como recompensa. Com um toque, começou a tocar, e seu quarto familiar ganhou vida diante dos meus olhos. Uma luz dourada invadiu o quarto, banhando sua cama de dossel com raios âmbar salpicados. Ela se ajoelhou no meio do edredom, vestindo um conjunto de shorts creme e uma regata combinando.

Seus dedos brincavam com a barra da blusa enquanto ela lançava um sorriso sensual para a câmera. Apertei o botão de pausa no momento em que ela começava a tirá-la pela cabeça e voltei ao início. Aproximei meu celular e dei zoom em seu rosto,

focando em seus olhos, observando sua expressão. Vários dias haviam se passado desde que meus irmãos e eu afundamos o carro do pai dela no rio — tempo suficiente para Tommy ser dado como desaparecido —, mas não vi tristeza nos olhos de Lauren. Sem preocupação.

Ela não tinha ouvido? Ou será que ela sabia e não se importava? Não que eu a culparia se não soubesse, mas*não* saber se a notícia sobre Tommy tinha sido divulgada estava começando a me dar nos nervos, e decidi que era hora de encarar a situação.

Abri o contato do meu pai, com o polegar sobre o botão de chamada. Ele e eu não andávamos exatamente nos entendendo ultimamente, e grande parte do motivo pelo qual eu estava enfurnada na cidade era para evitá-lo. Parecia que toda interação se transformava em discussão, e viver sob o seu domínio durante todo o desastre com Bradley Bluhm nos levara a um ponto crítico. Eu precisava desse tempo longe dele, mas minha necessidade de informações sobre Lauren era ainda maior, então, respirando fundo, liguei para ele.

Ele atendeu ao primeiro toque: "Onde diabos você estava?"

Quase desliguei. O cara não facilitou nada. Toda conversa tinha que ser contenciosa desde o começo. "Ocupado."

"Muito ocupado?" Papai latiu. "Tem sido*dias*, Júnior."

"E eu fiz tudo o que você pediu", retruquei. "Não é como se eu estivesse aqui de bobeira. Não é como se eu tivesse levado uma facada nas costelas hoje à noite porque estava sentado no meu apartamento, sem fazer nada."

Ele respirou fundo. "Você está bem?"

"Estou bem", respondi, recusando-me a deixar a preocupação em seu tom me amolecer. Ele não estava preocupado com a minha segurança, não de verdade; conhecendo meu pai, ele estava mais preocupado com o impacto da minha morte.*dele* vida. "Posso te perguntar uma coisa, ou você quer me encher o saco mais um pouco?"

Papai fechou a boca tão rápido que ouvi seus dentes estalarem do outro lado da linha. Não precisei vê-lo para saber que ele estava cerrando o maxilar com força suficiente para quebrar um molar. Uma pequena e feia sensação de triunfo me percorreu, sabendo que eu o havia atingido.

Nós sempre trouxemos à tona o pior um do outro.

"Pergunte", ele rosnou.

“A notícia sobre o Tommy já foi divulgada?”

Papai ficou em silêncio por tanto tempo que achei que ele não me responderia. "Por que você quer saber?"

Porra, eu devia ter perguntado para outra pessoa. Achei que já tinha passado tempo suficiente e que eu tinha feito um bom trabalho apagando meus rastros, e que meu

pai já teria se esquecido completamente da Lauren, mas percebi pela desconfiança em seu tom que eu estava errado.

“Eu simplesmente faço”, eu disse.

"Não se trata da filha prostituta dele, não é?"

A raiva ferveu na boca do meu estômago. Homens como meu pai eram a razão pela qual o parricídio existia.

Respirei fundo e contive a raiva, forçando uma calma natural no meu tom de voz que levei anos para aperfeiçoar. "Não. O Tommy já foi dado como desaparecido ou não?"

"Ontem. Quando você volta para casa? Sua mãe anda preocupada."

Ah, a culpa. É claro que ele recorreria a ela quando a insistência não funcionasse.

"Alguns dias. Tenho umas coisas para investigar na cidade."

Ele desligou na minha cara.

Larguei o celular, com as mãos tremendo. Um dia, esse meu maldito temperamento ia explodir em todos ao meu redor. Anos de ressentimento não resolvido pesavam entre mim e meu pai, a maior parte tão feia que eu reprimia com todas as forças. Minha briga com a Lauren ocupava o primeiro lugar da lista. Eu nunca esqueceria o que ele me disse na noite em que o Tommy me deu um chute na bunda:*É melhor que aconteça agora, assim, do que Lauren ficar*realmente *ferir*.

Levando em conta o valor de face, pode parecer que ele estava cuidando dela, mas seu tom ameaçador transformou isso em uma ameaça, como se eu não ficasse longe de Lauren,*ele iria*seja o próximo a machucá-la.

Sim, o Tommy estava fora de cogitação, mas meu velho ainda era um problema. Um problema com o qual eu teria que lidar, e em breve. Uma briga vinha se formando entre nós há anos, e não apenas uma discussão comum, mas a grande. Aquela em que eu disse a ele que não queria mais fazer aquilo, que não queria acabar como ele, que era para onde eu iria se continuasse no meu caminho atual.

Precisando de uma distração dos meus pensamentos perturbados, passei o polegar pelo celular e abri o vídeo da Lauren, ainda pausado, ainda com zoom no rosto dela. Porra, ela era linda. Apertei o play e deixei o vídeo rolar, e a blusa da Lauren subiu por cima da cabeça antes de ser jogada para fora do quadro. Meu pau inchou ao ver seus mamilos escuros, já endurecidos pelo ar que os atingiu. Sua cintura era plana e estreita, alargando nos quadris. Ela havia ganhado volume na última década, e as curvas lhe caíam bem.

Fiquei observando enquanto ela passava as mãos pela barriga e segurava os seios.*Peitos perfeitos.*Sua cabeça pendia para trás enquanto ela brincava com os mamilos. Ela não parecia estar atuando. Parecia estar se divertindo, e era por isso que

era tão viciante assisti-la, por isso que eu assistia a quase todos os vídeos da sua página no Me4U ao longo dos anos. A mulher ganhava vida na tela. Ela era completamente despreocupada, entregava-se inteiramente ao prazer. Mas a minha coisa favorita era quando sua personalidade transparecia sempre que ela ria ou soltava aquele gemido baixo e frustrado que indicava que ela estava perto, mas precisava de algo mais para se superar.

Eu aprendi*todos*seus sons, estudei a maneira como ela se fazia chegar ao clímax. Podia parecer obsessivo, mas não era; era estratégico. Um dia, eu usaria tudo o que aprendera contra ela, faria com que ela gozasse mais rápido do que qualquer outra pessoa, a convenceria de que minhas mãos, minha língua e meu pau foram feitos para excitá-la. Eu queria que ela me desejasse,*precisa de mim*.

Foi manipulador? Todo tipo de confusão? Com certeza.

Eu não dei a mínima.

Na tela, Lauren abriu seus grandes olhos escuros e olhou diretamente para a câmera. "É isso que eu gostaria que você fizesse comigo." Ela beliscou os mamilos delicadamente, e eu decidi que os cem dólares a mais que paguei por conversa suja desta vez valiam a pena. "Eu faria você ficar aqui, primeiro com as mãos, depois com a boca, até eu ficar completamente encharcada."

Desabotoei a calça jeans e coloquei a mão dentro da boxer para agarrar meu pau. "O que mais?", perguntei, com a voz baixa de desejo.

Ela deslizou a mão sobre a barriga e a enfiou dentro do short. "E aí eu faria você me tocar aqui. Não no meu clitóris ou na minha boceta", disse ela, e meu pau ficou duro como pedra ao ouvir aquelas palavras sujas saindo daquela que antes era uma boca tão doce. "Eu faria você me provocar, de perto, mas não onde eu mais preciso de você."

Meus olhos acompanharam o movimento da mão dela sob o tecido fino como um sussurro do short. Ela estava fazendo exatamente o que havia dito, provocando a si mesma, passando as pontas dos dedos cada vez mais perto do próprio centro.

“Você quer ver?” ela perguntou.

"Sim. Me mostre", eu disse, passando a mão pelo meu pau. Era por isso que Lauren tinha tantos subs. Ela era boa no que fazia, fazia parecer que estávamos fazendo aquilo juntos e eu não estava me masturbando para um vídeo pré-gravado.

Seu sorriso se tornou tímido enquanto ela tirava a mão do short e deslizava os dedos pelo cós. "Diga por favor."

Balancei a cabeça. Nunca implorei por isso na minha vida, e não ia abrir uma exceção, nem mesmo para ela. "Solta, Lauren. Quero ver o quão molhada você está para mim."

Ela sorriu mais ainda, como se minha resposta a tivesse agradado, e lentamente

começou a tirá-los. Um pequeno triângulo de cabelo, impecavelmente aparado, apareceu, e então seu shorts foi para o lugar da blusa e ela ficou completamente nua.

Suas mãos retornaram aos seios, envolvendo-os, massageando-os, acariciando-os. Meu olhar a percorreu. Com tanta pele à mostra, eu não sabia para onde olhar. Queria memorizá-la, e não apenas o jeito como ela se provocava, mas os pequenos sinais que me mostravam o quanto ela gostava de brincadeiras com os mamilos. O jeito como sua barriga se contraía. O jeito como sua respiração estremecia quando ela se beliscava delicadamente.

Ela fechou os olhos, as pálpebras tremendo, e eu sabia que ela estava pronta para mais. E, no entanto, ela permaneceu onde estava, se esforçando cada vez mais, até ser forçada a se sentar sobre os calcanhares porque suas coxas começaram a tremer. Durante todo o tempo, ela falou, me dizendo o que gostava, não apenas com o corpo, mas também com as palavras.

"Aqui. Bem aqui."

"Assim mesmo."

“Suave, e depois duro.”

Eu me perguntava se ela sabia o quanto estava dando, quanta munição eu havia acumulado ao longo dos anos. Ela não teria a mínima chance contra mim quando eu finalmente a tivesse ao meu alcance. Em vez de prolongar a situação assim, eu partiria direto para a matança.

"Pare de nos provocar", rosnei, minha mão começando a se mover mais rápido sobre meu pau. Eu não estava acostumado a esperar pelas coisas que queria. Eu estava me provocando junto com ela, e minha impaciência estava começando a me dominar.

Como se tivesse ouvido minha ordem, ela arrastou um travesseiro entre as coxas e passou os dedos da mão para baixo, para baixo, antes de colocá-los entre ela e o travesseiro.

"Estou encharcada", ela disse, as palavras mais como um gemido do que algo articulado.

"Aposto que sim", eu disse a ela. "Você demorou pra nos trazer aqui, Lo."

Ela abriu os olhos, um sorriso travesso estampado no rosto. "Tão mal-humorada."

Minha mão congelou na cabeça do meu pau, e apertei o botão de pausa para conferir se era, de fato, um vídeo pré-gravado e se eu não tinha aceitado acidentalmente um convite para uma sessão ao vivo ou algo assim. Na tela, Lauren congelou, e um sorriso triste surgiu em meus lábios. Ela provavelmente já tinha percebido minha impaciência em sessões anteriores de sexting e agora estava usando isso contra mim.

Eu teria que encontrar uma maneira de retribuí-la mais tarde, quando ela fosse

minha.

Com um toque, apertei o play, meu pulso pulsando forte nos ouvidos enquanto Lauren começava a se mexer. Comecei a me mexer de novo também, minha mão acariciando meu pau para cima e para baixo enquanto eu a observava. Eu já tinha visto vídeos demais dessa mulher para contar, mas esses personalizados sempre foram os meus favoritos. Porque eram só para mim.

O ângulo da câmera mudou um pouco, mostrando-me mais uma visão lateral, e eu tive tempo suficiente para me perguntar se havia alguém no quarto com ela, ajudando-a a filmar, antes que o primeiro gemido escapasse de seus lábios e nada além de Lauren importasse mais.

A posição dela e o travesseiro escondiam a maior parte do que estava acontecendo, mas eu soube no momento em que ela deslizou o dedo — dedos? — para dentro de si, porque seus lábios se abriram em um suspiro ainda mais alto, e ela virou a cabeça para olhar diretamente para a câmera.

"Deus, você é tão bom", ela disse, seus olhos se fechando novamente como se ela estivesse me imaginando ali no quarto com ela.

Entrei na fantasia com ela, ajoelhando-me atrás dela na cama e empurrando sua mão para que eu pudesse substituí-la pela minha. Ela mesma provocou um dos seios, enquanto eu me dedicava ao outro, beliscando e acariciando seu mamilo enquanto afundava meus dedos em seu calor escorregadio e tenso.

"Você gostou do jeito que fiquei molhada para você?" ela perguntou.

"Sim", respondi com a voz rouca. "Mas eu quero você mais molhada."

Ela moveu os quadris para a frente, esfregando o clitóris contra a minha palma, penetrando-me nos dedos com total abandono. Ela era gloriosa. Selvagem. Perfeita.

“Quero sentir você gozar”, ordenei.

"Eu vou gozar", ela disse, como se tivesse me ouvido. "Você vai me fazer gozar com tanta força."

"Estou aqui com você", eu disse a ela, minhas bolas começando a apertar.

Um segundo depois, gozamos juntos, ambos tremendo, ambos respirando com dificuldade. Manchas dançaram nos meus olhos. Porra, aquilo foi incrível.*Ela* foi incrível.

Observei-a cair de lado na cama, rindo de um jeito que me fez doer o peito. Ela parecia tão livre, tão*feliz*. Eu teria matado, literalmente, para me sentir tão vivo por uma vez; eu nem conseguia me lembrar da última vez que ri.

O olhar dela encontrou o meu através da câmera. "Puta merda, isso foi bom. Foi bom para você também?"

Peguei um maço de papel-toalha e comecei a me enxugar. "Acho que tem um pouco

no teto, então, sim, eu diria que foi."

De novo, aquela risada contagiante. "Vou dormir tão bem esta noite." Ela se espreguiçou na cama, languidamente, com os braços erguidos acima da cabeça e os dedos dos pés em ponta.

Eu queria subir em cima dela e fazê-la gozar de novo. E de novo. Até que ela estivesse tão exausta que mal conseguia manter os olhos abertos. Só então eu a deixaria dormir, e apenas por algumas horas antes de acordá-la para mais.

"Ei", disse ela, atraindo meu olhar de volta para seu corpo. Sua expressão era aberta, íntima, seus olhos suaves com o brilho do prazer. "Obrigada por fazer isso comigo."

"Não me agradeça, Lo", eu disse a ela. "Nunca me agradeça."

Bloqueei meu celular e terminei de me limpar. À medida que a névoa de prazer se dissipava, minha mente começou a girar. Não, eu ainda não tinha descoberto como me livrar do meu pai, mas precisava encontrar um jeito de fazer isso. E rápido. Porque era hora de um novo capítulo da minha vida começar.

Eu estava cansado de ficar navegando pela internet feito um esquisito; precisava ver Lauren pessoalmente.

4

Júnior

Eu não deveria estar aqui.

Esse pensamento me atingiu como um raio no instante em que entrei na igreja. Eu não ia à missa havia anos e quase esperava que alguém apontasse para mim ao cruzar a porta e declarasse que minha gente não era bem-vinda ali.

Um olhar para baixo revelou que minhas mangas compridas, completamente inadequadas naquele calor infernal, escondiam a maioria das tatuagens em meus braços e mãos. Da mesma forma, minha camisa estava abotoada até o alto, cobrindo a tatuagem no meu pescoço. Com meu cabelo escuro penteado para trás e o rosto barbeado, eu parecia respeitável, mas, pelo jeito como os olhos do recepcionista se arregalaram ao me ver, eu não estava enganando ninguém.

Ela era uma avó gordinha, com cabelos grisalhos curtos e nariz adunco. Em vez de cumprimentá-la, ela virou a cabeça para a direita, parecendo nervosa. "Sua mãe e seu irmão já estão lá dentro."

Assenti e passei por ela, meu olhar se voltando para a nave enquanto me perguntava qual dos meus irmãos tinha ido com a mamãe. Era a maior igreja católica da cidade, uma monstruosidade gótica enorme e ricamente decorada que se sentiria mais à vontade na Europa Oriental do que na América Central. Era de se esperar que a missa de sábado estivesse menos lotada do que a de domingo, mas a nave estava lotada de gente.

Virando à esquerda, segui em direção ao corredor mais distante, meu olhar percorrendo a multidão. Hoje não era sobre ser uma boa católicazinha; era sobre reconhecimento. Esta era a igreja da minha família, a igreja da família de Lauren. Eu sabia com certeza que a Nonna Bianchi dela ainda frequentava a missa de sábado, porque minha mãe estava no grupo de planejamento de eventos com ela e a mencionou durante um jantar em família recente. E se Lauren se arrumando toda e indo para o apartamento da nonna cedo naquela manhã fosse alguma indicação, as

duas estariam presentes hoje.

Girei a cabeça, procurando por eles.

"Júnior? É você?", perguntou uma voz irlandesa cadenciada.

Puta merda. Mamãe já tinha me visto. Minha sorte foi a pior possível. Tanto faz para observar a multidão.

Parei no meio do caminho e me virei, forçando um sorriso. Mamãe se separou de um grupo de outras mulheres e veio em minha direção. Ela estava com sua melhor roupa de igreja: um vestido florido discreto, saltos confortáveis e uma bolsa discreta. Seu cabelo castanho-claro estava solto até os ombros, e ela havia emoldurado os olhos verdes com rímel. Olhando para ela, você nunca diria que ela passou a juventude ajudando o pai a fabricar bombas no porão da casa.

"Oi, mãe", eu disse, me inclinando para abraçá-la. Com 1,77 m, eu tinha altura média, mas ainda assim era pequena demais para ela.

"Que gentileza sua vir à missa", disse ela, acrescentando "pelo menos uma vez" porque não conseguia se conter. Para ela, estar até o pescoço na morte e na destruição era aceitável. Faltar à igreja com tanta frequência? Imperdoável. Mas ter sido criada no IRA durante o auge dos conflitos podia fazer isso com uma pessoa, então tentei não deixar o comentário dela me afetar.

Afastei-me, mantendo o sorriso firme. "Queria te surpreender."

"Considere-me surpresa", disse ela, entrelaçando o braço no meu. Sua voz ficou um pouco mais suave, um pouco mais triste, enquanto ela se inclinava para o meu lado. "Você ficou longe por um tempo desta vez."

A culpa tomou conta de mim. Porra. Como eu poderia me afastar do meu pai sem arriscar meu relacionamento com ela? "Eu sei", eu disse. "Desculpa."

Ela apertou meu braço. "Eu entendo, mas, por favor, seja mais cuidadosa com as mensagens. Estou preocupada."

“Eu vou”, eu disse a ela.

Mamãe me puxou para a frente, e eu, relutantemente, deixei que ela me arrastasse até a frente da igreja, onde as pessoas começavam a se acomodar nos bancos. Não havia exatamente assentos marcados, mas os fiéis sabiam que não deveriam se sentar nas primeiras fileiras, a menos que pertencessem a determinadas famílias. Era um lugar de privilégio, prestígio. Cada pessoa ao nosso redor tinha um sobrenome terminado em vogal.

Fiquei surpreso ao ver Alec já sentado em seu lugar quando nos aproximamos, virado de costas para nós enquanto falava com um homem mais velho que eu vagamente reconheci. De todos os meus irmãos, eu menos esperava que ele estivesse ali. Se eu era um católico não praticante, ele era um ateu convicto.

“Olha quem decidiu se juntar a nós”, disse a mãe.

Alec se virou e nós nos olhamos, ambos com olhares igualmente desconfiados.

*Que porra você está fazendo aqui?*Fiquei pensando, e percebi que Alec estava pensando a mesma coisa. Nenhum de nós fez nada sem motivo. Eu estava ali por Lauren; não fazia ideia do porquê ele tinha vindo. Talvez ele precisasse se aproximar da mamãe por algum motivo, ou estivesse tentando fazer um acordo com o chefão aposentado ao lado dele.

Fiz uma anotação mental para interrogar Alec sobre isso mais tarde, quando ele se levantou e estendeu a mão. Apertamos um ao outro, apertando-o com mais força do que o necessário.

“Que legal da sua parte finalmente mostrar sua cara feia”, disse ele.

Sorri. "Não é tão feio quanto o seu. É uma pinta nova?"

Ele me olhou, imperturbável. "Seus olhos estão muito próximos. É isso."

"Acho que está crescendo cabelo na pinta", eu disse a ele. Outras famílias poderiam demonstrar afeição umas pelas outras da maneira normal, aberta e fácil, mas na casa dos Trocci, nossa linguagem de amor era o antagonismo. Essa troca era a maneira desvairada minha e do Alec dizerem que sentíamos falta um do outro.

Ele abriu a boca para responder algo, mas uma voz feminina o interrompeu.

“É o pequeno Nicky?”

Merda.

Os olhos de Alec brilharam com pura alegria. Eu odiava aquele apelido antigo, e ele sabia disso.

"Com certeza", ele disse, passando um braço em volta dos meus ombros e nos puxando na direção do interlocutor.

O ferimento na minha lateral do corpo repuxou, dolorosamente, e pisei nos dedos do pé de Alec para que ele me soltasse. Ele soltou um xingamento baixo, o braço caindo.

"Comporte-se", sibilou a mãe.

Assumimos expressões inocentes.

"Sra. Mancini", eu disse, encarando a mulher no banco à nossa frente. Ela devia estar beirando os noventa anos, mas seus dedos estavam firmes quando ela estendeu a mão para apertar a minha.

"Ah, você cresceu tão bonito", disse ela. "Até mais bonito que seu irmão."

Dei um sorriso irônico para o Alec e baixei a voz: "Ela deve ter notado a pinta."

Ele balançou a cabeça, mas eu percebi pela forma como seus lábios se contraíram que eu quase o fiz rir com aquilo.

O olhar da Sra. Mancini se voltou para a mamãe quando ela me soltou. "Por que

você não os leva mais à missa e os exibe? Alguns de nós temos netas solteiras."

"Infelizmente, já tenho compromisso", menti descaradamente. "Mas o Alec não." Colocando as mãos em seus ombros, empurrei-o para a frente como um cordeiro sacrificial.

Seu olhar ameaçador prometia vingança. Meu sorriso em resposta soou diabólico. Mamãe olhou para o céu, como se rezasse por paciência.

Mais pessoas continuaram a chegar, oferecendo uma distração bem-vinda à tentativa de encontros. As próximas reintroduções, no entanto, ocorreram mais ou menos da mesma forma. Alec e eu recebemos os habituais "olás" e "como vai você", seguidos por uma bela e forte dose de culpa católica em relação a mim e aos meus irmãos rebeldes, direcionada à mamãe.

Quando finalmente nos sentamos, ela já tinha superado. "Jesus Cristo", murmurou entre mim e Alec, fazendo o sinal da cruz enquanto blasfemava. "Você acha que é tudo culpa minha você não estar aqui todo fim de semana."

"Não é?", perguntei, impassível.

Ela me lançou um olhar furioso, conhecendo meu senso de humor sarcástico o suficiente para perceber o troll. "Mais uma palavra e eu te ofereço para ser recepcionista na semana que vem."

Levantei as mãos em sinal de rendição. Mamãe não fazia ameaças vazias.

Lentamente, os assentos ao nosso redor foram se enchendo enquanto os voluntários desta semana se moviam pelo santuário em preparação para a missa. Onde diabos estavam Lauren e a Sra. Bianchi? Elas deveriam estar no banco bem em frente ao nosso, mas o lugar estava visivelmente vazio. Virei-me, observando a multidão por trás. A única razão pela qual eu vim aqui era pela chance de ver Lauren pessoalmente, e se eu tivesse que sentar/ajoelhar/ficar de pé durante uma hora de conversa fiada à toa, eu estaria...*chateado.*

Eu estava começando a me virar quando um flash de cor chamou minha atenção. Entrando na nave, estavam duas mulheres, uma tão velha quanto as demais, apoiadas no braço de alguém bem mais jovem. Alguém usando um vestido de verão rosa pastel que contrastava lindamente com sua pele bronzeada. Eram elas. Elas tinham conseguido.

Meu olhar se concentrou em Lauren. A necessidade e a possessividade rugiram dentro de mim ao vê-la, e brevemente considerei a ideia de caminhar pelo corredor central, jogando Lauren por cima do ombro e saindo ao som doce de seu grito assustado. Em vez disso, me virei para não chamar atenção. Mas não consegui conter meu sorriso de satisfação. Antes, eu havia observado Lauren apenas o tempo suficiente para adivinhar que ela estava acompanhando a avó até ali, e era bom estar

certa, especialmente porque isso me colocaria a uma curta distância dela.

Mantive o olhar fixo no altar, os olhos desfocados, enquanto toda a minha atenção se voltava para a periferia. A qualquer segundo, ela apareceria, e eu queria estar olhando para ela quando ela me notasse. Queria vê-la de perto, observar aquela fração de segundo de reconhecimento e reação instintiva antes que seu cérebro alcançasse seus olhos e ela disfarçasse o rosto ou tentasse esconder seus sentimentos. Aquele pequeno momento era onde a verdade residia.

De repente, o rosa floresceu na minha visão periférica quando Lauren se aproximou do nosso banco.

Virei a cabeça, mas em vez de olhar na minha direção, ela estava de costas para mim enquanto ajudava a avó a se sentar. Não que eu estivesse reclamando. Isso me deu um momento para observá-la, meu olhar percorrendo suas pernas torneadas até sua bunda pronta para ser espancada. Os ecos de seus gemidos enchiam meus ouvidos enquanto a lembrança dela cavalgando a própria mão flutuava em minha mente. Ontem à noite, essa mulher me fez gozar com tanta força que eu vi estrelas, e ela nem percebeu.

Assim que a avó se acomodou, Lauren sentou-se, com o rosto virado para baixo, enquanto folheava a programação da igreja para o dia. Como seu cabelo estava preso atrás das orelhas, pude ver seu perfil com clareza. Ela não parecia chateada nem preocupada, e já devia ter ouvido as notícias sobre o pai.

Talvez ela não achasse que houvesse motivo para se preocupar. Tommy Marchetti nunca foi a pessoa mais confiável, e mesmo quando ele*era*Por aí, ele não estava exatamente ganhando nenhum prêmio de pai do ano. A primeira vez que o conheci foi quando ele me deu uma surra, e nós duas praticamente crescemos juntas. Ele nunca tinha ido às peças da nossa escola, nem aos jogos de futebol dela. Nem tinha ido à crisma da Lauren, um evento enorme para jovens católicos. Quem sabe, talvez esta não fosse a primeira vez que ele sumia da vida dela?

Um movimento atrás dela atraiu meu olhar, e olhei para ela e vi pessoas próximas lançando olhares em sua direção. Uma ou duas até se inclinaram para sussurrar algo para os que estavam sentados ao lado. A princípio, pensei que estivessem falando sobre Tommy — as notícias corriam rápido no antigo bairro —, mas então avistei seus olhares de censura e percebi que não se tratava de fofoca de igreja; era algo que tinha peso. Me lembrou o insulto do meu pai.*Prostituta.*

Esses filhos da puta estavam falando mal da Lauren?*Meu* Lauren?

Pelo jeito despreocupado com que ela ergueu a cabeça e examinou as pessoas ao seu redor, ela ou não notou o jeito como elas a encaravam e sussurravam, ou não se importou. O que significava que não havia necessidade de*meu* para me incomodar

com isso. Mas, por mais que eu tentasse me convencer a descer da borda, meu temperamento se arrancou feio do abismo e cravou os dentes em mim.

O que mais me irritou foi a hipocrisia. Metade desses babacas tinha familiares na máfia, homens que cometeram inúmeros crimes, fizeram coisas indizíveis a outros humanos. Eu era um deles, e eles não se importavam de falar comigo, mas se tirassem a blusa por dinheiro, você era rejeitado.

Minha expressão se tornou séria, e cruzei olhares com vários fofoqueiros, um após o outro, que sabiamente decidiram voltar a cuidar da própria vida.

“Ei, Lauren!” Alec chamou.

Ela se virou na direção do som do seu nome, avistando-o. O início de um sorriso surgiu em sua boca, mas seu olhar se desviou, pousando em mim, e eu finalmente pude ver aquela fração de segundo de reconhecimento inundá-la.

Olá, belezura.

Seus olhos se arregalaram quando seus lábios carnudos, pintados de um rosa suave para combinar com o vestido, se abriram de surpresa. Nossos olhares se encontraram e se mantiveram. Apesar da multidão de curiosos, algo brilhou entre nós bem ali no meio da igreja. Algo sombrio, faminto. Voraz porque mal havia provado dez anos antes e estava faminto desde então.

“Júnior”, ela disse, parecendo sem fôlego.

Dei um sorriso maroto. "Você está ótima, Lo. Que bom te ver."

Ela corou lindamente e desviou o olhar.

"É, que bom te ver", murmurou Alec, mas pelo tom de voz dele eu percebi que ele estava achando graça. O desgraçado sabia da minha história com a Lauren melhor do que ninguém, e eu tinha certeza de que ele a chamou na esperança de causar algum drama.

Eu provavelmente deveria desviar o olhar dela — as pessoas estavam começando a notar meu olhar —, mas, por mais que tentasse, não conseguia desviar o olhar. O vestido de verão de Lauren estava justo no corpete, tão apertado que era óbvio que ela ainda respirava rápido. De desejo? Ou de medo também? Ninguém fora do círculo íntimo da máfia e da família imediata sabia exatamente o que meu pai, meus irmãos e eu fazíamos, apenas que tínhamos subido o suficiente na hierarquia para sermos ouvidos por Lorenzo, o chefe da organização, então Lauren não deveria saber do meu envolvimento no desaparecimento do pai dela. Principalmente porque os únicos laços que ela parecia ter com o antigo bairro eram a irmã e a avó.

Fiquei tentado a dizer mais alguma coisa, fazer com que ela olhasse para mim novamente para que eu pudesse lê-la melhor, mas os coroinhas estavam saindo por uma porta lateral com suas velas acesas, indicando que a missa estava prestes a

começar.

Relutantemente, virei-me para a frente, esperando o momento certo para que o espetáculo terminasse e eu tivesse a chance de falar com Lauren pessoalmente. Pelo canto do olho, vi-a lançar um olhar rápido em minha direção e sorri para mim mesma enquanto o padre se posicionava atrás do altar. Ela talvez tenha ficado surpresa com a minha presença, mas não havia como negar que também sentira a atração inegável entre nós.

Ainda bem que eu tinha um controle tão férreo sobre meu corpo, ou ficar de pé quando o padre nos ordenou teria sido*real*constrangedor. A lembrança do último vídeo da Lauren ficou gravada na minha mente, e eu não conseguia parar de assisti-lo. O que eu não daria para vê-la pessoalmente,*fazer* ela gozar, usando minha língua para levá-la ao limite. É, era isso que eu faria primeiro, a jogaria em qualquer superfície plana que estivesse mais perto e abriria seus joelhos antes de enterrar meu rosto em seu c—

Mamãe me deu uma cotovelada, e percebi que todos ao redor estavam falando. Certo, o tempo de participação na congregação havia começado. Embora já fizesse anos que eu não frequentava a igreja, as palavras certas saíram dos meus lábios quase sem pensar. Elas tinham sido marteladas na minha cabeça durante a minha juventude, e acho que ficaram gravadas.

Olhei para a esquerda e vi Lauren dizendo as mesmas palavras, embora a visão de seus lábios se movendo tornasse meus pensamentos mais blasfemos do que sagrados. Como se sentisse que eu a observava, ela me olhou novamente, apenas o tempo suficiente para encontrar meus olhos, as sobrancelhas se erguendo quase em questionamento, como se se perguntasse por que eu tinha aparecido ali de repente depois de quase uma década de ausência.

Não consegui evitar; pisquei para ela.*Você é o motivo, querida.*

Sua carranca se transformou em um olhar furioso, e ela desviou o olhar para a frente da igreja.

Ah, então ela*não era*Com medo; ela estava furiosa. Era bom saber com o que eu estava lidando. Eu preferia que ela ficasse brava comigo do que com medo. Superar o medo era difícil. Mas raiva? A raiva podia se transformar em desejo se você soubesse o que estava fazendo, e eu gostava das minhas chances.

Atrás do altar, o padre continuou a cantarolar. Ajoelhamo-nos para rezar. Voltamos aos nossos lugares. Levantamo-nos. Depois, ajoelhamo-nos novamente. Lancei olhares furtivos para Lauren, porque não conseguia me conter, mas seu olhar permaneceu firmemente fixo à nossa frente após nossa última conversa.

Pareceu passar uma pequena eternidade antes que o padre nos desse sua bênção

final. Levantei-me depois e me forcei a fazer a coisa certa: esperar com minha família enquanto minha mãe se despedia daqueles que não iriam tomar café.

"Que porra você está fazendo?", perguntou Alec enquanto seguíamos a mamãe pelo corredor alguns minutos depois.

Fiz uma careta. "O que você quer dizer?"

Ele baixou a voz. "Com a Lauren, seu babaca."

"Nada", eu disse.*Ainda.*

"Não seja idiota."

O comentário me irritou. "Desde quando eu sou idiota?"

Ser idiota não era um luxo que eu pudesse desfrutar. Eu sempre tinha que estar "ligado", sempre tinha que estar pronto para o caso de a merda acontecer. Era por isso que eu nunca bebia, nunca usava drogas. Eu estava de plantão 24 horas por dia, 7 dias por semana, e aprendi desde cedo o quanto uma pessoa pode se meter em encrenca se for descuidada.

Alec olhou para a frente, na direção de Lauren, que passava por uma porta lateral nos fundos da igreja. "Você já não fez o suficiente com aquela mulher?"

Minha raiva aumentou. Provavelmente porque havia um fio de verdade nas palavras dele que eu não queria ouvir. "Relaxa. Só estou me certificando de que ela esteja bem depois de tudo."*Com o pai dela*, Não precisei acrescentar.

"Ela me parece perfeitamente bem", disse Alec. "Trabalho feito. Pode ir agora."

Eu o observei antes de responder. "Você parece muito ansioso para me tirar daqui. Foi por isso que veio hoje? Quer finalmente tentar a sorte com ela?" A história de Alec com Lauren era ainda mais longa que a minha. Eles estudaram na mesma turma desde o jardim de infância até ela ser transferida de distrito, pouco antes do último ano.

Alec zombou. "Não. Vai se foder. Só não quero ver um velho amigo se machucar."

"Você não fala com ela desde que ela saiu da escola, então não tente me dar essa de amiga protetora. Por que você está tentando me expulsar daqui tão rápido? O que você está...?"*você* até?"

Ele fechou a boca quando entramos no salão de eventos dos fundos, e eu sabia que o tinha prendido.

"É, foi o que eu pensei", eu disse. "Olha, não se meta entre mim e a Lauren, e eu não vou interferir em nenhum negócio que você esteja tentando fazer com esses velhos desgraçados."

"Tudo bem", ele murmurou.

Avistei minha presa indo em direção aos banheiros no fundo do corredor e dei uma cotovelada no meu irmão. "Me faz mais um favor? Me atrapalha?"

Não lhe dei chance de responder antes de sair atrás de Lauren, confiando que Alec

estava tão acostumado a seguir ordens que faria o que eu dissesse.

5

Lauren

EU AGARROU A PIA DO BANHEIRO COM FORÇAEnquanto eu tentava acalmar meu coração acelerado, meus olhos estavam arregalados no espelho, as bochechas rosadas por algo mais do que apenas o blush que eu havia espalhado sobre elas.

Ah, isso não era bom. Eu não via Nico "Junior" Trocci há dez anos, mas bastou um olhar compartilhado para me deixar em choque. Em um*igreja*, de todos os lugares, cercado por idosos suficientes para encher um asilo. Graças a Deus pelo cenário, porque se eu estivesse tão excitado nessas circunstâncias, quem sabe o que teria acontecido se eu o encontrasse em algum lugar selvagem.

Mas, realmente, quem poderia me culpar? Júnior olhou*bom*. Como se o terceiro pecado capital tivesse se sentado no meio da missa só para desafiar minha força de vontade. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, expondo as feições angulosas pelas quais eu um dia fui obcecada: maçãs do rosto salientes, sobrancelhas arqueadas, os olhos verdes que herdara injustamente da mãe. Júnior sempre fora mais marcante do que tradicionalmente bonito, mas isso só o tornava mais atraente, porque era um rosto do qual você não queria desviar o olhar. Quanto mais você o estudava, mais queria aprender todos os seus segredos. Como eram aqueles lábios carnudos quando ele sorria? Aqueles olhos impossíveis faziam alguma coisa além de arder?

Um arrepio percorreu minha espinha. Achei que eu tinha passado por maus bocados quando ele era um adolescente desengonçado com ombros um pouco largos demais para o corpo, mas agora que ele tinha crescido e os ombros, eu estava em apuros. Um olhar. Um*porra*Olha, e eu tinha passado a missa inteira tentando não me contorcer na cadeira como uma... bem, como uma Jezabel na igreja. O que causava esse tipo de reação instantânea entre as pessoas? Era apenas atração mútua? Ou havia algo mais, algo que o subconsciente do nosso cérebro sentia, como feromônios, compatibilidade genética ou destruição mútua assegurada?

Seja como for, era um problema. Um problema que eu queria evitar porque não

sabia o que fazer. Talvez eu pudesse me esconder no banheiro pelo resto da hora do café.

Suspirei. Não, eu não podia ser covarde, não com a minha avó lá fora me esperando. Foi ela quem me ligou na outra noite, durante o jantar, com a notícia de que meu pai tinha desaparecido pelo que parecia ser a oitava vez na minha vida, e antes de desligarmos o telefone, ela me coagiu a vir aqui com ela. Eu não podia abandoná-la agora, não antes que ela tivesse a chance de exibir sua "selvagem"*sexo*"neta bem-sucedida" (palavras dela) para todas as "velhas vadias afetadas" (de novo, palavras dela) com quem ela foi forçada a suportar a missa.

Respirei fundo e abri a porta. Eu estava me precipitando; não havia motivo para pânico. Junior nunca fora de participar de nada enquanto crescia, e foi um pequeno milagre que sua mãe, Moira, tivesse trazido ele e Alec para cá. Eu não conseguia nem imaginar os dois sentados a uma mesa cheia de idosos conversando educadamente pela próxima hora. Seria como dois lobos tirando uma soneca com um rebanho de ovelhas.

Sentindo-me mais confortável, alisei o vestido com as mãos e saí do banheiro. Tudo ficaria bem. Os irmãos Trocci já tinham ido embora há muito tempo.

Parei de repente logo depois de dobrar uma curva no corredor. Lá, encostado na parede com um joelho dobrado e o pé apoiado atrás do corpo, estava Júnior. Suas mãos estavam nos bolsos, a cabeça inclinada para trás, parecendo o epítome da calma. Enquanto isso, à simples visão dele, meu coração tentava se soltar do peito e se jogar a seus pés como um adolescente em um show de K-pop. Constrangedor, mas ainda assim era melhor do que o que meu*vagina*estava fazendo.

Ignorando a umidade na minha calcinha, comecei a andar novamente. Júnior me ouviu chegando e virou a cabeça para o lado, me encarando com um olhar que me fez pensar que nosso encontro não foi acidental e que ele estava me esperando.

"Ei, Lo", disse ele com aquela voz áspera e com sotaque característico dele. Era possível tirar o homem do bairro, mas não era possível tirar o bairro do homem.

Estreitei os olhos para ele. Lo era um apelido para Lauren Olivia. Eu não ouvia esse apelido há anos. Desde que fui forçada a mudar de escola. Lembranças do que Junior tinha feito naquela época vieram à tona. Ou melhor, do que ele...*não tinha*Pronto. O jeito como ele me deixou sozinha para lidar com as consequências. O jeito como ele bloqueou meu número, parou de ir à igreja, fingiu que eu nunca existi. Esse filho da puta era o principal motivo pelo qual eu agora tinha uma política de um aviso com parceiros românticos.

As lembranças me deram um pouco de firmeza, me fizeram levantar o queixo e encontrar seu olhar ousado com o meu. "Júnior", eu disse, com o tom mais neutro

possível.

Planejei passar direto por ele e voltar a esquecer que ele existia, mas, num movimento fluido, ele enganchou os dedos em volta do meu braço. O corredor ficou turvo e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, minhas costas estavam contra a parede e uma de suas mãos prendia meus pulsos acima da cabeça. A outra mão dele deslizou em volta do meu quadril, o polegar acariciando minha barriga de um jeito que demonstrava possessividade, familiaridade, como se fizéssemos isso o tempo todo.

Prendi a respiração para gritar ou gemer (meu corpo estava muito confuso naquele momento) e acabei inalando o perfume dele, algo escuro e pecaminoso demais para a igreja. Como diabos eu tinha passado de passar por ele em um segundo para ficar presa contra a parede no outro?

Com medo de que alguém nos notasse, olhei para a direita e vi Alec de costas, preenchendo a porta do corredor como um segurança de boate. Filho da mãe. O Júnior definitivamente tinha planejado aquele pequeno encontro.

Levantei os olhos para ele, pronta para repreendê-lo e correr como se minha vida dependesse disso. Porque parecia que sim. Junior era perigoso, e não só porque mexia com a minha cabeça, mas porque trabalhava para o pai. Fazendo o quê, exatamente, eu não fazia ideia, mas sabia que envolvia a máfia, e já tinha visto muita merda crescendo em Little Italy para saber que pessoas inteligentes ficavam o mais longe possível da Máfia. Mas quando meus olhos pousaram em Junior, eu congelei. Ele estava me olhando como costumava fazer todos aqueles anos atrás, em momentos roubados quando ninguém estava olhando.

Seu olhar percorreu meu rosto, intenso,*elétrico*, antes de pousar nos meus lábios. Aquele maldito polegar ainda traçava círculos tentadores na minha barriga, e a mão que segurava a minha contra a parede me apertava com tanta força que parecia inevitável. Eu não conseguia pensar com ele tão perto, não conseguia me lembrar de todos os motivos pelos quais ele era uma má ideia.

Ele lambeu os lábios, um olhar faminto percorrendo seus olhos, que foi direto para minha vagina traiçoeira. Droga, eu tinha passado tempo demais me fodendo ultimamente, e pouco tempo transando com outras pessoas.

"Sentiu minha falta?", ele perguntou, com a voz baixa e íntima, apenas para meus ouvidos.

"Não", forcei-me a dizer. "Mal pensei em você. Depois do que aconteceu, você se tornou nada para mim, ninguém."

Meu tom tornou as palavras ásperas o suficiente para cortar, mas Júnior apenas sorriu, arqueando uma sobrancelha ao finalmente erguer os olhos para mim. Tão

perto, percebi que não eram apenas verdes; também tinham partículas de âmbar, o que explicava por que sempre pareciam iluminados por uma chama interior.

"É assim que você não responde a ninguém?" ele perguntou, me agarrando com mais força, seu olhar percorrendo meu corpo.

Olhei para baixo, horrorizada ao ver que estava me arqueando contra ele contra a minha vontade. Devia ser algum fantasma tarado da igreja me possuindo. Alguma freira que viveu uma vida inteira de celibato e agora que estava morta, tudo o que queria antes de passar para a vida após a morte era uma transa violenta.

"O poder de Cristo te compele", murmurei, desesperado para expulsá-la do meu corpo.

Os lábios de Junior se contraíram. "Você está tentando me exorcizar, Lo?"

"Ouvi dizer que é isso que você deve fazer quando o fantasma de um ex aparece."

Ele olhou para baixo novamente, para onde eu estava*ainda* arqueando-se para ele. "Parece que não está funcionando."

"Não deixe isso te subir à cabeça", eu disse a ele. "É só porque você vem numa embalagem bonita. Pena que está vazia por dentro."

Olha, foi o meu melhor insulto? Não, mas eu estava um pouco distraído tentando banir a Irmã Mary Francis do meu corpo antes que ela me obrigasse a fazer alguma coisa.*verdadeiramente* estúpido.

"Awww", disse Júnior, com um sorriso ainda maior. "Você me acha bonito."

Droga. Eu tinha esquecido como ele era espertinho.

"Deixe-me ir,*Nico*", eu disse, usando seu nome completo, o nome de seu pai, numa tentativa de criar uma distância muito necessária entre nós. "Não sei o que você pensa que está fazendo, mas não quero fazer parte disso."

"Engraçado", disse ele, ignorando meu pedido e se inclinando. Seu peito esbarrou no meu. Lábios roçaram a concha da minha orelha. O cheiro dele preencheu meu nariz e, apesar de tudo, respirei fundo só para sentir mais uma vez. Se o inferno tivesse orgias, sua colônia era como elas cheiravam: escura, esfumaçada, com um toque sedutor de almíscar temperado e um sutil toque de sadismo. "Pelo que me lembro", sussurrou ele em meu ouvido, "você teria me implorado para colocar minhas mãos em você assim no ensino médio."

Filho da puta.

A luxúria se dissipou da minha cabeça e, com um puxão, tentei dar uma joelhada nas bolas dele, mas ele deve ter previsto, porque se moveu para o lado o suficiente para que eu o acertasse na coxa. Ele ainda grunhiu, talvez de dor ou surpresa, e seus dedos se soltaram o suficiente para que eu conseguisse me soltar. Minha mão enfiou na bolsa enquanto eu me afastava o mais rápido que meus saltos permitiam.

Não ouvi passos me perseguindo, mas olhei por cima do ombro só para ter certeza. Júnior estava parado no meio do corredor, pernas abertas, mãos nos bolsos, enquanto me observava sair. Algo em sua postura me fez pensar em um gesto de poder. Ele estava indolente, presunçoso. Como um gato que acabou de derrubar um copo do balcão e quer saber o que diabos você planeja fazer a respeito.

Dei meia-volta e acelerei o passo.

Alec se virou ao ouvir minha aproximação, seu sorriso encantador era idêntico ao do irmão mais velho. Eu não ia cair na mesma gargalhada uma segunda vez.

“Onde você pensa que vai?” ele perguntou.

Tirei a mão da bolsa e apontei o taser para o rosto dele. "Longe de vocês dois, seus babacas. Não pensem que não vou deixar vocês na frente de todo mundo se ficarem no meu caminho." Essas pessoas já pensavam o pior de mim; não era como se dar um choque em um homem na igreja fosse fazer muita diferença. Na verdade, provavelmente seria o ponto alto da manhã deles e daria assunto para fofocar pela semana seguinte.

Atrás de mim, uma risada baixa ecoou pelo corredor. É claro que o Júnior acharia hilária a ideia de eu dar uma eletrochoque no irmão dele.

Alec ergueu as mãos e saiu sabiamente do caminho. Seu sorriso parecia genuíno. "Que garota! Que bom ver que você ganhou coragem desde o ensino médio."

"Ao contrário de você", retruquei. "Ainda é o amiguinho do seu irmão, pelo que vejo."

Ele levou a mão ao peito e fez uma expressão de dor. "Tiros disparados."

Revirei os olhos e continuei andando, guardando meu taser de volta na bolsa enquanto retornava à segurança da sala de eventos.

Minha Nonna Bianchi, esperta como uma pedra, mesmo aos oitenta e oito anos, percebeu que algo estava errado assim que me sentei. "O que aconteceu?", perguntou ela, olhando para o canto da sala, onde Junior e Alec estavam juntos na entrada do corredor, me observando. "Aqueles meninos te deram algum trabalho?"

Balancei a cabeça e forcei meu olhar a desviar deles. "Estou bem."

Ela estreitou os olhos e agarrou a mesa como se estivesse se preparando para se levantar. "Isso não responde à minha pergunta."

Agarrei o braço dela, na esperança de mantê-la no lugar. Conhecendo-a, ela havia escondido uma colher de pau (a versão analógica do meu taser) em algum lugar da bolsa e estava prestes a dar uma pancada na cabeça dos irmãos Trocci. "Nonna, estou bem. O Junior só estava sendo... Junior." Não havia outra maneira PG de descrever o que acabara de acontecer, e eu duvidava que ela acreditasse em mim sobre a Irmã Mary Francis.

Ela lançou um último olhar furioso para os homens antes de se virar para mim. "Eu não sabia que eles estariam aqui. Normalmente, são só a Moira e, às vezes, o Nico no banco."

Apertei o braço dela antes de soltá-la. "Não é sua culpa. E não aconteceu nada que eu não pudesse lidar."

"Tem certeza?", ela insistiu. "Tenho certeza de que a Moira daria uma boa surra neles se eu dissesse que precisavam de uma."

O pensamento me fez sorrir. "Tenho certeza, mas te aviso se mudar de ideia."

Ela assentiu, seu olhar passando por mim. "Nesse caso, quero que você conheça minha amiga Barb." Um braço ossudo se ergueu e ela o acenou acima da cabeça. "Barb! Aqui!" Nonna bufou e se afastou da mesa. "Um segundo. A mulher é cega como um morcego." Ela se levantou, pegou sua bengala e começou a cambalear para longe. "Deixe-me buscá-la antes que ela bata em outra parede."

Uma hora e meia depois, entrei pela porta do meu apartamento, sentindo-me esgotada. Junior tinha ido embora logo após o nosso encontro, e Alec, pouco depois. Meu alívio com a ausência deles foi apenas momentâneo, porque os amigos da Nonna estavam...*bastante*.

Passamos um bom tempo tomando café conversando sobre meu pai. A Nonna e eu tentamos mudar de assunto e minimizar seu suposto desaparecimento, mas as outras moças estavam cheias de teorias. Várias achavam que ele devia ter irritado alguém e tido que fugir para a Flórida. Algumas outras estavam convencidas de que ele havia sido preso pelos federais. Outras três achavam que ele estava morto.

Nonna minimizou cada um deles. Tommy — ele não tinha o direito de ser chamado de pai — entrava e saía quando queria, e eu mal falava com ele há anos. Ele poderia ter desaparecido meses atrás, e eu não teria notado. Ou me importado. Para mim, ele era apenas o homem que havia contribuído com metade do meu DNA. Meu verdadeiro pai — e mãe, já que estávamos falando nisso — era Nonna Bianchi, que criou a mim e à minha irmã mais velha, Kristen, desde que eu ainda usava fraldas.

"Chegando!" Ryan gritou, o único aviso que eu tinha antes de Walter vir voando direto para mim.

Consegui me virar de lado bem a tempo de não ser derrubado de novo enquanto ele se contorcia de excitação ao meu redor, o rabo batendo nas minhas pernas, um gemido feliz saindo da garganta. Ele tinha seu brinquedo favorito — um elefante surrado com metade do enchimento arrancado — agarrado à boca, o que significava que ele e meus colegas de quarto provavelmente estavam em seu lugar habitual de sábado de manhã antes de eu entrar: amontoados no sofá assistindo a reprises de*Ilha*

do Amor—todos concordamos que as cinco primeiras temporadas no Reino Unido foram as melhores.

Tirei os saltos na porta e segui Walter até a sala de estar.

Ryan e Taylor viraram a cabeça para trás do sofá para olhar para mim.

“Como foi a igreja?”, perguntou Ryan.

Em resposta, joguei-me de cara na espreguiçadeira ao lado deles e soltei um gemido alto.

"Tão ruim assim, né?", Taylor imaginou.

“O Junior estava lá”, eu disse, mas o som foi tão abafado pela almofada que tive que levantar a cabeça e repetir.

Ryan estremeceu quando ouviu o nome.

Taylor olhou para nós dois, confuso. "Quem é o Junior?"

Ryan e eu nos conhecemos há mais de uma década, durante meu último ano na nova escola, quando eu ainda estava um desastre depois de tudo o que aconteceu, então eles sabiam de todos os detalhes sórdidos. Conhecemos Taylor cinco anos depois, depois que eu já havia banido os pensamentos sobre Junior da minha mente. Esta foi a primeira vez que eu sequer pronunciei o nome dele perto dela.

Ryan desdobrou o corpo alto deles, que estava ao lado de Taylor, e caminhou em direção à cozinha. "Vamos precisar de mimosas para esta matéria."

Os olhos de Taylor se arregalaram enquanto ela os olhava para mim. "Sério?"

Assenti. Walter escolheu aquele momento para dar a volta na espreguiçadeira e enfiar seu brinquedo na minha cara. O cheiro de baba atingiu meu nariz e eu recuei. "Deixa eu ir me trocar e te conto a história toda.

Eu estava na metade da escada quando meu telefone tocou. "Nonna" apareceu no identificador de chamadas, e eu atendi, pensando que ela tinha uma última fofoca para me contar.

"Você está bem?" ela perguntou, parecendo sem fôlego.

Franzi a testa. "É, por quê? O que está acontecendo?"

"Alguém furou um monte de pneus no estacionamento da igreja", disse ela. "Fiquei preocupada que você tivesse sido pega por jovens de rua."

“Estou bem, Nonna”, assegurei-lhe.

"Ah, graças a Deus", disse ela. "O bairro vai virar uma merda, eu te digo."

6

Lauren

"Então, o que aconteceu?" perguntou Taylor.

*Ilha do Amor*foi interrompida, e ela, Ryan e eu nos sentamos frente a frente no sofá, com mimosas nas mãos.

"Bem", hesitei, "você quer a versão mais longa sobre meu vício em AO3 no ensino médio, ou a versão resumida?"

Taylor fez uma careta para mim. "A versão longa,*obviamente*."

Respirei fundo para me acalmar. "Havia um garoto um ano mais velho que eu na escola por quem eu era obcecada."

"O mencionado Júnior?" perguntou Taylor.

Assenti. "Ele era o típico bad boy. Tatuagens. A família tinha ligações com a máfia. Certa vez, foi suspeito de colocar o carro do diretor no telhado do refeitório."

Ryan bufou. "Como?"

Dei de ombros. "Guindaste? Helicóptero? Existem muitas teorias. Nenhuma jamais foi comprovada."

Taylor cruzou as pernas e se aproximou. "Não precisa falar mais nada. Estou envolvida."

"Nós frequentávamos a mesma igreja", eu disse a ela, "então meio que crescemos juntos, mas nunca fomos próximos. O Júnior era tão*legal*, e eu era um leitor voraz, tímido e quieto. Naquela época, eu mal conseguia falar na presença dele. Então, num fim de semana, perto do fim do meu penúltimo ano, nossa igreja fez sua arrecadação de fundos anual. É uma grande feira com barracas, pinturas faciais e passeios de burro para crianças, tudo para arrecadar dinheiro para a diocese. Eu esperava por isso toda primavera.

Baixei o olhar para Walter, esparramado ao meu lado, enquanto minha mente voltava no tempo. "Eu era voluntário naquele ano. Meu amigo Kelly e eu administrávamos a barraca de arremesso de argolas. À nossa frente, Junior e seus

irmãos eram responsáveis pelo arremesso de saquinhos de feijão, mas eles faziam tanta bagunça que acho que nem se lembraram de pegar os ingressos dos outros. Kelly e eu fomos arrastados para as travessuras deles em determinado momento, e foi a primeira vez que me lembro de Junior olhando para mim."*Realmente* olhando para mim. Flertamos um pouco durante o dia, nada selvagem, apenas algumas provocações leves que ainda fizeram meu pulso disparar porque*meu deus, o Junior Trocci realmente falou comigo*."

Ryan estremeceu e esvaziou o resto da mimosa. "Os hormônios da adolescência eram um inferno."

Taylor assentiu. "O pior de todos."

"Recargas?", perguntou Ryan.

Taylor e eu viramos nossas bebidas e entregamos nossos copos vazios.

"Houve fogos de artifício naquela noite", continuei enquanto Ryan se dirigia para a cozinha. Eles já tinham ouvido a história; eu a contava principalmente para Taylor. "Eu estava sentada em um cobertor, observando-os com Kelly, quando vi Junior perto do fundo da igreja. Ele fez um gesto para que eu me aproximasse, e eu dei uma desculpa qualquer, me levantei e fui até ele. Não sei o que eu esperava, mas não era ele que me arrastaria para as sombras e me beijaria."

Os olhos de Taylor se arregalaram. "Quente."

"Eufemismo", eu disse. "Ainda não consigo sentir o cheiro de algodão-doce sem ficar excitado."

"Então o que aconteceu?" ela perguntou.

"O Júnior me girou, enfiou a mão no meu short e me tirou do chão enquanto os fogos de artifício explodiam lá em cima. Qualquer um poderia ter nos visto se tivesse olhado no lugar certo, mas estavam todos ocupados demais assistindo ao espetáculo."

Ryan voltou com nossas bebidas, com um sorriso malicioso enquanto entregava a minha. "E você tem gostado de sexo desde então."

Bati meu copo no deles. "Culpado."

Taylor franziu a testa. "Mas isso parece incrível?"

Meu sorriso vacilou. "Era. E assim foram as semanas seguintes. A gente se pegava sempre que podia. Eu costumava mandar bilhetes para ele dizendo onde nos encontraríamos e o que eu queria fazer com ele, e é aí que minha obsessão por fanfics entra em ação."

Taylor se encolheu. "Diga-me que um pai, avô ou professor não encontrou um."

"Eles não fizeram isso", disse Ryan.

O alívio tomou conta do rosto de Taylor.

Esmaguei tudo com uma única frase: "Minha amiga Kelly fez isso."

"Certo, e agora?", perguntou Taylor, parecendo cauteloso.

"Bem, ela também era obcecada pelo Junior", expliquei. "Não contei a ela sobre o meu relacionamento porque sabia que ela ficaria chateada — sempre tivemos um lado estranhamente competitivo na nossa amizade, e ela teria encarado isso como uma derrota para mim, o que ela não suportava. Uma noite, durante uma festa do pijama, acho que ela ficou entediada ou algo assim enquanto eu tomava banho e começou a bisbilhotar meu quarto. Ela encontrou meu diário, leu as anotações sobre tudo o que eu tinha feito com o Junior e me confrontou. Pedi desculpas por não ter contado a ela, mas ela não quis ouvir. Ela se recusou a acreditar que era real. Disse que eu estava mentindo e que era tudo uma fanfic bizarra que eu tinha escrito sobre ele, como uma perseguidora completa. Ela saiu furiosa da minha casa depois, e eu só percebi que tinha levado o diário quando ela foi embora."

Taylor ofegou. "Não."

Concordei. "Ela tirou fotos de todas as fotos e postou no Instagram, e a coisa se espalhou como fogo na palha, porque ninguém conseguia acreditar que a tímida Lauren Marchetti era secretamente uma vadia."

Taylor cobriu a boca, com os olhos arregalados. "Meu Deus."

“Sim”, eu disse, tomando um gole da minha bebida.

A mão dela caiu. "Parece saído de um pesadelo."

"Ah, foi mesmo", eu disse a ela. "Acho que a Kelly deve ter se arrependido bem rápido, porque ela apagou as postagens, mas era tarde demais. As pessoas já estavam mandando prints para os amigos. Já tinha espalhado tudo na escola quando chegou segunda-feira."

“O que você fez?” perguntou Taylor.

“Fingiu estar doente para não precisar ir”, eu disse.

"A Nonna Bianchi devia saber que algo estava acontecendo", disse Ryan, tendo encontrado minha avó vezes o suficiente para ter uma boa ideia sobre ela.

"Eu nunca perguntei", eu disse. "Mas ela me deixou ficar em casa a semana toda, e isso não era nada típico dela. Se não foi minha irmã quem contou, alguma das mães da vizinhança deve ter contado." Virei-me para Taylor. "Tentei ir na segunda-feira seguinte, mas alguém tinha impresso cópias dos avisos e espalhado por toda a escola."

Taylor parecia prestes a vomitar. "A diretora fez alguma coisa para acabar com isso?"

"Não", eu disse a ela. "No nosso bairro, todo mundo cresceu sabendo que delatores levam pontos, então ninguém nunca dedurava ninguém. Além disso, nosso diretor era um daqueles administradores que não interferiam, que deixava passar muito mais merda do que deveria."

“Bastardo”, murmurou Taylor.

"É, bom, o carma é uma merda", eu disse. "Ele sofreu um acidente de carro logo depois e acabou no hospital com mais ossos quebrados do que você consegue contar."

Taylor franziu a testa. "Então, como o Júnior volta a jogar?"

Suspirei. "Ele negou que a gente tenha ficado."

A raiva tomou conta do seu rosto. "Você está falando sério?"

Assenti. "Como um ataque cardíaco. Eu parecia o perseguidor que a Kelly tinha me acusado de ser, e ela logo começou a espalhar pela escola inteira que já tinha previsto isso porque eu escrevia fanfics secretamente sob um pseudônimo — porque, aparentemente, minha humilhação não tinha sido completa o suficiente antes."

E era por isso que era tão difícil para mim confiar nas pessoas. A fogueira da minha vida social e escolar só exacerbava meus sentimentos não resolvidos de ter sido abandonada pelos meus pais. Foi o período mais sombrio da minha vida. Hoje em dia, eu vivia de acordo com aquela citação de Maya Angelou: "Quando alguém mostra quem é, acredite na primeira vez". Isso se tornou meu mantra porque eu tinha aprendido da maneira mais difícil que, se você der uma segunda chance às pessoas, elas só vão usá-la para te machucar ainda mais.

Voltei a olhar para Walter, coçando-o entre as orelhas. "As pessoas achavam que eu era louco. O bullying ficou tão forte que minha avó me tirou das últimas semanas do ano, e eu fiz todas as minhas lições de casa e provas em casa. Passei aquele verão tão isolado e deprimido que ela até me deixou mudar de escola no outono."

Ryan me puxou para um abraço de um lado só. "Onde ela me conheceu e começou sua jornada de cura."

Sorri para eles. Talvez estivessem brincando, mas era a verdade. Eu seria eternamente grata pela empatia de Ryan, porque eles tinham olhado para mim, aos dezessete anos, e sabiam que eu precisava de alguém ao meu lado. Eles também tinham percebido que eu era medrosa, então, sendo o gênio introvertido que eram, não se esforçaram muito para fazer amizade comigo ou me fazer abrir. Em vez disso, Ryan estava apenas... lá. Silenciosamente ao meu lado na mesa do almoço, rondando perto do meu armário entre as aulas. Com o tempo, comecei a sair da minha concha, comecei a conversar mais, e nossa amizade provisória nasceu. Uma década depois, Ryan não era mais meu amigo; eles eram família.

"Então o que aconteceu com a Kelly?", perguntou Taylor. "Ela já se desculpou?"

Eu balancei a cabeça.

Taylor colocou a bebida de lado e começou a se levantar. "Vamos cavalgar ao amanhecer."

Ryan a puxou de volta para o assento. "Calma, esquisita. O carma também pegou ela."

"Como?", perguntou Taylor. "Preciso de detalhes para determinar se foi punição suficiente."

Sorri e balancei a cabeça. Meu Deus, como eu a amava. Mesmo no meio da pior história da minha vida, ela encontrou um jeito de me fazer sorrir.

"A Kelly foi presa por ter drogas na escola", eu disse. "Ela era a melhor da nossa turma, liderava uns cinco grupos extracurriculares e já tinha sido pré-aceita na faculdade de sua escolha. Aí ela foi pega com, tipo, uns 225 gramas de maconha no armário, e tudo virou merda." Franzi a testa, pensando no passado. "Foi tão estranho. Ela parecia a mais certinha possível. A Kelly jurou que as drogas não eram dela, mas quando os policiais revistaram o quarto dela em casa, encontraram mais, então não havia como continuar alegando inocência depois disso. No fim das contas, acho que ela teve que fazer um acordo judicial para não ir para o reformatório."

Taylor deu de ombros. "Só mostra que às vezes você não conhece as pessoas tão bem quanto pensa."

"Talvez", eu disse. "Mas mesmo agora, depois de tudo, ainda é difícil acreditar que ela escondeu de mim uma operação de drogas tão grande. Todos os outros também ficaram chocados."

"Então, o que aconteceu hoje?", perguntou Taylor. "Você recebeu um pedido de desculpas do Junior?"

Bufei, sem graça. "Dificilmente."

Ela começou a se levantar novamente. "Ao amanhecer."

Foi a minha vez de puxá-la de volta para baixo, rindo. "Ele não vale a pena."

Ryan não compartilhou da minha diversão, em vez disso, estudou meu rosto. "Ele fez alguma coisa com você, não fez?"

"Hum..." Quebrei o contato visual e coloquei o cabelo atrás das orelhas, um sinal nervoso que eu tinha certeza de que eles perceberam. "Ele pode ter me encurralado em um corredor dos fundos, e..." Meu Deus, como eu poderia explicar o que aconteceu entre nós?

“E o quê?”, disse Ryan.

Fiz uma careta, sabendo que não havia como evitar. "Digamos que um olhar para ele me transformou de volta na Lauren adolescente."

Ryan engasgou.

Taylor soltou um grito.

Walter latiu, e talvez fosse porque eu estava arrependido do que disse antes, mas soou como um julgamento.

"Detalhes. Agora", exigiu Taylor.

"Não há muito o que contar", eu disse. "Saí do banheiro e o encontrei me esperando

no corredor. Ele tinha o irmão Alec de guarda para impedir que alguém nos incomodasse, e eu acabei presa na parede."

"Tá", disse Taylor. "Mas isso é meio excitante." Ela se virou para olhar para Ryan em busca de confirmação.

Ryan a encarou como se tivesse nascido uma segunda cabeça. "Você não ouviu aquela história toda de como ele a traiu? Nós o odiamos."

"Ah, é claro que o odiamos", disse Taylor revirando os olhos. "Mas isso não significa que seja*menos* quente. Se alguma coisa... " Seu olhar deslizou para mim, e ela teve a audácia de começar a se abanar.

Peguei um travesseiro que estava por perto e joguei na cabeça dela. Droga. Eu precisava que ela ajudasse Ryan a me acalmar da minha estupidez momentânea, não a permitisse.

Taylor se abaixou para pegar o travesseiro, imperturbável. Walter soltou um latido animado e correu atrás dele.

"Como você reagiu?" Ryan perguntou.

"Eu congelei", eu disse.

Taylor arqueou as sobrancelhas. "Congelou, ou ficou molenga como a vadiazinha submissa que você é?"

Walter voltou carregando o travesseiro. Agradeci educadamente e o joguei em Taylor novamente. Minha mira estava melhor dessa vez, e ela quase caiu do sofá tentando se esquivar.

"EU *congelou*", repeti. "Ele me agarrou e estava simplesmente... ali, e eu fui pega tão de surpresa que eu..." Percebi pelas expressões nada impressionadas dos meus colegas de quarto que eles não estavam acreditando em nada. Hora de falar a minha verdade. "Não foi minha culpa; eu fui vítima de uma possessão."

Taylor sorriu. "Por um padre tarado?"

"Freira sexualmente frustrada."

Ela assentiu como se concordasse totalmente com minhas besteiras.

Ryan, no entanto...

"Tudo bem", bufei. "Fiquei sem osso como a vagabunda submissa que sou, mas, em minha defesa, não vejo o Junior há uma década, e ele já está com o corpo de homem. Aqueles*olhos verdes do caralho*dele olhou direto para a minha pequena alma excitada. Não consegui evitar."

Taylor caiu contra as almofadas do sofá, erguendo os punhos no ar enquanto gritava: "Odeie sexo, odeie sexo, odeie sexo".

Walter voltou com o travesseiro novamente, e eu o joguei nela uma última vez. "Pare com isso. Eu não vou dormir com esse homem."

Ryan me olhou. "Ele te disse alguma coisa ou foi só a agressão?"

Fiquei séria, lembrando da conversa. "Houve uma tentativa de flerte." Não consegui confessar que o charme do Junior quase me conquistou, então, em vez disso, contei a eles um resumo da nossa pequena altercação e da minha fuga rápida para a Nonna Bianchi e suas amigas.

O sorriso de Ryan era pesaroso. "A brigada da colher de pau para o resgate."

"Essas velhinhas não brincam", concordei. "Os dois irmãos foram embora logo depois, então nada mais aconteceu, felizmente. Com um pouco de sorte, mais uma década vai se passar antes que eu encontre o Júnior de novo."

Taylor se endireitou. "Mas você não sente que há assuntos pendentes entre vocês?"

"O que você quer dizer?"

“É claro que o homem precisa se desculpar”, disse ela.

Dei de ombros. "Não preciso de desculpas dele. Não mais. Eu segui em frente."

As sobrancelhas perfeitamente arqueadas de Taylor subiram até a testa. "E se ele se desculpasse... com o corpo?" Ela começou a movimentar os braços como se estivesse prestes a começar a cantarolar novamente.

Desta vez foi a vez de Ryan jogar uma almofada. Como estavam sentados bem ao lado dela, ela bateu na lateral da cabeça dela e saiu girando em direção à cozinha, para a alegria de Walter.

"Nada de sexo de ódio", eu disse. "Embora..." Fechei os olhos e foi como se eu estivesse de volta ao corredor com o Júnior colado em mim, a mão dele agarrando meu quadril, seu hálito quente contra a pele do meu pescoço. Juro que ainda conseguia sentir um leve cheiro da colônia dele. Ainda sentia o polegar dele desenhando círculos na minha lateral. Se estivéssemos em qualquer outro lugar além de uma igreja...

Uma tosse não tão sutil me fez voltar a mim, e pisquei os olhos para abri-los e vi meus amigos me encarando como se soubessem exatamente para onde meus pensamentos tinham ido.

Taylor sorriu. "Odeio sexo, ha—"

Estendi a mão por cima de Ryan e tampei sua boca. Tínhamos ficado sem travesseiros. "Essa é uma péssima ideia por nove milhões de motivos."

Taylor lambeu minha palma.

Limpei na calça do pijama dela.

“Ei!” ela choramingou.

Recostei-me, longe do alcance dela e de qualquer retaliação que ela estivesse tramando. "Junior me machucou uma vez, gravemente. E embora eu possa ter sido temporariamente lobotomizada pela luxúria, nunca serei...*sempre* "Dê uma chance

para aquele homem fazer isso de novo. Tenho certeza de que o único motivo de eu ter ficado tão envolvida com ele foi porque fazia muito tempo que eu não transava com ninguém."

Ryan colocou a bebida de lado e se levantou. "Certo. Vamos à balada hoje à noite para resolver isso."

Taylor soltou um grito animado. "Sim!" Ela olhou para mim. "Certo? Sim?"

"Sim", concordei, levantando-me do sofá. "Vou levar o Walter para passear agora mesmo, mesmo que outra pessoa o leve antes de irmos."

“Eu posso”, disse Ryan.

Em menos de um minuto, Walter estava em seu coleira e fora de casa.

O sol começava a descer lentamente em direção ao horizonte, pintando de dourado os prédios de tijolos e pedras ao meu redor. Estava quente mais cedo, mas uma leve brisa soprara desde que cheguei em casa, dissipando um pouco do calor, e tentei aproveitar tudo o que podia, sabendo que o inverno acabaria voltando para estragar a vibe.

Um movimento do outro lado da rua chamou minha atenção. Olhei para cima bem a tempo de ver um homem chutar a traseira de uma moto de aparência cara com a perna. Ele se jogou no banco, o capacete já no lugar e a jaqueta de couro mais adequada a um vilão de DC do que a um motociclista. Com um movimento rápido da mão, o motor roncou, baixo e roucamente. Não era a primeira vez que eu o via, e imaginei que ele morasse perto. Infelizmente, eu nunca o tinha visto sem capacete. Ou talvez, felizmente, para mim. Algo sobre um homem em uma moto mexia com meu cérebro a ponto de, se eu tentasse falar com ele, provavelmente diria algo idiota como: "Oi. Gostoso. Porra?"

Ele deve ter percebido que eu estava olhando, porque ele balançou a cabeça como se estivesse dizendo*E aí*. Sorri, acenei e desviei o olhar rapidamente, com a boca seca, as partes baixas... não. O que havia de tão excitante em um cara vestido com roupas de motociclista? Seria o estereótipo do cara durão? O fato de tantos motociclistas terem sido retratados como rebeldes sem causa no cinema e na TV? Ou seria o anonimato do capacete? Qualquer um podia estar por baixo daquela coisa, e eu sempre tive um pouco de torção por causa de máscara.

Seja lá o que tenha sido, uma coisa era certa: fazia muito tempo que eu não transava.

Esperamos que tudo tenha mudado esta noite.

7

Júnior

To motor roncou entre meuscoxas enquanto Lauren me lançava um olhar antes de continuar pela calçada, seu pastor mestiço do tamanho de um urso liderando o caminho. Ela havia trocado de roupa por shorts de linho e uma regata desde a igreja e trocado os saltos por um par de chinelos. Seu cabelo também parecia diferente, como se ela tivesse passado os dedos por ele. Ou pelo menos eu esperava que tivesse sido ela quem tivesse feito isso e não algum outro significativo, ainda não descoberto, que eu obviamente teria que matar.*violentamente*, então não sobraria nada entre nós, e eu poderia—

Outra espiada não tão furtiva por cima do ombro para mim.

Sorri, esquecendo meus pensamentos assassinos. Não, ela era solteira. Aposto que sim. Ou, se estava saindo com alguém, não era sério o suficiente para justificar um derramamento de sangue. Uma pessoa em um relacionamento feliz e comprometido não me lançaria olhares assim. E definitivamente não teria respondido como ela fez no corredor da igreja. Aquela faísca entre nós ainda estava lá, queimando ainda mais forte agora do que quando éramos adolescentes. Eu senti isso no segundo em que me aproximei dela, sabia que ela também sentia, só pela reação dela: olhos dilatados, lábios entreabertos, o jeito como ela se arqueou em minha direção por instinto e imediatamente tentou me banir para o inferno quando percebeu o que estava fazendo.

Balancei a cabeça, feliz por ainda haver um pouco da antiga Lauren ali. É, ela era tímida e estudiosa, mas também era um pouco estranha, e essa era uma das coisas que eu mais gostava nela.

Mais cedo, ela estava tão distraída tentando fingir que não me queria mais que colocar um rastreador discreto na bolsa foi moleza. Eu sabia que ela não tinha descoberto depois, porque me levou direto para a casa dela. Quer dizer, eu já tinha...*conhecido* onde ela morava, porque eu me dediquei a aprender tudo sobre ela

ao longo dos anos. O rastreador era só para eu poder acompanhá-la quando não estivesse livre para observá-la pessoalmente.

Ela desapareceu atrás dos carros que ladeavam a rua entre nós e, relutantemente, desviei o olhar e inspecionei os arredores. Este lado da cidade era agradável. Os carros eram, em sua maioria, modelos europeus de luxo, as casas de arenito estavam em bom estado e havia vegetação suficiente para que o bairro parecesse um pequeno oásis verde em um deserto de concreto.

Eu mal tinha me formado no ensino médio, mas matemática nunca foi meu problema. Se eu tivesse nascido em uma vida diferente, em uma família diferente, eu poderia ter feito carreira nisso. Ora, se as coisas tivessem corrido melhor entre mim e Lauren, eu poderia ter feito. Ela foi a única pessoa que me disse que eu poderia ser...*mais*, que eu não precisava seguir os passos do meu pai. Não é de se espantar que meu pai estivesse tão determinado a me manter longe dela.

Se não me falha a memória, Lauren cobrava uma taxa fixa mensal de quarenta dólares por sua página no Me4U. Com isso, você tinha acesso a todo o seu backlog, quatro novos vídeos por mês e inúmeras fotos dela. Pode parecer caro, mas mais de mil e seiscentas pessoas se inscreveram, o que significava que ela estava gerando mais de três quartos de milhão de dólares em receita por ano.*não* Incluindo todas as gorjetas que ela recebia e os pedidos pagos de assinantes como eu, que a queriam só para eles por alguns minutos. Era mais difícil prever esse valor, mas, com base nos valores pagos, eu imaginava que acrescentaria vários milhares à sua renda mensal.

Lauren tinha condições de morar naquela parte da cidade, e algo dentro de mim sempre se soltava ao vê-la tão à vontade. Ela parecia contente, feliz. Como se pertencesse àquele lugar. Toda vez que a vi ali, foi a mesma coisa.

Lauren estava bem. O que aconteceu no ensino médio não tinha arruinado a vida dela. Ela tinha se recuperado e se tornado alguém que não aceitava desaforo de ninguém. A tentativa dela de me dar uma joelhada no saco e depois ameaçar dar um choque no meu irmão provavam isso.

Meu celular vibrou no bolso. Peguei-o para ver uma mensagem do meu pai.

Agora, era tudo o que dizia.

Suspirei. Esse era o nosso código para emergências, o sinal para largar tudo o que estivesse fazendo e ir para casa imediatamente. A tentação de ignorar a ordem pela primeira vez era forte, mas meu pai não era de ficar dando alarme falso. A merda estava acontecendo.

Relutantemente, tirei minha bicicleta da vaga. Seria mais rápido ir para o sul pela rua, mas Lauren estava indo para o norte, e não resisti a dar uma última olhada para ela. Acelerando o motor mais rápido do que o necessário, entrei na faixa, com a

cabeça virada o suficiente para vê-la me observar passar.

Não se preocupe, Lo. Volto em breve.

"Estou lhe dizendo", disse Alec, "é o tamanho perfeito para uma cabeça".

Cravei minha pá no chão e me virei para encará-lo sob a luz da lanterna. Eram dez horas da noite e estávamos brincando de adivinhar o que tem na caixa.

"Por que ele nos faria enterrar uma cabeça?", perguntei.

Meu irmão deu de ombros. "Não sei? Chantagem futura contra quem matou o cara?"

"É outra coisa", argumentei. Papai era esperto demais para ficar com partes do corpo.

"Tudo bem", disse Alec, enfiando a pá no buraco que tínhamos cavado pela metade e retirando mais uma carga de terra pegajosa. "É um cálice inestimável."

"Barras de ouro", respondi. "É pesado o suficiente para isso."

"Talvez", disse Alec.

Deixei que ele cavasse sozinho enquanto eu alongava os ombros. Meus músculos estavam começando a ficar tensos, e eu estava preocupada que o ferimento da faca tivesse sangrado através das bandagens, porque havia uma gosma escorrendo pelo meu lado que parecia grossa demais para ser suor. Já estávamos ali havia uma hora, lutando contra camadas de argila, mas papai nos disse para cavar o buraco mais fundo do que o normal, então era isso que estávamos fazendo.

Meu celular apitou com uma notificação familiar. Alec parecia estar bem sozinho por mais alguns minutos, então tirei o celular do bolso e vi uma mensagem de Lauren no Me4U. Ela estava em um banheiro bem equipado, com piso de mármore brilhante, papel de parede com estampa escura e acessórios de latão antigos. Sua roupa era ridícula. Não por ser ostentosa, mas porque bastava um toque dos meus dedos para que aquele minivestido de seda branca e folgado deslizasse por suas curvas.

*Quer ver mais?*A mensagem dizia. Abaixo, havia uma opção para dar uma gorjeta de vinte dólares. Lauren fazia isso pelo menos uma vez por semana, então eu sabia que, se eu desse a gorjeta, ganharia outra foto mais picante como recompensa. Era ali que ela devia lucrar. A mensagem foi enviada a todos os seus assinantes, e eu tinha certeza de que a grande maioria de nós estava mais do que disposta a desembolsar vinte dólares para ver seus peitos, sua bunda ou...*por favor, Deus*—seu corpo completamente nu, curvado sobre a pia do banheiro, esperando para ser tomado por trás.

Olhei para Alec, mas ele ainda estava suando enquanto cavava o buraco, então dei uma gorjeta para Lauren. Alguns segundos depois, a segunda foto chegou à minha caixa de entrada. Ela estava na mesma posição, mas com os braços apoiados no balcão

atrás dela e a cabeça inclinada para trás. O vestido estava arregaçado nos quadris, os seios totalmente à mostra sob a luz dourada.

Puta merda. O que eu não daria para entrar na cena e chupar um mamilo empinado na minha boca depois...

"Ou é tão pesado porque é revestido de chumbo", disse Alec, me trazendo de volta à realidade.

Tranquei o telefone e o guardei. Não era hora de divagar. Levantei minha pá e comecei a cavar novamente, e mesmo sabendo que provavelmente me arrependeria, mordi a isca de Alec. "Por que a caixa seria revestida de chumbo?"

"Plutônio."

Ele obviamente tinha começado a usar drogas. "Maldito plutônio?"

Alec sorriu, parecendo desequilibrado por causa do ângulo brusco da lanterna. "Por que não? Papai ficou muito íntimo daquele cara da Bratva."

"Boris? Ele não é da Bratva. Ele é um açougueiro."

"Claro que sim", disse Alec, com um tom exagerado.

Balancei a cabeça. "Você e suas teorias da conspiração. É obviamente algum tipo de teste."

Ele levantou mais uma carga de terra, e eu cavei com minha pá assim que a dele ficou livre, ambos trabalhando em conjunto, como havíamos feito inúmeras vezes antes. A quantidade de merda aleatória enterrada naquela parte da floresta um dia confundiria um futuro arqueólogo.

"O que você quer dizer com 'é um teste'?", disse Alec.

“Aposto que tem um rastreador aqui ou algo assim, e ele quer ver a que profundidade ele precisa ser enterrado para que o solo amorteça a emissão.”

“Agora, quem é o teórico da conspiração?”

Dei de ombros. "Ou talvez ele tenha nos ordenado a fazer isso porque sabia que não saber nos deixaria loucos."

Alec jogou a pá para o lado e caiu de joelhos. "O que tem na caixa?", gritou, imitando Brad Pitt da melhor forma possível.

Empurrei o ombro dele. "Quer ficar quieto? Pode ter uns campistas aqui."

Ele sabiamente se calou, e voltamos a limpar a neve, esquecendo o jogo. Parecia que uma hora havia se passado enquanto trabalhávamos, tempo suficiente para eu ficar irritado com a demora. Eu tinha planejado voltar para a casa da Lauren hoje à noite, mas parecia que isso não ia acontecer.

"Por que ele sempre manda a gente enterrar a merda para ele logo depois que chove?", perguntei.

"Porque ele é um canalha", disse Alec. "Ei, posso te perguntar uma coisa?"

"Pode deixar. Vamos ficar aqui a noite toda."

"O que você disse para Lauren mais cedo que a fez ameaçar me dar uma eletrochoque?"

"Disse a ela para dar uma olhada na sua pinta", eu disse. "Ela provavelmente estava se oferecendo para removê-la para você."

Ele jogou um punhado de terra em mim. "Estou falando sério."

Suspirei, desejando estar ali com o Stefan. Stefan, abençoadamente silencioso. "Não faço ideia", disse eu ao Alec.

"Pare de mentir." Ele me lançou um olhar irritado enquanto enfiava a pá de volta. "Você deve ter irritado ela de verdade. Nunca vi a Lauren tão brava."

"Você a vê muito?", perguntei, olhando-o à luz do lampião.

"Só de vez em quando quando vou à igreja com a mamãe."

"E por que*exatamente*você se tornou um verdadeiro coroinha de repente?"

Ele balançou a cabeça. "Uh-uh. Você não vai me enganar. O que você disse para a Lauren?"

"Não sei", menti. Eu sabia exatamente o que tinha dito. "Algo sobre o quanto ela me queria de volta no ensino médio?"

Alec gemeu. "Não, você não fez isso."

Voltei a limpar a neve e o ignorei.

"Por favor, me diga que não", ele repetiu.

Dei de ombros, fingindo ignorância. Meu relacionamento com Lauren, passado, presente e, com sorte, futuro, não era da conta dele. Eu sabia que ele provavelmente estava me julgando, mas eu disse o que disse para ver como ela reagiria à provocação, e mesmo que isso pudesse tê-la irritado, fiquei satisfeito com o resultado. Porque me deu as respostas que eu procurava.

"Meu Deus, às vezes você é muito burro", disse Alec.

"O que você quer dizer?", perguntei, entrando na conversa para o bem dele.

"Você arruinou a vida dela."

Parei de cavar. "Não, não pensei. Eu também pensei, no começo, mas ela está bem agora. Mora num bairro chique e ganha quase tanto dinheiro quanto a gente."

Ele franziu a testa. "E como você sabe disso?"

Cuidadoso . . . "Eu a verifiquei."

"Como exatamente você a verificou? Você contratou o Josh para fazer uns trabalhos extras para você?"

"Sim", eu disse, porque Alec pensar que eu tinha pedido ajuda ao namorado da nossa prima era preferível a descobrir o que eu realmente estava fazendo.

Meu irmão me encarou. Mantive a expressão impassível. Ele era quase tão bom em

farejar besteiras quanto eu, e passou quase um minuto em silêncio enquanto esperava que eu dissesse mais alguma coisa. Eu sabia que não era bem assim.

Finalmente, sua atenção voltou-se para o buraco entre nós. Sua pá caiu no chão. Peguei a minha e voltamos ao trabalho.

"Não importa o quão bem ela esteja agora", disse Alec. "Você ainda a destruiu naquela época. Dizer às pessoas que você nunca tocou nela foi muito baixo, mesmo para você."

“Fiz isso para protegê-la.”

"Como isso poderia tê-la protegido?" ele perguntou.

“É melhor as pessoas acharem que ela estava vivendo em um mundo de fantasia do que que a gente realmente ficou.”

"Eu chamo isso de besteira", disse ele. "Você a jogou para os lobos porque não queria fazer parte do drama."

Agora eu estava ficando puto. Joguei ela para os lobos porque eles eram melhores do que o leão esperando atrás de uma árvore próxima. Se ao menos o Alec soubesse o quão longe nosso pai esteve disposto a ir naquela época, o quão longe...*dela*O pai estava pronto para ir junto com ele. Eles estavam se preparando para alguma coisa*Romeu e Julieta*–estilo de merda, e eu fiz o que tinha que fazer para detê-los.

Eu guardei tudo para mim naquela época, não apenas para proteger Lauren, mas para proteger meus irmãos da realidade de que nosso pai era um monstro ainda maior do que eles imaginavam. E eu não estava pronta para confessar agora, porque ainda estava lutando para me libertar do meu pai e não tinha ideia de como contar aos meus irmãos que eles estavam prestes a ficar sozinhos com ele. Em vez disso, me contentei com uma meia verdade para me livrar do Alec.

"Não foi isso que aconteceu", eu disse, me obrigando a manter a calma. "Você viu toda a merda que a mamãe passou por causa do papai. Por nossa causa. Todo mundo na escola pirando por causa da Lauren provou que qualquer mulher com quem eu ficasse passaria pelo mesmo inferno. Eu me importava demais com ela para fazer isso."

Eu me importava tanto com ela que parti nossos corações para mantê-la segura.

A expressão de Alec mudou para uma compreensão relutante. "Tudo bem, mas você ainda poderia ter contado a verdade depois que tudo se acalmou e ela se transferiu de escola, só para limpar o nome dela."

Quase gemi. "Meu Deus, entendi. Você acha que eu ainda devo um pedido de desculpas a ela?"

"É, você deve", disse ele. "Você deve o mundo inteiro a essa mulher. Você deve a ela o favor dos favores. Se quiser uma segunda chance com ela, é melhor estar disposto a fazer o que for preciso para obter o perdão dela."

Levando um sermão do meu irmão mais novo. No que a minha vida tinha se transformado? "Olha, o que quer que aconteça ou não entre mim e a Lo não é da sua conta."

Eu esperava que Alec retrucasse, ou pelo menos fizesse algum comentário sarcástico, mas sua expressão era séria à luz do poste. "Ei, por que você não sai daqui? O buraco é fundo o suficiente. Só me ajude a baixar a caixa, e eu mesmo preencho o resto."

Olhei para ele. De onde vinha isso? A mudança repentina de assunto era suspeita pra caramba, e me fez pensar se ele estava falando sério sobre sua teoria da conspiração. "Você não vai tentar abrir assim que eu sumir de vista, vai?"

Ele estremeceu. "Porra, não. Aprendemos essa lição há cinco anos."

Uma lembrança tentou vir à tona, mas eu a reprimi, de volta ao poço negro de coisas feias no fundo da minha psique, que eu me esforcei muito para suprimir. "Então por quê?"

Alec desviou o olhar e colocou a pá de lado. "Você ainda a chama de Lo."

Balancei a cabeça. "Não interprete mal. Esta não é uma história de amor. Trata-se de coçar uma coceira de dez anos."

Ele caminhou até o camarote. "Como você quiser."

“Estou falando sério”, eu disse a ele, seguindo em seu encalço. “Eu*apenas*explicou por que essa merda romântica não está nos meus planos.”

Ele se abaixou e agarrou a lateral da caixa. Eu o imitei e, juntos, a erguemos. A porcaria pesava bem mais de 45 quilos, uma quantia absurda, considerando que era pouco maior que a caixa em que meu capacete de moto veio. Os sons dos nossos grunhidos e xingamentos abafaram os grilos próximos enquanto, lenta e cuidadosamente, a abaixamos. Distendi metade dos músculos das costas quando finalmente a coloquei no lugar, e percebi, pela forma como minha camisa se agarrava ao corpo, que eu estava sangrando abundantemente. Nesse ritmo, eu nunca me recuperaria.

Alec se endireitou com um gemido, as mãos na cintura. Pelo menos eu não era o único com dor. Ele se virou para mim com uma careta. "Por que você não se acha digna de amor, Nic?"

"Puta merda", gritei, girando para longe.

“Porque você deveria saber que você é”, ele continuou, e eu poderia*ouvir*o sorriso em suas palavras. "Digno de amor."

Só a ameaça de ser ouvido por um campista intrometido me impediu de bater nele com a pá. Eu teria que encontrar um jeito de me vingar mais tarde, mas, por enquanto, eu aceitaria a oferta e o deixaria ali para terminar o trabalho sozinho. Papai vivia dizendo que eu precisava confiar mais responsabilidades ao Alec, e ali estava seu

primeiro teste.

"Não seja comido por um urso antes de terminar", eu disse a ele.

"Mas depois está bom?", ele perguntou fingindo indignação.

"Depois está perfeito", gritei por cima do ombro. "E se você contar alguma coisa para o papai sobre a Lauren, eu conto a ele sobre aquele erro que você cometeu ano passado."

"Você não faria isso", ele sibilou.

Mostrei-lhe o dedo do meio e continuei andando.

8

Júnior

To rastreador em que eu havia entradoA bolsa de Lauren ainda estava funcionando, indicando sua localização em algum lugar no West Side, longe de seu bairro nobre. Eu não gostava da ideia de ela estar lá. Eu sabia quem controlava cada quarteirão daquela cidade, quem controlava as drogas, quem controlava as garotas e onde era mais provável ser assaltado em uma balada. Lauren estava em plena zona de assaltos. Era melhor que ela ainda estivesse com aquele taser. Se não, nossa próxima conversa provavelmente terminaria com*dela*quase levando uma joelhada na virilha.

Acelerei a moto e troquei de faixa. Parecia que metade da cidade estava nas calçadas, mulheres seminuas desfilando juntas em pequenos grupos, homens enfeitados exibindo-se para chamar a atenção. O trânsito estava igualmente pesado, fluindo lentamente pelos cruzamentos enquanto os motoristas desviavam para evitar os pedestres bêbados.

As luzes de freio pintavam a noite de vermelho. Meu pulso pulsava de impaciência.*Mova-se. MOVA-SE*, exigiu. Eu não tinha corrido para casa para tomar banho e me trocar em velocidade recorde só para ser pega por idiotas.

Foda-se.

Acelerei a moto novamente e enfiei a agulha na agulha, deslizando entre os carros parados enquanto minhas rodas traçavam as linhas brancas pontilhadas. Aquilo era estúpido, perigoso, mas eu tinha tanta adrenalina correndo nas veias só de pensar em rever Lauren que me senti invencível.

Um táxi cortou à esquerda na minha frente e eu o desviei no último segundo, com um sorriso no rosto por pouco. Meus pais reclamaram da minha moto, mas eu nunca a entregaria. Passei muito tempo tendo que ser meticulosamente cuidadoso para não ser pego, ou acidentalmente começar uma disputa territorial, ou revelar demais aos inimigos da minha família. Cada palavra era cautelosa, eu nunca deixava minha expressão desmentir minhas verdadeiras emoções, e eu mantinha a calma mesmo nas

piores circunstâncias — embora ultimamente isso tivesse se tornado mais difícil devido ao meu temperamento. Esta moto era minha rebelião, uma maneira de queimar o estresse. Eu me sentia imprudente com ela, descuidado. Como se eu pudesse fazer qualquer coisa. Como se toda a minha família não dependesse de mim de uma forma ou de outra. Como se eu fosse livre.

Uma buzina soou atrás de mim. Alguém gritou um palavrão pela janela aberta quando passei rapidamente. Ignorei tudo e continuei pedalando. Faltavam mais dois quarteirões para eu ver Lauren. Mais dois quarteirões para eu descobrir se ela era tão ousada pessoalmente quanto era online.

Luzes de neon brilhavam na minha visão periférica. O vento soprava na minha jaqueta de couro, e eu sorri, sentindo-me quase desequilibrada. Desde que lidei com Tommy, meu interesse por Lauren havia passado de uma obsessão administrável para algo muito mais sombrio. Algo mais próximo de uma sensação de posse. Como se eu já...*possuía ela*, corpo e alma, e tudo o que restava era reivindicar meu prêmio.

Culpei a década passada. Passei muito tempo observando e sem tocar, e agora todos os sentimentos que eu havia reprimido estavam vindo à tona.

Aquelas duas semanas que passei me divertindo com a Lauren foram algumas das minhas lembranças favoritas. Foram momentos que roubei para mim — a última coisa real que me permiti*ter*Meu interesse por ela não tinha surgido de repente ao vê-la trabalhar na barraca de feira em frente à minha. Eu a conhecia há anos: desde os doze anos, quando percebi que garotas não eram tão irritantes quanto eu pensava. Mas, mesmo naquela época, eu já sabia que ela era proibida. Lauren era uma boa garota. Nonna Bianchi esperava que ela fosse para a faculdade, conseguisse um diploma e um emprego chique. Ela era respeitável demais para se meter na favela com o filho de um mafioso.

Eu mantive distância o máximo que pude, mas aquele dia na feira foi a minha ruína. Ir contra o meu bom senso e finalmente me permitir beijá-la, tocá-la, depois de me negar por tanto tempo, foi melhor do que eu poderia imaginar.

Talvez fosse por isso que eu estava tão obcecada. Estar com Lauren foi a última vez que me permiti sentir algo além de morta por dentro, e parte de mim queria se lembrar de como era estar viva.

Um sinal ficou amarelo à minha frente. Abaixei-me sobre a moto e acelerei novamente, acelerando mais uma vez. Meu celular estava preso ao guidão interno direito da bicicleta, o rastreador estava parado, me guiando até Lauren. Seguindo-o, virei à esquerda em uma rua lateral.

Reduzi a velocidade ao me aproximar do ponto verde que irradiava na tela, indicando sua localização. O dispositivo que eu havia guardado na bolsa dela podia

ser pequeno, mas era um rastreador potente, de nível militar, não amplamente disponível para uso civil. Tinha precisão milimétrica, incluindo dados de elevação. Lauren estava em algum lugar no segundo andar do prédio, bem em frente a mim.

Sem querer chamar atenção, continuei e estacionei a um quarteirão de distância. Mantive-me na calçada do outro lado da rua ao me aproximar, com o olhar grudado na fachada do prédio. Tinha quatro andares e era feito de tijolos, como tudo no quarteirão.

Eu já tinha feito trabalho de vigilância suficiente ao longo dos anos para saber como me manter discreto, então diminuí o passo e vasculhei o bolso do casaco até encontrar os cigarros e o isqueiro que havia escondido lá. Eu não fumava, na verdade, mas sempre carregava um maço comigo, porque era uma ótima desculpa para parar por um ou dois minutos e observar o ambiente.

Acendi o cigarro e dei uma tragada falsa, segurando a fumaça na boca enquanto observava o prédio. Não havia nenhuma placa na fachada, e eu estava começando a achar que Lauren estava na casa de uma amiga, até que uma rápida busca no Google me esclareceu. Não eram apartamentos; era algum tipo de boate.*Veludo. Onde a fantasia se torna realidade*, leia o slogan.

O site do clube era irritantemente inútil. Não tinha nem um menu de navegação, apenas um endereço e um número de telefone listados abaixo das palavras*Ligue para consultas*.

Voltei ao Google, que me levou a um fórum do Reddit para maiores de dezoito anos sobre clubes de sexo underground. Dei uma olhada na seção de comentários até encontrar o nome Velvet e então li as palavras: "Ótimo ambiente. Segurança fenomenal. Nos sentimos muito bem-vindos e seguros. Definitivamente recomendo as salas de exibição privativas, que têm um elenco rotativo de artistas. Sexta-feira passada, passamos uma noite adorável assistindo a um homem ser penetrado no palco por uma mulher com os maiores peitos que eu já vi. Ótimas puladas de ambas as partes. 10/10."

Eu respirei fundo, surpreso, e imediatamente comecei a engasgar com a fumaça.

Jesus Cristo, eu não estava pronto para ler isso.

O cigarro caiu dos meus lábios enquanto eu olhava para o prédio com outros olhos. Um clube fetichista. Lauren estava atualmente dentro de um clube fetichista. Onde o Reddit me disse que ela poderia satisfazer qualquer desejo sexual que pudesse ter.

Com outra pessoa.

Ah, que droga, não.

Abri o site do clube e cliquei no número de telefone listado sem hesitar. Meu chip era descartável, então não me preocupei com o número ser registrado ou rastreado; de qualquer forma, eu teria um novo na semana que vem.

"Aqui é Velvet", disse uma mulher após o terceiro toque, com um tom baixo e rouca. "Como posso ajudar?"

Suavizei o sotaque áspero, tentando disfarçar a voz. "Estarei na cidade na semana que vem e gostaria de visitar o seu clube."

"Será um prazer recebê-lo", disse a mulher. "Saiba que somos apenas membros e que você terá que criar uma conta antes de entrar."

Desliguei na cara dela. Ser membro significava fornecer minhas informações pessoais e passar por algum tipo de verificação de antecedentes, o que significava que eu precisava fazer outra ligação.

Desta vez, um homem atendeu. "E aí, Júnior. O que posso fazer por você?"

Era o Mack, o cara da tecnologia do meu pai. Eu achava que ele era um hacker de primeira até ver o namorado da minha prima, o Josh, trabalhando. Agora eu não tinha tanta certeza.

"Essa identidade falsa que você me deu", eu disse, "ela tem pernas ou é só plástico?"

"Tem pernas", ele me garantiu.

"Quanto tempo duram? Talvez eu precise fazer uma verificação de antecedentes."

"Tempo suficiente. Há um endereço, um número de previdência social e registros médicos anexados", disse ele, com um tom de orgulho.

"Tem certeza de que vai dar certo?", perguntei.

"Com certeza", ele disse.

Agradeci e desliguei. É melhor ele torcer para estar certo.

Meia hora depois, entrei no salão principal do Velvet usando uma máscara de cortesia fornecida pela recepcionista. Era simples, preta, feita de plástico, e me cobria da testa ao céu da boca. Eu me sentia um idiota com ela, mas a alternativa era andar por um clube fetichista — desculpe,*clube de jogos*, como eu tinha sido informado - com minha cara toda exposta para qualquer um ver, e isso não estava acontecendo.

Meu cartão de membro recém-impresso estava queimando no meu bolso, pronto para ser usado em qualquer uma das salas privativas que eu quisesse visitar. Eu diria uma coisa sobre este lugar: era bem administrado. Enquanto uma senhora mais velha e valente pegava minha identidade falsa e fazia uma verificação de antecedentes, a equipe do hotel, muito mais simpática, me levou a um escritório bem equipado e me explicou a lista surpreendentemente extensa de regras. Havia regras de senso comum, como respeitar os limites das pessoas e manter as mãos longe de si, a menos que houvesse consentimento explícito, além de algumas mais*interessante*como parar se os lábios de alguém começassem a ficar azuis enquanto você os sufocava.

Eu tinha contado uma piada sobre eles não precisarem se preocupar comigo. Eu

estrangulava pessoas para viver; não queria que isso ocupasse meu tempo livre. O Alec teria achado hilário, mas a equipe simplesmente piscou para mim, e eu tive que voltar atrás rapidamente e despejar alguma besteira sobre o que eu queria dizer.*financeiramente*. Depois disso, fiquei de boca fechada. Era por isso que mafiosos e pessoas comuns não se davam bem.

Agora, enquanto caminhava pelo lounge do primeiro andar, tive que concordar com a publicação anônima do Reddit que li lá fora. Este lugar levava não só as regras, mas também a segurança a sério. Havia homens corpulentos guardando a entrada. Avistei várias câmeras no alto dos cantos, quase invisíveis porque o revestimento preto fosco se misturava com o papel de parede. Todas as portas da sala de jogos tinham scanners, e era preciso passar o cartão de membro para entrar. Aposto que cada toque do cartão era gravado, então, se algo desse errado, quem os monitorasse saberia de todas as pessoas que estavam lá dentro quando o incidente ocorreu.

Era impressionante. E a decoração também: escura, sombria, tátil. Em vez das luzes brilhantes de teto que eu via em muitas casas noturnas, esta era iluminada por abajures de chão e de mesa que lançavam uma luz suave e acolhedora sobre os ocupantes. Os móveis eram revestidos de tweed, veludo e couro. Ao longo da parede do fundo, um antigo balcão de mogno brilhava com uma nova camada de polimento. Cheirava a cítricos e livros antigos, mas por baixo disso havia inegáveis toques de sexo e látex.

Observei as pessoas ao meu redor. Este lounge parecia ser o centro principal do clube, um lugar onde os membros se reuniam enquanto esperavam para entrar em outras salas, encontrar amigos ou fazer uma pausa entre... sessões? Cenas? Eu não conhecia a gíria. Tudo o que eu sabia era que estava lotado, e a luz suave dificultava a identificação dos rostos, o que tenho certeza de que era intencional.

Eu não era a única pessoa anônima presente. Alguns outros usavam o que pareciam ser máscaras personalizadas, desde uma balaclava comum até uma máscara facial inspirada em filmes de terror. A visão me estranhei, mas várias mulheres estavam aglomeradas em volta do imitador de Jason, então talvez fosse algum tipo de fetiche?

Senti olhares fixos em mim enquanto me movia pela sala. Essas pessoas pareciam muito mais à vontade do que eu, como se já estivessem ali com frequência suficiente para conhecer a maioria dos presentes e entender as regras, tanto as escritas quanto as tácitas. Eu era o sangue novo, então é claro que chamava a atenção.

Uma mulher se afastou da parede e se aproximou de mim. Ela era alguns centímetros mais baixa do que eu, curvilínea, atraente, com cabelos loiros e olhos azuis. Olhos baixos quando ela parou bem na minha frente. Olhei ao redor, mas as pessoas mais próximas apenas observavam com um leve interesse, sem nenhum

divertimento cortante nos olhos que me dissesse que eu estava sendo enganado ou algo assim. Minha confusão só aumentou quando a loira...*curvado*para mim, levantando as mãos em oferta, algum tipo de acessório de couro — uma coleira? — descansando em suas palmas.

O que eu deveria fazer com isso?

Esperei que ela se explicasse, mas ela ficou ali, em silêncio.

"Hã..." Sem querer parecer rude, estendi a mão e afaguei o topo da cabeça dela. "Não, obrigada."

Ela se curvou ainda mais e se afastou, então presumi que pelo menos tinha evitado algum tipo de gafe. Passei por ela, quase suando. Meu Deus, isso era desconfortável. Se eu tivesse parado um segundo antes de entrar aqui, provavelmente teria me convencido a não fazer isso, mas a ideia de Lauren com outra pessoa me fez correr para dentro sem pensar em nada além de chegar até ela. Ela tinha vindo aqui todos esses anos? Quantos desses babacas sabiam como ela era? Como era o gosto dela? Quantas línguas eu teria que cortar das pessoas...

Não. Pare com isso, eu disse a mim mesmo. Você está tentando ser um ser humano melhor, e pensamentos homicidas como esse não estão te ajudando a encontrá-la.

Olhando para o meu celular, vi que Lauren ainda estava no segundo andar, então me dirigi para as escadas. Eles me jogaram em um corredor mal iluminado. Os sons eram mais evidentes ali em cima, e cada porta fechada por onde eu passava parecia guardar algo novo. Risadas, gemidos, o estalo agudo do couro contra a carne.

As portas tinham placas, mas os rótulos eram tão frustrantemente vagos quanto o site do Velvet, pelo menos para alguém como eu, que não sabia de nada.*Aprender*, *Caçar*, *Esquentar*,*Seguro.*Meu telefone me disse que Lauren estava em*Assistir* (porque é claro que ela estava), e, respirando fundo, passei o cartão de membro e cuidadosamente empurrei a porta, sem saber o que diabos eu estava prestes a encontrar.

Encontrei a sala surpreendentemente cheia, a maioria das pessoas já sentadas, o restante perambulando no fundo enquanto bebiam e conversavam baixinho entre si. A iluminação era ainda mais fraca do que no corredor, com apenas uma luminária no teto iluminando o outro lado, onde havia uma plataforma, parecendo mais um estrado do que um palco. Uma cama estava na frente, no centro, coberta com lençóis de seda escura.

O som de um suave,*familiar*Uma risada atraiu meu olhar. Lauren estava sentada na primeira fila. Ela ainda usava aquele vestido de seda sedutoramente fino, conversando com a pessoa ao lado com tanta animação que, quando gesticulava com a mão, o movimento fazia uma das alças finas deslizar por seu ombro. Foi só com um esforço

monumental que fiquei onde estava enquanto ela a recolocava no lugar, com toda a delicadeza.

Meu olhar se fixou na pessoa ao lado dela. Era um homem. Um homem que a olhava com uma fome exagerada demais para o meu gosto. Não. Não ia acontecer. Eu não tinha esperado todos esses anos só para deixar um maldito aleatório se aproximar dela na minha frente.

Deslizei pela multidão e contornei várias fileiras de cadeiras, aproximando-me de Lauren, meu olhar fixo no homem ao lado dela. Em uma fração de segundo, tive que decidir como jogar: pela força ou pela coerção. A força seria a escolha óbvia para alguns, uma maneira de exibir seu domínio, mostrar à concorrência com quem estavam lidando. Descartei a opção. Por mais tentador que fosse, aquele era um espaço apertado, e eu não conhecia o cara nem como ele reagiria a um confronto direto. Meu objetivo era me aproximar de Lauren e*ficar* perto dela, não ser expulso deste clube logo após conseguir entrar.

Além disso, a coerção era muito mais divertida. E sim, eu sabia o quanto isso me fazia parecer um idiota, mas senti que isso demonstrava um crescimento real por ter superado tão rapidamente a tentação de remover a língua.

Parei em frente ao meu alvo, dando-lhe um sorriso afável. "Olá, pessoal." Minha voz estava mais amigável do que o normal, quase irreconhecível para qualquer um que me conhecesse. "Sinto muito, mas você está no meu lugar."

Ele olhou para mim, com o cabelo castanho-claro artisticamente despenteado, os óculos de armação preta empoleirados no nariz refletindo a luz do teto. Eu não costumava julgar, mas ele parecia um babaca pretensioso. Como se pertencesse a uma sala de aula, fazendo investidas inapropriadas nos alunos. "Como assim?"

“Sem problemas”, eu disse, interpretando mal intencionalmente seu pedido de desculpas.

Dei um tapinha afável no ombro dele, fazendo-o se levantar, e ele franziu a testa, mesmo enquanto começava a se levantar, como se estivesse confuso com o que estava acontecendo, mas educado demais para fazer alarde. Exatamente como eu esperava. As pessoas podiam ser convencidas a fazer todo tipo de coisa que não queriam, se a pressão certa fosse exercida. Para minha sorte, o professor parecia mais vulnerável à coerção do que a maioria dos babacas com quem eu estava acostumado a lidar.

“Agradeço a sua mudança”, eu disse.

Sua carranca se aprofundou. "Hum... de nada?"

"Obrigado." Dei um último tapinha em seu ombro antes de me sentar no lugar que ele tinha acabado de desocupar.

Lauren ficou ali, parecendo atordoada, permitindo-me um momento para observá-

la. Ela era tão linda pessoalmente quanto nas selfies que postara no banheiro, com uma maquiagem mais dramática do que a de manhã, o cabelo cacheado em ondas soltas. O gloss que ela usava me deu vontade de me inclinar e morder seu lábio inferior, mas depois do seu acesso de fúria no fundo da igreja, provavelmente não terminaria com a gente se pegando, então me controlei.

Lentamente, seu olhar mudou do homem que se afastava para o meu rosto mascarado. E então seus olhos encontraram os meus e se estreitaram antes de se fixarem nas minhas mãos e nas palavras "La Famiglia". tatuado nos meus dedos.

“Vejo que meu exorcismo não funcionou”, disse ela.

Sorri. "Você devia experimentar água benta da próxima vez."

Ela se virou totalmente para mim e se inclinou, em voz baixa: "O que você está fazendo aqui?"

Eu também me inclinei, feliz com a desculpa para me aproximar dela. "Você está declarando meus impostos?"

“Entrando com uma ordem de restrição”, ela respondeu.

"Contra quem? O professor nerd?" Me levantei um pouco da cadeira, fingindo procurá-lo. "Não precisa de papelada. Eu cuido disso para você."

Ela me puxou de volta para baixo. "Estou falando sério, Júnior. Por que você está aqui?"

“Vim falar com você.”

"Bem, você não pode estar aqui", ela disse, olhando ao redor como se estivesse com medo de ser vista comigo.

Tentei não me ofender. "Por que não?"

Seu olhar voltou ao meu, o fogo que eu havia vislumbrado mais cedo naquele dia retornando. "Porque isso é*meu* lugar."

"E você não deixa gente como eu entrar?" Cheguei um pouco mais perto, sem conseguir me conter. "Discriminação é ilegal, Lo."

"Eu não quis dizer isso", disse ela. "Eu quis dizer que este lugar é só para mim, e eu não quero que alguém do meu passado entre aqui, traga lembranças ruins e estrague a minha noite."

Droga. O Alec tinha razão. Eu precisava me desculpar com ela se a minha presença sozinha fosse suficiente para estragar a noite dela.

"Sinto muito", eu disse.

Ela piscou e recostou-se.

"Pelo que eu te disse antes", esclareci, "mas principalmente pelo que aconteceu entre nós todos aqueles anos atrás. Eu já estava sendo arrastada para as tretas do meu pai, e achei que era melhor as pessoas pensarem que você era só mais uma mina obcecada do

que alguém importante para mim."

Suas sobrancelhas se franziram, os olhos grandes brilharam sob a luz suave. "Espere, você está dizendo que eu estava em perigo?"

Sustentei o olhar dela e assenti.

Aqueles lábios brilhantes se abriram, mas sua resposta foi interrompida por um toque baixo vindo dos alto-falantes. Em vez disso, ela disse: "O show vai começar. Você precisa ir embora."

"Você vai embora comigo?", perguntei, estendendo os dedos para envolver a parte de trás dos seus joelhos e puxá-la para mais perto. Porra, a pele dela era macia.

O nariz dela quase roçou no meu, as pupilas dilatadas na penumbra. "Você está louco? Não, eu estou..."

Uma porta lateral se abriu, e um homem e uma mulher entraram por ela, de mãos dadas. O homem era alto, largo, de pele clara e cabelos loiro-escuros. Sua companheira era cerca de 30 centímetros mais baixa, latina, com suas curvas voluptuosas mal contidas pelo vestido vermelho. Embora o salão estivesse lotado, todos pareciam alheios à nossa presença, com os olhares se absorvendo enquanto avançavam lentamente.

"Júnior", Lauren sussurrou, atraindo meu olhar de volta para ela, "você tem que ir".

Balancei a cabeça, nossos olhares se encontraram, meus polegares acariciando a parte externa dos seus joelhos. "Se você ficar, eu fico." De jeito nenhum eu a deixaria sair da minha vista agora.

Ela abriu a boca para protestar, mas a pessoa atrás de mim a fez ficar quieta.

Sorri e coloquei um dedo nos lábios, olhando para frente no meu assento, com uma mão ainda segurando-a porque ela estava perto o suficiente para tocá-la e, milagre dos milagres, estava realmente me deixando tocá-la.

Meu triunfo durou apenas um segundo antes que ela me afastasse e cruzasse as pernas como se estivesse tentando se distanciar. Eu contive a expressão, lutando contra a diversão, adorando que Lauren soubesse o seu valor e fosse me fazer lutar por ele. Eu sempre preferi a emoção da perseguição à morte fácil, metaforicamente falando.

Majoritariamente.

Um movimento atraiu meu olhar de volta para o palco. Não sei o que eu esperava. Visões de chicotes e correntes surgiram na minha cabeça, o estereótipo que a maioria dos turistas como eu associava a casas noturnas. Imaginei que eles fariam um grande show, seriam exagerados e se encolheriam. Parte de mim esperava que um mestre de cerimônias seguisse o casal pela porta lateral e fizesse algum grande anúncio.

Nada disso aconteceu. Em vez disso, o homem conduziu a mulher até uma cadeira

ao lado da cama. Ela se sentou, e ele se ajoelhou diante dela.

"Me dê seus pés", ele disse, com a voz baixa e íntima, como se não houvesse trinta pessoas olhando para ele.

A mulher deu um sorriso travesso e cravou o salto alto diretamente no peito dele com força suficiente para empurrá-lo alguns centímetros para trás. Ele riu baixinho, o som baixo ecoando pelo ambiente, e beijou sua canela antes de começar lentamente a desfazer a tira em volta do tornozelo dela.

Suspiros suaves e femininos percorreram a multidão às minhas costas. Alguém sussurrou para um vizinho próximo o suficiente para que eu pudesse captar as palavras: "Esse nível de devoção ou eu não o quero."

De repente, me senti ainda mais desconfortável do que lá embaixo. Era um momento íntimo entre duas pessoas que claramente se importavam uma com a outra. Eu não deveria estar aqui assistindo como um idiota.

E ainda assim...

Eu não conseguia tirar os olhos deles.

9

Lauren

Junior estava no Velvet. SentadoNa sala de voyeurismo. Bem ao meu lado. Depois de me dar um pedido de desculpas com dez anos de atraso, como se não fosse grande coisa.

Meu cérebro não conseguia processar o que estava acontecendo. Como ele me encontrou? Teria me seguido o dia todo depois da igreja? Ou será que eu o invoquei de alguma forma com meus pensamentos profanos? Depois da possessão daquela manhã, eu não conseguia descartar a possibilidade de algo paranormal.

Virei a cabeça o suficiente para olhá-lo de soslaio. Botas pretas. Calças pretas. Camisa preta de botões. Combinado com a meia-máscara preta e as tatuagens, ele parecia exatamente o que era: um demônio sexual óbvio vindo para reivindicar minha alma excitada.

Estiquei o pescoço ainda mais, captando o olhar de Taylor duas fileiras atrás.

*É ELE?"*O que você está fazendo?", ela gritou para mim, apontando para as costas do Júnior. Ela deve tê-lo visto entrar (a descrição dele combinando com a que eu havia dado a ela antes) e depois falar comigo, e deu um palpite.

Assenti, e aquela traidora desmaiou de lado, em direção ao namorado, e começou a se abanar. Jackson, um ruivo de quase dois metros de altura, tão despreocupado quanto a namorada, me viu e acenou enfaticamente, com um sorriso enorme no rosto.

Não há ajuda aí.

Virei-me para o outro lado e tentei encontrar Ryan na multidão, mas não consegui. O pânico tomou conta de mim. O Júnior tinha que ir embora. Agora. Antes que as coisas*realmente*começou. Talvez eu pudesse encontrar um jeito de forçá-lo a sair, ameaçar chamar a polícia ou algo assim. Eu não o queria ali, no meu espaço seguro. Era para mim, meus amigos e pessoas com a mesma mentalidade, e Junior não estava entre eles. Ele era um fantasma da minha antiga vida que frequentava círculos

retrógrados e misóginos. Eu duvidava que ele entendesse, muito menos aprovasse o que estava prestes a acontecer.

Merda, e se ele estragasse tudo? Fizesse alguma piada sem graça ou dissesse algo ofensivo no meio da cena? Ou pior, humilhasse todo mundo aqui?

Meu rosto começou a arder de vergonha antecipada. Eu precisava me livrar dele.

Descruzando as pernas, inclinei-me apenas o suficiente para sussurrar: "Vá embora, ou vou fazer uma ameaça de bomba e colocar a culpa em você".

Ele arqueou uma sobrancelha. "Parece um exagero."

"Não me teste. Tenho o número da Segurança Interna na discagem rápida."

O desgraçado levantou a mão e passou meu cabelo por cima do ombro, expondo minha orelha para que pudesse sussurrar de volta: "Ligue para eles. Eu te desafio."

E então ele beijou meu pescoço.

Meu corpo inteiro se contraiu, e não com raiva, medo ou desgosto.*deve* estar sentindo.

Ah, isso era ruim. Todos os anos que passei explorando fetiches com parceiros anteriores estavam voltando para me atormentar. Porque a brincadeira de medo, o sexo violento e o perigo eram só fingimento, e eu estava protegida por palavras de segurança. O Junior era o cara, podia representar uma ameaça real para mim, e em vez de ficar apavorada como deveria, eu estava excitada.

Dessa vez, nem tive uma freira safada para culpar. A culpa foi toda minha.

Tardiamente, eu me afastei dele. Merda, merda,*merda*.

No palco, Morgan terminou de desamarrar o segundo salto de Stephanie e o colocou lentamente no chão. Então, ele levantou a perna dela e deu um beijo em seus dedos. Ela emitiu um gemido baixo de aprovação, e ele começou a massagear a planta do pé dela de um jeito que eu sabia que devia ser divino.

Uma música suave saía dos alto-falantes, baixa, melódica, sensual, mas não de forma ostensiva. A canção era mais uma sugestão, uma promessa de prazer por vir. Eu estava começando a ficar desesperado.

“Por favor”, sussurrei, voltando-me para Júnior.

Ele arrastou o olhar até o meu — ele estava focado no casal no palco. "Não se preocupe. Não vou te envergonhar."

Pisquei. Como ele sabia para onde meus pensamentos tinham ido?

Ele se mexeu de lado, batendo o ombro no meu. "Porque eu te conheço, Lo."

Olhei para ele com raiva. Que cara de pau esse homem! Dez anos se passaram desde a última vez que nos vimos, e muita coisa mudou nesse período. Ele não sabia nada sobre mim, e eu me ressentia da insinuação de que sabia.

Lancei-lhe um último olhar de advertência, tentando não me deixar levar pelo

vórtice de seus olhos verdes, e então me virei para a frente no meu assento. Que Deus o ajudasse se ele não cumprisse a palavra ou a calma que tinha diante de nós durante o que estava prestes a acontecer, porque eu não seria tão indulgente.

Eu não estava mentindo quando disse que isso era*meu* lugar. O Velvet era um clube de propriedade compartilhada, com minha amiga Sylvia detendo a maior parte da participação. Ryan, Taylor, eu e vários outros conhecidos e artistas tínhamos participações menores, tendo contribuído em momentos difíceis para dar ao clube um impulso muito necessário e mantê-lo à tona. Todos nós acreditávamos no Velvet. Estávamos investidos, não apenas financeiramente, mas de todo o coração, dispostos a fazer o que fosse necessário para manter este espaço seguro aberto e próspero.

No palco, os dedos de Morgan continuaram subindo pela perna da esposa, indo do pé até o tornozelo.

"Isso é incrível", ela disse a ele.

Normalmente, nessa parte da cena, eu estaria sentindo os estágios iniciais da excitação, mas em vez de uma onda bem-vinda de desejo suave, meu corpo estava em guerra consigo mesmo. O que eu sentia era mais próximo de agressão. Elétrico, carregado. Desconfortável. Longe do que eu esperava no Velvet. E tudo por causa do homem ao meu lado. Eu posso não ter pensado muito nele na última década, mas agora não conseguia impedir a enxurrada de memórias de romper a represa. Ele me dedilhando sob os fogos de artifício. Eu o masturbando em uma escada na escola. A noite em que ele entrou sorrateiramente no meu quarto e eu perdi a virgindade com ele. Três dias depois, ele negou ter me conhecido.

Tentei olhar para isso logicamente. As memórias essenciais eram especialmente*coisa*quando se tratava dos primeiros encontros sexuais de uma pessoa. Todos nós tivemos nossos próprios exemplos. Taylor não conseguia sentir o cheiro de cigarro misturado com colônia barata sem ficar excitado. Da mesma forma, Ryan teve sua primeira ereção em público depois que um garçom particularmente bonito lhes serviu uma pizza medíocre em uma famosa rede de restaurantes, e agora eles não conseguiam entrar em um sem ter que se sentar rapidamente.

Minha reação ao Junior foi natural, mas não precisava significar mais do que isso. Lutar contra isso só pioraria a situação. Em vez disso, escolhi aceitar que era assim que ele me fazia sentir, fisicamente, para poder superar isso e me concentrar no que era mais importante: como ele me fazia sentir emocionalmente.

Que estava confuso. Muito confuso.

Por mais que eu odiasse admitir, nossas trocas de ideias eram meio... divertidas. E ele se desculpou tanto*rapidamente*depois de perceber que tinha errado na igreja. Foi por isso que ele me procurou? Só para pedir desculpas? Se fosse esse o caso, o stalking de

hoje de repente pareceu muito menos preocupante e muito mais, sei lá, determinado, talvez? Eu não estava acostumada com homens admitindo seus erros assim, principalmente porque eu não tinha o hábito de dar a eles a chance de fazer isso, e eu não sabia como me sentir em relação a isso. Também não tinha perdido o último comentário do Junior:*Achei que seria melhor que as pessoas pensassem que você era apenas mais uma garota obcecada do que alguém importante para mim.*

Eu tinha sido importante para ele naquela época? Isso era surpreendente. Antes da feira, ele nem tinha olhado para mim, e me largou tão rápido depois que imaginei que nossos encontros não significavam nada para ele.

Não. Ele devia estar mentindo quando disse isso, tentando me conquistar. Tinha sido tão fácil naquela época e ele achou que seria tão fácil agora. Bem, não seria. Ele era um dos principais responsáveis por eu ter tantos problemas de confiança, e eu não ia deixar que ele me convencesse a esquecer isso.

Lancei-lhe um olhar de soslaio, mas ele parecia distraído demais com o casal no palco para notar. Seu olhar estava fixo neles, a coluna ereta, o corpo quase completamente imóvel, apenas o subir e descer constante do peito para indicar seu humor. Eu já tinha visto outras pessoas se jogarem na piscina funda no Velvet antes de estarem prontas, e elas não se pareciam em nada com o Junior. Estavam inquietas, obviamente nervosas, incapazes de assistir ao que acontecia à sua frente, olhando para todos os lados, menos para o palco. Junior era um homem paralisado. Como se estivesse preso no feitiço que Morgan e Stephanie lançavam sobre a plateia.

Hum. Talvez eu não precisasse me preocupar com ele me envergonhando, afinal.

Olhei para o palco, ainda lutando contra minha turbulência interior. E pensar que, antes do Junior aparecer, eu estava tendo um momento agradável com... qual era mesmo o nome dele? Ah, é, Kevin. Ou seria Carl? Merda. Rostos, eu nunca esqueci, mas nomes eram meus inimigos. De qualquer forma, havia alguma química ali. Kevin-ou-talvez-Carl tinha sido de fala mansa, afável e obviamente interessado: a pessoa perfeita para compartilhar um pouco de diversão, já que os riscos eram tão baixos. Talvez, quando o show acabasse, eu pudesse encontrá-lo novamente. Mandar o Junior embora e voltar a ter uma boa noite.

Um gemido suave ecoou pela sala, e deixei meus pensamentos sobre Junior escaparem enquanto voltava toda a minha atenção para a cena. Morgan havia beijado a perna de Stephanie, subindo até a parte interna das coxas. O vestido vermelho que ela usava estava preso em seus quadris, e ela se arqueou para a frente, os braços esticados enquanto agarrava o assento da cadeira atrás dela. Enquanto eu observava, Morgan se aproximou, abrindo as pernas o suficiente para que a plateia pudesse ver quando ele enfiou um dedo em sua calcinha e a puxou delicadamente para o lado,

revelando-a para nós.

Sua boceta estava depilada, as dobras dos lábios já brilhantes com a evidência de sua excitação. A energia frenética do meu próprio desejo se transformou em um calor mais calmo e acolhedor. Morgan e Steph eram meu casal favorito de assistir. Não só eram muito gostosos, como o amor que sentiam um pelo outro era palpável. E a luxúria? Meu Deus. Incendiou o quarto.

Eles também vinham de teatro, então tinham uma presença de palco fantástica e sabiam como se posicionar para que o público tivesse a melhor visão de cada toque, carícia e lambida. Eu esperava encontrar um parceiro disposto na plateia — a participação do público era mais do que bem-vinda no Velvet —, mas isso poderia ser ainda melhor, ficar excitado a ponto de ficar desconfortável antes de finalmente encontrar alívio nos dedos, na língua ou no pau de outra pessoa. Se Kevin/Carl não fosse mais uma opção, eu já tinha visto Moriah lá embaixo, uma mulher linda que tinha uma semelhança impressionante com Zoe Saldana. Já tínhamos ficado lá várias vezes, e ela tinha terminado recentemente com a namorada. Duas semanas depois do término seria cedo demais para eu fazer a minha jogada?

Na frente, Morgan emitiu um som baixo de aprovação masculina que ecoou pela sala. Estremeci. Sua voz era treinada para o palco, profunda, ressonante, uma daquelas vozes que provavelmente conseguiriam te levar ao orgasmo nas condições certas, sem precisar de toque.

Ele olhou para a esposa. "Você está encharcada, Steph."

Ela o puxou para mais perto, seu sorriso sedutor. "O que você vai fazer?"

Com um gemido baixo, ele se inclinou. Se estivessem sozinhos, ele provavelmente teria começado a trabalhar imediatamente, mas uma pequena provocação fazia toda a diferença, tanto para o público quanto para o seu parceiro, e Morgan entendia isso melhor do que ninguém. Uma mão grande foi até o joelho dela, abrindo-a ainda mais, mostrando o quanto ela o desejava.

“Aqui?” ele perguntou, beijando sua coxa.

Ela balançou a cabeça e soltou um sussurrado "não".

Ele mudou de perna. "Aqui?"

“Quase”, ela disse a ele.

Ele levantou um dedo e acariciou a dobra interna da coxa dela, e eu estava perto o suficiente para ver o arrepio percorrer todo o corpo dela. Morgan repetiu o movimento do outro lado, sem pressa, movendo o dedo um pouco, de modo que quase roçou as dobras dela ao passar. A provocação.

Atrás de mim, as pessoas começaram a se mexer nas cadeiras, e eu sorri. A impaciência delas era palpável. Eu quase podia ouvi-las implorando:*Apenas toque nela*

*logo!*Mas Morgan era imune à pressão dos colegas. Em vez disso, inclinou-se e soprou sobre a carne aquecida de Stephanie, fazendo-a se curvar e seus braços se esticarem de tanto segurar a cadeira com tanta força.

Justo quando pensei que ele finalmente a provaria, ele começou a se afastar. Alguém soltou um gemido incrédulo na plateia, e todos rimos, felizes por a tensão ter sido quebrada. Quase sempre havia um momento como esse em uma cena, geralmente no início, que ajudava tanto os artistas quanto a plateia a se acomodarem.

"Vamos tirar isso de você", disse Morgan, com a voz melódica cheia de diversão enquanto agarrava as laterais da calcinha de Stephanie.

Ela se levantou o suficiente para que ele a deslizasse sobre seus quadris. E então ele a deslizou por suas pernas, sem pressa para lhe dar beijos na pele. Assim que a calcinha passou pelos pés, ele a puxou para o rosto, respirando fundo.

“Eu amo o seu cheiro”, ele disse, baixo e gutural.

Junior se mexeu ao meu lado, me tirando do momento. Meu olhar se voltou para ele, esperando o pior, mesmo que ele tivesse prometido se comportar, mas estava apenas se reajustando.

Não olhe, não olhe, não olhe, Implorei a mim mesmo, mas baixei os olhos, bem a tempo de captar o contorno de sua excitação óbvia sob suas calças escuras.

Puta merda.

Desviei o olhar, tentando acalmar meu pulso. Júnior estava tão excitado quanto eu com o que estávamos assistindo, e eu não sabia o que fazer com aquela informação.

*Que tal isso?*Meu cérebro, prestativamente, forneceu, lançando uma imagem dele me fodendo por trás, uma mão enfiada no meu cabelo, a outra agarrando meu quadril, sua expressão implacável, estocadas brutais. Quase xinguei, me perguntando o que eu tinha feito com meu cérebro para que ele de repente se voltasse contra mim daquele jeito.

No palco, Morgan amassou a calcinha da esposa e a enfiou no bolso, e eu perdi o controle do meu coração. Havia algo inatamente sexy nisso para mim. Como se ele a tivesse guardado ali para guardar, ou para tirá-la de lá e cheirá-la mais tarde, sempre que precisasse de mais uma dose da esposa. Aquilo falava de posse, obsessão, e não havia nada mais excitante para mim do que alguém tão inconscientemente apaixonado pela parceira.

Morgan se recostou, seus ombros largos abrindo espaço entre os joelhos de Steph. Ela arqueou as costas, aproximando-se dele, e ele passou os braços por baixo das coxas dela e agarrou seus quadris, mantendo-a no lugar.

Um gemido baixo ecoou do outro lado da sala. O som de tecido se movendo preencheu meus ouvidos. Tínhamos chegado ao ponto de participação da plateia, e

eu sabia que, se me virasse, encontraria pessoas se agarrando ou tocando seus parceiros discretamente no escuro. Em algumas noites, eu me sentava na primeira fila porque queria toda a minha atenção no show. Em outras, eu escolhia o caminho de volta, para poder observar não apenas o palco, mas todos ao meu redor. Eu ainda estava indeciso sobre o que era mais quente. Como voyeur, era difícil escolher.

Morgan finalmente nos tirou do nosso sofrimento, inclinando-se sem hesitar, os dedos acariciando os quadris da esposa enquanto encaixava a boca na boceta dela. O gemido que ela soltou foi baixo e áspero, um som que me arrepiou. Morgan inclinou a cabeça ligeiramente, e o que quer que ele tivesse feito fez Steph estremecer, seus lábios se abrindo para formar uma boca perfeita.*O*de surpresa.

"De novo", ela disse, soltando a cadeira para tocar os próprios seios.

Morgan repetiu o movimento. Com outro gemido, Steph expôs o peito e esfregou os dedos nos mamilos. A visão me fez querer me contorcer na cadeira. Nossa, essas duas eram gostosas pra caralho.

"Toque-se", Steph ofegou.

Morgan não precisou ouvir duas vezes. Levou a mão ao cós da calça e abriu rapidamente o botão e o zíper. Seu pênis se soltou, e então uma mão enorme o envolveu, seu braço balançando enquanto ele se mexia.

Minha curiosidade falou mais alto, e olhei de soslaio novamente, me perguntando o que Júnior achava de tudo aquilo. A máfia era notória por sua misoginia e machismo. Assistir a outro homem se masturbando provavelmente era contra*todos* suas regras não escritas e poderiam te rotular como qualquer que fosse a sua calúnia homofóbica favorita do momento. Mas Junior não parecia pronto para fugir. Ele estava ligeiramente inclinado para a frente em seu assento, observando o palco com atenção absorta, seu olhar se deslocando de onde a cabeça de Morgan estava enterrada na boceta de sua esposa para onde Steph brincava consigo mesma e vice-versa, como se não conseguisse decidir para onde olhar.

Ele era...*para isso*?

Um olhar para o colo dele revelou que ele estava duro como pedra. Eu conseguia ver todo o contorno do seu pau enorme enfiado na perna da calça. Isso não podia ser confortável. Devia estar quente e apertado, cortando o fluxo sanguíneo, e... ah, não. Agora não era hora de imaginá-lo puxando-o para fora para se reajustar. Mas lá se foi minha maldita mente de qualquer maneira, me lembrando de como era macio, do jeito que ele gostava quando eu lambia a parte de baixo da sua cabeça. A saliva se acumulou na minha boca só de lembrar de tentar enfiar algo tão grande na minha garganta.

Ele se mexeu, como se sentisse que eu o observava, e começou a se virar na minha

direção.

Voltei a olhar para o palco antes de ser pega. Que legal, Lauren. Jure nunca mais pensar naquele cara só para imaginar engasgando com o pau dele cinco segundos depois.

Uma imagem de Taylor cantando*Odeio sexo, odeio sexo, odeio sexo*surgiu na minha mente sem ser solicitado.

Não. Eu não podia. Seria demais. Ficar com o homem que ficou parado assistindo meu mundo ir pelos ares? De jeito nenhum. Eu tinha amor-próprio demais para isso. Assim que essa cena acabasse, eu pegaria a Moriah e a maior cinta-liga que pudesse encontrar e a foderia em um dos quartos do andar de cima, como a adulta bem-ajustada que eu era.

Stephanie soltou um gemido desesperado, as mãos descendo dos seios para a cabeça do marido. Ela cravou as unhas nos cabelos dele e o agarrou com força, movendo os quadris enquanto cavalgava seu rosto. Gemidos mais suaves ecoaram os dela por toda a plateia, e ouvi ruídos quentes e úmidos vindos de algumas fileiras atrás. Eu não ficaria surpreso se Steph não fosse a única a receber um boquete incrível naquele momento.

Em vez de acelerar, Morgan soltou o pau e colocou as duas mãos nos quadris da esposa, ajudando-a a se enfiar nele enquanto ele a fodia com a língua. Tive que morder o lábio para não gemer ao ver aquilo, principalmente quando os olhos de Steph se fecharam e sua cabeça caiu para trás.

“Querida, estou perto”, ela disse, movendo-se em um ritmo frenético.

Morgan, sabendo do que ela precisava, permaneceu onde estava, puxando-a para si enquanto ela começava a perder o ritmo. Ela gozou um segundo depois, estremecendo e gemendo, um rubor tomando conta de suas bochechas enquanto gritava o nome do marido. Era deslumbrante, mais do que sexy. Tudo o que precisaria naquele momento era o roçar dos dedos de alguém no meu clitóris e eu gozaria também.

Júnior soltou um suspiro audível ao meu lado. Pelo canto do olho, vi sua mão direita apertando seu joelho com força. Ele se virou para mim e, sabendo que provavelmente era um erro, levantei os olhos para ele.

"Lo", disse ele, com a voz deliciosamente áspera. Suas pupilas estavam dilatadas, com uma expressão selvagem que me fez temer que ele fosse me arrastar para o chão e me foder ali mesmo, na frente de todo mundo.

Deus me ajude, no meu estado atual, talvez eu deixe.

Esse era o verdadeiro motivo pelo qual eu estava tão desesperada para que ele fosse embora. Eu dizia a mim mesma que era porque tinha medo de que ele me

envergonhasse, mas a verdade era que eu estava mais preocupada em me envergonhar. Ryan e Taylor estavam no meio da multidão, e eu...*apenas*Contei a eles o quanto o Junior tinha me machucado. Quão patético seria se eu ficasse com ele logo depois?

Um movimento no palco atraiu meu olhar para frente novamente. Morgan havia tirado Steph da cadeira, com as pernas em volta da cintura dele enquanto ele a carregava para a cama.

O verdadeiro show estava prestes a começar.

10

Júnior

EU NUNCA FIQUEI TÃO EXCITADO na minha vida, não apenas física, mas emocionalmente também. Beirava a sobrecarga de estímulos. Até aquele momento, eu não tinha percebido o quão insensível eu havia me tornado a tudo, o quanto meu trabalho havia me roubado. Eu estava completamente insensível à dor e à morte incessantes, porque era isso que eu *tive* para não me tornar um psicopata completo. Agora eu estava ativando todas as sinapses pela primeira vez em anos, e não queria que aquela sensação acabasse.

Os olhos de Lauren estavam novamente no palco, mas eu não conseguia desviar o olhar dela. Ela estava sentada ereta em seu assento, as mãos agarradas com força, como se não confiasse no que faria com elas se pudessem andar livremente. Um tom rosado tomava suas bochechas e a parte superior do peito, e de vez em quando seus lábios se abriam em uma expiração trêmula.

Pelo menos eu não era o único prestes a implodir, mas saber que ela estava tão excitada quanto eu não ajudou em nada na minha situação atual. Eu queria agarrá-la, arrastá-la para o meu colo, rasgar aquele vestido frágil com as minhas próprias mãos e foder... *ruína* ela com meu pau.

Pela primeira vez na vida, controlei meus desejos. Eu me sentia perigoso, descontrolado de uma forma que me fazia desconfiar de mim mesmo. A última coisa que eu queria era machucá-la ainda mais do que já havia machucado.

Que porra estava acontecendo comigo agora? Claro, eu gostava de sexo tanto quanto qualquer um, e já tinha assistido a muita pornografia, mas assistir a sexo ao vivo em uma sala cheia de outras pessoas nunca foi algo com que eu tivesse fantasiado.

Um gemido atingiu meus ouvidos e virei a cabeça ainda mais, olhando para a multidão mal iluminada além de Lauren. Foi um erro. Porque os artistas não eram os únicos aproveitando a noite. Avistei uma mulher de joelhos, balançando a cabeça enquanto chupava um homem. Dois caras se masturbavam bem ao lado deles, e atrás

daquele par, uma pequena asiática de cabelo lilás cavalgava um ruivo gigante, no estilo cowgirl invertido, para que ambos pudessem assistir ao show. Girei na cadeira antes que pudéssemos fazer contato visual, mas olhar para frente era tão ruim quanto; o casal no palco tinha ido para a cama.

"Eu preciso disso, Steph", disse o homem, sua voz se transformando em um rosnado.

"Pega, Morgan", ela disse a ele. "Pega essa xoxota."

Ah, merda.

Morgan a virou de bruços e ergueu seus quadris. Ele posicionou o pau contra a entrada dela, agarrou seus quadris e penetrou fundo. Steph soltou um suspiro assustado, rapidamente seguido por um gemido. E então eles estavam se movendo, ele empurrando os quadris para a frente, ela usando as mãos para empurrar para trás. Tão perto, eu podia ver cada veia do pau dele, ouvir suas bolas batendo contra a boceta dela. Eu até senti o cheiro, aquele cheiro almiscarado e indistinguível de sexo.

Isso ia acabar com a pornografia para mim. Afinal, como diabos eu poderia me masturbar com um vídeo depois de ver a coisa real ao vivo e pessoalmente?

“Você me aperta tão bem, Steph”, Morgan gemeu.

“Você me preenche tão bem”, ela disse a ele.

"Quero outro", exigiu ele, passando a mão pelo quadril dela para estimular o clitóris enquanto continuava a fodê-la. "Deixa eu sentir você gozar no pau do seu marido."

Minhas sobrancelhas se ergueram ao ouvir isso. Eles eram casados? Por algum motivo, eu presumi que fossem apenas duas pessoas pagas para transar na frente de uma multidão. Nunca imaginei que um casal em um relacionamento sério quisesse fazer algo assim. Não que eu estivesse julgando; eu simplesmente nunca tinha pensado em nada parecido antes. Todos os relacionamentos da minha vida foram do tipo heteronormativo. A multidão não era exatamente conhecida por sua inclusão e, de certa forma, eu cresci bem protegida por causa disso.

"Eu vou gozar", disse Steph, com as mãos cravadas no edredom e a coluna arqueando enquanto ela balançava para trás.

Morgan acelerou o passo, os gemidos da esposa se tornando mais agudos. Outras vozes chegavam aos meus ouvidos, sussurrando súplicas e devoções enquanto o resto da multidão seguia Morgan e Steph rumo ao abismo. Meu pau estava tão duro que parecia que ia rasgar o tecido da minha calça. Fiquei meio tentado a ajustá-lo, mas me contive com medo de que, no segundo em que o tocasse, acabasse gozando todo em mim.

"Sim, Steph", disse Morgan, batendo nela enquanto gozava. "Boa. Porra. Garota."

Lauren choramingou ao meu lado, e tudo o que consegui fazer foi não me virar e olhar para ela, para não revelar o fato de que eu havia arquivado sua resposta aos

elogios, assim como fiz com todos os outros fatos que coletei nos últimos dez anos.

"Onde você quer isso?" Morgan perguntou.

"Nos meus peitos", respondeu sua esposa.

Ele saiu de dentro dela, e ela se virou para encará-lo, puxando o corpete do vestido até a cintura. Morgan se acariciou uma, duas vezes, e então gozou, esguichando sêmen por todos os lindos seios da esposa. Os sons de outras pessoas gozando com ele preencheram o quarto, e minha excitação aumentou a um nível desconfortável. Eu precisava gozar logo, ou então isso se transformaria no pior caso de bolas azuis que eu já tive na vida.

No palco, Morgan soltou um último gemido e sorriu para a esposa. Ela sorriu de volta, parecendo a mulher mais feliz do planeta, com manchas brancas entre os seios. Tomara que ela tivesse uma muda de roupa nos bastidores. E tomara que houvesse um zelador e tanto para limpar depois disso, porque o que quer que ainda estivesse acontecendo atrás de mim parecia...*bagunçado*.

Alguém soltou um assobio, e então todos estavam aplaudindo e comemorando — todos, menos aqueles que ainda gemiam. Finalmente, como se tivessem acabado de perceber que estávamos ali, Morgan e Steph se viraram para a multidão. Abaixei o olhar, mas bati palmas junto com todos os outros. Vê-los transando era uma coisa. Fazer contato visual logo depois? Isso me fez querer sair da minha pele.

"Obrigado", disse Morgan.

Sua esposa repetiu o que ele disse, e a porta lateral se abriu novamente. Virei a cabeça e vi uma mulher carregando uma pequena pilha de toalhas de mão entrar no quarto. Foi naquele instante de distração que Lauren se levantou do assento e tentou fugir.

Ah, Lo, pensei. Você deveria saber melhor do que isso.

Levantei-me da cadeira e fui atrás dela.

O corredor lá fora estava igualmente mal iluminado, mas seu vestido branco surgiu na escuridão, chamando-me como um farol enquanto eu a perseguia. Ela olhou por cima do ombro e acelerou ao me ver. Eu a persegui, imaginando o que ela estaria pensando. Ela certamente não estava se comportando como uma mulher assustada. Nenhum grito, nenhum pedido de socorro, e eu não havia deixado de notar que, em vez de correr de volta para a segurança do saguão lotado, ela estava se dirigindo para o final do corredor e para uma porta com uma placa de "Saída" iluminada acima.

"Corra, Lauren", eu disse, sem conseguir me conter. "Faça com que seja bom para nós dois."

Ela soltou um grito dividido entre a luxúria e o pânico e começou a correr o máximo que conseguiu com aqueles saltos altíssimos.

Deixei que ela tivesse uma boa vantagem, deixei que ela se aproximasse da porta,

deixei que ela pensasse que tinha uma chance de escapar antes de correr atrás dela.

Ela bateu na maçaneta com as duas palmas, abrindo-a e passando rapidamente. Antes que ela pudesse bater a porta atrás de si, coloquei minha bota dentro da moldura, a ponta de aço protegendo meu pé quando a porta bateu nela.

“Merda”, ela disse, virando-se em direção às escadas.

Eu agarrei o braço dela.

Ela finalmente abriu a boca para gritar.

Apertei a mão sobre ela e a girei, prendendo-a contra a parede, de barriga para baixo, meu corpo pressionado contra o dela para mantê-la ali. A porta se fechou atrás de nós, com um som de caixão batendo. Tão perto, Lauren tinha um cheiro delicioso, de sexo e açúcar, e me inclinei para roçar meu nariz em seu pescoço, onde o cheiro de seu perfume era mais forte.

“Se você quisesse ficar sozinho comigo, tudo o que precisava fazer era pedir”, eu disse a ela.

Ela murmurou algo na minha palma que soou altamente sarcástico.

Sorri e esfreguei minha excitação na parte inferior das costas dela, e ela se contorceu contra ela de um jeito que me disse que meus instintos estavam certos, e que ela estava a fim, pelo menos um pouco. Sem brigas. Sem gritos de socorro. Sem mais tentativas de me banir de volta para o inferno.

Eu queria que ela fosse*mais* Mas não muito. Eu queria uma participante disposta, e era hora de engolir meu orgulho persistente e fazer o que fosse preciso para levá-la até lá.

"Desculpa, Lo", eu disse. "Por tudo."

Minha palma abafou sua resposta.

“Você vai gritar?” perguntei.

Ela balançou a cabeça.

Afastei minha mão, mas mantive o resto do meu corpo firme, não querendo que ela fugisse de novo se de repente ficasse assustada.

"Desculpas não bastam", disse ela, com a voz baixa e raivosa, seu corpo a traindo enquanto ela se aprofundava na minha excitação. "Perdi todos os meus amigos. As pessoas achavam que eu era louca. Tive que mudar de escola, Junior."

Passei um braço em volta do peito dela e a puxei para perto de mim. Porra, ela era gostosa. Quente, acolhedora. Pequena o suficiente para aconchegar a cabeça sob meu queixo. "Eu lembro", eu disse. "Achei que estava fazendo a coisa certa na época."

Ela se contorceu nos meus braços e tentou me empurrar, mas eu só a segurei com mais força. "Você arruinou a minha vida!", as palavras foram pontuadas por um soco no meu peito.

"Eu sei", eu disse quando outro soco passou raspando no meu ombro, desta vez mais fraco que o primeiro, como se ela não estivesse com a alma naquilo. "Eu queria poder voltar atrás, mas não posso. Me diga o que eu posso fazer para te compensar. Bater no Diretor Michaels de novo? Plantar mais drogas na Kelly?"

Ela ficou tão imóvel que parecia que tinha parado de respirar. "O quê?"

Me mexi, esfregando o rosto na têmpora dela. "Vamos lá, Lo. Você nunca se perguntou como a Kelly acabou enfrentando acusações por tráfico de drogas? Ou por que o homem que se recusou a punir o pior dos valentões passou aquele verão no hospital?"

"Achei que fosse um acidente de carro", ela suspirou.

Meus lábios roçaram a concha da orelha dela. "Não foi."

Ela se afastou para me encarar. "Você fez isso?"

Eu já tinha feito muito mais ao longo dos anos, mas o que ela não sabia não a machucaria. "Eu fiz. Era o mínimo que eles mereciam. É só dizer uma palavra, e eu farei pior."

"Não, eu... eu não quero isso", disse ela, soando como se estivesse tentando se convencer. "Não quero que ninguém se machuque por minha causa."

"Tem certeza?" perguntei, sorrindo.

Um tapa no meu ombro. "Sim, psicopata."

Incapaz de me conter, aproximei-me ainda mais dela, empurrando-a contra a parede, sabendo que ela sentia o quanto eu estava duro. "Então me diga o que fazer, Lo. Me diga como posso te fazer sentir melhor. Quer que eu confesse tudo online? Conte ao mundo o quanto eu te queria? Eu faço isso." Outra mentira, mas rezei para que ela não percebesse meu blefe. Papai não podia saber disso. Ainda não. Pelo tom de voz dele na outra noite, ele era tão contra Lauren e eu ficarmos juntos agora quanto era quando éramos crianças.

Ela balançou a cabeça. "Eu também não quero isso. Não me importa o que os outros pensam de mim, principalmente os babacas do bairro antigo."

"Então me diga o que você*fazer* querer."

Ela ficou quieta por um instante, mas depois ficou lenta,*mal* Um sorriso se espalhou por seu rosto e, quando ela finalmente falou, sua voz era firme, inabalável. Determinada. "Quero que você se humilhe."

Eu me afastei dela. Minha reação instintiva foi mandar ela se foder e depois sair da vida dela. Eu, Nico Emanuel Trocci,*rastejar*? Eu era quem fazia as exigências, quem ditava as regras. Com quem diabos ela pensava que estava falando?

Essa é a Lauren, seu babaca, lembrei a mim mesmo.

Mesmo assim, levei muito tempo para me recuperar do abismo. Maldito

temperamento. Maldito orgulho. Eu estava acostumado demais a conseguir o que queria. Acostumado demais a pular fora sempre que algo começava a ficar sério ou as mulheres com quem eu dormia tentavam fazer exigências. Durante toda a minha vida, mantive as coisas superficiais. Por um bom motivo. Eu não tinha mentido para o Alec antes; não queria fazer com ninguém o que meu pai fez com a nossa mãe. Não queria colocá-los em risco por causa dos meus inimigos ou fazê-los temer constantemente pela minha vida.

Mas o plano era fugir do meu pai. De alguma forma. E isso anularia todos os meus motivos para evitar compromisso. Se eu fosse fazer isso com a Lauren,*realmente*Para fazer isso, eu precisava começar a fazer mudanças. Nada dessa besteira de meio dentro, meio fora. Eu precisava estar totalmente comprometido com ela. Seguir o conselho do meu irmão mais novo babaca e estar disposto a fazer o que fosse necessário para voltar às boas graças dela.

Porque Lauren não era qualquer uma. Ela foi a primeira — e provavelmente a única — garota que eu amei. E como eu a tratei? Como se ela não significasse nada para mim, como se ela não fosse ninguém. Claro, eu fiz isso para protegê-la, e nunca me arrependeria disso, mas também nunca me perdoaria por ter sido forçado a machucá-la com isso, e se aquela rainha estava pensando seriamente em me deixar voltar para a vida dela, então rastejar era provavelmente o castigo mais leve que eu merecia.

Respirando fundo, virei-a de costas para a parede e sussurrei em seu ouvido: "Só para você, Lo".

E então eu caí de joelhos.

11

Lauren

EU ENGASGOU QUANDO O ROSTO DE JUNIORpressionado contra a parte inferior das minhas costas. Suas mãos agarraram minhas coxas, os dedos cravando-se nelas. Eu disse a ele para se humilhar, procurando uma saída fácil para aquela situação, esperando que ele fugisse, mas, em vez disso, ele caiu no chão atrás de mim.

Fiquei meio tentado a me virar só para ver uma coisa dessas - duvidei que Júnior tivesse*sempre* Já suplicou por alguém assim antes — mas isso colocaria seu rosto perto demais da minha boceta para o meu estado de espírito atual. Não, era melhor ficar achatado contra a parede de cimento, a superfície fria esfriando minha pele febril, ancorando meu último resquício de sanidade. E tinha que ser minha*durar* rasgar depois do jeito que eu o levei em uma perseguição alegre (mais como excitante) até esta escada dos fundos.

Que diabos eu estava pensando esta noite? Tive sorte que minhas escolhas terminaram com ele de joelhos atrás de mim e não comigo cortada em pedaços em uma lixeira lá atrás. Ok, talvez minhas células cerebrais mais histéricas tenham formado esse último pensamento, mas minha tomada de decisão até então tinha sido...*questionável*Na melhor das hipóteses. Mesmo assim, nem tudo estava perdido. Havia tempo para dar a volta por cima e começar a fazer escolhas inteligentes, e era exatamente isso que eu planejava fazer assim que reunisse força de vontade. E por reunir força de vontade, eu queria dizer amordaçar minha luxúria. Eu estava tão excitada agora que, se me virasse para ir embora, provavelmente acabaria transando com ele.

Seria tão fácil; ele era*ali mesmo*atrás de mim.

"Me desculpe", ele repetiu, parecendo que estava falando sério. "Me desculpe pra caramba, Lauren, e farei de tudo para te compensar. Por favor, me deixe te compensar."

Meu Deus. Por que o som de um homem se humilhando era tão excitante? Não

ajudava o fato de sua voz ter ficado baixa e rouca, o sotaque engrossado, o tom deliciosamente áspero.

Ele esfregou o rosto no meu vestido e passou os dedos pelas minhas coxas. Meus joelhos tremeram. Eu estava excitada demais para aquilo, não confiava em mim mesma para ser a mulher forte e independente que eu sabia que era. Havia um homem lindo no chão atrás de mim, literalmente...*implorando*para me fazer sentir bem, e eu podia sentir o feminismo deixando meu corpo enquanto a vontade de me entregar a ele aumentava.

Eu devia estar perdendo o controle. Ele tinha*apenas*confessou ter arruinado a vida de Kelly e quebrado quase todos os ossos do corpo do nosso diretor, e ainda assim eu estava a uma fração de segundo de esfregar minha bunda nele e dizer que ele poderia me compensar me levando para o chão aqui mesmo, onde qualquer um poderia nos encontrar.

Esse pensamento fez meu coração disparar. Eu gostava quando as pessoas assistiam...

"Por favor", repetiu Júnior, as mãos mudando de direção, subindo. "Por favor, Lo. Eu faço qualquer coisa."

Sua voz era crua,*duro*, como se ele pudesse quebrar se eu dissesse não. Eu não me sentia tão poderosa há anos, como se tivesse o destino dele em minhas mãos e bastasse uma palavra para arruiná-lo ou redimi-lo.

Minha respiração ficou presa quando suas mãos deslizaram por baixo da bainha do meu vestido, acariciando para cima, para cima, até meus quadris.

"Porra", ele resmungou. "Você está nua por baixo deste vestido agora?"

“Sim”, sussurrei para o concreto.

Sua testa bateu na minha lombar e ele soltou um som de dor. "Esse tempo todo você ficou sentada ao meu lado só com esse tecido fino te cobrindo?"

Não respondi. A resposta era óbvia.

"Deixa eu te tocar, Lo", disse ele, deslizando os dedos pela minha cintura. "Por favor, deixa eu te tocar. Prometo que vou te fazer sentir bem."

Parecia que o tempo passava mais devagar enquanto eu entrava em guerra comigo mesma. Esse homem quase arruinou minha vida, provavelmente me perseguiu, definitivamente machucou pessoas em meu nome e fez sabe-se lá o que mais com os outros. Seria tão...*bom* Dizer não. Arruiná-lo como ele havia me arruinado. Mas eu era muito mole para isso, muito justa. Eu não conseguiria magoar o Júnior naquele momento, não depois do jeito que ele se humilhou. Não devia ter sido fácil para um homem como ele, com tanto orgulho e ego. E, no entanto, ele fez.

Para mim.

Porque eu pedi para ele.

Rezando para não cometer um erro enorme, abri as pernas. "Toca em mim."

Ele gemeu e levou as duas mãos direto para a minha boceta. Um conjunto de dedos pousou no meu clitóris enquanto outros dois do outro deslizaram para dentro da minha entrada, e*ah, merda*, quem o havia ensinado a fazer isso? Os toques de busca e experimentação que eu lembrava da minha juventude se foram. Júnior era um homem agora, com desejos e conhecimentos de homem, e eu não sabia se ele estava apenas*que bom*no que ele estava fazendo ou se a natureza tabu desse encontro era o que estava me levando ao limite tão rapidamente.

Ele mudou o ângulo da mão, e uma explosão de prazer inebriante percorreu meu âmago. Oh, meu Deus. Oh, merda. Eu já estava me apertando em volta dele.*Trocci Júnior*ele tinha os dedos enfiados profundamente em mim, e eu estava a cerca de três segundos de gozar em cima deles.

Minhas coxas tremiam. Apertei os olhos enquanto um tremor percorria meu corpo. Os dedos que estimulavam meu clitóris se moviam mais rápido, os que estavam dentro de mim pulsavam mais fundo, e antes que eu percebesse o que estava acontecendo, eu estava ofegante, tremendo, gozando com tanta intensidade que os ruídos que eu emitia eram quase selvagens.

Oh, Deus,*oh Deus¸* foi bom. Melhor do que qualquer coisa na memória recente, e eu viria*bastante* naquele momento. Quase me senti traída pelo meu próprio corpo, que o Júnior foi quem desencadeou uma reação tão forte. Foi inesperado,*muito pesado*, e não ajudou o fato de eu nunca ter gozado tão rápido na minha vida.

Meus joelhos ficaram moles embaixo de mim.

Junior me guiou para seu colo com uma mão, os dedos da outra ainda enterrados na minha boceta. "Quero sentir cada último tremor", disse ele, fazendo*algo* dentro de mim que desencadeou um pequeno tremor de felicidade.

Eu me contorci em cima dele, esfregando-me na palma da mão dele para prolongar o prazer. Puta merda.

"Eu ainda não te perdoo", eu disse, parecendo muito mais ofegante do que pretendia.

Seus lábios pousaram no meu ombro, e o desgraçado teve a indecência de rir. "Então acho que vou ter que continuar me desculpando." Os dedos dentro de mim se curvaram para a frente, e seu polegar foi para o meu clitóris. "Desculpa", ele sussurrou. Sua outra mão subiu para meus seios, abrindo-os para que ele pudesse esfregar os dois mamilos simultaneamente. "Desculpa."

Consegui ficar parada por dois segundos antes de me arquear contra ele, e... uh-oh. Por que eu já estava girando de novo? Normalmente eu precisava de um respiro antes de gozar pela segunda vez, mas se o Júnior continuasse assim, eu ia...

A porta da escada se abriu com um estrondo*estrondo!*Tive tempo suficiente para avistar duas figuras antes que Júnior nos girasse para longe, me puxando para perto e me bloqueando de vista com seu corpo muito maior.

“Ah, uh... desculpe?”

Reconheci a voz de Ryan imediatamente.

"Acho que ela não precisava ser resgatada, afinal", Taylor interrompeu, parecendo presunçoso.

"Você está bem, Lauren?", perguntou Ryan.

“Estou bem”, eu disse a eles.

"E você, cara-que-presumo-que-seja-o-Júnior?", perguntou Taylor. "Você não precisa de resgate, precisa?"

"Estou bem", ele disse.

“Viu?” disse Taylor. “Eles estão*multar*. Só uma boa e velha dedada consensual.”

Ah, pelo amor de Deus.

O hálito do Junior aqueceu meu pescoço. "Quer que eu me livre deles?"

“Eles são meus colegas de quarto”, eu disse.

"Isso não é um não."

Soltei um som baixo e contemplativo. "Talvez só a Taylor."

“Ei!” ela disse, sua indignação ecoando pela escada.

Júnior bufou. Não era uma risada, mas era quase isso.

"Sylvia convocou uma reunião", disse Ryan. "Viemos te procurar."

“Chego em breve”, eu disse a eles.

"Tudo bem", disseram eles. "Mas não demore muito. Ela parecia estressada."

"É", Taylor interrompeu. "Tão estressado quanto você parecia antes de cair nas garras de um estranho perigoso."

“Ryan”, eu gemi.

“Eu a peguei”, eles disseram.

Ouviu-se o som de uma breve briga.

"Ai."

"Porra."

"Droga."

“Juro por Cristo, Taylor.”

O rangido das dobradiças anunciou a abertura da porta.

"Eu disse que ela sabia cuidar de si mesma", disse Taylor, com a voz sumindo.

“Não é*dela* "Eu estava preocupado", argumentou Ryan antes que a porta se fechasse atrás deles, abafando a réplica de Taylor.

Meus ombros tremiam enquanto eu ria. Que eles arruinassem um momento e, de

alguma forma, o tornassem ainda melhor.

"Seus colegas de quarto, hein?", disse Junior enquanto nos desvencilhamos um do outro e nos levantamos.

"É", eu disse. "As melhores amigas e protetoras que uma garota poderia desejar."

Virei-me para ele para dizer mais alguma coisa, avisá-lo para não me irritar, senão teria que responder a eles, mas a máscara dele estava empurrada para o alto da cabeça, permitindo-me uma visão desobstruída do seu rosto. As palavras morreram na minha língua. Maldito seja ele por ser tão bonito. Isso me amoleceu para ele, mesmo quando eu tentava resistir, me fez pensar em assassinos em série como Bundy e o Assassino do Boneco Ken, homens que escaparam impunes de seus crimes por tanto tempo porque "ninguém tão bonito conseguiria fazer coisas tão terríveis". Não que Junior fosse tão ruim quanto eles. Ou pelo menos eu esperava que não fosse.

Seus olhos se fixaram nos meus enquanto ele levantava os dedos que tinham acabado de entrar em mim e os enfiava na boca. Estremeci ao ver a expressão de fome que tomou conta de seu rosto enquanto ele os lambia até limpá-los. Ele confessara abertamente ter incriminado uma jovem e atacado um homem. Eu deveria estar irritada, apavorada, mas tudo em que eu conseguia pensar era em colocar aqueles dedos de volta dentro do meu corpo o mais rápido possível.

"Aqui", disse ele, desabotoando a camisa. "A frente do seu vestido ficou suja na parede."

Olhei para baixo e vi manchas escuras no tecido sobre meus seios. "Esta noite não será a primeira vez que sairei da Velvet um pouco pior."

A expressão de Junior se obscureceu. "Quero os nomes e endereços deles."

“Ha ha”, eu disse.

Seu rosto permaneceu frio como pedra, e seu senso de humor estúpido e seco tornou impossível dizer se ele estava brincando ou se era realmente o psicopata que eu o acusava de ser.

Abri a boca para pedir que ele relaxasse, mas é claro que foi aí que ele decidiu tirar a camisa. Em vez de um comentário sarcástico, minha boca imediatamente ficou mais seca que o Atacama, e tudo o que saiu dela foi um chiado desidratado. Por baixo da camisa social, Junior usava uma blusa justa e...*porra*, ele ficava bem nele. O tecido branco destacava as tatuagens escuras que cobriam seus braços, e a forma como estava esticado sobre seu peito largo me fez pensar em quanta tinta estava escondida...

"Você é *sangramento*?” perguntei, olhando fixamente para a mancha vermelha em seu lado.

“Não é nada”, disse ele.

Eu duvidava muito disso, mas segurei minha resposta porque não queria parecer

que me importava pressionando o assunto, nem queria realmente saber o que tinha acontecido com ele, pois temia que isso pudesse me implicar depois em um de seus crimes.

Ele levantou a mão, oferecendo a camisa para mim. Uma parte de mim queria dizer não, para colocar de volta o espaço tão necessário entre nós. Outra parte queria me envolver no cheiro dele e viver minhas fantasias de colégio com o Junior me reivindicando publicamente com roupas como um quarterback entregando sua jaqueta do time de basquete. Outra parte, ainda maior, estava congelando de frio, então peguei a maldita camisa e tentei me convencer de que estava apenas sendo prática.

“Obrigada”, eu disse, enfiando os braços nas mangas.

Ele a colocou em volta dos meus ombros, e sim, isso foi um erro. Porque estava quente com o calor do seu corpo e tinha um cheiro divino, como sua colônia pecaminosa e um toque de almíscar masculino que eu sempre achei estranhamente atraente.

Levantei a gola até o nariz e respirei fundo. "É enxofre o que estou vendo?"

Em vez de parecer divertido ou me responder com um olhar de deboche, Júnior enganchou um dedo sob meu queixo e inclinou meu rosto para cima. Nossos olhares se encontraram e se mantiveram enquanto um longo e silencioso momento se passou entre nós. Eu podia ver os pensamentos girando em seus olhos, mas quando ele falou, foi apenas para dizer: "Aproveite o resto da sua noite, Lo".

"O que você quer dizer com 'ele está aumentando o aluguel de novo'?", perguntou Taylor.

Ela, Ryan e eu estávamos juntos, entre outras seis pessoas, no escritório de Sylvia, no terceiro andar. Arandelas antigas iluminavam o ambiente, lançando uma luz acolhedora sobre o espaço. Um tapete felpudo estava estendido sob nossos pés e, embora os sofás e cadeiras de veludo que o pontilhavam fossem macios e convidativos, nenhum de nós estava sentado.

"Exatamente o que eu disse", respondeu Sylvia, o tecido preto do seu vestido justo esticando enquanto ela andava de um lado para o outro da mesa. "O desgraçado sabe que não temos para onde ir e está tentando nos extorquir tudo o que temos."

Atrás dela, as cortinas estavam abertas, revelando as luzes da cidade. O brilho delas a iluminava por trás, lançando à sua pele morena tons de azul neon e branco fluorescente. Eu sabia que ela estava realmente estressada, porque ela levantou a mão e a esfregou no cabelo raspado, um hábito que adquirira ao cortar os cachos pela primeira vez e que ainda tentava largar.

“Quanto ele quer desta vez?”, perguntou outra pessoa.

Sylvia parou de andar de um lado para o outro e se virou para nós, apoiando os nós dos dedos na mesa. "Ele quer cinquenta dólares por metro quadrado por ano."

Fiz algumas contas rápidas de cabeça.

"Não podemos nos dar ao luxo disso", disse Ryan. "Podemos?"

Sylvia balançou a cabeça.

“Posso cobrir pelo menos o primeiro mês”, eu disse.

“Eu cobrirei o próximo”, acrescentou Taylor.

"Não", disse Sylvia. "Agradeço a oferta, mas se cedermos com muita facilidade, ele vai tentar nos extorquir ainda mais. Acho mais inteligente dar a impressão de que estamos em apuros. Além disso, se acabarmos ficando, precisamos encontrar um jeito de tornar o aluguel sustentável a longo prazo."

Passamos os quinze minutos seguintes pensando em maneiras de conseguir o dinheiro extra, não apenas para pagar o aluguel dos próximos meses, mas também para termos alguma economia caso pudéssemos nos mudar e precisássemos de reformas sérias. A expansão da propriedade foi mencionada, assim como a criação de um Kickstarter, a limitação do número de andares que alugávamos e a ameaça de morte e desmembramento do nosso senhorio (sugestão de Taylor, embora eu estivesse tentado a apoiá-la).

O problema era que tínhamos opções limitadas. A cidade ainda tinha um punhado de leis antidesportivas em vigor, destinadas a reger o comportamento moral dos seus cidadãos. Por causa delas, só podíamos operar como um clube privado, exclusivo para membros. Nunca podíamos possuir propriedades e, em vez disso, éramos forçados a alugar prédios como o que atualmente abrigava o Velvet. Dessa forma, não estávamos facilitando o sexo e, portanto, não podíamos ser acusados de prostituição; estávamos apenas facilitando o espaço para que o sexo pudesse ou não acontecer. Não podíamos nem vender bebidas alcoólicas. Em vez disso, tínhamos bartenders disponíveis para preparar e servir as bebidas que nossos clientes trouxessem.

Nosso senhorio babaca, um homem velho e suspeito chamado Patrick McKinney, sabia de tudo isso e usou isso contra nós. Era o terceiro aumento de aluguel que enfrentávamos em menos de um ano, e era tão alto que fiquei preocupada que Sylvia estivesse certa e que só iria piorar. Cinquenta dólares por metro quadrado era um preço astronômico. Era o mesmo que os grandes prédios cobravam no centro da cidade, e caro demais para um espaço daquele tamanho, especialmente considerando sua localização.

Seria essa a maneira da McKinney nos expulsar? Não fazia sentido do ponto de vista comercial. Éramos os únicos dispostos a pagar a*atual* O aluguel daquele lugar, sem

falar no valor que ele estava ameaçando aumentar. Não era exatamente uma parte agradável da cidade, e o interior só parecia tão bom por causa das nossas reformas. Depois que saíssemos, o prédio provavelmente ficaria vazio por sabe-se lá quanto tempo, até que McKinney finalmente caísse em si e reduzisse o aluguel para um preço razoável.

Ou será que ele era um canalha tão ganancioso que não percebeu que finalmente nos havia pressionado o suficiente para que estivéssemos prontos para procurar em outro lugar? Eu só o encontrei uma vez, mas isso foi o suficiente para ter uma boa ideia do homem: viscoso, misógino, intolerante e mesquinho. Esse tipo de pessoa não costuma olhar para o todo. Eles simplesmente pegavam e pegavam até não sobrar nada ou até que as pessoas que você atacava finalmente se cansassem e surtassem (eu realmente deveria ter concordado com a sugestão de Taylor).

Encerramos a reunião com um plano de ação para o futuro, cada um assumindo suas próprias tarefas. Ryan, Taylor e eu nos voluntariamos para explorar outros locais, pesquisar os padrões de aluguel atuais para espaços grandes e ver se havia outros proprietários mais progressistas na cidade dispostos a dar uma olhada em nossos livros contábeis e perceber que havia dinheiro para ganhar com clubes de jogos como o nosso.

Eu não pararia por nada até encontrar um novo lar para Velvet. Eu amava este lugar de todo o coração, e não apenas porque tinha um interesse nele. Velvet era o*apenas*um clube de jogos na cidade, um lugar para as pessoas explorarem suas taras com segurança, assumirem sua sexualidade e descobrirem seu verdadeiro eu. E isso significou quase tanto para mim quanto meu trabalho de advocacy.

Eu faria qualquer coisa para salvá-lo, e ninguém — nem mesmo o velho e nojento Patrick McKinney — iria tirá-lo de nós.

12

Lauren

"Ele também *na verdade* rastejar?" perguntou Taylor.

Assenti. "Ficou de joelhos e tudo."

Ela agarrou meu braço e estremeceu dramaticamente, por todo o corpo.

"Você acabou de chegar?" perguntei.

"Acho que sim."

Do outro lado, Ryan revirou os olhos e apertou a coleira de Walter com mais força. Havia um pombo na calçada à frente, e Walter havia provado que não era confiável perto deles. Era um dia absolutamente lindo de verão. O céu azul-centáurea estava pontilhado de nuvens fofas, soprava uma brisa leve e era como se todos na cidade estivessem aproveitando o clima, vestidos com o mínimo de roupa humanamente possível.

Vários dias se passaram desde o meu encontro com o Junior no Velvet, e durante esse tempo, meus colegas de quarto e eu éramos como navios navegando na noite, cada um ocupado com sua própria agenda, especialmente com o estresse adicional de tentar agendar tantos passeios para aquela tarde. Até então, tínhamos visto um com localização central que precisava de mais reformas do que podíamos pagar, e outro mais perto do nosso bairro, com ótimas conexões de transporte, que era incrivelmente bem equipado, mas muito caro. Agora, estávamos fazendo uma pausa no meio da tarde para tomar um café e colocar o papo em dia.

"Você o fez implorar com tanta força?", perguntou Taylor.

"É bem difícil", eu disse, "e odeio admitir, mas o cara é muito humilde."

Ryan balançou a cabeça. "São sempre as pessoas mais assustadoras que têm a mania secreta de mendigar."

Os olhos de Taylor encontraram os meus. "Vou precisar de toda a sequência de eventos que levaram você a ser fodida com a mão na escada."

Um colega de academia que passava ouviu e quase tropeçou nos próprios pés.

Taylor nunca tinha aprendido a moderar o volume em público, e essa era uma das minhas coisas favoritas nela.

"Começou antes do show", eu disse. "O Junior tirou o cara ao meu lado da cadeira e depois me pediu desculpas pela igreja e pelo que aconteceu no colégio."

"Como ele sabia onde te encontrar?", perguntou Ryan.

Guardei para mim a minha persistente suspeita sobre invocação demoníaca e, em vez disso, dei-lhes uma resposta muito mais racional: "Acho que ele deve ter me seguido até em casa depois da missa."

Taylor se animou com isso. "E onde achamos que isso se encaixa na escala de assustador versus sensual?"

"Assustador", respondeu Ryan.

Ela assentiu. "Legal, é, eu ia mesmo dizer isso."

"Mentiroso", disse Ryan.

Taylor riu. "Ok, tudo bem, mas é um*pequeno* "quente que ele passou por todo esse trabalho só para se desculpar."

Era, mas... "Não sei se eu daria tanto crédito a ele", eu disse. "Parecia mais calculado do que isso. Continuo pensando no Júnior como o garoto com quem cresci, e preciso parar. Ele pode ser muito mais perigoso agora."

Ryan assentiu. "Principalmente se ele passou a última década na máfia. Quem sabe que tipo de merda ele é capaz de fazer."

Eles tinham razão. "Exatamente."

A expressão de Taylor tornou-se contemplativa. "Você se sentiu insegura com ele em algum momento?"

Relembrei aquela noite. Fiquei surpresa e preocupada quando ele apareceu, e até com um pouco de medo, mas o medo era mais de que o Junior me envergonhasse do que de me machucar. E depois do show, quando ele me mandou correr pelo corredor, tudo o que senti foi excitação. Era como se eu estivesse de volta ao ensino médio, correndo por um corredor para chegar ao nosso último ponto de encontro antes que fôssemos pegos.

"Não", admiti. "Nunca me senti em perigo."

"Mas e se seus instintos estiverem errados?", Ryan insistiu.

"Vou tomar cuidado", eu disse. "Podemos continuar com o sistema de duplas, e se ele aparecer em Velvet de novo, eu posso, sei lá, dar um jeito de evitá-lo."

"É mesmo isso que você quer fazer?", perguntou Taylor. "Depois que ele, você sabe..." Ela formou um círculo com a mão esquerda e então começou a enfiar três dedos da mão direita para dentro e para fora, enquanto fazia barulhos de sucção com a boca.

Dei um tapa nas mãos dela no ar. Havia crianças por perto. "Sim, tenho certeza. Eu estava com tesão, e ele estava lá. Não precisa ser nada mais do que isso."

Ryan estreitou os olhos para mim, enxergando através das minhas besteiras como sempre. "Sim, mas*é isso*mais do que isso?"

Chegamos à cafeteria e usei a desculpa de segurar a porta aberta para que eles atrasassem a resposta. Claro, o Junior me excitava, e era divertido conversar com ele, mas eu não estava procurando nada além de um encontro casual naquele momento, e nada em nossa história em comum era casual. Nada na maneira como ele...*me implorou*perdoá-lo foi casual.

"Não é nada mais do que isso", eu disse a Ryan quando entramos na fila. E eu estava falando sério. Junior tinha sido minha primeira e pior decepção amorosa; eu não ia dar a ele a chance de fazer isso de novo.

Taylor revirou os olhos. "Tudo bem, então pelo menos nos conte todos os detalhes interessantes sobre o que aconteceu entre vocês dois."

"Quando nos sentarmos", prometi. Havia muitos ouvidos perto de nós para entrar em detalhes na fila.

Quando nos sentamos em uma das mesas do café do lado de fora, contei aos meus colegas de quarto o resto do que aconteceu, sem poupar detalhes, porque Taylor me ameaçou de agressão física se eu contasse.

"E você vai mesmo evitá-lo depois que ele te fez gozar com tanta força?", Taylor perguntou quando terminei.

Olhei para ela por cima da borda do meu café com leite. "Você já esqueceu da perseguição?"

"Pssh", disse ela. "Quem entre nós nunca perseguiu alguém?"

"Eu não", eu disse a ela.

Ryan tossiu, e eu virei o olhar para eles. Eles ergueram uma sobrancelha para mim. "Você está se esquecendo daquela vez em que me ajudou a seguir minha paixonite do último ano para casa depois da escola para vermos como a casa dos pais dela era perto da minha?"

Fiz uma careta. "Não foi o nosso melhor momento."

Taylor se inclinou para a frente na cadeira. "Ou quando Jackson e eu nos tornamos exclusivos, e você criou aquela conta falsa no Instagram e entrou nas mensagens diretas dele para testar a lealdade dele?"

Apontei para Ryan. "Foi ideia tanto deles quanto minha!"

Ryan ficou vermelho como uma beterraba e se virou para Taylor. "Só porque o Brett te machucou feio, e a gente queria ter certeza de que o Jackson não era mais um babaca!"

"Além disso", eu disse. "Tecnicamente, isso foi catfishing e não perseguição."

Taylor sorriu. "E isso de alguma forma torna tudo melhor?"

Bem, a conversa estava indo para o lado errado. Hora de voltar aos trilhos. "Independentemente de tolerarmos ou não perseguição, não, não pretendo vê-lo novamente." Minha mente voltou para a outra noite e para o que poderia acabar sendo nosso último encontro. "Para dar crédito a ele, o pedido de desculpas pareceu sincero."

"Achei que você tivesse dito que não precisava que ele se desculpasse?", disse Taylor.

Dei um sorriso irônico. "Não. Só queria vê-lo implorar um pouquinho."

Ryan balançou a cabeça. "Sua vadiazinha diabólica."

Assenti, sem demonstrar arrependimento, e tomei um gole do meu café com leite.

Eles ficaram sérios. "Acho que você tem razão sobre precisar ter cuidado perto dele, no entanto. Tirando a perseguição, aquela confissão sobre incriminar seu velho amigo e atacar o diretor é de outro nível."

"Eu sei", eu disse. "Ele não pareceu nem um pouco arrependido de nenhuma das duas coisas."

Taylor deu de ombros. "Acho romântico."

Ryan soltou um suspiro exasperado. "Claro que sim."

"Não, pense nisso", disse Taylor, e pela primeira vez, ela pareceu séria. "Isso tem amantes desafortunados estampados em toda parte. Ao mentir sobre ter ficado com Lauren, ele achou que a estava salvando, e depois puniu as outras pessoas que a prejudicaram. Justiça de guerrilha."

"Mas isso é muito foda", argumentou Ryan.

"Eu não disse que não era. Mas duas coisas podem ser verdade ao mesmo tempo. Pode ser uma coisa fodida e profundamente romântica." Taylor se virou para mim com corações nos olhos. "Como se ele estivesse tentando proteger sua bela donzela de longe."

Olhei para trás, procurando a donzela a quem ela se referia. "Ah, você estava falando de mim?"

"Sim, você", disse Taylor, inclinando-se para agarrar meus braços. Seu cabelo pastel balançou no espaço entre nós, seus olhos escuros arregalados enquanto ela começava a me sacudir. "Por que você não deixa ele te amar?!"

As pessoas ao redor se viraram para olhar.

"Quer parar com isso, sua louca?", eu disse, me soltando do aperto dela. "Eu só..." Deus, como explicar tudo o que eu estava sentindo? "Não posso deixá-lo voltar, porque sei que ele só vai me machucar de novo, mas não vou negar que a atração ainda existe." Eufemismo. A atração havia crescido de uma faísca para um inferno

ardente. Eu praticamente podia...*ver* as chamas se aproximando enquanto eu estava sentado e bebia meu café com leite, um pequeno balão de texto flutuando acima da minha cabeça declarando que estava tudo bem, que estava tudo bem.

"Então não o deixe entrar", disse Taylor. "Qual o problema em manter a informalidade?"

Soltei um suspiro. "Além de todos os sinais de alerta?"

Ela assentiu.

"Talvez eu não queira ser sugada de volta para o passado", eu disse. "Eu já sabia que o Júnior estava passando por uma merda na época, e entendo o raciocínio dele, mesmo que eu não concorde totalmente com isso ou entenda por que ele estava tão preocupado. E embora eu acredite que ele esteja arrependido, estar perto dele me lembra não só do que aconteceu, mas do que aconteceu depois. Foi um período muito sombrio na minha vida. Eu me senti tão perdida, tão decepcionada não só pelas crianças da minha idade, mas também pelos adultos que deveriam me proteger. E...*vergonha*. . ."

A vergonha de todos pensarem que eu era louco, de eles desmembrarem minha fanfic depois que Kelly contou meu pseudônimo, de eles demonizarem minhas fantasias, me fazendo sentir como se eu fosse mau ou quebrado ou*perturbado*só por tê-los.

Balancei a cabeça, precisando de um minuto. Walter, percebendo minha angústia, levantou-se de onde estava, esparramado aos pés de Ryan, e pousou a cabeça no meu colo. Ele era mesmo o melhor menino. Abaixei-me e acariciei entre suas orelhas, arrepiando os pelos da nuca e coçando sob a gola, exatamente onde ele gostava. Seus olhos se estreitaram de euforia, o rabo batendo no chão.

Taylor puxou a cadeira para mais perto e passou o braço em volta do meu ombro. "Não precisa dizer mais nada. Eu entendo."

Sorri para ela, agradecida. Taylor entendia a cultura da vergonha melhor do que a maioria. Assim como eu, ela fora criada com uma educação cristã rigorosa, só que, em vez de católica, era mórmon. E adotada. Seus pais brancos não conseguiam conceber e queriam desesperadamente ter filhos, então voaram para o Vietnã e acolheram Taylor e sua irmã mais velha, Tasha, em suas vidas. Tasha era a criança de ouro, a perfeita aluna nota 10 que se tornava uma esposa tradicional com um monte de filhos. Taylor era a "criança problema", embora esse fosse um termo relativo. Para todos os efeitos, ela era uma criança normal, mas para seus pais super rigorosos e sua fé quase sectária? Ela não tinha salvação.

Nós dois passamos muitas horas com nossos terapeutas tentando nos curar das nossas experiências e, embora nunca, jamais, tenhamos deixado ninguém nos fazer

sentir mal conosco mesmos, as velhas cicatrizes ainda estavam lá. Quem poderia me culpar por não querer reabrir as minhas?

À minha frente, Ryan brincava com a xícara de café vazia. "Então, o que você vai fazer se o Junior aparecer em algum lugar enquanto você estiver lá?"

"Esconda-se", declarei. "Não posso confiar nos meus hormônios perto dele."

“Aquela cara dele é um problema”, disse Taylor.

Alívio me inundou, sabendo que eu não era o único afetado. "Certo?"

"Ele *é*“bonito”, Ryan concordou, parecendo que eles não queriam.

Assenti. "Ele também é engraçado. Seco, sarcástico, mas funciona."

Taylor se aproximou. "E o jeito como ele te protegeu com o corpo quando arrombamos aquela porta?" Ela me encarou. "Estou te dizendo, garota. O cara tem uma tara de cavaleiro branco."

Ryan inclinou a cabeça para o lado. "Isso é uma tara?"

Encontrei o olhar deles. "Literalmente, tudo é uma torção se você pensar bastante."

Eles pareceram incrédulos. "É verdade?"

“Com certeza”, eu disse.

Os olhos deles se estreitaram.

"Que tal mudar de assunto?", perguntei para aliviar a pressão. "Obviamente, preciso de mais tempo para processar tudo o que aconteceu."

Taylor girou o resto do café. "Bem, recebi um pedido de PPV meio estranho de um inscrito e queria saber a opinião de vocês."

"Estranho como?", perguntou Ryan, e fiquei grata por ambos terem deixado a conversa sobre o Junior fluir tão facilmente. Eles realmente eram os melhores amigos que uma garota poderia desejar.

“É estranho, eles querem um vídeo meu nu, coberto de azeite e ervas, com vegetais espalhados ao meu redor”, disse Taylor. “Eles até pediram que eu colocasse uma maçã na boca e me regasse.”

Ryan ergueu as sobrancelhas. "Baste, tipo..."*alinhavar*?"

Taylor balançou a cabeça. "Não, não enfiar uma seringa na minha vagina. Eles querem que eu me encha como um peru."

“Oh, não”, eu disse, agarrando seu ombro.

“Então é isso*é*"Um pedido estranho?", ela perguntou. "É algum fetiche por comida ou algo assim?"

Ryan estendeu a mão para segurar o outro lado dela. "Não, querida. Não é um fetiche por comida."

Taylor olhou entre nós, claramente confuso.

Baixei a voz. "O cara quer te comer. E não de um jeito picante."

Sua expressão era de choque. "Não."

Ryan assentiu. "É um fetiche canibal."

Taylor parecia que ia vomitar.*Não.*"

“É a sua primeira vez?” perguntei.

"O QUE VOCÊ QUER DIZER COM ESTE É MEU PRIMEIRO CANIBAL?" ela gritou.

Walter deu um pulo e começou a latir sem parar. Ryan se esforçou para acalmá-lo. Decidindo que era hora de ir, coloquei Taylor de pé e, Ryan e eu, a fizemos se mexer, fugindo da cena do crime. Com certeza seríamos banidos daquele café se ficássemos por mais tempo.

"Ele é realmente um canibal?", perguntou Taylor em tom trêmulo.

"Pode ser", Ryan disse a ela. "Ou ele pode simplesmente fetichizar isso. De qualquer forma, é totalmente contra os termos de serviço do Me4U."

"O que eu faço? Denunciá-lo?"

"Bloqueie-o imediatamente", eu disse, porque, infelizmente, eu já tinha passado por isso antes. "E aí, sim, denuncie-o. Você vai precisar tirar um monte de prints para enviar para o administrador do Me4U, mas, pela minha experiência, eles são bem rápidos para banir canibais. Posso te ajudar quando chegarmos em casa."

Às vezes, eu me esquecia de que Taylor ainda era relativamente nova no trabalho sexual. Eu me sentia péssima por não avisá-la que essa era uma possibilidade, mas, honestamente, eu achava que ela já sabia sobre o lado mais obscuro do que fazíamos. Hoje à noite, eu me sentaria e conversaria com ela sobre outras coisas menos conhecidas que eu deveria observar.

O telefone de Ryan tocou, e eles o tiraram da bolsa para verificar. "Ah, opa", disseram. "Estamos atrasados para o nosso próximo compromisso."

Aceleramos o passo e corremos para a nossa terceira exibição do dia, deixando toda a conversa sobre perseguidores e canibais de lado até que estivéssemos de volta à segurança de nossa própria casa.

13

Júnior

Eu me pergunto o que Lauren está fazendo agora, pensei.

Fazia muito tempo que eu não a via, muito tempo que não via dois estranhos transando bem na minha frente, muito tempo que não sentia sua boceta se contraindo em volta dos meus dedos enquanto ela gozava, e eu estava faminto por mais. Eu estava ocupado pra caramba desde então, atolado em farejar um rato na nossa organização, mas pensamentos sobre Lauren e a sala de voyeur de Velvet continuavam me distraindo, e eu sabia que não conseguiria pensar direito até tê-la em meus braços novamente.

Na minha frente, alguém peidou.

Puxei a camisa por cima do nariz e dei um chute no italiano de meia-idade que tinha feito aquilo. Todos ao nosso redor concordaram com seus próprios chutes, socos e "foda-se". A etiqueta básica da van dizia claramente que não valia a pena rasgar a traseira, porque não era como se pudéssemos ventilar aquele espaço. Era madrugada, e seria suspeito pra caramba se a porta traseira de uma van sem placa estacionada na beira da estrada se abrisse de repente e um bando de homens com a cara verde saísse de lá.

"Meu Deus, Vinny", gemeu o cara sentado ao lado dele. "Você comeu glúten de novo?"

Vinny deu de ombros, como se pedisse desculpas. "Fomos jantar na casa da minha mãe. O que eu ia fazer? Dizer a ela que não podia comer a comida dela?"

A van estava dividida. Por um lado, todos nós sofríamos as consequências das ações de Vinny. Por outro, não comer a comida que uma italiana colocava na sua frente era um insulto flagrante.

Demorou cinco minutos para o cheiro sumir — ou para a gente se acostumar (estremecimento) — e, nesse ponto, já estávamos todos acomodados. Eu odiava ficar de tocaia. Principalmente se eu passasse o tempo todo preso no fundo com os

capangas. Era chato pra caramba, fedorento e quente, principalmente no verão. Quando eu saía, já estava pronto para me esfregar no chuveiro.

Mas esse era o trabalho. Eu não podia confiar que esses idiotas fariam as coisas sozinhos, e mesmo que a maioria deles fosse mais velha do que eu, eu ainda tinha que tomar conta deles. Isso me fez entender meu pai um pouco melhor, especialmente o motivo dele confiar em tão poucas pessoas para cumprir suas ordens.

Um ombro bateu no meu, e Alec, preso naquele inferno comigo, se inclinou. "Você está quieto esta noite."

"Estou com merda na cabeça."

"Seu-"

Dei uma cotovelada nele para impedi-lo de falar o nome dela na frente de todo mundo. As pessoas adoravam dizer que as mulheres eram as piores fofoqueiras, mas elas não chegavam aos pés dos homens italianos de meia-idade, que transformaram a conversa fiada em uma arte refinada.

"Parentesco de garotas?", corrigiu Alec, esfregando as costelas.

“Não”, menti.

“Você a viu de novo?”

"Não."

"E como foi?", ele insistiu. Porra, ele não conseguia entender a indireta.

"Não aconteceu."

"Oooh", disse Vinny, do outro lado da rua. "O Junior está encrencado com a velha?"

"O quê?", perguntou alguém do outro lado da sala. "O Júnior arranjou uma nova mulher?"

A van inteira se virou na minha direção, e de repente me vi no centro da atenção indesejada deles. Malditos intrometidos.

Alec e eu falamos ao mesmo tempo.

"Não."

"Sim."

Lancei um olhar de advertência ao meu irmão traidor.

“Ainda é novidade”, disse ele.

Eu ia chutar a bunda dele assim que tivesse espaço suficiente para atacá-lo.

“E não está indo bem?” alguém perguntou.

"Eu disse que não ia rolar de jeito nenhum", respondi rispidamente. "Não tem nada para conversar, então podem ficar todos quietos agora."

Vinny fungou. "Você deve ter se atrapalhado muito."

Jesus Cristo, porra.

Ao lado dele, Jimmy sentou-se mais à frente. "Concordo."

Acenos por todos os lados.

“Não vou discutir isso com vocês, seus idiotas”, eu disse.

Vinny e Jimmy trocaram olhares ofendidos. "Por que não? Entre nós dois, estamos casados há o dobro do tempo que você nasceu."

“Para seis mulheres diferentes”, indiquei.

“Sim”, disse Alec. “Mas isso significa que eles sabem o que*não* pendência."

Os dois homens assentiram sabiamente.

“Não vamos ter essa discussão”, eu disse.

"Você planeja se desculpar, certo?", perguntou Jimmy, me ignorando.

“É importante fazer isso, mesmo que você não ache que fez nada errado”, acrescentou Vinny.

"Que se danem as desculpas", disse Enzo, um dos grandões perto da porta. "Alfas nunca pedem desculpas."

Olhei para ele. "Alfa, hein? Isso é uma coisa peluda?"

Alec engasgou.

Ninguém mais pareceu entender a piada, e eu suspirei, lamentando o fato de que a maioria das pessoas com quem eu andava eram velhas demais para entender meu humor.

“Você poderia comprar flores para ela”, disse Jimmy.

“Ou chocolates”, alguém acrescentou.

Como eu perdi o controle dessa situação tão rápido?

“Pessoalmente, sou fã do grande gesto”, acrescentou outro homem.

Vinny pareceu impressionado. "Boa ideia. Leve-a para o lugar favorito dela e faça o pedido."

"Propor casamento?", perguntei. "Você está louco?"

"O quê? Propostas já me tiraram de todo tipo de encrenca."

"É", Jimmy interrompeu. "Eles são como um passe universal para sair da prisão."

Alec começou a tremer com uma risada silenciosa. Chutar a bunda dele não era o suficiente. Eu ia levá-lo para a floresta e enterrá-lo vivo no nosso cemitério de esquisitices por isso.

De repente, o walkie-talkie na minha mão ganhou vida. Uma coisa que eu poderia dizer sobre esses idiotas: eles sabiam quando era*realmente* hora de calar a boca.

A voz do meu irmão Stefan surgiu na linha. "O carro dele está chegando aqui perto."

“Prepare-se”, eu disse.

Ao meu redor, todos começaram a vestir balaclavas e a verificar suas armas.

"Vocês sabem como é", eu disse a eles. "A gente pega ele antes que ele chegue à porta. E é melhor vocês não atirarem nele, a menos que seja para salvar a própria pele.

Lorenzo o quer vivo."

O walkie-talkie estalou novamente. "Ele está virando a esquina."

Enzo agarrou as maçanetas das portas, pronto para abri-las.

Apertei o botão de falar. "Avise-nos quando."

Todos nos movemos para a frente nos bancos, prontos e esperando. A expectativa percorreu meu corpo. Nosso alvo não sabia que tinha sido descoberto, mas pegá-lo de surpresa daquele jeito não era isento de riscos. A maioria dos homens em nossa linha de trabalho carregava pelo menos uma arma o tempo todo. E ratos tendiam a ser mais paranoicos do que a maioria — provavelmente enfrentaríamos alguma resistência. Stefan estava em posição havia horas, patrulhando a casa do rato. Ninguém mais havia entrado ou saído naquele tempo, mas isso não significava que o homem não tivesse aliados escondidos lá dentro, prontos para defendê-lo.

Estava tão silencioso dentro da van que era possível ouvir um alfinete cair.

“Vá”, disse Stefan.

Enzo abriu as portas e nós avançamos noite adentro.

Horas depois, Alec e eu estávamos de volta à casa dos nossos pais. Stefan tinha chegado bem antes de nós, e sua parte da operação havia terminado quando a nossa começou. Greg estava sabe-se lá onde. Ultimamente, ele passava mais tempo perto de cadáveres do que de vivos, e meu pai o fazia fazer todo tipo de coisa estranha com eles que eu não queria saber.

Eu tinha tomado banho, me trocado e estava descendo para o incinerador do porão com minhas roupas manchadas de sangue de mais cedo quando meu pai me parou no pé da escada. Seu apelido de infância era "Croner" porque ele tinha uma semelhança impressionante com Sinatra, exceto pelos olhos azuis-bebê. Seus olhos eram frios, escuros e hostis, e eu podia perceber pela expressão em seu rosto que ele queria me dar uma bronca por ter ficado longe por tanto tempo. Meus ombros enrijeceram enquanto eu me preparava para uma discussão.

“Como foi?” ele perguntou.

"Cakewalk", eu disse a ele. "Ele nem deu um tiro. Entramos e saímos de lá em menos de dez minutos."

O olhar do meu pai caiu sobre minhas roupas ensanguentadas, em questionamento.

“Eu disse que ele não atirou, não que ele não lutou.”

Papai zombou. "E você não conseguiu controlá-lo sem acabar coberto de evidências?" Ele balançou a cabeça. "Bem quando eu acho que você está pronto para as grandes ligas, você prova que ainda é um amador."

Uma resposta sarcástica estava na ponta da minha língua, mas, heroicamente,

contive-a, sabendo que só pioraria a situação. Em vez disso, fiquei ali em silêncio, furiosa, porque não confiava em mim mesma para falar. Não importava o que eu fizesse, nunca seria bom o suficiente para ele. Sempre haveria uma crítica ou um insulto.

"Vou dormir", disse ele. "É melhor você estar aqui para o café da manhã amanhã. Sua mãe tem rabanada pronta na geladeira."

Virei-me e fui queimar minhas roupas, encarando as chamas enquanto ponderava minhas opções. Eu não podia continuar fazendo isso. Só de estar ali, nesta porra de casa, me deixava nervoso. Papai só reagia à força e às ameaças, e eu estava começando a pensar que poderia acabar tendo que chantageá-lo para me deixar ir. Deus sabia que eu tinha sujeira mais do que suficiente contra ele. Eu não podia ameaçar ir à polícia ou ao FBI com isso — seria uma sentença de morte se alguém descobrisse. Mas talvez eu pudesse ameaçar contar a um dos rivais do papai sobre um dos...*muitos* vezes ele sorriu para eles enquanto secretamente os esfaqueava pelas costas.

Eu precisaria ter tudo o mais plano primeiro, uma maneira de ganhar meu próprio dinheiro,*dinheiro limpo*. Eu tinha algumas economias, mas se eu tivesse alguma chance de oferecer a Lauren o tipo de estilo de vida mimado que ela merecia, eu precisava de mais, algum fluxo constante de renda para não passar o resto da minha vida drenando minhas economias e contas de ações.

De volta ao meu quarto, tranquei a porta e levantei a ponta do tapete mais próximo do meu armário. Embaixo dele, havia um pedaço de tábua do assoalho que eu havia arrancado no ensino médio, o único esconderijo que meus irmãos curiosos ainda não tinham descoberto. Puxei a tábua do assoalho e respirei aliviada ao ver que meu estoque ainda estava lá. Um pequeno caderno com estampa floral estava escondido bem no fundo da pilha, e eu o levantei e limpei a poeira antes de recolocar a tábua do assoalho e o tapete.

Era o diário da Lauren do ensino médio. Eu o roubei do quarto da Kelly na noite em que plantei drogas nela. Na época, fiquei preocupado que aquele traidor postasse mais textos da Lauren online. Uma vez traidor, sempre traidor.

Eu não o olhava há anos, mas os comentários idiotas de Jimmy e Vinny sobre grandes gestos ficaram gravados na minha cabeça, e uma ideia estava começando a se formar por causa deles. Este diário continha todas as coisas que Lauren e eu tínhamos feito juntas, todas as coisas que ela ainda queria fazer comigo. Foram escritas só para ela e para mim, suas fantasias mais secretas. E o que eu tinha feito? Fingi que eram mentiras. É claro que um pedido de desculpas normal não era suficiente para amolecê-la. Mas e se eu lhe desse outra coisa?

Abri o diário e folheei-o até chegar à noite dos fogos de artifício. Ler a sequência de

eventos da perspectiva de Lauren tinha sido revelador tantos anos atrás, e ainda me deixava perplexo hoje. Eu sabia que ela tinha uma queda por mim antes daquela noite, mas não fazia ideia de quão profunda era sua paixão até a primeira vez que li estas páginas.

Meus olhos percorreram a próxima entrada. Era do dia seguinte à feira. Senti-me culpado novamente enquanto lia, vendo como ela estava animada, me perguntando se eu estava tão apaixonado por ela quanto ela por mim. Saber que eu lhe daria algumas semanas de felicidade apenas para, em seguida, me virar e esmagá-la, me fez sentir dez vezes pior do que o que eu tinha acabado de fazer com aquele rato.

Passei para a última "fanfic" dela sobre nós, aquela que nunca havíamos conseguido realizar. Na fantasia da Lauren, nos encontramos no fliperama da esquina do nosso antigo bairro e ela me chupou na cabine de fotos enquanto a câmera tirava fotos nossas juntos.

Balancei a cabeça. Já naquela época, ela tinha uma queda por trabalho de câmera.

Meu plano começou a se consolidar quando comecei a reler a entrada desde o início. Vinny estava certo; flores e chocolates não seriam suficientes. Eu precisava de um gesto grandioso se quisesse convencer Lauren a me perdoar, e este diário era a chave para me redimir. As lembranças dela sobre isso provavelmente eram ruins por causa do que aconteceu depois, mas e se as recuperássemos, as transformássemos em...*bom*memórias em vez disso?

Ouvi um ping no meu bolso. Peguei meu celular e vi outra mensagem de Lauren no Me4U. Nela, ela estava sentada de pernas abertas na cama, nua, com as mãos mal se cobrindo.

Sentindo-me uma safada esta noite, dizia sua mensagem.

Toquei na opção "gorjeta agora" e enviei vinte dólares, e outra mensagem chegou quase imediatamente. Suas mãos ainda estavam lá, mas em vez de bloquear algumas das melhores partes do seu corpo, uma estava em um seio, seu mamilo preso entre dois dedos, e a outra estava entre suas pernas abertas.

Gostaria que fossem suas mãos em mim, dizia a nova mensagem.

Se eu conseguisse o que queria, minhas mãos logo estariam em cima dela.

14

Lauren

EU SAIU DO MEU QUARTOVestida com um moletom confortável. Era quarta-feira à noite, e só estávamos eu e Ryan no apartamento, porque Taylor estava dormindo na casa de Jackson. Suspeitando, era a vez dela cozinhar, e se ela achava que ficar lá a livraria de me alimentar, estava se esquecendo de que eu tinha memorizado o login dela no DoorDash.

Dei a volta no corredor e fui até a cozinha, com Walter logo atrás de mim, e fiquei surpresa ao encontrar Ryan na ilha, comendo uma tigela de cereal.

"Você ainda está acordado?", perguntei, indo até a geladeira.

"É", disseram eles entre mordidas. "A Maxine me mandou o vídeo dela atrasado, e eu decidi fazer hoje à noite."

Além de ajudar Taylor e eu, Ryan fazia trabalhos de edição para vários outros criadores de conteúdo NSFW e estava se tornando cada vez mais popular. Por um bom motivo. Eles eram ótimos no que faziam, sabiam exatamente quando cortar os clipes, tinham um conhecimento incrível de teoria das cores e eram muito profissionais e discretos.

"Você ficou queimando a vela pelas duas pontas a semana toda", eu disse, me servindo de um copo de água gelada da nossa garrafa térmica. "Já pensou em contratar outra pessoa?" Coloquei a água de volta na geladeira e me virei para encontrá-los concordando.

"Acho que está chegando a um ponto em que preciso fazer isso. Só estou com medo de entrevistar as pessoas."

"O pior pesadelo de um introvertido. Quer que eu ajude?"

Ryan pareceu aliviado. "Se não se importa, sim, por favor."

Abri a gaveta de tralhas e peguei um bloco de notas e uma caneta. "Primeiro: Deve estar quente."

Ryan arrancou o papel da minha mão. Uma breve briga começou por causa da

caneta, e eu perdi a luta quando eles fingiram me dar um tapa no peito. Assim que parei de reclamar que aquilo era obviamente trapaça, fomos direto ao ponto e escrevemos uma lista de requisitos e perguntas para a entrevista. Era surpreendentemente extensa, mas nós dois concordamos que, se Ryan fosse fazer aquilo, precisava fazer direito.

Estávamos terminando quando meu celular vibrou. Peguei-o e quase o deixei cair quando vi a notificação.

"O que foi?", perguntou Ryan.

Em resposta, deslizei o telefone pela ilha. Eles viram o pedido de vídeo na minha tela e começaram a engasgar.*Cinco mil?*Outra rodada de tosse. "Que diabos eles querem que você faça, filme um filme pornô inteiro?"

"Só dá para metade de uma", brinquei, puxando o celular de volta. Meus olhos percorreram a tela enquanto eu lia. O pedido era da NT95. Eles tinham pedido uma sessão de uma hora, e quando fui clicar em "detalhes", só havia um endereço.

"Oh, Jesus", eu disse.

"O que houve?", perguntou Ryan.

"Eles querem se encontrar."

Ryan balançou a cabeça. "Juro que as pessoas não sabem mais usar os olhos."

"Sério", eu disse, tentando não me sentir traída.

Eu deixei claro em vários lugares no meu Me4U, inclusive nas minhas regras de trabalho personalizadas, que não me encontrava pessoalmente, e mesmo assim ainda recebia vários pedidos como esse todo mês. Geralmente, as pessoas só queriam se encontrar e transar de graça, por audácia. Até agora, eu não achava que o NT95 se juntaria a eles. Ele nunca tinha passado dos limites antes, era um dos poucos subs em quem eu achava que podia confiar como uma pessoa decente. Foi uma pena descobrir que eu estava errada sobre ele.

Eu sinto muito, Digitei, mantendo minha fachada profissional.*Mas não me encontro pessoalmente. Veja minha lista de "O que fazer e o que não fazer" aqui.*Anexei um link e cliquei em enviar antes de negar a solicitação.

Meu telefone tocou quase imediatamente. Era mais um pedido do NT95, e ele tinha aumentado a oferta em dois mil. Algumas pessoas simplesmente não aceitam um não como resposta.

Abri a mensagem para negar novamente, mas fiquei paralisado. Havia uma foto anexada. Ampliei a imagem, franzindo a testa, sem saber o que estava vendo a princípio. Parecia uma página arrancada de um caderno, em papel pautado, com...

O telefone caiu dos meus dedos e caiu ruidosamente na ilha da cozinha.

Ryan se levantou. "Você está bem?"

Balancei a cabeça tão rápido que o quarto ficou turvo.

"Lauren? Você está me assustando."

Eles se aglomeraram em um lado enquanto Walter pressionava o outro, choramingando, sabendo que algo estava errado.

"Meu diário", consegui dizer. "Ele está com meu diário do ensino médio." Como ele conseguiu meu diário? Meu olhar se moveu da porta do porão para o sofá e para as cortinas fechadas, imaginando pervertidos escondidos em cada canto da casa. Não, não podia ser. Se houvesse mais alguém ali, Walter já teria farejado e tentado convencê-lo de que estava morrendo de fome e precisava ser alimentado.

Ryan pegou o telefone e imediatamente apitou com outra mensagem. Os olhos deles brilharam ao lerem.

"O que está escrito?", gritei, encolhendo-me no assento como se, se de alguma forma eu me tornasse um alvo pequeno o suficiente, não seria atingido pelo que quer que estivesse prestes a sair da boca de Ryan.

O olhar deles se ergueu para o meu. "Por favor, Lo."

Quase caí do banco do bar.

Puta merda.

NT95 era Júnior.

Junior era um substituto.

Meu primeiro sub. Meu*favorito*sub.

E ele tinha meu diário do ensino médio.

Peguei o telefone, com a voz estranhamente firme. "Preciso ver uma coisa."

Ryan me entregou o telefone, e terminei de ler a página do diário que Junior havia enviado e então procurei o endereço que ele havia me pedido para encontrá-lo. Como eu havia imaginado, era o local do fliperama. Coloquei o telefone de volta no gancho e me virei para Ryan, explicando o que eu havia descoberto.

Eles franziram a testa. "E ele quer o quê? Pagar sete mil para você ir realizar seu pedido final?"

"Não consigo imaginar o que mais ele poderia querer por esse preço. A menos que tudo isso seja uma farsa elaborada e ele planeje me matar, me esfolar, me transformar em carne seca Lauren e passar os próximos dez anos me consumindo lentamente, pedaço por pedaço, difícil de digerir." O que posso dizer? Graças a Taylor, eu estava pensando em canibais.

Ryan torceu o nariz. "Duvido. Uma mordida e ele perceberia o quão ruim você é e jogaria o resto fora."

Isso me arrancou uma risada, mas soou um tanto instável, e eu rapidamente me interrompi. "Era o Júnior o tempo todo."

Ryan sentou-se lentamente no banco ao meu lado, com uma expressão cautelosa. "Eu sei."

“Ele foi meu primeiro assinante.”

Eles fizeram uma careta. "Eu sei."

Enterrei o rosto nas mãos. O NT95 tinha gasto milhares de dólares em um PPV personalizado. Passamos centenas de horas trocando mensagens de texto. Eu até me solidarizei com ele pelo pai dele ser um babaca narcisista, o que, hahahahaha, é um eufemismo.

Minha mente girava. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Eu gostava do NT95. Eu o valorizava como um sub, quase o considerava um*amigo*, e era o Junior Trocci esse tempo todo?

“Então”, disse Ryan, “acho que é seguro dizer que a perseguição não começou recentemente”.

Eu ri de novo, e sim, foi definitivamente hilário. Eu*sentido* histérica. Meu corpo inteiro zumbia como se eu estivesse muito perto de um fio caído. Emoções me invadiram, uma após a outra: traição, confusão, raiva e algo vertiginoso que parecia estranhamente com... alegria? Não, não, isso não podia estar certo. Eu devia estar tendo um derrame.

“O que você vai fazer?” Ryan perguntou.

Levantei a cabeça. "Mudar de identidade e me mudar para a Europa. Ouvi dizer que a Dinamarca tem leis antisstalking bem rígidas."

“Estou falando sério”, disse Ryan.

Dei de ombros. "Não tenho ideia, mas é muito dinheiro. Dinheiro que poderia ser investido em mais programas de divulgação ou em anúncios falando sobre o projeto de lei."

"Uh-uh", disse Ryan. "Nada disso. Tire seu trabalho de advocacy da equação. Ninguém ia querer que você se colocasse em perigo por causa disso."

Desviei o olhar deles. Eu estava mesmo em perigo? Meus pensamentos voltaram aos últimos anos. NT95 era o Júnior, todo esse tempo, apenas discretamente sendo meu apoiador número um, nunca exigindo demais, nunca cruzando os limites. Ele era sempre o primeiro a me parabenizar depois de um comício ou reunião com um político, e sempre perguntava como tinha sido meu dia quando conversávamos, como se ele realmente...*se importava*sobre mim. Foi ele quem nos disse para trocarmos uma VPN pelo Tor para manter nossa localização online oculta. E não foi à toa, mas eu nunca*sentido* como se eu estivesse em perigo na presença dele. Nem no ensino médio, nem agora, sabendo que ele provavelmente era um homem perigoso.

Ryan me observou. "Você quer aceitar, não é?"

Olhei para baixo e acariciei o pelo atrás do pescoço de Walter, refletindo. "Não sei se consigo. Você estava lá depois. Você viu como eu era."

Eles assentiram, com um olhar solene. "Eu me lembro."

"Sabe o que é terrível? Estou tentando me lembrar da última vez que alguém me deixou tão irritado, e não consigo pensar em nada."

Eles deram de ombros. "Faz sentido. Um homem por quem você era obcecada de repente reaparece na sua vida, tentando consertar as coisas, e agora é ele quem está obcecado por você? Qualquer um ficaria nervoso com isso."

“Talvez, mas não gosto do fato de que ele está basicamente me perseguindo virtualmente.”

“Eu também não”, disse Ryan.

"Mas e se fosse tudo para ele ter certeza de que eu estava segura? Isso de alguma forma torna tudo certo?" Esfreguei o rosto nas mãos. O que esse cara estava fazendo comigo? Meu*cérebro*sentiu coceira.

"Não sei, Lauren", disse Ryan. "Gostaria de poder ajudar mais, mas você o conhece muito melhor do que eu."

Suspirei. "Meu Deus, o que eu não daria para ser a Taylor por alguns dias, para simplesmente encarar as coisas com calma e não ficar analisando tudo demais."

"Sério", disse Ryan. "E eu sei que ela não está aqui, mas me sinto seguro falando por nós dois quando digo que vamos te apoiar, não importa a sua escolha."

Inclinei-me e os abracei. "Vocês são os melhores."

Eles me apertaram de volta. “Se você*fazer* Se decidirmos prosseguir, Taylor e eu vamos até lá e ficamos do lado de fora da porta do fliperama. Com armas. E Walter. Só por precaução.

Olhei para o nosso anjinho, ainda pressionado ao meu lado, com seu elefante de pelúcia preso na boca, olhos escuros, inocentes e sinceros, enquanto ele me encarava. "Não sei que tipo de ajuda o Walter vai me dar", eu disse, tentando aliviar o clima. "Além do risco de tropeçar."

Ryan riu baixinho, depois ficou em silêncio por um momento antes de dizer: "Você não precisa tomar nenhuma decisão esta noite."

“Eu sei”, eu disse a eles.

Eu ainda estava tão dividida. Apesar de ter perdoado o Júnior pelo que ele fez comigo no ensino médio, isso não significava que eu iria*sempre* deixá-lo voltar para a minha vida. Ele me mostrou que não era confiável para ele ficar com o meu coração, e eu acreditei nele.

Por outro lado . . .

Se eu fosse totalmente honesta comigo mesma, eu queria transar com ele. Com

força. Safado. Brutal. Eu queria tudo o que a reputação dele prometia. Eu o queria implacável. Queria que ele me usasse como um brinquedo. E talvez fosse porque seria mais fácil me impedir de me apegar se não houvesse gentileza ou afeto, ou talvez fosse porque era simplesmente como eu gostava. De qualquer forma, quanto mais eu pensava nisso, me imaginava caindo de joelhos naquela cabine de fotos e engolindo o pau do Junior, mais eu queria.

Este poderia ser o encerramento que Taylor mencionou quando lhe contei sobre o meu passado pela primeira vez. Uma última transa com o homem que me magoou, uma última,*bom* lembrança de dizer adeus para sempre e seguir em frente com minha vida.

Voltei a olhar para Ryan. "Você vai me achar idiota se eu disser sim?"

Eles me olharam. "Claro que não. Só quero que você fique segura."

"Eu também. Você está falando sério sobre vir comigo?"

Eles sorriram. “Quer dizer, não*chegando*com você, mas sim, estarei por perto com um taco se ele acabar sendo um babaca.”

Não era uma ameaça vazia. Eles jogaram beisebol durante todo o ensino médio e tinham um swing matador. Talvez literalmente, se o Junior abusasse da sorte.

"Obrigado."

Eles assentiram. "E você sabe que Taylor estará lá com os sinos tocando."

"Provavelmente com cosplay completo de Arlequina, pronta para foder tudo."

Eu nunca deixaria de ser grato por ter amigos tão durões e leais.

Meu olhar passou de Ryan para o meu celular. Sete mil. Eu poderia encarar aquilo como o pagamento do Junior pelos pecados passados, manter a situação em tom bruto e formal para evitar me apegar. Assim, eu poderia me livrar dessa saudade persistente dele, dizer que aceitei o pedido de desculpas, afinal, e nunca mais vê-lo.

Antes que eu pudesse pensar no assunto, peguei meu telefone do balcão e cliquei em aceitar.

15

Júnior

EU ESTAVA DE VOLTA AOO velho bairro de novo, meus pés percorrendo o caminho bem lembrado atrás do fliperama. Foi lá que fumei meu primeiro baseado na adolescência, onde levei uma surra de uns moleques mais velhos por falar muita merda.

Estava mais escuro à noite do que costumava ser, sem as luzes de carnaval das máquinas de pinball brilhando pelas janelas. O lixo se acumulava nos cantos do beco. Cheirava a comida podre e urina velha. Muita coisa havia mudado desde a última vez que estive ali, mas eu me lembrava de quando isso era...*o*Um lugar para encontrar amigos, paquerar garotas. Estava tudo silencioso agora. As crianças não precisavam de fliperama quando tinham acesso fácil a inúmeros jogos em seus tablets e celulares.

Mesmo assim, os proprietários mantiveram o imóvel funcionando o máximo que puderam, mais tempo do que provavelmente deveriam, fechando as portas apenas quando a pandemia finalmente os obrigou a isso. O imóvel estava à venda desde então, mas até então, não havia recebido nenhuma oferta.

Gino, o filho do dono, era um velho amigo, e quando perguntei se poderia usar o prédio durante a noite, ele me passou a chave sem fazer perguntas. Gino era gente boa.

Coloquei meu capacete de motociclista debaixo do braço e abri a porta dos fundos. Lá dentro parecia um mausoléu. Todas as máquinas ainda estavam em seus lugares, de sentinela junto às paredes. Uma fina camada de poeira se acumulava sobre elas, e o ar carregava um cheiro rançoso de abandono. Adentrando o prédio, vi que as janelas da frente estavam fechadas com tábuas, mas pelo menos as frestas entre elas eram largas o suficiente para deixar entrar um pouco de luz. O suficiente para me fazer pensar se havia cometido um erro ao convidar Lauren para ali. Pensei que seria nostálgico, divertido, esgueirar-me por nossos antigos redutos, mas até agora, era apenas deprimente.

Que se dane. Era tarde demais para voltar atrás. Ela chegaria logo, e eu poderia

muito bem aproveitar esse tempo deixando o lugar mais apresentável. A cabine de fotos ainda estava onde eu me lembrava, enfiada num canto perto dos fundos, e a mesma camada de poeira que cobria todo o resto se estendia como uma película sobre os botões e a cortina. Encontrei alguns trapos em um armário de armazenamento e limpei a cabine rapidamente, recuando para observá-la quando terminei. Parecia melhor, menos como algo que se encontra em um museu mal-assombrado, mas a ideia de puxar Lauren para dentro não me deixou especialmente animado. Não conseguiríamos ver nada lá dentro, mesmo com a cortina aberta.

Esperando não me queimar, peguei o cabo e o conectei. A cabine fotográfica imediatamente ganhou vida, a luz saindo dela, os botões piscando em azul elétrico na escuridão.

Lá em cima, notei algo brilhando na junção das paredes com o teto. Luzes de fada. Sorte grande. Só depois que elas acenderam, banhando o espaço com um brilho suave que o tornava mais aconchegante do que assustador, percebi que tinha acabado de passar mais de vinte minutos reformando um fliperama abandonado só para impressionar uma garota. E pensar que, na semana passada, eu tinha incendiado a casa de um homem e quase o espancado até a morte depois.

Eu continha multidões.

Meu telefone tocou. Tirei-o do bolso e vi uma mensagem da Lauren.

Estou lá fora, dizia. E trouxe dois amigos comigo que vão ficar perto da porta. Se eu gritar, eles invadem a casa, e você tem uma noite péssima.

Ameaças. Gostei.

A porta está destrancada, respondi. Você sabe onde me encontrar.

Era um teste. Da última vez que a vi, tive que ir atrás dela. Eu precisava saber se ela queria aquilo, ou pelo menos o dinheiro, o suficiente para dar o primeiro passo sozinha. Se ela não conseguiu reunir coragem para entrar ali sozinha, provavelmente não tinha condições de me aguentar.

A porta se abriu com um rangido alto.

"Isso não é assustador nem nada", ela murmurou.

Outro rangido, e então o som da porta se fechando. Agucei os ouvidos, tentando descobrir se ela estava se aprofundando no fliperama ou se tinha dado uma olhada lá dentro e decidido ir embora. Ouvi passos suaves, e então ela estava lá, dobrando a esquina para a sala principal, o rosto virado para cima enquanto observava as luzes de fada. Seu cabelo estava cacheado em ondas soltas, e ela usava shorts e uma regata curta. Era a primeira vez que a via de perto sem salto, e ela parecia tão pequena sem eles. Delicada. Quebrável. Até ela baixar o olhar para mim e tirar o taser de trás das costas.

"Vou precisar disso?", ela perguntou, enquanto uma corrente elétrica passava entre as duas sondas.

Inclinei a cabeça para o lado, sem conseguir me conter. "Só se você tiver uma cãibra."

Seu sorriso se tornou diabólico. "Vamos descobrir."

Ela deu um passo à frente, e eu me afastei, colocando uma mesa de sinuca entre nós. O problema com esquisitões como a Lauren era que você nunca sabia até onde eles estariam dispostos a ir, e eu já tinha arriscado levar um choque uma vez esta noite.

Sua expressão era de triunfo enquanto guardava a arma na bolsa, onde sem dúvida estava preparada e pronta para ser usada. Mulher inteligente.

"Então", ela disse. "NT95?"

Assenti, me preparando.

O humor desapareceu do rosto dela. "Esse tempo todo, Júnior?"

“Eu precisava saber que você estava bem, Lo.”

Ela abriu a boca, mas logo a fechou novamente, como se não soubesse o que dizer.

"Tenho seu diário comigo", eu disse a ela. "Para lhe devolver."

"Você pegou isso da Kelly, não é?" ela perguntou.

"Sim."

"Eu não quero. São muitas lembranças ruins. Você devia queimá-lo."

“Tem certeza?” perguntei.

Ela assentiu e ficamos em silêncio por um momento. Uma discussão muito mais ampla se aproximava, mas eu ainda não me sentia preparada para ela, e percebi pelo olhar de Lauren ao redor, como se estivesse procurando uma distração, que ela também não estava.

"Este lugar é maior do que eu me lembrava", disse ela. "Mas provavelmente é porque não tem uma centena de crianças italianas gritando amontoadas aqui conosco."

Graças a Deus.

Ela se virou e foi em direção a uma máquina na parede dos fundos. Meu olhar caiu para sua bunda e para o jeito como seu short jeans grudava nela, e depois para suas pernas torneadas. Porra, o que eu não daria para sentir aquelas coxas apertando os dois lados da minha cabeça enquanto eu a saboreava.

Ela parou em frente a uma máquina rosa-choque com o rótulo "Powder Mountain" e se virou para me olhar por cima do ombro. "Esta era a minha favorita."

“Eu lembro”, eu disse, contornando a mesa de sinuca.

Ela franziu a testa. "Você tem?"

Eu assenti; lembrei-me*tudo* sobre Lauren. Passando por ela, liguei a máquina. "Você devia jogar uma partida."

Ela sorriu, arregalando os olhos enquanto pousava no painel de controle. "Não

tenho moedas."

Enfiei os dedos no bolso da frente e tirei um punhado. Eu estava completamente preparado. O jogo custava cinquenta centavos, então coloquei dois e apertei o botão de partida, recostando-me na máquina ao lado para vê-la se divertir. Curiosamente, por mais impaciente que eu estivesse antes, não senti necessidade de apressar as coisas agora. Observá-la ao vivo era tão hipnotizante quanto online. Seus olhos escuros se enrugavam nos cantos enquanto ela se concentrava, e ela mordia o lábio inferior toda vez que precisava realizar um movimento particularmente difícil.

“Juro que eu era melhor nisso”, disse ela quando morreu pouco tempo depois.

"Talvez eu possa ajudar." Dei um passo atrás dela, apoiando as mãos em cada lado da máquina, onde as pás estavam, formando uma gaiola com meu corpo. "Você trabalha os ataques. Eu trabalho a defesa."

Ela respirou fundo e assentiu. "Certo."

Morremos quase imediatamente.

“Bem”, eu disse.

Ela se virou nos meus braços. "A culpa foi sua."

"Como assim?"

Ela acenou na minha direção. "A posição."

Aproximei-me e sorri. "Está dizendo que estou te distraindo?"

“Não”, ela disse.

“O jeito que você olha para minha boca diz o contrário.”

Ela bufou e se virou. "Vamos de novo."

Eu produzi mais duas moedas e ela reiniciou o jogo.

"Você consegue, Lo", eu disse. "Mostre a esses alienígenas quem é a rainha da Montanha da Pólvora."

Ela morreu instantaneamente.

"Essa deve ter sido intencional", eu disse. "Você pulou direto na boca aberta do raptor."

"Eu estava tentando dar um chute na cabeça dele", ela reclamou. "Tudo bem. Você está me distraindo."

Aproximei-me, nossos corpos colados das minhas coxas ao peito. Desta vez, quando falei, minha voz saiu mais baixa, o controle cuidadoso que eu tinha sobre mim se esvaindo. "Eu nem comecei a tentar te distrair."

Ela se virou novamente, esquecendo o jogo.

Agarrei-a pela cintura e a levantei para a beirada da máquina, nos colocando cara a cara. Suas mãos pousaram em meus ombros, firmando-a, e eu me abaixei e enganchei as minhas sob seus joelhos, guiando suas pernas ao meu redor, deleitando-me com a

sensação de sua pele macia sob meus dedos.

"Você é linda pra caralho, sabia?", eu disse, observando as luzes de neon dançando em seus olhos escuros.

"*Você é*"Lindo pra caralho", ela respondeu, parecendo descontente com isso.

Sorri e me inclinei, roçando meus lábios nos dela, nossos olhares se encontraram a centímetros de distância. "Não precisamos fazer isso se você não quiser."

"Eu não estaria aqui se não quisesse", disse ela.

"Era tudo o que eu precisava ouvir."

Tirei-a do jogo e caminhei em direção à cabine de fotos, com um braço apoiado em sua bunda e o outro em suas costas. Ela se agarrou aos meus ombros, o rosto enterrado no meu pescoço, a língua quente contra minha pele enquanto me provava. Porra, eu a queria. Queria ser...*enterrado* nela. Com um puxão, abri a cortina da cabine de fotos e coloquei Lauren lá dentro. Suas mãos imediatamente caíram no meu cinto, com uma expressão faminta no rosto.

Inicialmente, meu plano era realizar a fantasia dela à risca, mas, por mais que eu adorasse a ideia dos lábios dela envolvendo meu pau, a ideia de tirar aquele short e fazê-la gozar de novo era muito mais atraente. Além disso, havia um desequilíbrio orgástico entre nós. Ela já tinha me excitado mais vezes do que eu conseguia contar, e era hora de equilibrar as coisas.

Agarrei seus pulsos, empurrando-a para trás, em direção ao banco. "Uh-uh. Você senta. Eu me ajoelho."

Ela olhou para mim. "Mas no meu diário..."

Silenciei-a com um beijo. Aqueles lábios brilhantes e malditos me chamavam como um canto de sereia, e eu não conseguia mais resistir. Ela se abriu para mim instantaneamente, com gosto de menta, gloss de melancia e lembranças de uma época mais simples.

Com um gemido, entrei nela, forçando-a contra a parede enquanto aprofundava o beijo. Ela agarrou meus ombros, acompanhando minha língua, toque por toque. Minhas mãos deslizaram do seu rosto para os seios, as palmas das mãos em concha nas laterais, os polegares roçando seus mamilos lentamente no início, depois mais rápido, acompanhando o ritmo que ela imprimia em seus vídeos.

Ela estremeceu, inclinando a cabeça para trás para me dar mais acesso. Beijei, lambi e mordi até o lóbulo da sua orelha, arquivando cada resposta, aprendendo do que ela gostava, do que ela amava. O jeito como ela cravava as unhas em mim quando eu girava a língua de uma certa maneira. Seu suspiro quando eu beliscava delicadamente seus mamilos. E então o gemido suave e ofegante que se seguiu quando arrastei minha boca pelo seu pescoço.

"Nic", ela disse, parecendo sem fôlego.

Meu sorriso de resposta foi triunfante. Eu já tinha sido promovido do Júnior e ainda nem tínhamos começado. "Mmm?", murmurei, sem vontade de tirar os lábios dela por tempo suficiente para falar.

“Quero sentir sua boca em mim”, ela disse.

Deus abençoe as mulheres que não tiveram medo de dizer o que queriam.

Virei-me, batendo a parte de trás dos seus joelhos contra o banco com força suficiente para fazê-la cair no assento acolchoado. Sua bunda mal havia tocado a almofada quando me joguei na frente dela, me aconchegando entre suas pernas, as mãos puxando sua blusa para cima e sobre sua cabeça, os dedos deslizando para dentro dos bojos do sutiã. Beijei-a novamente, brincando com seus mamilos, provocando-a até que puxei a renda para baixo e deixei seus seios se soltarem. E então afastei minha boca da dela e me inclinei, passando a língua sobre um mamilo enquanto meus dedos brincavam com o outro.

Ela emitiu um som desesperado e moveu os quadris para a frente, precisando de atrito entre as coxas. Inclinei minha pélvis para cima o suficiente para encontrar a dela, a ponta do meu pau pressionada contra seu sexo, dando-lhe algo para se esfregar.

“*Nada*”, ela disse com mais desespero.

Levantei-me dela o suficiente para falar: "Você não curte tanto provocações na vida real quanto nos seus vídeos?"

"Não estou brincando com elas. Leva tempo para me acalmar quando estou sozinha."

Minha cabeça girava, todo o sangue do meu corpo correndo para o meu pau. Ela demorou um pouco para se excitar, mas eu tinha acabado de colocar as mãos nela, e ela já estava pedindo mais.

Voltei a adorar seus seios com a boca enquanto meus dedos desciam, desabotoando seu short e deslizando o zíper para baixo. Com um puxão, consegui que se movessem, e ela moveu os quadris o suficiente para que eu pudesse soltar seu short e sua calcinha. Deixei-os cair no chão ao meu lado e me inclinei para trás, parando um momento para observá-la. Ela era deslumbrante, desde seus grandes olhos escuros até a pequena tatuagem de arco-íris no tornozelo.

Enfiei a mão no bolso, peguei mais moedas e me virei no meio do caminho.

“O que você está fazendo?” Lauren perguntou.

"Criando uma memória", eu disse a ela, colocando as moedas na máquina e apertando o botão de partida.

Girei de volta, abaixei-me o suficiente para prender suas pernas sobre meus ombros e a arrastei até a beirada do banco. Eu estava pensando em fazer isso com ela desde

aquela noite no Velvet, quando percebi o quanto ela ficava excitada ao ver outra mulher sendo chupada, e sem preâmbulos, mergulhei e enterrei meu rosto em sua boceta.

Ela respirou fundo assim que o primeiro clarão preencheu a cabine. Eu sorri enquanto passava a língua por suas dobras, imaginando a imagem resultante. Então o gosto dela me atingiu e todos os outros pensamentos fugiram da minha mente. Não havia mais nada com que comparar. Palavras como doce, amargo, forte e almiscarado me vieram à mente, descrições que a maioria das mulheres não queria ouvir, porque não...*som* Como se devessem ter um gosto bom. Mas tinham mesmo.

A maciez de Lauren de repente me deixou faminto, e eu gemi, me aproximando mais, deslizando minha língua o mais fundo que pude alcançar.

"Ah, merda", disse ela, parecendo pega de surpresa. Uma mão bateu no meu ombro, preparando-a enquanto ela arqueava os quadris. Outro flash da câmera deixou minha visão branca — esse rolo de fotos ia ser...*obsceno*.

Substituí a língua pelos dedos, enfiando-os fundo, puxando-os para a frente até que seus gritos suaves me indicassem que eu havia encontrado seu ponto G. Todos os idiotas que diziam que isso era um mito ou não tinham passado tempo suficiente perguntando às suas parceiras o que era bom, ou não entendiam anatomia básica.

Enrolei meus dedos dentro dela em um*venha cá*movimento e passou da parte plana da minha língua para a ponta, passando-a em círculos ao redor do seu pequeno e tenso feixe de nervos antes de passar sobre ela várias vezes em rápida sucessão.

"Oh meu deus — o que você — oh, merda." Suas palavras terminaram em um gemido.

Outro flash.

Repeti os movimentos várias vezes, até que as palavras lhe faltaram completamente e ela parou de se mover, seus músculos se contraindo em volta de mim como se seu corpo estivesse prestes a ceder. Uma sensação de vitória misturada com orgulho me invadiu, e acelerei o ritmo, levando Lauren com mais força, mais rápido.

Ela ofegava, as unhas cravando-se na minha camisa, as coxas apertando as laterais do meu rosto. Um arrepio a percorreu. Seus músculos internos se contraíram em meus dedos.*Nada!*"

Foi todo o aviso que tive antes de ela gozar, seu corpo tremendo de arrepios, as pernas me apertando como uma jiboia. O calor inundou meus dedos enquanto eu continuava a me penetrar. Desloquei minha língua para as laterais do clitóris, sabendo que a estimulação direta durante o orgasmo poderia rapidamente se tornar excessiva, e diminuí o ritmo, aliviando-a do êxtase.

A câmera disparou uma última foto.

Dei um último beijo em suas dobras e olhei para cima para ver Lauren com uma aparência absolutamente destruída. Seus olhos estavam arregalados, o peito arfando, o batom borrado como se ela tivesse mordido os próprios lábios para não gritar.

“O que foi isso?”, ela disse.

Dei uma risadinha e enfiei meus dedos delicadamente dentro dela, deliciando-me com o quão molhada ela estava para mim. "Isso significa que você me perdoa agora?"

Ela estreitou os olhos. "Conte-me como você aprendeu a fazer isso, e talvez eu considere."

"O quê? Isso?", enganchei meus dedos para frente novamente e a acariciei até ela gemer.

Por mais tentador que fosse fazê-la gozar de novo, eu entendia a vantagem de deixá-la querendo mais, então lentamente soltei meus dedos. Não consegui resistir a mais uma provada, deslizando-os pelos lábios e limpando cada gota dela da minha pele. Meu Deus, o gosto dela era uma droga.

Ela me observou com olhos famintos antes de se concentrar em mim. "Tira esse pau pra fora."

A ordem dela quase me arrancou uma risada, mas balancei a cabeça. Será que eu queria as mãos, a língua e a boca dela em mim? Com certeza, mas aquela noite era sobre ela. Inclinando-me para a frente, ajudei-a a vestir a calcinha e o short, um pé de cada vez.

"Por favor?" ela disse, a necessidade evidente em sua voz como música para meus ouvidos.

"Hoje não", eu disse a ela, porque não achava que conseguiria parar com ela me chupando. Eu precisaria de mais dela,*todos* dela, e eu queria que ela pudesse gritar em paz quando eu finalmente a penetrasse. "Levante os quadris", eu disse a ela, deslizando suas roupas pelas pernas.

Ela fez o que eu pedi, movendo-se apenas o suficiente para que eu pudesse colocá-los de volta no lugar.

Seus olhos se estreitaram enquanto ela enfiava os seios dentro do sutiã. "Por que você está sendo tão legal? Eu me lembro de você. Não tente se esconder de mim, Junior." Ah, então eu era a Nic quando a fazia gozar e a Junior o resto do tempo? "Você era um babaca rabugento naquela época, e, a julgar pelo jeito que você lançava olhares mortais para todas as vadias da igreja, está pior ainda agora."

Se ela soubesse o que*outro* Eu tinha feito isso com as meninas da igreja. "Talvez eu tenha mudado."

Ela bufou. "De alguma forma, duvido."

Agarrei suas coxas e comecei a puxá-la para perto novamente. "O que preciso fazer

para te convencer? Mais humilhação?"

Ela soltou um suspiro trêmulo. "Não."

A desconfiança permanecia em seu olhar, então passei as mãos por suas pernas, agarrando seus quadris. "E se a gente apagar tudo isso?"

Ela franziu as sobrancelhas. "O que você quer dizer?"

"E se reescrevermos essas memórias ruins com boas? Continuar de onde paramos?"

Seus olhos pousaram nos meus lábios. "Não estou procurando nada sério agora."

Assenti, pronto para mentir descaradamente, dizer o que fosse preciso para vê-la novamente. "Eu também não posso fazer nada sério."

Seu olhar se voltou para o meu, e eu pude ver a confusão em seus olhos enquanto ela decidia algo. "Olha, estou quebrando todas as minhas regras aqui, mas o que você vai fazer na sexta?"

Contei um sorriso. "O que você vai fazer na sexta."

“Deixe-me mostrar o que mais o Velvet tem a oferecer e, se você ainda estiver interessado depois, podemos conversar mais sobre isso.”

"Eu estarei lá."

16

Lauren

EU SAIU CAMBALEANDO DOarcada no ar úmido da noite, quase derrubando Taylor. Minhas pernas não queriam funcionar e meu clitóris estava superestimulado a ponto de cada fricção no tecido ser um choque. Eu não tinha ideia de onde Júnior tinha aprendido a fazer isso.*que*, mas senti que deveria enviar à pessoa que o ensinou um lindo buquê de flores.

"Nossa", disse Ryan, agarrando meus ombros. "Você está bem? Ele não te drogou nem nada, drogou?"

Walter também se aproximou, e eu tive que desviar para o lado para manter seu nariz longe da minha virilha.

"Estou bem", eu disse, sorrindo.

Taylor bufou. "Ah, ela foi drogada, sim. Com hormônios sexuais."

Abracei meus colegas de quarto pela cintura e os afastei do fliperama. "Vamos lá. Vamos para casa e eu conto tudo para vocês."

De volta à nossa casa, nos reunimos no sofá com uma garrafa de vinho, um*Ilha do Amor*reprise tocando baixinho no fundo.

"Então", disse Taylor. "Vocês transaram?"

Balancei a cabeça. "Ele nem me deixou tocá-lo. Só me carregou para a cabine de fotos e fez sexo oral em mim."

Os olhos de Taylor quase saltaram das órbitas. “E ele pagou*você*sete mil para fazer isso?”

"É", eu disse. "Eu me sentiria culpado, mas o dinheiro é dele. Se é assim que ele quer gastá-lo, quem sou eu para dizer o contrário?"

Ryan assentiu. "Esse é o espírito."

Taylor inclinou a cabeça para o lado. "Você está diferente. Alguma coisa mudou."

Eu tinha que admitir; sua intuição era matadora. "Talvez eu o tenha convidado de volta para o Velvet ou não." Rapidamente, contei a eles sobre a conversa que tivemos

depois do encontro e o fato de que eu estava considerando dar ao Júnior uma chance de se redimir.

Taylor ouviu com os olhos arregalados. "Nossa, você deve gostar mesmo dele se está quebrando sua política de um golpe."

Encarei meu vinho, tentando encontrar as palavras certas. "É complicado. Sim, ele me machucou, mas acredito que ele achou que estava fazendo a coisa certa e, mais importante, acredito que ele está arrependido. E não posso negar o que sinto perto dele." Balancei a cabeça. "Existe essa... atração entre nós, essa conexão. Eu senti isso há uma década, e ainda está lá. Não é só físico. Quero conhecê-lo melhor, descobrir quem ele é agora."

Ryan pousou o copo e se virou para mim. "Não estou tentando ser um chato com tudo isso, mas o Junior ainda está na Máfia, fazendo sabe-se lá o quê. E o pai dele não é, tipo, o próprio diabo? Você concorda mesmo com isso?"

Suspirei. "Não estou bem com isso, mas acho que o Junior também não. Você devia ter visto o medo que ele tinha na adolescência, sabendo que ia se formar e entrar no negócio da família. Ele tentou esconder isso de mim, mas eu conseguia ver nos olhos dele, ouvir na voz dele sempre que falava do pai. Passei metade do nosso tempo juntos tentando fazê-lo rir só para que ele tivesse uma folga de toda aquela tristeza e melancolia. Não acho que ele teria escolhido essa vida se tivesse tido a chance. E isso pode parecer meio foda, mas crescendo no bairro antigo, a máfia era algo que você aceitava como parte da vida. A Nonna e o Nonno Bianchi eram donos da delicatessen da esquina, e eu costumava fazer minha lição de casa no caixa enquanto eles trabalhavam na loja. Sexta-feira sim, sexta-feira não, um capanga chegava, e o Nonno entregava a ele um envelope de papel pardo cheio de dinheiro."

“Dinheiro para proteção?” perguntou Taylor.

Eu assenti.

"É", disse Ryan. "Proteção contra eles quebrarem os joelhos se não pagarem em dia."

"Esse é o clichê", concordei. "Mas a realidade é mais complexa. Todos na vizinhança se conhecem. Os filhos estudam juntos, sentam-se lado a lado na missa todos os domingos. Se as pessoas não podem pagar, a máfia é boa em deixar passar. Dentro do razoável. E esse dinheiro para proteção é...*na verdade* dinheiro de proteção.”

“O que você quer dizer?”, perguntou Ryan.

"A loja foi arrombada uma vez quando eu estava no ensino fundamental", eu disse. "Alguém quebrou o vidro da porta dos fundos, levou todo o dinheiro do caixa e destruiu tudo. Em vez de chamar a polícia ou o corretor de seguros, meus avós ligaram para o homem que cobrou o dinheiro deles. Na tarde seguinte, a loja estava limpa, todo o dinheiro havia sido reposto e a nova porta dos fundos era praticamente

um cofre de banco. Meus avós receberam a promessa de que isso nunca mais aconteceria, e mesmo depois que eles se aposentaram e minha irmã mais velha assumiu a loja, isso não aconteceu."

"Tons de cinza", disse Ryan.

Assenti. "Nada é preto no branco. Nem mesmo a máfia. Tudo isso para dizer que não, não concordo com o que o Júnior faz, mas também não é o suficiente para me afastar. E não é como se eu planejasse me casar com o homem, então, a longo prazo, não terei que passar por uma crise existencial por causa disso."

Ryan me observou. "Então vai ser só um encontro casual?"

"Isso parece mais com... sei lá. Talvez uma recuperação do tempo perdido? Explorar a faísca entre nós que não conseguimos descobrir antes?"

"Eu entendo", disse Ryan. "Contanto que você tome cuidado."

Taylor sorriu. "Embrulhe duas vezes, se for preciso."

Ryan deu um tapa nela. "Eu quis dizer: tenha cuidado emocional."

Taylor os rechaçou. "Eu*sabe disso*. Eu estava falando do coração dela, não do pau dele."

Paulada."Por que você está assim?"

Paulada."Porque se eu não fosse, você nunca riria, sua gótica vagabunda."

Inclinei-me para a frente e bati na coxa de Taylor.

"Ei!", ela gritou. "O que foi isso?"

"Eu me senti excluído."

Ela me bateu de volta. Ryan bateu nela. Eu bati no Ryan. Por quê? Não faço ideia. Simplesmente parecia a coisa certa a fazer. Logo, uma briga de tapas começou, o que despertou Walter. Ele se colocou entre nós e começou a latir animadamente, porque*Eba! Hora de brincar!*

"Ah, ótimo", eu disse. "Você acordou o bebê."

"Nós?" Taylor e Ryan responderam em coro.

Finalmente, todos se acomodaram e retomamos nossos lugares. Walter optou por deitar-se meio no meu colo, com os olhos abertos e se movendo entre nós, caso surgisse mais diversão. Comecei a acariciá-lo, esperando que ele relaxasse, e olhei para Taylor.

"Percebi que você não posta nada há alguns dias. Você está bem?"

Ela puxou os joelhos até o peito e balançou a cabeça. "Não estou com muita vontade de postar. Aquele canibal me assustou muito, e tenho recebido mais comentários ruins do que o normal."

Meu coração doeu por ela. Eu já tinha passado por isso tantas, tantas vezes. Enfrentávamos uma enxurrada constante de comentários com palavras como "vadia",

"puta" e todos os outros termos depreciativos que existem, e na maioria das vezes, simplesmente tínhamos que aceitar isso como parte do território. Tínhamos até feito um trabalho decente recuperando as palavras para nós, a ponto de eu nem piscar mais quando as via. Em vez disso, encontrei uma maneira de usar a misoginia de alguém contra ela, respondendo com respostas como:*Meu canal de sexting está aberto se você quiser ver que prostituta eu serei para você*, e então vi os dólares se acumularem quando eles entraram no chat pago.

Mas não se passava um dia sem que eu recebesse pelo menos um comentário absolutamente repugnante, seja de um sub ou de um troll de rede social, que passasse dos limites — o botão de bloqueio era meu melhor amigo nessas circunstâncias. Eu já tinha tido picos aleatórios como o da Taylor várias vezes nos últimos anos, em que parecia que todas as outras pessoas pensavam que, só porque eu era uma camgirl, as leis básicas da decência humana não se aplicavam mais a mim. Essa linha de trabalho definitivamente não era para os fracos de coração, e muitos dos amigos que fiz no início da minha carreira já a tinham abandonado há muito tempo para seguir outras carreiras ou se estabelecer e formar famílias. Eu estava começando a me perguntar se a Taylor seria a próxima.

"Leve o tempo que precisar", eu disse a ela. "Sua saúde mental precisa vir em primeiro lugar."

Ela me lançou um sorriso triste. "Obrigada. Ainda consigo pagar minha parte do aluguel e tudo."

Ryan dispensou-a com um gesto. "Mesmo que não estivesse, nós te daríamos cobertura."

Taylor apoiou a cabeça no ombro de Ryan, esquecendo nossa "briga" anterior. "Você viu a mensagem da Garota Fantasma?"

Passamos várias horas nos últimos dois dias analisando possíveis contratações para Ryan, e havia alguns ótimos candidatos.

"Sim", disse Ryan. "Ela é como a terceira pessoa a recomendar o Ben."

“Você viu o trabalho dele?” perguntei.

Ryan assentiu. "Eu fiz algumas pesquisas mais cedo, e ele é muito bom, apesar de ter menos experiência do que eu. Conversei com várias pessoas com quem ele trabalhou, e todas disseram que ele é superprofissional. O estilo dele é até parecido com o meu, então acho que não precisaria de muito treinamento para ele atingir os meus padrões."

Taylor cutucou o ombro deles. "Você vai oferecer o emprego a ele?"

“Ele não se candidatou”, disse Ryan.

"E então?", perguntei. "Por que não entra em contato com ele primeiro?"

Ryan resmungou, mas juntos, Taylor e eu os convencemos de que não custaria nada

enviar um e-mail. O pior que poderia acontecer era Ben dizer não.

Imaginamos que levaria alguns dias até que recebessem uma resposta, mas o telefone do Ryan tocou menos de cinco minutos depois, e eles levantaram a cabeça, sorrindo. "Ele está aqui."

Taylor gritou.

Walter começou a latir.

Desisti de tentar acalmá-lo e deixei que ele se divertisse.

Sexta-feira à noite, eu estava no Velvet, sentado no canto dos fundos da sala de bondage. O Junior e eu não tínhamos conversado muito desde o nosso encontro no fliperama, apenas o suficiente para trocarmos números de telefone para que eu pudesse mandar uma mensagem para ele avisando o horário em vez de ter que fazer tudo pelo aplicativo Me4U.

Eu estava nervosa para vê-lo. E excitada. Meu corpo estava tenso, pronto para mais, desesperado para colocar as mãos dele em mim novamente, e vice-versa. Talvez eu conseguisse*realmente* Sorte, e ele finalmente me deixou chupar o pau dele. Uma garota podia ter esperança.

Meu celular vibrou. Vasculhei a bolsa tentando encontrá-lo. O metal frio tocou meus dedos e retirei o que parecia ser uma moeda de 25 centavos, lisa pelo tempo, com apenas o dobro da espessura de uma moeda comum. Eu poderia jurar que nunca tinha visto aquilo antes, mas tinha tanta coisa aleatória solta na bolsa que provavelmente era alguma ficha de alguma boate ou bar que eu tinha escondido lá e esquecido completamente.

Coloquei-o de volta na mochila e peguei meu celular. O Júnior tinha mandado uma mensagem.

Estou atrasado. Aconteceu um imprevisto.

Uma onda de decepção tomou conta de mim quando respondi a mensagem.*Quão tarde? O show está prestes a começar.*

Não tenho certeza, ele disse. Preciso lidar com isso.

Não me dei ao trabalho de responder. A imprecisão me disse tudo o que eu precisava saber.

Ele estava me dando um bolo.

Porque é claro que ele estava. Meu Deus, eu fui um idiota por não ter previsto isso.

A raiva se revirou em meu estômago, mais direcionada a mim mesma do que a Junior. Era isso que eu ganhava por ir contra meu bom senso. Ele já tinha provado que não era confiável, e eu, estupidamente, tinha lhe dado outra chance de me machucar. Pelo menos dessa vez foi só decepção e não sofrimento. E, sinceramente?

Talvez eu devesse agradecê-lo por ter feito isso tão rápido, por não ter me enrolado e me enganado como fez anos atrás, por me lembrar exatamente por que eu tinha uma política de um único aviso. Um submisso passou dos limites? Bloqueado. Alguém com quem eu estava saindo tinha uma vibe assustadora? Desapareceu. Isso me manteve segura, me impediu de me machucar, e eu não deveria ter quebrado essa regra, especialmente para alguém tão indigno quanto Junior Trocci.

Desliguei meu telefone e o coloquei de volta na bolsa, decidida a esquecê-lo novamente.

Um momento depois, um toque suave me fez levantar o olhar para o palco da sala de bondage. Sylvia saiu por uma porta lateral, seu corpo esguio vestido com um body preto e botas de couro até o joelho, uma corda presa em seu punho. Ela parou, girou nos calcanhares e puxou, e alguns segundos depois, Moriah rastejou para fora da porta atrás dela, a corda presa a uma coleira em seu pescoço.

Meu Deus.

Seu corpo deslumbrante estava em plena exibição, a lingerie branca não deixava nada para a imaginação. Assistir a isso sozinho já seria uma tortura.

17

Júnior

O TODAS AS SEXTAS-FEIRAS PARA meu pai para convocar um jantar familiar improvisado, tinha que ser *Este*. A noite em que eu deveria encontrar Lauren no Velvet.

Meus pais costumavam organizar esses jantares uma vez por mês como uma forma de reunir a família inteira: papai, mamãe, eu, meus irmãos e, mais recentemente, minha prima Aly e o namorado dela, Josh. Era o jeito do papai fingir que éramos como qualquer outra família, reunidos em volta da mesa de jantar e conversando sobre a vida uns dos outros. De uma forma distorcida e narcisista, às vezes eu pensava que era assim que ele realmente via as coisas. Que ele se iludira ao pensar que todos nos reuníamos de bom grado, felizes, e não porque, se recusássemos, ele tornaria nossas vidas um inferno.

Todos sabiam o que esses jantares realmente eram — apenas mais uma maneira de papai exercer seu controle sobre nós, nos lembrar a quem devíamos lealdade.

Eu estava especialmente irritada com o jantar daquela noite, porque ele tinha o hábito de arrastá-los para fora o máximo possível, e a viagem da casa dos meus pais, no subúrbio, até Velvet durava vinte minutos, sem trânsito. Eu teria que ficar de olho no relógio para garantir que sairia dali a tempo de encontrar Lauren.

A casa dos meus pais ficava no topo de uma pequena elevação, alta o suficiente para avistar a cidade se estendendo ao longe. Era uma vila em estilo toscano, revestida de pedra clara, com persianas verdes e telhado de terracota. Arborvitae imponentes ladeavam a entrada da garagem, aparadas para imitar os ciprestes italianos que não conseguiam sobreviver aos nossos invernos. Com o sol se pondo atrás dela e as luzes externas acesas, a casa parecia antiga e imponente, como se estivesse ali há centenas de anos, em vez de ter sido construída sob medida uma década atrás.

Nunca odiei tanto aquela visão.

Estacionei no meu lugar de sempre e estava tirando o capacete quando luzes piscaram sobre mim. Um carro de luxo contornou a entrada circular, e soltei um

suspiro de alívio. Aly e Josh tinham conseguido. Eles tiveram que pular o último jantar, por causa das férias, e meu pai estava insuportável por causa disso. Com eles ali, ele (com sorte) estaria de um humor um pouco melhor, e também haveria mais pessoas em quem ele pudesse se concentrar além de mim.

O carro parou ao lado da minha moto, e de lá saiu Josh, sorrindo de orelha a orelha. Ele era um filho da puta grandão, não só alto, mas largo, com o tipo de músculos chamativos de academia que as mulheres adoram. Some a isso o cabelo escuro, os olhos quase pretos, a pele morena escura e o sorriso branco ofuscante, e ele parecia um pouco com um super-herói. Até você notar a paisagem infernal de tatuagens subindo pelos seus braços, cada manga cheia cheia de demônios, fantasmas e outras coisas obscuras.

Ele levantou um dedo enquanto corria para o lado do passageiro. "Um segundo", disse ele. "Preciso abrir a porta para o meu*noiva*."

Revirei os olhos. Josh sempre teve muito orgulho de chamar Aly de sua*namorada*, e eu tinha a sensação de que a situação ficaria insuportável quando ele finalmente fizesse o pedido. Parecia que eu estava certa.

Aly, para não ser ofuscada por ele, levantou a mão no ar assim que a porta se abriu. A princípio, presumi que ela estivesse me dando um dedo do meio — tínhamos uma relação um tanto antagônica —, mas depois percebi que ela só estava exibindo a pedra gigante na mão. Josh ofereceu o braço, e o resto dela apareceu, o cabelo escuro puxado para trás, a pele bronzeada e saudável depois de finalmente passar um tempo ao ar livre, em vez de ficar presa sob as luzes fluorescentes do pronto-socorro onde trabalhava.

"Ah, oi", ela disse, ainda levantando a mão para inspeção.

"Ele me enviou uma foto na semana passada", eu disse a ela.

Ela se virou para Josh. "Ei!"

Ele se abaixou, parecendo envergonhado. "O quê?"

"Dissemos que esperaríamos até hoje à noite para contar à minha família."

Josh acenou na minha direção. "Júnior não conta."

Arqueei uma sobrancelha. "Grude."

Ele me lançou um sorriso de lado. "Porque você é minha amiga. A Aly disse que eu podia contar para as minhas amigas."

Soltei um suspiro, sentindo-me estranho. Em algum momento nos últimos seis meses, esse esquisitão gigante que nunca assumiu*qualquer coisa*Sério, tinha se infiltrado na minha vida, e, sim, tudo bem, acho que éramos amigos. Eu ainda estava me conformando com isso, nunca admitiria que senti falta dele enquanto ele e a Aly estavam fora, noivos e fazendo qualquer outra coisa na floresta que os deixou

cobertos de arranhões da cabeça aos pés.

Meu olhar percorreu a pele exposta deles. Parecia que tinham caído de uma montanha. Através de arbustos espinhosos. Que porra eles estavam fazendo lá fora? Na verdade, deixa pra lá. Eu não queria saber.

Aly se virou para mim, franzindo a testa. "Você não contou para todo mundo, contou?"

“Porra, não. Você acha que eu quero ser a única a dizer isso ao meu velho*esse cara*está prestes a se tornar parte da família?” perguntei, apontando para Josh.

"Ah", disse ele. "Também senti sua falta, amigo."

Ele tentou me dar uma pancada no nariz.

Dei um tapa na mão dele no ar e me afastei do seu alcance estranhamente longo.

"Por que é que", chamou minha mãe da porta, "eu sempre encontro vocês três vadiando lá fora?" Ela subiu na varanda da frente e fez sinal para que entrássemos. "A bebida está aí dentro, seus idiotas. E está úmido como um..."

"Mãe, por favor", interrompi. "Chega de piadas de freira." Ela tinha o péssimo hábito de comparar o tempo aos lugares indizíveis das freiras. Algumas das piores que eu tinha ouvido ultimamente eram: "Seco como a bunda de uma freira", "Frio como as tetas de uma freira" e "Ventoso como o cu de uma freira". Eu não sabia quantas mais eu aguentaria, principalmente se ela cumprisse a ameaça de me arrastar de volta para a igreja em breve.

Aly e Josh se aproximaram dela, ambos sorrindo. Eles podiam odiar meu pai, mas mamãe havia conquistado seus corações com seu humor negro irlandês, e eles pareciam genuinamente felizes em vê-la.

“Desculpe, Moira”, disse Josh. “Meu*noiva*só queria mostrar o anel dela.”

Mamãe fez um barulho que eu nunca tinha ouvido antes, algo entre um soluço e um grito agudo, e se jogou em cima de Aly. A cena me fez cair de susto. Não conseguia me lembrar da última vez que a vira tão feliz, sorrindo e rindo como se não se importasse com nada no mundo. Isso me fez sentir um canalha por ter ficado longe, por não passar mais tempo com ela. Meus irmãos e eu podíamos escapar do nosso pai; mamãe estava presa a ele.

Porra, eu esperava conseguir me livrar do meu pai sem arriscar meu relacionamento com ela.

Como se eu o tivesse chamado, papai saiu correndo pela porta, arma em punho, meus irmãos em seu encalço. "O que foi? Eu ouvi você..." Ele avistou mamãe se afastando de Aly e abaixou a arma. "Por que você gritou, Moira? Meu Deus, você quase me deu um ataque cardíaco."

“Eles estão noivos”, disse a mãe, segurando a mão de Aly.

Meu olhar se fixou em papai, observando seus olhos se estreitarem e sua boca se franzir conforme a notícia chegava.

Seja legal pelo menos uma vez na vida, pensei.

"Acho que devo ir buscar o bom champanhe", ele murmurou, afastando-se.

A mãe soltou um suspiro de alívio. Para o pai, isso era o máximo de alegria possível.

Depois da hora mais longa da minha vida, finalmente nos sentamos para jantar. Eu deveria encontrar Lauren às nove e meia, e fiquei olhando o celular para ver as horas. Nesse ritmo, eu teria que sair correndo dali assim que terminássemos de comer.

"Você conhece a regra", reclamou papai. "Sem celulares na mesa de jantar."

Coloquei-o virado para baixo ao lado do meu prato. "Estou esperando uma coisa do Vinny." Não era exatamente uma mentira.

Papai me olhou, provavelmente se perguntando que diabos eu poderia estar esperando, mas sustentei seu olhar com foco inabalável, desafiando-o silenciosamente a dizer mais alguma coisa. Mamãe escolheu aquele momento para pigarrear, um lembrete sutil de que, acima de tudo, nunca discutíamos negócios durante o jantar.

Relutantemente, papai se virou para Aly: "Junho é o melhor mês."

Ela fez uma pausa, com o prato erguido enquanto Josh lhe servia um pouco de salada. "Para quê?"

"Seu casamento", disse papai. "O jardim está no auge, então, e isso nos dará bastante tempo para enviar os convites." Seu olhar se voltou para Josh. "Ou para você mudar de ideia."

A mãe estreitou os olhos para o pai.

O olhar de Aly era igualmente severo. "Primeiro, nós literalmente acabamos de ficar noivos. Ainda nem começamos a planejar, e segundo..."

"Ótimo", interrompeu o pai, pegando as conchas recheadas que Greg lhe passou. "Isso significa que você não está com pressa." Seu olhar se voltou para onde a mesa escondia a barriga de Aly. "Eu não sabia se você tinha só engordado uns quilinhos ou se estava grávida."

O choque percorreu a sala. Merda, ele tinha ido lá.

"*Nico*", sibilou a mãe.

A mesa chacoalhou quando Josh se afastou, sua expressão se escurecendo de uma forma que não era um bom presságio para meu pai. Fiquei meio tentada a dizer alguma coisa, mas, de todos ali, Josh e Aly eram os que menos precisavam de ajuda para se defender, e eu não estava tentando me tornar um alvo naquela noite.

"Relaxe, pessoal", disse papai, sorrindo de um jeito que me arrepiou. "Era brincadeira. Ela tem, tipo, 2% de gordura corporal."

À minha frente, Alec enfiou uma garfada de macarrão com queijo na boca e falou: "Mulheres não gostam quando você brinca com o peso delas."

"Não fale de boca cheia", disparou papai, olhando para Aly. "Desculpe por achar que você era menos sensível que as outras mulheres."

Mamãe virou sua taça de vinho como se fosse uma dose, resmungando sombriamente.

“Em segundo lugar”, Aly continuou como se nunca tivesse sido interrompida, “não vou mudar de ideia sobre me casar com Josh”.

A expressão do pai tornou-se calculista. "Ainda falta muito tempo até junho do ano que vem."

Aly balançou a cabeça. "Quem disse que a gente ia esperar tanto tempo?"

"Eu te disse", disse papai. "O jardim..."

Aly finalmente explodiu. "Foda-se o jardim!" Josh colocou a mão em seu ombro, e ela respirou fundo para se acalmar. "Desculpa, Moira."

A mãe dispensou-a com um gesto e pegou a garrafa de vinho, virando-a sobre o copo.

Estava indo bem.

"Não vamos fazer o casamento aqui", disse Aly, olhando novamente para meu pai. "Mal conseguimos passar cinco minutos de jantar sem você irritar todo mundo."

Papai deu de ombros, despreocupado. "Tem bastante tempo para que as notícias sobre o pai do seu namorado também vazem."

De repente, a atenção de todos se voltou para Josh, com um olhar de questionamento. Mamãe e meus irmãos não sabiam do passado sombrio de Josh, só eu e papai.

E Aly, que parecia prestes a cuspir pregos: "Eu te avisei para não tocar nesse assunto de novo."

Uma lembrança passou pela minha mente de Aly, Josh, papai e eu, todos trancados no escritório do papai, Aly tão furiosa quanto estava agora, jurando nunca mais falar com meu pai se ele revelasse os segredos de Josh.

Os olhos do pai brilharam com uma luz escura. "Faça o casamento aqui, e eu não vou."

"Eu não vou fazer isso com você", disse Aly. "Estamos indo embora. Desculpe, Moira."

“Não sinta”, disse a mãe.

Josh e Aly se despediram brevemente de nós, e a única coisa que manteve meu pai quieto durante a partida deles foi minha mãe lançando-lhe olhares furiosos.

"Eu também já terminei", disse ela quando eles saíram, pegando sua taça de vinho.

Parou na porta e lançou um último olhar hostil para o pai. "E nem se incomode em vir para a cama mais tarde."

"Ooh", disse Alec depois que ela saiu furiosa. "Tem alguém dormindo no sofá."

Papai se virou para ele, em silêncio, seus olhos implorando para Alec dizer*mais uma palavra*Então ele tinha alguém para desabafar sua raiva. Alec sabiamente se calou e olhou para o prato.

E então chegou a minha vez de suportar o peso da atenção do papai. "O que você está esperando, Vinny?"

Arqueei uma sobrancelha. "Achei que não tinha conversa de trabalho no jantar?"

Papai apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente, os olhos escuros brilhando de ameaça. "Por que você está evitando a pergunta, Júnior?"

Ainda bem que eu tinha uma desculpa de verdade para estar com o celular na mão e não precisava mentir. Mentiras nunca duravam muito com meu pai, porque ele era paranoico o suficiente para checar cada palavra que lhe era dita, até mesmo pelos próprios filhos. A última coisa que eu precisava era que ele me pegasse em uma agora. Eu não duvidaria que ele tivesse alguém me seguindo, e não podia arriscar que ele descobrisse sobre Lauren antes que eu estivesse pronta.

“Vinny está no cais certificando-se de que as mãos dos agentes da alfândega estejam lubrificadas”, eu disse.

Papai franziu a testa. "Ele está tentando exigir mais dinheiro?"

Eu assenti.

Greg soltou um suspiro. "Por quê? O barco está cheio de azeite, não de cocaína."

"Azeite falso", lembrei-o.

Greg franziu a testa. "E daí? Livre-se dele e encontre um agente mais fácil de trabalhar."

Balancei a cabeça. "Está muito calor nesta cidade agora. Não precisamos adicionar mais um cadáver à pilha. Principalmente porque isso levaria a uma investigação, e se os federais começarem a cavar, a pista pode levar de volta a nós. Além disso, não há tempo. O próximo carregamento chega mais tarde esta noite."

Papai apontou o queixo na minha direção. "O que o Junior disse." Ele enxugou o rosto com o guardanapo e o colocou de lado. "Na verdade, eu estava querendo falar com você sobre uma coisa. Estávamos pensando em expandir as importações. Falei com o Lorenzo e gostaríamos de ver você assumir a liderança nisso."

Alec quase engasgou com o macarrão. Ao lado dele, Stefan ficou imóvel.

Greg soltou um assobio baixo e me deu um tapinha nas costas. "Parece que você vai ser promovido."

Fechei a expressão, a mente trabalhando a todo vapor. Não era o papai sendo um

benfeitor generoso. Era a resposta dele ao meu afastamento. Era a sua última tentativa de me aproximar dele em um ambiente onde eu não pudesse recusar. Porque não havia razão lógica para eu recusar a oferta.

E embora eu quisesse me libertar mais do que tudo, naquele momento eu não estava pronta, não tinha nada em que me apoiar, não tinha um plano definido para lidar com as consequências do rompimento dos laços com meu pai. O que significava que eu tinha que dizer sim.

Ao liderar nossa operação petrolífera para Lorenzo, eu estaria assumindo mais responsabilidade do que nunca, mais riscos. Minha cabeça estaria na berlinda se fôssemos pegos, e eu seria o único a passar o resto da vida atrás das grades.

Um calor subiu pela minha nuca enquanto meu temperamento mostrava sua cara feia. Eu queria gritar. Eu queria me enfurecer. Eu queria virar aquela mesa de merda e espancar meu pai até quase matá-lo. Mas eu tinha que me controlar, tinha que evitar que ele ficasse ainda mais desconfiado de mim do que já estava.

Papai inclinou a cabeça para o lado, estreitando o olhar, e um sorriso se espalhou pelo rosto, que mais parecia um mostrar de dentes. "Posso confiar em você, certo, filho?"

Não tive escolha a não ser concordar, então me forcei a retribuir o sorriso. "Claro." A mentira tinha gosto de cinza na minha boca, como as brasas destruídas dos meus sonhos. "Não vou te decepcionar."

18

Júnior

EU ACELEROU MINHA MOTOCICLETA, FUNDINDOentrando e saindo das faixas enquanto eu corria pela cidade. Lauren tinha sido corajosa o suficiente para me dar uma segunda chance, e eu já estava estragando tudo por estar atrasado.

Era por isso que eu nunca tinha buscado um relacionamento sério antes; eu sabia que acabaria decepcionando alguém. O fato de ser Lo quem eu estava decepcionando parecia inaceitável, me convencia ainda mais de que, se eu tivesse alguma chance de encontrar algum tipo de normalidade, precisava cair fora antes que meu pai me cravasse as garras ainda mais fundo do que já estava.

Mais à frente, o sinal ficou amarelo. Acelerei, atravessando o cruzamento no momento em que ele ficou vermelho.

O vento me fustigava. Mantive a cabeça girando para evitar os carros e pedestres no meu caminho. Se Lauren não me perdoasse por tê-la deixado esperando, seria um inferno, e que se danem as consequências. Eu já estava bravo com o papai antes, mas agora que havia me distanciado um pouco, aquela raiva se transformou em fúria. Eu me sentia preso, encurralado, como um animal selvagem sem chance de escapar.

Balancei a cabeça, tentando afastar os pensamentos sobre meu pai, tentando ignorar a expressão de triunfo em seu rosto quando lhe disse que ele podia confiar em mim. Essa minha raiva era um problema, e eu não precisava que ela contaminasse meu tempo com Lauren. Ela era importante demais, especial demais.

Desta vez, estacionei bem em frente ao clube e fui em direção à porta da frente, entregando meu capacete e jaqueta ao guarda-volumes enquanto a recepcionista escaneava meu cartão de membro. Assim que o celular dela piscou verde, peguei uma máscara da mesa dela e entrei no saguão.

Lauren estava sentada na frente e no centro do bar, com uma mulher linda de um lado e um homem conhecido do outro. Meu humor despencou de volta para a raiva. Era o mesmo filho da puta com cara de universitário que eu já tinha visto farejando

perto dela antes.

Caminhei em direção ao trio, sentindo os olhares em mim. As pessoas no bar começaram a se virar como se tivessem sentido a vibração no ambiente mudar, Lauren se virou junto com elas, o sorriso em seu rosto vacilando ao ver minha expressão.

“Oh”, ela disse, “você realmente pode—”

Interrompi-a com um beijo, entrando com força, me enfiando entre suas pernas, com as mãos em seu rosto para poder segurá-la no ângulo certo. Ela tinha gosto de champanhe e morangos, e eu estava puto por não estar ali para vê-la consumi-los.

A máscara cravava-se no meu rosto, mas eu a ignorei, concentrada demais em como Lauren estava rígida sob meus braços, seu corpo irradiando tensão. Inclinei minha boca sobre a dela e passei a língua em seus lábios, implorando para que me deixasse entrar novamente, dizendo-lhe com meu toque o quanto eu sentia. Suas palmas tocaram meu peito, e eu tive tempo suficiente para me preparar para não ser empurrada antes que seus dedos se enrolassem em minha camisa e ela me puxasse para mais perto, sua boca se abrindo em uma inspiração irregular, o primeiro toque de sua língua como o paraíso contra a minha.

“Uau, ei”, disse o cara ao nosso lado.

Interrompi o beijo apenas o tempo suficiente para mandá-lo se foder e voltei a reivindicar Lauren como uma espécie de homem das cavernas. Claro, eu tinha me atrasado, mas isso não significava que eu tinha desistido. Não significava que os abutres que circulavam Lo poderiam descer na minha ausência.

Foi o meu melhor momento? Não. Mas também não foi o meu pior, e pelo jeito que Lauren me beijou de volta, ela não pareceu se importar tanto. Continuei, abaixando a mão para puxar a perna dela em volta da minha cintura, encaixando meus quadris nos dela para que ela pudesse sentir o quão excitado eu estava por ela, o quão duro ela me deixava.

"Onde?" perguntei.

“Lá em cima”, ela disse.

Tirei-a do banco e a carreguei em direção à escada. Ela se agarrou a mim, nossos peitos pressionados, seus braços em volta do meu pescoço, as pernas em volta da minha cintura. O vestido dela era curto, então prendi meu antebraço sob sua bunda, prendendo a barra no lugar para impedi-la de aparecer no quarto.

Se as pessoas nos observavam furtivamente antes, agora olhavam boquiabertas. Que o fizessem. Todos dentro daquele prédio precisavam saber com quem teriam que lidar se fossem atrás de Lauren. Deixando de lado todas as pretensões, deixei a ameaça e a agressão que sentia se infiltrarem em minha expressão, meus olhos como punhais, meu sorriso de escárnio, uma promessa de violência, mesmo enquanto eu embalava

Lo contra mim como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo. As pessoas desviavam o olhar quando eu as encontrava, e isso deveria ter sido um sinal de alerta de que eu precisava controlar meu temperamento, mas tudo o que eu sentia era um triunfo sombrio, meu sangue zumbindo, minha alma uivando como um lobo reivindicando sua presa.

Meu.

Carreguei Lauren escada acima, tão distraída com a sensação que ela tinha em meus braços que não sabia para onde estávamos indo.

Ela puxou minha manga quando passamos por uma porta. "Aqui."

Virei à direita e ela me soltou com um braço para pressionar o cartão contra a fechadura. No segundo em que abriu, entramos. Eu estava desesperado para prová-la novamente, para jogá-la na superfície plana mais próxima e — espera, de onde diabos toda essa gente veio?

Meu corpo parou bruscamente enquanto eu observava o ambiente ao nosso redor. O quarto do voyeur, para ser mais exato. Ou pelo menos uma cópia dele, com a mesma cama, travesseiros e cadeira.

“Afinal, você conseguiu”, disse alguém.

Girei, ainda segurando Lauren, e vi uma de suas colegas de quarto, a loira alta e andrógina que tinha ficado completamente escarlate quando nos flagraram na escada. Elas usavam uma saia preta de comprimento médio e uma regata combinando, os cabelos presos em um coque bagunçado no alto da cabeça, olhos azul-claros contornados com delineador escuro.

Coloquei Lauren no chão, mantendo-a na minha frente para esconder minha óbvia excitação. Isso... não era o que eu esperava. Pensei que ela estava nos levando para um quarto onde poderíamos ficar sozinhos, sem mais pessoas.

"Junior, este é o Ryan", disse ela. "Ele é um dos meus colegas de quarto."

A educação não era fácil para mim nos melhores momentos, muito menos agora, quando tudo o que eu queria era ver Lauren nua, mas estava claro que Ryan era importante para ela, então deixei minha frustração de lado e tentei causar uma segunda impressão melhor do que a primeira.

Estendi a mão para Lauren, na direção deles. "Nós..." Inclinei a cabeça para o lado e sorri, uma sobrancelha arqueada em questionamento. "Conheceram?"

Ryan soltou uma risada sem graça e segurou a minha mão. "Essa é uma maneira de dizer."

"Desculpe por ter sido um babaca naquela noite", eu disse enquanto cumprimentávamos.

Eles me soltaram e recuaram. "Compreensível, dadas as circunstâncias."

"Certo", disse Lauren. "A escada."

"Ótimo documentário", disse a outra colega de quarto de Lauren. "Ele fez isso, caramba."

Balancei a cabeça e sustentei seu olhar com um esforço monumental, tentando não pensar no fato de que a vira cavalgando o pau de alguém da última vez que estive naquele quarto. "Não sei. Pode haver algo por trás da teoria da coruja."

Ela sorriu e olhou para Lauren. "Eu gosto dele. Ele pode ficar." Com isso, ela se virou e voltou para a multidão.

Lauren balançou a cabeça, parecendo divertida. "Era a Taylor."

"Vou me sentar", disse Ryan. "Prazer em conhecê-lo oficialmente, Júnior."

Levantei a cabeça. "Você também."

Eles se viraram, e Lauren me arrastou para longe da porta, para um par de assentos desocupados no canto mais distante. Peguei o mais próximo da parede e, quando Lauren fez menção de se sentar ao meu lado, passei os braços em volta da cintura dela e a puxei para o meu colo, feliz com as sombras deste lado da sala.

“Desculpe o atraso”, eu disse.

Ela pode ter me beijado lá embaixo, mas percebi pela rigidez em seus ombros e pelo olhar cauteloso em seu rosto que ela ainda estava cautelosa. "Achei que você tinha me dado um bolo."

Puxei-a para perto, roçando nossas bochechas, mal conseguindo manter a parte inferior do meu corpo imóvel contra a vontade de me esfregar nela. "Eu jamais faria isso por vontade própria."

“Então onde você estava?” ela perguntou.

“Em um jantar em família completamente desastroso.”

Ela se afastou, parecendo surpresa. "Sério?"

Assenti, sustentando seu olhar, deixando que seus olhos me absorvessem enquanto ela estudava minha expressão, sem dúvida procurando por mentiras.

"Temos uma vez por mês", eu disse a ela. "Meu pai ligou para esta de última hora."

"Ah." Uma ruga se formou entre suas sobrancelhas. "Por que você não me contou isso?"

"EU *fez*, que você teria visto se não tivesse desligado tão rápido o seu maldito telefone.”

Ela desviou o olhar, com as bochechas rosadas. "Eu estava em outra sala e o show estava prestes a começar."

Agarrei seu queixo e a virei de costas. "Besteira." Ela tentou se afastar, mas eu a segurei firme. "Por que você fez isso mesmo, Lo? A verdade desta vez."

A resposta dela foi tão baixa que mal a ouvi. "Achei que você estava fazendo comigo

agora a mesma coisa que fez naquela época."

Xinguei, baixo e furioso, e a puxei de volta para o meu peito. Minha mão alisou seus ombros, e levei um segundo para escolher as palavras, na esperança de conseguir convencê-la. "Não sou mais aquela criança medrosa. Não vou te ignorar de novo. Qualquer coisa que acontecer daqui para frente, eu falo com você primeiro. Mas você precisa saber que, por causa do que eu faço, fazer planos é difícil."

"E daí?", ela murmurou contra minha blusa. "Eu só vou ter que esperar por você?"

"Não. Só estou pedindo um pouco mais de paciência se isso acontecer de novo." Beijei o topo da cabeça dela, torcendo para que ela entendesse. "E prometo que vou te compensar depois."

"Como?"

"Como você quiser", eu disse a ela.

Ela se recostou e me presenteou com um sorriso, e talvez fosse por causa das sombras, mas parecia um pouco assustador. "Palavras perigosas. Não sou mais aquela garota tímida."

"Que garota tímida? A que eu lembro me escreveu um bilhete explícito, com duas faces, contando todas as coisas que ela queria fazer com o meu pau."

“Ela era mansa em comparação.”

Lancei-lhe um olhar inexpressivo. "E você acha que eu não sei disso depois de tanto tempo que sou submissa?"

Ela balançou a cabeça. "A maior parte do que eu posto, e o que vocês pediram, é bem padrão. Mas eu gosto de outras coisas também, quero outras coisas."

Meu olhar passou por ela em direção ao palco desocupado. "Coisas assim?"

“E mais.”

Nossos olhares se encontraram. "Coisas como ser perseguida por um corredor?"

Ela mordeu o lábio e assentiu, remexendo-se um pouco no meu colo, o suficiente para eu perceber que meu pau estava prestes a ficar preso na perna da calça novamente. Lançando um olhar furtivo para os nossos vizinhos mais próximos, deslizei a mão por baixo de Lauren e me ajeitei. Seu olhar acompanhou o movimento, a mesma expressão faminta do fliperama tomando conta de seu rosto.

Inclinei-me novamente, beijando sua bochecha, recuando até prender o lóbulo da sua orelha entre os dentes. "O que você quiser, quando quiser."

Ela se aproximou, segurando meus ombros com as mãos. "Eu quero..."

As luzes do teto diminuíram, o sinal de alerta de que o show estava prestes a começar.

Lauren soltou um som frustrado e saiu do meu colo.

Lutei para me controlar enquanto todos ao redor se sentavam. O que eu queria fazer

com Lauren naquele momento não era digno de consumo público. Ou talvez fosse, e eu fosse egoísta demais para deixar qualquer outra pessoa se aproximar. Eu a queria só para mim, não suportava a ideia de compartilhar seus suspiros ou gemidos.

Ocorreu-me então que eu estava*já* compartilhando-a com milhares de assinantes, e ainda assim, eu não sentia a mesma necessidade possessiva de mantê-la longe deles. Talvez porque seus relacionamentos fossem transacionais e online. Ou talvez porque era o ganha-pão dela, e nem eu era um canalha o suficiente para querer tirar isso dela. Ou...

Um toque baixo soou nos alto-falantes, interrompendo meus pensamentos e desencadeando uma onda inesperada de antecipação em minhas veias. Sim, eu definitivamente compartilhava a tara voyeur da Lauren, porque a ideia de fazer aquilo de novo — assistir duas pessoas transando pessoalmente — me deixou excitada.

Em vez de Morgan e Steph, um casal negro subiu ao palco, ambos já vestidos com robes.

Lauren se aproximou. "Ray e Ella. Vocês vão ter uma surpresa."

Meu olhar se desviou do homem magro de tranças para a mulher que segurava sua mão. Seus cabelos flutuavam em volta do rosto em cachos apertados e espiralados. O robe que ela usava escondia a maior parte do seu corpo, exceto as panturrilhas torneadas e os pés descalços, com as unhas pintadas de um rosa-choque.

Eles pararam em frente à cama, onde Ray puxou Ella para perto.

"Oi", ele disse, inclinando-se para bater a testa na dela.

“Oi”, ela respondeu.

“Você está linda esta noite.”

“Você também não é tão ruim”, disse Ella.

Bem, eles pareciam um casal adorável. Tomara que não fosse algo chato e sentimental. Seria uma decepção depois da primeira apresentação que eu assistisse, e com tantas emoções carregadas ainda me percorrendo, eu não estava com vontade de nada suave.

Lauren soltou um pequeno suspiro, e eu olhei para ela, observando o casal com uma expressão de desejo. Naquele momento, ela parecia alguém que queria o que Ray e Ella tinham, o que Morgan e Steph também tinham. Será que ela tinha apenas...*disse*Ela não queria nada sério? Ou era comigo, especificamente, que ela não queria levar a sério?

Voltei-me para o palco e encontrei Ray e Ella se beijando. O beijo foi lento, gentil e exploratório. Sem pressa. Fui forçado a observá-lo entre as cabeças dos outros, tendo que me mexer um pouco para não perder o par de vista. Cada fileira era composta por seis cadeiras, e havia quatro fileiras nos separando do palco, o que significava que eu

tinha uma visão mais clara da plateia do que dos artistas. Era uma distração, principalmente porque ninguém parecia conseguir ficar parado.

Só quando as duas mulheres bem na nossa frente começaram a se beijar é que comecei a entender o apelo. Em vez de observar apenas um casal, tínhamos a opção de escolher o que quisessem. Eu podia mudar meu foco para quem despertasse meu interesse, e ninguém perceberia.

Olhei para Lauren, me perguntando se esse era o plano dela o tempo todo, e a vi encarando as mulheres descaradamente. Eu imaginava que ela não fosse hétero, dada a tatuagem de arco-íris, mas observar a intensidade em seu rosto agora confirmava. Talvez eu devesse estar preocupado, ou com ciúmes, mas tudo o que senti foi presunção por, de todas as pessoas disponíveis para ela, estar escolhendo passar seu tempo comigo. Isso me deixou ainda mais determinado a não estragar tudo.

Um barulho chamou minha atenção para a frente da sala. Ray estava tirando o robe de Ella dos ombros dela, lentamente, beijando cada centímetro de pele enquanto a expunha. Ele falou com ela, mas o que quer que tenha dito foi tão baixo que não foi ouvido apenas por ela. Ela se ergueu na ponta dos pés e se arqueou contra ele em resposta, e o robe se soltou, revelando-a em toda a sua glória.

Meu olhar percorreu-a. Ela era alta, com músculos longos e elegantes, cobertos de mais tinta do que eu, a manga da camisa subindo pelo ombro e descendo pelas costelas antes de se enrolar até a coxa. Seus seios eram pequenos e empinados, mamilos perfurados, uma corrente delicada atravessando os dois aros e mergulhando entre as pernas de um jeito que me fez sentar mais ereto no assento. Para onde diabos aquilo foi? Bastaria um puxão suave para conduzi-la pelos peitos — e pela boceta? — e eu achei a ideia estranhamente atraente.

Ela estendeu a mão e empurrou o robe de Ray para fora, e a plateia soltou um suspiro coletivo. Toda a parte inferior do pau totalmente ereto de Ray estava perfurada com halteres, como uma maldita escada de Jacob subindo por seu eixo.

Olhei para Lauren, sabendo que devia estar horrorizada, porque, caramba, aquilo devia doer. Sua expressão travessa estava de volta, e agora eu estava me perguntando o quê...*exatamente*, estávamos prestes a assistir.

"Deite-se", disse Ray, estendendo a mão para ajudar Ella a se ajoelhar.*Pela corrente.*

Meus próprios mamilos pareciam estar tentando recuar para dentro do meu corpo, mas Ella soltou um gemido ao cair no chão. Tudo bem, contanto que ela estivesse a fim. Sexo sem consentimento era um grande problema para mim.

"Abra", disse Ray, e os lábios de Ella se separaram ao comando.

Lauren se aproximou, nossos braços se tocando, mas eu não conseguia tirar os olhos do palco, onde Ella se inclinava para frente, a boca se esticando ao redor da cabeça do

pau de Ray, a língua lambendo a parte de baixo. A primeira barra passou pelos lábios de Ella, puxando-os pelo caminho. Meu Deus, isso era mesmo bom? Meus olhos subiram para Ray. Ele observou Ella se esforçando para possuí-lo, mas nada em sua expressão revelava dor, apenas prazer.

A mão de Lauren pousou na minha perna e, finalmente, olhei para ela. Seu vestido preto era decotado o suficiente para que eu tivesse uma linha de visão direta para seu decote, onde seus seios pressionavam o tecido a cada respiração. Algo devia ter acontecido no palco enquanto eu estava distraído com a visão dela, porque suas unhas cravaram um pouco na minha perna. Levantei o olhar para o rosto dela, observando-a observar Ray e Ella, extasiada, com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, como se estivesse imaginando tentar chupar um pau daquele tamanho. Bem, se ela quisesse um, tudo o que precisava fazer era pedir.

Um suspiro próximo me fez virar para frente novamente. Ella já havia descido mais alguns halteres, com lágrimas escorrendo dos olhos. A visão teria me arrepiado se não fosse pelos gemidos constantes e baixos de incentivo que ela emitia e pela maneira como uma mão deslizava pelo eixo de Ray para segurar suas bolas.

"Você está indo tão bem, querida", disse Ray, afundando os dedos nos cachos dela. "Tome outro."

Porra, pensei, observando o esforço heroico de Ella para enfiar mais um centímetro na garganta. É, a pornografia estava arruinada.

Assim que a última barra deslizou para dentro, Ella recuou, dando a si mesma um tempo para respirar, trabalhando a cabeça do pênis de Ray com a boca e suas bolas com as mãos.

Os dedos de Lauren relaxaram o aperto mortal e deslizaram pela minha perna.

Olhei para o casal à direita de Lauren, mas eles não estavam prestando atenção em nós. Ninguém estava. Quem em sã consciência desviaria o olhar do palco naquele momento? Além de mim, porque a mão de Lauren subia cada vez mais na minha coxa, e eu não conseguia desviar o olhar dela. Ela estava mesmo prestes a tocar no meu pau em uma sala cheia de gente? Mais importante, eu estava prestes a deixar?

Uma onda de murmúrios me fez levantar a cabeça bruscamente bem a tempo de ver uma mulher branca, curvilínea e nua, com cabelos ruivos brilhantes, sair pela porta lateral. Ela foi direto para Ella, que agora balançava no pau de Ray, os halteres entrando e saindo de sua boca com estalos audíveis contra os dentes.

“Bri”, Lauren sussurrou.

Não consegui responder, consumido demais pela visão de Bri ajoelhada atrás de Ella, uma mão deslizando para o seio de Ella, a outra entre suas coxas. Ella estendeu a mão para trás e puxou o rosto de Bri para o seu pescoço, onde Bri beijou e chupou até a

orelha de Ella. Um ménage à trois. A surpresa foi um ménage à trois, e, meu Deus!*Cristo*isso confirmou que eu queria participar de um antes de morrer.

Pessoas se moviam na nossa frente, braços se movendo enquanto se tocavam. Entre seus corpos balançando, eu observava Bri puxar a corrente de Ella, fazendo-a gemer e se contorcer no pau de Ray, e, ah, porra, isso não deveria ter sido tão excitante.

Os dedos de Lauren roçaram meu pau, e eu sibilei, surpreso, olhando para o casal ao nosso lado novamente para ver se eles notavam. A mão do homem estava sob a saia da mulher enquanto assistiam à cena no palco, e entre a distração deles, as sombras naquele canto da sala e o jeito que Lauren estava virada para mim, eu duvidava que eles pudessem ter visto alguma coisa, mesmo que olhassem.

Lauren estendeu a mão e a acariciou por todo o meu comprimento. "O que eu quiser, quando eu quiser", ela sussurrou no meu ouvido, jogando as minhas palavras de volta para mim.

Uma promessa era uma promessa.

Nossos olhares se encontraram e eu assenti. "O que você quiser."

Ela abriu minhas calças e tirou meu pau para fora ali mesmo, numa sala cheia de estranhos.

19

Lauren

EU QUASE GEMEU NOa sensação da ereção dura e quente de Junior na minha mão, mesmo enquanto eu me maravilhava com os acontecimentos da última meia hora. Eu já tinha desistido completamente dele antes que ele me marcasse com aquele beijo na frente de metade da boate, estava pronta para seguir em frente com outra pessoa — ou pelo menos era o que eu tentava me convencer —, mas então ele apareceu e incendiou meu sangue, me lembrando de que a atração entre nós não seria tão facilmente esquecida.

Não foi justo o que ele fez comigo, a maneira como ele mexeu com meu cérebro, a maneira como meu corpo reagiu a ele. Minha mente gritou:*Má ideia!*mas meus hormônios estavam tipo,*Sai da frente, vadia*.

Eu estava meio tentada a levá-lo para um quarto no terceiro andar em vez de aqui, mas se ele estava falando sério sobre ficar por ali, e se eu estava realmente prestes a quebrar minhas regras por ele novamente, eu precisava que o Júnior entendesse que ficar comigo significava entrar no meu mundo. Um tempo a sós era ótimo, mas eu queria mais do que isso.*necessário* Mais do que isso, e eu me recusei a me negar ou me diminuir. Este clube era uma parte enorme da minha vida. O jogo kink também era, e eu não estava disposta a me contentar com alguém que não pudesse ou não quisesse participar.

Não se precipite, Pensei, centrando-me novamente no momento, meu olhar indo para o palco, onde Ray, Ella e Bri estavam se movendo, se acariciando,*sucção*. O pau do Junior estava duro como uma rocha em minhas mãos, quente e insistente, me dizendo o quanto ele gostou do que viu.

Passei a mão por todo o seu comprimento. Eu sonhava em tocá-lo havia dias, desde que ele me recusou no fliperama. Meu lado malcriado era forte o suficiente para que eu não gostasse de ouvir um não. Isso imediatamente me deu vontade de agir, e se o Júnior fosse qualquer outra pessoa, eu já o teria irritado. Mas, embora eu tivesse tido

tempo de sobra para explorar cada uma das minhas taras, estava claro que ele não tinha, e eu entendia a responsabilidade que tinha de facilitar as coisas para ele, de não forçá-lo demais antes que ele estivesse pronto.

Inclinei-me para perto e beijei a lateral do seu pescoço, envolvendo meus dedos em volta do seu pau tenso. "Tem certeza?"

Ele estava olhando fixamente para baixo, o olhar fixo onde eu o tocava. "Tenho certeza", disse ele, movendo os quadris levemente como se estivesse tentando me fazer mexer. Sempre tão impaciente, esse.

Dei a ele o que ele queria, acariciando seu membro lentamente, sem pressa, percorrendo cada centímetro dele, lembrando-me de como era esticar meus lábios em volta de sua circunferência, lembrando-me de como ele tentara ser gentil ao tirar minha virgindade. O quanto ainda doía. Até que não doeu mais. Tínhamos tido apenas aquela noite juntos antes de tudo ir para o brejo, e eu me perguntava como seria agora. Certamente mais fácil tomá-lo, se eu estivesse bem e excitada primeiro. Se não... Deus, isso seria deliciosamente áspero, quase doloroso, mas quem não gosta de um pouco de dor de vez em quando para aumentar o prazer?

Continuei a brincar com ele enquanto olhava para o palco. Ray e Ella sempre faziam um show incrível, às vezes doce, às vezes violento, mas sempre quente como o pecado.*especialmente* quando Bri se juntou a eles.

"Chega", disse Ray, e os lábios de Ella se abriram imediatamente. "Cama. Agora."

Com um puxão suave na corrente de Ella, Bri a fez se levantar. Junior se enrijeceu ao meu lado, e eu sorri, querendo dizer a ele que Ella estava bem, que tanto Ray quanto Bri sabiam exatamente quanta força usar para não machucá-la, mas eu não queria desviar a atenção do espetáculo, então mantive meus lábios selados.

Ella subiu na cama primeiro, virando-se para o público, com as pernas abertas, revelando o piercing no capuz do clitóris e a corrente que passava pela argola, conectada aos seus mamilos. Bri subiu na cama depois de Ella, acomodou-se entre suas pernas abertas e foi beijando as coxas de Ella enquanto Ray se juntava a elas.

Apertei Junior, olhando para seu colo, saliva se acumulando em minha boca ao pensar em lamber a gota de pré-sêmen em sua ponta.

Gemidos percorreram a plateia, e olhei de volta para o palco para ver Bri enterrar o rosto entre as pernas de Ella. Ray se posicionou atrás de Bri, puxando seus quadris para cima e encaixando seu pau em sua boceta. As coisas estavam prestes a ficar feias.*realmente* interessante, mas meu olhar voltou para Junior, meus pensamentos consumidos pelo desejo de fazer sexo oral nele enquanto ele assistia à cena.

Inclinei-me, acariciando-o da base à ponta, inalando o cheiro da sua colônia apimentada. "Posso colocar minha boca em você?"

Ele se virou para mim, o nariz roçando no meu, e nossos olhares se encontraram. Eu sabia que ele queria, mas não o pressionei, deixando que ele se decidisse sozinho.

"Não preciso", sussurrei. "Podemos esperar até depois."

Ray soltou um gemido baixo, e os olhos de Junior se desviaram dos meus, seu rosto se voltando novamente para o palco. Então, ele olhou para a multidão ao nosso redor, para todos os corpos se contorcendo enquanto todos se entregavam ao prazer. Finalmente, ele olhou para mim e assentiu, abrindo bem as pernas para me dar espaço entre elas. "Faz isso."

Eu imediatamente deslizei do meu assento, caindo de joelhos no piso frio. Junior moveu os quadris para a frente, e eu envolvi minha mão na base do seu membro e depois meus lábios em volta da sua cabeça. O gosto salgado do pré-sêmen atingiu minha língua, e eu gemi, girando-o, lambendo o máximo que pude.

Abaixei a cabeça, só um pouquinho, testando a largura dele na minha boca. Junior era grande o suficiente para que eu tivesse que ir devagar no começo, cobrindo-o de saliva para facilitar o acesso. Meus pensamentos se voltaram para Ella e como isso seria muito mais difícil com uma fileira extra de halteres para lidar. Aquela mulher era um ícone por fazer tudo parecer tão perfeito.

Minha mão trabalhava o membro de Junior enquanto eu chupava, reaprendendo a sensação dele. Eu não o estava penetrando fundo, não o estava apertando com tanta força. Em vez disso, eu me controlava, seguindo as indicações de Junior e da plateia. A qualquer segundo, haveria algum tipo de reação em massa, indicando penetração, e era aí que eu realmente acelerava o ritmo.

Eu sabia que estava prestes a acontecer, porque o pau do Júnior inchou com uma nova onda de excitação. Um segundo depois, suspiros e murmúrios encheram a plateia.*Altura de começar.*Apertei ainda mais o abraço em Júnior e comecei a me masturbar mais rápido, enquanto afundava as nádegas e o penetrava o mais fundo que podia. Suas mãos deslizaram pelos meus braços, arrepiando-me, antes de ele enfiar os dedos nos meus cabelos.

Cantarolei em aprovação e me inclinei em sua direção, o ar agitado pelo movimento frio contra minha calcinha úmida. O show de bondage tinha me excitado mais cedo, mas não era nada comparado ao quão excitada eu estava agora, sentindo o calor intenso de um homem na minha boca, ouvindo uma sala cheia de gemidos e outros...*mais quente*Sons. Precisando de atrito, deslizei a mão livre entre as pernas e comecei a esfregar a ponta do dedo em mim. Mantive os olhos abertos porque o casal ao nosso lado estava se divertindo, e ver a mulher masturbando o parceiro pelo canto do olho me deixou ainda mais excitado. Nesse ritmo, eu poderia gozar antes do Junior.

Seus dedos se curvaram, pressionando a parte de trás da minha cabeça e depois se soltaram, estabelecendo um ritmo para o ritmo que ele queria que eu mantivesse. Eu o acompanhei, penetrando-o mais profundamente, relaxando o maxilar e abrindo a garganta para que ele pudesse deslizar para dentro. Um gemido me disse que ele gostou disso. Eu queria poder olhar para cima e vê-lo, vê-lo alternar o olhar entre mim e o palco, mas o ângulo estava errado.

Seu controle diminuiu à medida que eu o exercitava, os dedos se enroscando em meus cabelos e os quadris se movimentando com mais força.*Sim, foda-se minha boca*, Pensei, a luxúria apertando meu âmago. Empurrei minha calcinha rendada para o lado e enfiei o dedo médio na minha boceta. Meus músculos se contraíram imediatamente, e pressionei a palma da mão no clitóris, esfregando-o a cada movimento.

Deus, foi incrível. Essa foi a*mais*Eu precisava. Era disso que eu gostava: a emoção de ser observada por aqueles ao nosso redor enquanto eu me masturbava; a euforia de ver os outros perseguirem o próprio prazer; a alegria absoluta de ouvir o trio no palco se aproximando cada vez mais do clímax, levando a sala inteira junto.

"Lo", Junior gritou, agarrando meu cabelo.

Afastei-me dele apenas o tempo suficiente para dizer: "Despeje na minha garganta", antes de engoli-lo o mais fundo que pude.

Com um gemido, ele começou a me puxar com cada estocada. Sim, era isso que eu queria, sentir seu controle se romper, ter um vislumbre do homem cruel que se escondia sob a fachada cuidadosa que ele havia construído para mim. Ele tinha feito um bom trabalho se domando, aparando suas arestas para não me assustar, mas de vez em quando, o verdadeiro Júnior aparecia, como quando ele me calou com aquele beijo mais cedo, e esse era o homem que eu desejava, esse era o homem que eu...*necessário*para me fazer gozar.

Suas estocadas ganharam velocidade, o eixo enrijeceu, as mãos apertaram com tanta força que doeu. Lágrimas arderam em meus olhos. Isso era perfeito,*ele*foi perfeito, me deu tudo o que eu queria e muito mais.

Minha boceta se agitava em volta do meu dedo. Eu estava perto, mas estava concentrada demais em fazer o Junior gozar para me masturbar, e não queria a distração. Tudo o que eu queria era senti-lo gozar dentro da minha boca.

Ele me deu um segundo depois, quase sem emitir nenhum som. Seu corpo me disse tudo o que eu precisava saber enquanto ele tremia e estremecia, um calor salgado explodindo sobre minha língua, marcando o fundo da minha garganta. Quase engasguei, mas consegui engolir tudo e manter o ritmo durante o orgasmo, diminuindo o ritmo apenas quando seus dedos afrouxaram.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele me puxou do chão para o seu colo. Com um rosnado, ele enfiou a mão por baixo do meu vestido e puxou minha calcinha com força suficiente para arrancá-la, e de repente estávamos pele com pele.

"Mexa-se", ele disse, puxando meus quadris.

Ah, merda.

Agarrei o encosto da cadeira para me equilibrar, quase sem precisar me esforçar, pois ele me arrastava com facilidade para cima e para baixo sobre seu pau ainda semiereto. Minha excitação o envolveu, transformando-o em uma bagunça quente e úmida que era incrível esfregando-se em mim. Seria tão fácil deslizá-lo completamente para dentro, mas eu não sabia se sexo em público com penetração seria demais para ele naquele momento, então o deixei assumir a liderança.

Ele se inclinou para frente e lambeu meu mamilo através do vestido, e, meu Deus, eu ia gozar com tanta força.

A sala pareceu desaparecer, restando apenas eu e Júnior e o que estava acontecendo entre nós. Minhas unhas cravaram-se na cadeira. Pontos dançavam na borda da minha visão. Eu estava excitada demais há muito tempo, e agora meu corpo me punia por isso, me mantendo em um estado de tortura feliz, quase onde eu precisava estar.

E então Junior mordeu meu mamilo, me levando ao limite. Fechei os olhos com força, estrelas brilhando atrás das minhas pálpebras enquanto minha boceta se fechava contra o nada e eu me despedaçava, me contorcendo, gemendo, Junior se empurrando contra mim quando meus quadris perderam o ritmo.

Voltei a mim com o braço dele em volta de mim, minha cabeça em seu peito, seu coração batendo descompassadamente sob meu ouvido. Lentamente, outros ruídos se infiltraram, gemidos e súplicas mais altos enquanto as pessoas ao nosso redor transbordavam e a energia no ambiente subia ao auge. O zumbido no ar era palpável. O cheiro de sexo invadiu meu nariz. Era como estar bêbado, quando o auge de uma cena me atingia, e talvez houvesse algo nisso, talvez tantos feromônios em um espaço tão fechado pudessem ter esse efeito nas pessoas. Eu já tinha estado em multidões que se transformaram em orgias completas antes, com as portas permanecendo trancadas muito depois do fim da cena.

Por mais que eu quisesse me virar e olhar para todos os outros, não achei que tivesse energia para isso, e pelo jeito que Junior me segurava com força, eu não iria a lugar nenhum mesmo.

Não por um bom tempo.

20

Júnior

EMe estavam entre os últimospara sair da sala de voyeurismo. Principalmente porque precisávamos daquele tempo para nos recompor. Ser levado pelo calor do momento era só diversão e brincadeira até as luzes se acenderem e você perceber que tinha feito bagunça e arruinado mais uma das roupas da sua garota. Quando voltamos para o corredor, a noite estava acabando, mas eu ainda não estava pronto para deixar Lauren.

"Beber?", perguntei, entrelaçando meus dedos nos dela.

Ela assentiu, sorrindo. "É, eu adoraria."

Lá embaixo, o saguão estava lotado, mas conseguimos encontrar um nicho desocupado com duas poltronas de couro confortáveis em um canto dos fundos, longe de olhares curiosos. Lauren explicou como funcionava pedir bebidas alcoólicas na boate, me oferecendo um pouco do champanhe que ela guardava no fundo. Optei por um café, sabendo que minha noite ainda não tinha acabado. Infelizmente, eu ainda tinha lugares para visitar depois de sair do Velvet. Nossa última remessa deveria chegar às 3 da manhã e eu tinha que estar lá.

"Então", disse Lauren, virando-se para mim depois que nossas bebidas foram entregues. "Arrependimentos?"

Balancei a cabeça e tomei um gole de café. "Não, eu... não odiei isso."

Eufemismo, mas eu ainda estava tentando entender o fato de que tinha acabado de assistir a um ménage à trois enquanto Lauren me chupava no meio de uma sala lotada. Foi pervertido, depravado. A coisa mais gostosa que eu já tinha feito. Eu queria mais e não sabia como me sentir em relação a isso.

Meu olhar percorreu Lauren enquanto eu colocava minha bebida de lado. Seu cabelo ainda estava um pouco desgrenhado, e eu não gostei de quão longe ela estava. "Vem cá."

Ela deslizou da cadeira sem protestar, exatamente como fizera antes, quando a

ordenei entre meus joelhos. A palavra "submissa" passou pela minha cabeça, mas era abjeta, algo que eu já tinha visto online ou em pornografia. Em nenhum lugar no Me4U de Lauren ela mencionou querer ser dominada, mas talvez ela mantivesse seus verdadeiros desejos em segredo para deixar algum espaço entre ela e seus submissos.

Arrastei-a para o meu colo, ajeitando-a de lado para poder dar um jeito nos rosnados que eu tinha criado. Ela relaxou no meu abraço, tomando goles de champanhe e chutando distraidamente os pés de um jeito fofo e petulante ao mesmo tempo. Como se aquilo fosse um direito seu. E talvez fosse, talvez eu devesse ser o responsável por consertá-la depois de ter sido eu quem a fodeu.

"Pronto", eu disse, envolvendo a mão em volta do quadril dela quando terminei. Levantei meu café com a outra e relaxei na cadeira, e Lauren veio comigo, aconchegando a cabeça sob meu queixo. "Como está sua garganta?", perguntei. Eu não tinha pegado leve com ela exatamente.

“Isso depende.”

"Em quê?"

"Como você vai ficar convencido se eu disser que é doloroso, mas valeu a pena."

"O mais convencido", eu disse.

Ela deu um peteleco no meu peito, e eu contive um sorriso. Eu não deveria estar feliz por meu pau ser grande o suficiente para machucá-la, mas não podia negar que gostava que a dor a lembrasse do que tínhamos feito.

Os dedos dela percorreram meu abdômen mais abaixo, e eu respirei fundo.

"Ai, meu Deus, me desculpe", disse ela, começando a se levantar de mim. "Esqueci do seu ferimento."

Puxei-a de volta para baixo. "Estou bem. Só tome cuidado com esse lado."

Um borrão pastel passou em frente à alcova e depois voltou. "Ah, oi", disse Taylor, colocando a cabeça para dentro. "Desculpe interromper o atendimento, mas a Sylvia quer nos ver em quinze minutos."

Lauren a saudou. "Estarei lá."

Taylor retribuiu a saudação e girou nos calcanhares, desaparecendo.

Cuidados posteriores? Era só isso? Eu achava que se limitava a relacionamentos BDSM. Era só passar um tempo juntos depois de terem se masturbado.

Lauren aconchegou a cabeça na curva do meu pescoço, e eu a abracei ainda mais. "Quem é Sylvia?", perguntei, curiosa.

"Fundador e principal acionista da Velvet", disse Lauren. "Eu, meus colegas de quarto e alguns outros também compramos ações."

“Vocês se encontram todas as noites em que estão aqui?”

Ela balançou a cabeça, o cabelo roçando na base do meu queixo. "Não, Sylvia e seu

sócio, Martin, cuidam de todos os negócios do dia a dia. Somos principalmente financiadores e só somos chamados quando decisões importantes precisam ser tomadas."

"Algo assim está acontecendo agora?" perguntei.

Ela suspirou. "Sim. O dono do prédio está aumentando nosso aluguel de novo, e estamos nos esforçando para encontrar um local alternativo. Ryan, Taylor e eu passamos todo o nosso tempo livre olhando outros prédios e sondando para ver se alguém estaria disposto a trabalhar conosco."

"Alguma sorte?"

"Infelizmente, não. Ou tudo é muito caro, ou as pessoas não querem correr o risco de nos alugar."

"Você não está infringindo nenhuma lei, está?"

"Fazemos tudo seguindo rigorosamente as regras", disse Lauren, explicando-me as leis de zoneamento e de combate a vícios da cidade. Ao terminar, acrescentou: "Nunca tivemos que pagar uma multa — de tão cuidadosos que somos."

Interessante. "Você é lucrativo?"

Ela soltou um suspiro. "Seríamos, se o nosso senhorio não fosse um sanguessuga."

"Quanto ele está te cobrando?", perguntei, tomando um gole de café. A resposta dela quase me fez cuspir. "Isso é besteira."

"Eu sei", disse ela. "Mas podemos acabar tendo que pagar."

"Quem é o seu senhorio?" Talvez eu o conhecesse e pudesse mexer os pauzinhos.

"Um babaca decrépito chamado Patrick McKinney." O nome era desconhecido. "Acho que ele está tentando nos forçar a sair com os aumentos."

"Parece que sim." Eu não conseguia pensar em nenhum outro motivo para aumentar tanto o aluguel de alguém. Um negócio lucrativo era um negócio lucrativo, e se a pessoa estivesse disposta a pagar o que já era muito caro, não fazia sentido financeiro arriscar perdê-la. A menos que você fosse um puritano de merda e quisesse que ela saísse. Ou fosse obrigada a aumentar o aluguel por algum outro motivo...

A ideia começou a girar na minha cabeça. Eu investigaria para ela. Podia não ser nada, mas eu sabia muito sobre quem era o dono desta cidade e o que os motivava. Algo parecia não fazer sentido.

Meu telefone tocou no meu bolso e eu empurrei Lauren um pouco para alcançá-lo.

Quase xinguei quando vi "Papai" no identificador de chamadas.

"Sim?" perguntei, atendendo.

"Agora", ele disse.

Deus-*porra*- Droga. Será que eu não podia ter só algumas horas para mim?

Lauren começou a se sentar, provavelmente sentindo a rapidez com que eu havia

passado de relaxado para irritado. Puxei-a de volta para baixo, decidindo que aquele era um momento tão bom quanto qualquer outro para começar a me empurrar.

"Estou ocupado", eu disse. "E preciso chegar logo ao cais. Peça para o Alec cuidar disso."

Papai desligou na minha cara.

Joguei meu telefone na mesa com mais força do que o necessário e de repente desejei ter pedido algo mais forte do que café.

“Está tudo bem?”, perguntou Lauren.

Eu balancei a cabeça.

"Você precisa ir?"

"Veremos", eu disse. "Tenho pelo menos mais alguns minutos."

"Como vão as coisas?", ela disse, e eu pude sentir sua contração, "com isso?"

"Com a máfia, você quer dizer?", perguntei, sem conseguir evitar provocá-la.

Ela deu um peteleco no meu peito novamente. “Com o seu*pai*, majoritariamente."

Fiquei em silêncio por um instante. Entre nossas sessões de sexting e as discussões da adolescência, ela provavelmente já tinha percebido o quanto eu estava infeliz por ser forçado a me envolver nos negócios da família. Mesmo no ensino médio, precisei cancelar compromissos com ela mais de uma vez, ou cheguei atrasado, coberto de sujeira, exausto e precisando de uma distração para não enlouquecer. Ela percebeu minha turbulência interior e fez perguntas, mas a maioria delas girava em torno de se eu estava bem, mais preocupada com meu bem-estar do que com o que eu tinha feito.

Porra, eu não a merecia.

"As coisas com meu pai estão... tensas", eu disse. "Principalmente porque estou prestes a ser forçada a assumir uma posição de maior responsabilidade."

“O que você quer dizer?” ela perguntou.

Suspirei. “Na Itália, a máfia se infiltrou no mercado de azeite. Eles embalam e vendem o que dizem ser azeite extravirgem, mas não é de verdade. É uma mistura de merda de outros óleos vegetais que eles anunciam como autênticos e fazem um sucesso enorme exportando para outros países. Trouxemos um pouco disso para cá, mas nossos embarques ainda são pequenos porque somos novos no ramo. Hoje à noite, meu pai me pediu para liderar a expansão da operação. Ele quer construir um império. Esse esquema já rendeu bilhões para a máfia italiana no exterior, e ele espera conseguir uma fatia desse bolo.”

Lauren se levantou bruscamente. "Você acabou de dizer*bilhões*?"

Concordei. "Dê uma olhada na Agromafia quando tiver oportunidade."

"Um segundo, estou anotando." Ela se inclinou para pegar a bolsa na mesa, com a frente do vestido aberta, e eu perdi alguns segundos olhando para o seu decote.

Ela colocou o celular ao lado do meu quando terminou e se acomodou novamente. "Aqui é tão lucrativo quanto lá fora?"

"Sim", eu disse. "Infelizmente, meu pai ainda quer economizar o máximo possível, então há tanta coisa ilegal envolvida na operação quanto qualquer outra coisa em que ele esteja envolvido."

Lauren ficou imóvel, e eu praticamente conseguia ver sua mente girando. "O que significa que, se você estiver no comando e algo der errado, você será a culpada por tudo, não ele."

"Bingo", eu disse.

"Avise-me se precisar de uma testemunha de caráter. Eu ficaria feliz*amor* mentir para um juiz."

"Vou cobrar isso de você", eu disse a ela.

"Sinto muito", disse ela, ficando séria. "Essa é uma situação terrível para um pai colocar o filho, e eu odeio que ele esteja fazendo isso com você."

Abracei-a com força, com algo apertando meu peito. Ninguém nunca tinha me dito algo assim antes. "É, bom, é só mais um motivo para eu sair enquanto posso."

Ela levantou a cabeça o suficiente para me olhar nos olhos. "Você quer sair?"

Sustentei o olhar dela e assenti. "Tenho pensado nisso há anos."

"O que você vai fazer em vez disso?" ela perguntou.

"Estou pensando em entrar para o sacerdócio."

Ela sorriu. "Isso significa que vou poder te chamar de papai?"

Quase engasguei. "Não é, pai?"

"Tomate, tomate."

Soltei um suspiro e parei um momento para refletir seriamente sobre a pergunta dela. "Eu me contentaria com literalmente qualquer outra coisa, mas gostaria de administrar algum tipo de negócio. Só Deus sabe que tenho experiência para isso. E depois de anos gerenciando os comparsas do papai, funcionários comuns vão parecer moleza em comparação."

Ela se inclinou e me beijou, só um beijinho na bochecha. "Estou muito orgulhosa de você."

Meu coração disparou e tive que desviar o olhar. Ouvir aquelas palavras vindas de Lauren, logo ela, significou mais do que eu poderia imaginar. Me fez querer ser um homem melhor para ela.*continuar* deixando-a orgulhosa, mas de repente tudo que eu conseguia pensar era em como ela ficaria decepcionada se descobrisse todas as coisas imperdoáveis que eu fiz na minha vida.

O pai dela—

Não. Não vou lá esta noite., Eu disse a mim mesmo. Precisávamos mudar de assunto.

Já.

"E você?", perguntei.

Ela deixou a cabeça cair no meu ombro. "E eu?"

"O que vocês querem fazer?", perguntei, gesticulando em direção ao clube. "Quando tudo isso acabar?"

Eu soube no segundo em que as palavras saíram da minha boca que eu tinha cometido um erro, porque ela ficou rígida.

"O que você quer dizer?", perguntou ela, com o tom perdendo o calor. "'Quando tudo isso acabar'?"

Passei a mão pelas costas dela, tentando acalmá-la. "Só quis dizer quando você decidir parar de fazer camwork."

Ela se soltou dos meus braços e se sentou. Porra, eu tinha piorado tudo. "Não pretendo seguir em frente."

"Quero dizer, tipo quando você tiver cinquenta anos", esclareci.

Ela se levantou. Droga, isso era*não*saindo do jeito que eu pretendia.

"Há muitos camworkers na faixa dos cinquenta anos", disse ela. "E eu pretendo ser uma delas. Não foi algo em que simplesmente caí porque não conseguia fazer outra coisa."

Merda, eu definitivamente tinha acertado em cheio. "Só quis dizer que você costumava falar sobre querer ser psicólogo, ter uma família."

Ela recuou como se eu a tivesse esbofeteado. "Eu*ter* meu diploma de psicologia. Fez maravilhas para me conectar com meus subs. E ser uma profissional do sexo não significa que eu não possa também ter uma família, se eu escolher, mas o que eu*não vai* o que eu quero é que algum homem tente ditar como eu vivo minha vida, me manter grávida e descalça em sua cozinha cozinhando macarrão enquanto ele está fazendo sabe-se lá o quê."

"Jesus, vamos lá—"

Os olhos de Lauren brilharam de raiva. "Eu*amor* "O que eu faço, Junior. Meus subs são minha comunidade." Ela apontou para o saguão, sua voz ganhando volume. "Essas pessoas são como uma família. São os seres humanos mais gentis, acolhedores e imparciais que já conheci, e não pretendo deixá-los jamais."

"Eu não disse que você tinha que fazer isso", eu gritei, minha voz subindo para acompanhar a dela.

Ela deu um passo para trás, com os olhos arregalados. Merda, o que eu tinha acabado de fazer? Isso*porra*temperamento.

"Acho que você deveria ir", ela disse.

Meu peito arfava enquanto eu lutava para me controlar. "Simples assim? Se eu disser

uma coisa errada, acabou?"

Ela cruzou os braços e quebrou o contato visual.

Porra, eu estava perdendo ela. Eu poderia*sentir* isto.

"Desculpa, Lauren. Olha, nada do que eu disse saiu certo, e eu—"

Ruídos atingem meus ouvidos. Gritos, uma briga.

Saí do nicho num piscar de olhos, gritando para Lauren ficar onde estava. Na porta da frente, três homens tentavam entrar, e os seguranças estavam tendo dificuldade em contê-los, obviamente tentando evitar o uso da força ou agravar a situação.

Um deles passou por eles e entrou no saguão, sem parar. Era grande, branco e visivelmente bêbado. "Quem quer transar?!"

A professora nerd com quem Lauren estava falando mais cedo se aproximou dele. "Ei, você não devia—"

"Você não", disse o homem, empurrando-o com tanta força que ele quicou no chão. "Eu quero uma mulher."

A explosão repentina de violência e a ameaça óbvia de mais violência deixaram a multidão em pânico, e todos se afastaram.

Entrei no espaço que eles abriram e enfrentei o bêbado. "Fora. Agora."

"Foda-se", ele cuspiu.

Não posso dizer que não o avisei.

A adrenalina correu pelas minhas veias enquanto eu seguia em frente. Eu já estava tenso por causa da manipulação do meu pai e do mal-entendido com Lauren, e aqui estava minha chance de extravasar um pouco da minha raiva reprimida. Esse filho da puta escolheu a noite errada.

Ele me deu um soco desleixado. Desviei do caminho, agarrei seu pulso e puxei com força, desequilibrando-o. Foi como brincadeira de criança, pisar atrás dele, levar seu pulso comigo, chutar seu joelho e derrubá-lo no chão. Coloquei minha bota em sua espinha, puxei seu braço para cima e, com um*estouro!*Seu ombro deslizou para fora do lugar. A sala se encheu com o som de seu urro de dor. Virei-o de costas e me inclinei, dando-lhe dois socos em rápida sucessão, sentindo seu nariz estourar sob meus nós dos dedos no segundo golpe. Sangue jorrou, e ele caiu mole no chão, atordoado.

Toda a altercação durou menos de dez segundos.

Meu pulso rugia nos ouvidos quando levantei os olhos para seus dois amigos e sorri, mostrando todos os meus dentes. Eles levantaram as mãos e, sabiamente, deixaram os seguranças os acompanharem para fora, e tentei não ficar desapontado por eles terem desistido tão facilmente.

"Júnior."

Um olhar para a alcova revelou Lauren parada na porta, Ryan e Taylor ao seu lado,

os três parecendo um pouco verdes. O quê? Era só um ombro deslocado e um nariz quebrado. Em seis a oito semanas, ele ficaria bem. Não era como se eu o tivesse desfigurado para sempre nem nada.

“Você precisa ir embora”, disse Lauren.

Soltei o homem e a encarei. "Seja razoável."

Taylor fez uma careta, balançando a cabeça. Ótimo, eu tinha dito a coisa errada de novo.

"Não permitimos violência aqui", disse Lauren. "Você quebrou as regras. Você tem que ir."

Puta merda. "Sem exceções para proteger todos os outros?"

A multidão que assistia ao nosso pequeno drama murmurou algo que parecia apoio, mas Lauren permaneceu firme em sua decisão.

"Tudo bem", respondi, rispidamente. "Deixa eu pegar meu celular."

Ela deu um passo para trás quando me aproximei, como se não me quisesse perto dela agora.

Peguei o telefone da mesa e me virei para ela. "O que você esperava, Lo? Que depois de ouvir você dizer o quanto este lugar significa para você, eu deixasse alguns idiotas bêbados estragarem tudo?"

"Esse não é o seu trabalho."

Minha raiva aumentou. "Sim. É. Passei o último*década*protegendo você, e não é como se seus seguranças estivessem cuidando disso.”

Os olhos dela brilharam arregalados. "O que você acabou de dizer?"

Merda. Era por isso que eu sempre mantinha meu temperamento controlado. Eu escorregava quando ele se soltava, causava discussões, falava demais. "Nada", resmunguei, passando por ela em direção à porta.

"Júnior, espere um segundo", ela disse, mas eu a ignorei, pegando meu equipamento no guarda-volumes e saindo para a noite que me esperava.

21

Lauren

EU CORREU ATRÁS DE JUNIOR, OBSERVANDOEle vestiu uma jaqueta de couro e, em seguida, um capacete de motociclista. Ele passou a perna por cima de uma moto de rua, abaixou a viseira e acelerou o motor, disparando como um tiro na noite.

Fiquei olhando para ele, sentindo meu mundo mudar de direção, porque reconheci aquela marcha e aquela bicicleta. Eu já as tinha visto no meu quarteirão tantas vezes que perdi a conta. O Júnior...*ao vivo*no meu bairro? Ele estava por perto esse tempo todo? Ou só estava... me observando?

Ryan e Taylor apareceram ao meu lado.

"Eu sabia que ele ia ser motoqueiro", disse Taylor. "Talvez se você pedir com jeitinho, ele te foda depois que vocês fizerem as pazes."

Fiquei quieto, com a mente acelerada, e meus amigos se viraram para mim.

“Ei, você está bem?”, perguntou Ryan.

Balancei a cabeça e me abaixei, remexendo na bolsa até tirar aquela moeda que eu tinha encontrado antes. "Você reconhece isso de algum lugar? De outra balada que a gente já foi ou algo assim?"

"Não", disse Taylor, examinando-o.

Ryan pegou o aparelho e o inspecionou mais de perto, virando-o para o poste de luz mais próximo. "Tem algo escrito nele. Acho que diz SecPro. Eles não fabricam equipamentos de espionagem?"

Legal. Legal, legal. Não precisa surtar. Definitivamente não era um rastreador nem nada. Isso seria cruzar uma linha que nem o Junior cruzaria... Deixei o pensamento de lado, reconhecendo a besteira que era. O Junior com certeza cruzaria, e ele teve muitas oportunidades de plantar isso em mim, graças ao fato de que sempre que eu chegava perto dele, a parte racional do meu cérebro ia para a lua.

O que ele tinha dito? Ele tinha passado a última década me protegendo? Minha mente voltou à confissão dele sobre Kelly e o Diretor Michaels, a forma como ele

tinha ido atrás deles em meu nome. Quem poderia dizer que tudo tinha parado por aí?

Lembrei-me do telefonema frenético da Nonna depois da igreja para ter certeza de que eu tinha chegado bem em casa. Se eu ligasse de volta e perguntasse de quem eram os pneus furados, ela recitar-me-ia uma lista de todas as senhoras da igreja que tinham falado mal de mim antes da missa? E na semana anterior, quando a vereadora Blackwell decidiu subitamente marcar uma reunião comigo depois de meses a mandar-me ir à merda, educadamente, era o Junior? E na semana anterior, quando as multas de estacionamento que fui pagar misteriosamente não estavam arquivadas, e na semana anterior, quando...

Não. Ele não poderia estar por trás de tudo. Isso seria loucura. O Júnior era muitas coisas, mas não era louco.

De repente, o sorriso que ele exibia enquanto quase arrancava o braço daquele homem de seu corpo surgiu, e eu me perguntei se talvez ele fosse um pouco maluco, afinal.

"É um rastreador", disse Ryan, mostrando-me a página da web que eles abriram no celular. "Mas não deveria estar disponível ao público, então não sei como um deles poderia acabar na sua... ah."

“Júnior?”, perguntou Taylor.

Eu assenti.

Vozes masculinas furiosas surgiram atrás de nós. O bêbado estava sendo escoltado para fora, com o braço quebrado apoiado na frente do peito, o sangue escorrendo pelo rosto. Era hora de voltar para dentro, onde era seguro.

Assim que entramos, fui direto para o bar. "Me dá uma garrafa inteira."

Scott, o barman da noite, nem piscou, entregando-o como o profissional que era. Levamos de volta para o nicho onde eu estava com o Júnior, e foi então que vi o celular dele ainda em cima da mesa, o celular do qual eu me lembrava claramente — ah, não. Abri a bolsa com força, procurando o meu, mas não estava lá dentro; ele o havia pegado sem querer em vez do dele. Uma inquietação percorreu minha espinha.*Era* foi acidental ou ele fez isso de propósito só para ter uma desculpa para me ver de novo?

“O quê?” perguntou Taylor. “Parece que você teve outra*Ah Merda*momento.”

Contei aos meus colegas de quarto sobre a troca de telefones.

"Aqui", disse Ryan, me oferecendo o deles, já que meu contato já estava aberto. "Você pode usar o meu para pedir para ele trazer de volta."

Peguei o aparelho deles e apertei o botão de chamada.

Tocou tanto que achei que o Junior não atenderia. Quando finalmente atendeu,

ouvi sua moto em marcha lenta ao fundo. "Porra, estou com seu telefone."

"É, eu percebi. Posso pegar de volta?"

"Não. Já estou do outro lado da cidade e tenho umas coisas para fazer. Amanhã levo para a igreja. Seja lá o que for, não atenda a minha ligação se alguém ligar." E então ele desligou na minha cara.

Devolvi o telefone do Ryan com os dedos trêmulos. De onde ele tirou a coragem de ficar bravo com*meu*? Não fui eu quem o perseguiu. Não fui eu quem machucou as pessoas por causa dele e fez só Deus sabe o que mais. E definitivamente não fui eu quem o denegriu.*dele* linha de trabalho.

Com um giro, estourei a rolha de champanhe. E então enchi meu copo vazio novamente e virei metade de um só gole, com o nariz queimando por causa das bolhas.

"Então", disse Taylor, enrolando uma mecha do cabelo. "Como você está?"

Eu ri, sem humor, e tomei outro gole.

Na manhã seguinte, eu ainda não tinha ideia de como me sentir. Além de estar com uma leve ressaca. A noite anterior parecia um sonho febril. E a briga com o Junior... argh.

Já tive parceiros que disseram que não se importavam com o meu trabalho, mas depois se tornaram controladores, querendo aprovar cada mensagem de texto que eu enviava ou limitar minha atividade na minha página. Um deles chegou a me dizer que eu precisava parar de fazer camwork de vez se quisesse continuar namorando. Terminei tudo imediatamente e os inscrevi em todas as newsletters que encontrei, transformando a caixa de entrada deles em um inferno de spam. Vai se foder,*Marcos*.

No calor da discussão, fiquei preocupada que o Junior fosse assim, que não achasse meu trabalho válido ou valioso o suficiente para ser feito a longo prazo. E então ele mencionou que eu queria uma família, e tudo em que eu conseguia pensar eram meus pais e os paralelos entre nós e eles. Antes de se casarem, minha mãe tinha um emprego remunerado e morava sozinha. Então, meu pai mafioso apareceu, engravidou-a e a convenceu a largar o emprego para ser dona de casa, porque nenhuma mulher dele deveria trabalhar (quer quisesse ou não). O controle não parou por aí, passando da coerção para o abuso mental, desgastando minha mãe até que Nonna Bianchi disse que mal reconhecia a própria filha. E então, um dia, mamãe finalmente se cansou, fez as malas e deixou Kristen e eu para trás, meu pai chegando em casa tarde da noite e nos encontrando sujos e famintos.

Eu era tão jovem que tinha poucas lembranças da minha mãe, mas todas eram de uma mulher exausta que se encolhia diante de barulhos altos, nunca sorria e tinha um

olhar assombrado nos olhos que eu ainda via nos meus pesadelos.

Eu nunca faria isso*sempre* Que ninguém faça isso comigo. Era um dos meus maiores medos, e esse medo se manifestou ontem à noite, quando o Júnior começou a insinuar que um dia eu largaria meu emprego e me estabeleceria para cuidar de uma família como uma boa italiana.

Meu medo só aumentou quando encontrei o rastreador. O Junior claramente não tinha limites para nada se estivesse me perseguindo. Perseguição era sinônimo de controle alucinado. A necessidade de sempre saber onde eu estava, de sempre ter acesso a mim... não estava certo. Me fazia sentir como um animal enjaulado.

E então houve a briga. Ele se moveu tão rápido, sem hesitar, como se a violência fosse tão normal para ele que nem precisasse pensar nisso. O jeito como ele sorriu o tempo todo... Estremeci só de lembrar da expressão em seu rosto.

Porra, eu não deveria ter ficado excitado com aquilo. Mas não havia como negar que sim. Que minha calcinha estava um pouco úmida só de lembrar.

Balancei a cabeça, lembrando a mim mesma que não queria alguém propenso à violência. Não queria um parceiro tóxico. A vida já era complicada o suficiente sem a necessidade de um homem exigente.

Por outro lado, eu*fez*quero alguém que esteja disposto a explorar sua sexualidade comigo, eu*fez* Queria alguém que falasse tão abertamente sobre o que queria da vida, e eu queria especialmente alguém que fosse rápido em se desculpar e consertar as coisas quando errasse. Essas coisas demonstravam uma pessoa com profundidade, abertura para pensamentos semelhantes, curiosidade e autoconsciência. Alguém com garra.

Essas eram as características que eu queria em um parceiro, sem dúvida.

Fiquei pensando: qual versão do Junior era a*real* um? Quem ele seria em um relacionamento?

Minha cabeça estava claramente confusa, mas uma coisa de que eu precisava era do meu telefone de volta, então liguei para a Nonna da casa do Ryan e disse que a acompanharia na missa. Nos encontramos do lado de fora do prédio dela, a apenas alguns quarteirões da igreja, um pouco mais cedo do que o normal, porque ela queria passar na padaria local.

"Quero uma boa xícara de café", ela disse enquanto esperávamos na fila, "antes que eu seja obrigada a beber aquela merda de porco que eles fazem na igreja".

A mulher que esperava na nossa frente se virou com os olhos arregalados.

Nonna a encarou com uma expressão desafiadora. "O quê? Não vou dizer nada que todos já não estejam pensando."

A mulher se virou, parecendo escandalizada.

Aproximei-me da minha avó arrastando os pés e baixei a voz: "Você a conhece?"

Nonna balançou a cabeça e me lançou um sorriso malicioso. Ela havia parado de se importar cinco anos antes, quando Nonno morreu, e agora passava o tempo vivendo para o choque e o desconforto dos outros.*Envelhecer vergonhosamente*era o lema dela. Eu queria ser ela quando crescesse.

“Preciso falar com você sobre uma coisa”, ela disse depois que pegamos nossos cafés e nos sentamos em uma pequena mesa no canto da loja.

"O que foi?", perguntei.

Ela estendeu a mão e agarrou meu pulso. "Seu pai desapareceu."

Fiquei imóvel no meu lugar. Foi assim que tudo começou? Com uma conversa esquecida, e daqui a um ano, Kristen e eu teríamos que transferi-la para uma clínica de cuidados cognitivos? "Hum... Eu sei, Nonna."

"Não me olhe assim", ela repreendeu. "Eu não adotei produtos orgânicos." Ela se inclinou e baixou a voz. "Ele é*realmente* desaparecida, Lauren.”

Franzi a testa. "O que você quer dizer?"

"Aparentemente, ele tem namorada." Ela revirou os olhos e me soltou. "Você acredita que aquele babaca enganou outra mulher para aturar ele?"

Um suspiro assustado soou próximo. Não era todo dia que se ouvia um octogenário soltar a bomba-C, mas eu nem pisquei. Esse tipo de conversa era normal com a Nonna.

“Pobre mulher”, eu disse, tomando meu primeiro gole hesitante de café.

A Nonna assentiu. "Sim, bem, ela entrou na delicatessen, em pânico, e disse à Kristen que Tommy não voltava para casa havia semanas, então Kristen foi à polícia e registrou um boletim de ocorrência de desaparecimento. A polícia passou alguns dias investigando, e descobriu-se que o babaca do seu pai não usou o celular nem o cartão de crédito desde que desapareceu."

Eu pisquei. "Então espere, ele está, tipo,*realmente* ausente?"

Ela assentiu e recostou-se.

"Por que Kristen não me contou nada disso?", perguntei, confusa e um pouco magoada.

Nonna acenou com a mão no ar. "Você conhece a sua irmã, sempre querendo te proteger das besteiras do Tommy."

Isso foi*não*o que Kristen fez, mas eu deixei Nonna continuar acreditando na mentira reconfortante. Kristen adorava ser a única que sabia de tudo, adorava distribuir informações aos poucos, forçando as pessoas a fazerem perguntas uma atrás da outra enquanto ela revelava o resto aos poucos. E quando se tratava de mim? Metade das vezes ela nem respondia, só porque gostava de impor seu conhecimento

sobre mim e me ver ficando cada vez mais frustrada. Ela podia ser parecida com a mamãe, mas sua personalidade vinha principalmente do nosso pai.

“O que mais os policiais tinham a dizer?” perguntei.

Nonna deu de ombros. "Só que eles estão investigando. Se quer saber, minha amiga Barb está certa, e aquele babaca egoísta provavelmente tem uma segunda família em algum lugar e está no Oeste visitando. Isso explicaria todos os outros desaparecimentos dele também."

Assenti. Esse pensamento já me passou pela cabeça antes. Mas saber que ele não estava usando o celular nem o cartão de crédito...

"De qualquer forma", disse Nonna, "eu só queria que você soubesse disso por mim e não por qualquer outra pessoa. Você sabe como as pessoas na igreja fofocam."

"Sim, e obrigada." Minha irmã ia levar uma bronca minha em breve. Eu deveria ter ouvido isso de mim.*dela*, no segundo em que a namorada do nosso pai apareceu, não semanas depois.

Nonna tomou um gole de café, seu olhar se tornando astuto enquanto colocava a xícara de volta na mesa. "Agora me diga, com quem você anda dormindo ultimamente?"

"Olha só isso", eu disse, olhando para o relógio inexistente no meu pulso. "É melhor irmos antes que nos atrasemos."

Nonna sorriu. "Cale a boca, temos bastante tempo."

"Eu sou *não*discutindo minha vida sexual com minha avó.” Isso foi um passo longe demais, até mesmo para mim.

"Tudo bem", disse ela. "Só me diga que você está tendo bastante disso. Eu amava seu avô mais do que tudo, mas meu maior arrependimento na vida é não ter sido uma vagabunda completa antes de conhecê-lo."

Alguém por perto engasgou, e decidi que era hora de mudar de assunto. E obter respostas para uma pergunta que me incomodava desde a noite passada. "Você já descobriu o que aconteceu com os pneus de todo mundo?"

A Nonna me olhou por um segundo como se não fosse me deixar mudar de assunto, mas finalmente balançou a cabeça. "Não. Alguém cortou o fio da câmera que dava para o estacionamento lateral onde estavam."

"De quem eram os carros visados?", perguntei, tentando parecer casual.

Ela franziu a testa. "Acho que só da Maria, da Angelina e da Nina."

As três mulheres que por acaso estavam sentadas logo atrás de nós naquela manhã, cochichando entre si. O Júnior de merda. Ele tinha feito isso, não tinha?

A expressão da Nonna ficou séria. "Voltando ao que eu estava dizendo."

Oh não.

"Espero que você esteja semeando sua aveia agora." Seus olhos se fecharam e uma expressão de pesar tomou conta de seu rosto. "Um pênis. Por cinquenta anos, Lauren." Ela piscou e encontrou meu olhar. "Aprenda com meus erros. Seja uma vagabunda enquanto ainda pode."

22

Lauren

Nonna e suas amigas tinhamDeixaram de falar sobre suas doenças — graças a Deus — e agora estavam imersos numa discussão sobre um grande drama que aconteceu antes mesmo de eu nascer. Eu ouvia com a atenção reduzida, tentando não bater os dedos na mesa. Estávamos na metade da hora do café, e o Júnior ainda não estava à vista. O babaca. Eu estava com raiva dele e impaciente para sair dali, pegar meu celular de volta e ligar para minha irmã para perguntar por que ela sentia a necessidade de agir como uma vadia tão controladora.

Se o Junior estava me ignorando, Deus me ajude...

Um toque desconhecido surgiu de algum lugar perto do chão, me tirando dos meus pensamentos. Olhei para baixo e percebi que o som vinha da minha bolsa. Ótimo, alguém estava ligando para ele. Fiquei meio tentada a atender e perguntar se sabiam onde ele estava, mas o tom dele quando me disse para não atender era de uma ameaça séria, como se algo ruim pudesse acontecer se eu o desobedecesse, e meu lado pirralho não fosse profundo o suficiente para colocar minha segurança em risco.

Planejando silenciá-lo, levantei-o e vi meu próprio número no identificador de chamadas. Fiquei paralisado. Como diabos ele tinha desbloqueado meu telefone?

"Desculpem", disse às moças ao meu redor. "Preciso atender."

O olhar penetrante da Nonna pousou em mim enquanto eu me levantava, e eu me virei antes que ela pudesse interpretar muito bem minha expressão.

“Onde você está?” perguntei em resposta.

"Aqui", disse Júnior, em voz baixa. "Venha me encontrar."

E então ele desligou na minha cara. De novo.

Enrolei a mão no telefone e o afastei do ouvido, e a única coisa que me impediu de transformá-lo em um frisbee caro foi a multidão de curiosos. O homem teve a audácia de me fazer esperar uma hora e meia por ele e depois me contar...*meu*se esforçar tanto para nos encontrarmos? Ah, que diabos, não. Eu ia fazer muito pior com ele do que

encher a caixa de entrada dele com spam.

Respirando fundo, saí da sala de recepção e fui para o corredor onde o encontrei pela primeira vez. Ele não estava lá. Dei uma espiada no banheiro feminino para o caso de ele ter se tornado um verdadeiro tarado, mas não havia sinal dele lá dentro. Saindo, olhei para o banheiro masculino. Não. Nem a tentação de pegar meu celular de volta foi forte o suficiente para me atrair para lá. Com a minha sorte, eu avistaria os biscoitos flácidos de algum velho e precisaria arrancar meus olhos.

Saí do corredor e entrei pela porta de ligação para a nave. Parecia vazio.

"Isso não tem graça", eu disse, caminhando em direção à entrada principal, olhando entre cada fileira de bancos enquanto passava, torcendo para que Junior não fosse pular em mim como um boneco surpresa.

Eu estava passando pelo confessionário quando uma das portas se abriu e fui puxada para dentro, com uma mão cobrindo minha boca antes que eu pudesse gritar. Havia luz suficiente para ver o rosto de Junior enquanto ele fechava a porta novamente.

"Me solta!" eu disse, as palavras abafadas.

Ele riu baixinho, o som era diabólico naquele espaço fechado.

Tentei pisar no pé dele, mas meu salto bateu em algo duro como pedra e quase torci o tornozelo. Será que ele estava usando botas com biqueira de aço?

Ele passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para perto do peito, a boca colada na minha cabeça. "Sentiu minha falta?"

"Não", eu disse, mas a palma da mão dele abafou. Bati as mãos em seu antebraço, tentando empurrá-lo, mas era como um torno de aço em volta da minha cintura.

“Sinto muito por perder a paciência”, disse ele.

Tentei me soltar, começando a entrar em pânico. Eu conseguia sentir o calor emanando do seu corpo, sentir o cheiro inebriante da sua colônia. A escuridão do confessionário estava muito próxima do nosso canto sombrio na sala de voyeurismo, e minha mente já começava a me atormentar com as lembranças do que tínhamos feito lá na noite anterior.

"E peço desculpas pela forma como minhas perguntas soaram", disse ele, me contendo facilmente. "Acho que o que você faz é um trabalho válido, e eu não estava tentando insinuar o contrário. Eu nunca,*sempre*"Tentarei te prender, Lauren. Se não acredita em mais nada do que eu disse, acredite nisso."

Meu pulso pulsava forte nos ouvidos enquanto suas palavras eram assimiladas. Droga. Ele parecia sincero. E se alguém entendia a sensação de estar preso, era o Júnior. O olhar acuado em seus olhos ontem à noite, quando me contou sobre os planos do pai para ele, deixou isso bem claro.

"Eu sou *não* "Desculpe por menosprezar aquele bêbado", rosnou ele. "Se eu não

tivesse intervindo, ele poderia ter machucado outra pessoa ou tentado agredir uma das mulheres."

Sinceramente, eu também não me arrependi do que ele fez, mas não havia como dizer isso a ele com a mão tapando minha boca.

Eu estava me preparando para mordê-lo para que pudéssemos ter uma conversa adulta normal quando ele lentamente puxou a mão.

"Eu também sinto muito", eu disse, e falei sério. Eu não gostava de perder a paciência, não gostava de gritar com as pessoas, não importava*como* eles me trataram.

Ele apertou minha cintura com mais força. "Não se desculpe. Ninguém poderia te culpar por ser sensível em relação ao seu trabalho, muito menos eu. Eu sei o quanto isso significa para você."

Ufa. Como eu poderia resistir quando ele dizia coisas assim? Ah, certo, o*outro* coisa que aprendi ontem à noite.

“Há quanto tempo você está me perseguindo?” perguntei.

Ele ficou tenso. "O que você quer dizer?"

“Encontrei o rastreador que você colocou na minha bolsa”, eu disse. “E preciso que você explique*exatamente*o que você quis dizer quando disse que estava me protegendo nos últimos dez anos.”

Sua testa bateu no meu ombro. "Eu vou. Eu prometo. Só... não aqui."

"Mas logo", eu disse. "Você vai me contar tudo."

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que achei que não me responderia. Eu estava apenas criando coragem para me soltar e sair dali quando ele disse: "Vou te contar tudo".

“Chega de mentiras”, eu disse.

Ele beijou meu ombro. "Chega de mentiras."

Um rangido anunciou que alguém estava entrando na nave.

Ah Merda.

Júnior tampou minha boca com a mão novamente. "Não grite."

Nenhuma ameaça disso. Essas pessoas já eram criteriosas o suficiente sem que eu fosse pego em uma posição comprometedora dentro de uma das partes mais sagradas da igreja.

Vozes ecoaram pelo mármore. Reconheci o tom baixo e melódico do padre. Outro homem falou, e depois outro. Estariam falando de beisebol?

Meus ouvidos se aguçaram enquanto eu tentava determinar quantas pessoas estavam na nave. Todo aquele mármore lá fora não ajudava, fazendo suas vozes ecoarem de um jeito que parecia que vinham de todas as direções. Havia alguém do lado de fora do confessionário? Estaríamos prestes a ser pegos?

Júnior, aparentemente despreocupado com a proximidade dos homens ao nosso esconderijo, acariciou minha bochecha. Seu rosto com a barba por fazer era áspero contra minha pele. Um calor percorreu meu pescoço quando ele exalou, e de repente me dei conta de cada centímetro rígido dele pressionado contra mim. A maneira como suas coxas emolduravam as minhas, o calor irradiando de seu corpo muito maior. Seu braço se moveu mais para cima em volta da minha cintura, a jaqueta rangendo, o cheiro de couro e colônia se misturando aos leves traços de incenso deixados na cabine. A mão em minha boca se afrouxou, deslizou para baixo, agarrando meu queixo, os dedos cravando-se enquanto ele inclinava minha cabeça para o lado e expunha meu pescoço.

Ah-ah...

Meu corpo imediatamente me traiu como a submissa que eu era, ficando solta e lânguida em seus braços. Até meu cérebro começou a se esvair com aquele relaxamento prazeroso que vinha de entregar o controle a outra pessoa. Eu estava furiosa com o rastreador e a possível perseguição de uma década? Com certeza, mas toda a raiva justificada do mundo não conseguia mascarar o fato de que eu ainda...*desejado*Júnior. Meu corpo reagiu a ele quase contra a minha vontade, como se tivesse criado uma impressão no filho da puta.

O que não estava ajudando era a adrenalina começando a bombear em minhas veias. Eu*sempre* Tinha uma queda por sexo em público, por encontros rápidos e sensuais onde qualquer um pudesse me pegar no flagra. Bastava um som para nos trair, um suspiro ou gemido, e a excitação tabu de ser descoberta assim,*em uma igreja*, fez o desejo correr pelas minhas veias.

Júnior, sentindo minha resposta, levou a mão à minha garganta e soltou um gemido baixo e masculino de aprovação. Ele roçou os lábios no meu queixo e, em seguida, traçou uma linha de beijos para baixo, e eu parei de tentar empurrar seu braço e o puxei para mais perto, esfregando minha bunda contra ele, sentindo seu membro duro emoldurado entre minhas nádegas.

Que porra eu estava fazendo?

Provavelmente cometendo um erro enorme, mas, por mais que tentasse, não consegui me conter. Do lado de fora da cabine, mais vozes se juntaram à conversa, e um debate animado começou sobre se o novo técnico do nosso time local traria à cidade o seu próximo título de campeão.

Nunca fiquei tão excitado ouvindo um bando de velhos discutindo sobre esportes.

Junior também deve ter sentido, porque sua mão desceu da minha cintura até a barra da minha saia. Imediatamente abri as pernas, dizendo a ele com o meu corpo que, sim, eu queria aquilo, fosse o que fosse que ele estivesse oferecendo.

Ele puxou a parte de trás da minha saia para cima, prendendo-a entre nós enquanto sua mão caía, descendo até a calça. O som do zíper dele abrindo soou alto na cabine, e nós congelamos, passando um minuto sem fôlego, aguçando os ouvidos, mas a conversa lá fora continuou como se não tivessem ouvido nada. Lentamente, a mão do Junior se moveu entre nós. Senti a ponta do seu pau pressionar o tecido encharcado da minha calcinha contra a minha boceta, e tive que cerrar o maxilar para não gemer.

Como se pressentisse meu quase deslize, ele apertou a mão em volta do meu pescoço em advertência. Assenti, me contorcendo em seu abraço, tão excitada que senti que morreria se ele não me tocasse. Ele emitiu outro som baixo, desta vez uma mistura de impaciência e luxúria, enquanto se enfiava contra mim. Não, isso não era bom o suficiente.

"Mais", implorei, com a voz tão baixa que mal consegui me ouvir falar.

Ele rasgou minha calcinha para o lado e então a cabeça de seu pênis estava*lá*, empurrando contra minha entrada. Agarrei o pulso em meu pescoço com as duas mãos, segurando-o com todas as forças, desesperada para senti-lo me penetrando.

Poderíamos ser pegos assim, transando em uma igreja.

A luxúria me percorreu com esse pensamento. Fiquei tão excitada que já conseguia me sentir cobrindo a cabeça do pau do Júnior com uma umidade escorregadia.

Um gemido quase inaudível escapou dele, mesmo com os lábios bem próximos do meu ouvido. "Não se mexa", sussurrou.

Fiquei parada, agarrada a ele, tremendo de desejo. Ele empurrou para dentro, e...*oh Deus*, o alongamento era tão delicioso que parecia impossível ficar parado. Eu queria mais dele,*todos*dele, até que ele foi empurrado tão fundo que eu o senti bater na parte de trás dos meus dentes.

Mas ele não me deu. Em vez disso, ficou ali, nós dois respirando pelo nariz para tentar ficar quietos. Um arrepio percorreu seu corpo, e eu sabia que ele estava tão perto quanto eu, equilibrado num precipício de quase violência e tentando não me atingir, nos entregando.

A outra mão dele deslizou em volta do meu quadril e depois entre as minhas coxas. Meus olhos se arregalaram ao primeiro roçar de seus dedos. Eu estava em um confessionário, perto de um salão de banquetes lotado, com um grupo de pessoas do lado de fora, espetada na cabeça de um pau, com a mão de um homem acariciando meu clitóris. Foi a experiência religiosa mais transformadora da minha vida. Nunca me senti tão perto de Deus. E talvez isso fosse uma blasfêmia, mas se fosse, então eu alegremente reivindicaria o título de herege, porque nada jamais me faria me arrepender de ter feito isso, nem mesmo se eu descobrisse que ele me perseguiu todos os dias nos últimos dez anos. Deus me ajude, mas o leve medo de que ele pudesse ter

feito exatamente isso só aumentou meu desejo, adicionando uma excitação perigosa que fez meu coração disparar antes de continuar a trovejar.

Seus dedos percorreram meu clitóris repetidamente, e eu continuei esperando que ele penetrasse mais fundo, mas ele se manteve perfeitamente imóvel dentro de mim, frustrantemente superficial. Eu me apertei contra ele, tentando convencê-lo a se mover, mesmo obedecendo à sua ordem de ficar parada, e entre a frustração de ser negada, a ameaça de ser descoberta e a sensação de seus dedos me tocando como se eu fosse seu instrumento favorito, rapidamente subi cada vez mais alto.

Meus músculos internos se contraíram, desesperados por mais. Nunca estive tão consciente do primeiro centímetro da minha boceta na vida. Juro que senti cada terminação nervosa se iluminar onde nos tocamos, senti todo o contorno da cabeça do seu pau me alargando.

Mover, Eu queria implorar, mas não confiava em mim mesma para abrir a boca sem gemer.

Minhas pernas tremiam, ameaçando ceder.

A mão de Junior apertou minha garganta e senti seu comando silencioso de*Não ouse cair, porra.*

Seus dedos ganharam velocidade no meu clitóris e, desta vez, não consegui evitar um gemido baixo. Meus lábios se abriram sob a orelha. O aperto afiado dos dentes me avisou para calar a boca. Ah, não. Eu ia gozar. Aqui. Nos fundos de uma igreja cavernosa, e se algum dos sons que eu emitisse fosse mais alto que um sussurro, ecoaria pelo mármore e seríamos pegos.

Eu não sabia se conseguiria obedecer ao comando de Júnior. Nunca precisei ficar completamente em silêncio antes. Mas era tarde demais para desacelerar, tarde demais para me convencer a voltar do limite, porque meu medo estava amplificando meu prazer, e eu podia sentir um orgasmo monstruoso se aproximando.

Porra, isso ia ser uma tortura.

Um calor percorreu meu ventre. Meus músculos se apertaram em volta do pau do Junior e resistiram. Fechei os olhos com força, tentando me concentrar em ficar em silêncio, rezando como nunca havia rezado na vida. Um arrepio percorreu meu corpo inteiro, do topo da espinha até a ponta dos pés. Só o aperto do Junior no meu pescoço me manteve de pé.

Apertei minhas coxas juntas, tremendo, tremendo, todo o meu ser espiralando para o feixe de nervos entre minhas pernas antes de explodir para fora novamente, rasgando através de mim, prazer, euforia e alegria iluminando cada célula do meu corpo enquanto eu gozava mais forte do que eu já tinha em anos, prendendo a respiração o tempo todo porque eu não sabia como evitar gritar.

Junior deu um passo para trás, saindo de dentro de mim, e senti um líquido quente jorrar pela parte interna das minhas coxas enquanto seu orgasmo seguia o meu. Os dedos em volta do meu pescoço se apertaram, arqueando minha coluna, quase me desequilibrando antes que ele se recuperasse e nos estabilizasse.

“Você ouviu alguma coisa?”

Nós congelamos.

“Não?” alguém respondeu.

"Eu podia jurar que ouvi..." O homem parou de falar, e eu parei de respirar novamente. "É, pensei. Desculpem, rapazes, acho que minha esposa está me procurando."

Quase desabei de alívio. Atrás de mim, Junior soltou um suspiro trêmulo. E então sua mão encontrou meu ombro e ele me virou, me beijando, suas mãos por toda parte, as minhas deslizando em seus cabelos e o puxando para baixo, quase com violência. Eu não sabia se queria brigar ou transar, e era confuso pra caramba.

Mais vozes entraram na sala, mas estávamos ocupados demais machucando a boca um do outro em silêncio para registrá-las até que fosse quase tarde demais. "Estou te dizendo, ele está aqui", uma voz inconfundível, feminina,*irlandês*disse a voz.

Junior se afastou de mim, com os olhos arregalados.

"Olha", disse Moira. "O pontinho do GPS indica que ele está aqui em algum lugar."

“Júnior?” Nico Sênior chamou.

Ah, não. Tínhamos irritado Deus com nossas palhaçadas, e agora Ele ia nos punir.

Em tempo recorde, Junior colocou o pau de volta nas calças e a camisa para dentro da calça.

"Posso ajudar vocês dois?", perguntou o padre, seus sapatos ecoando no chão de mármore enquanto ele se dirigia para nós.

Abaixei-me, peguei o celular do Junior da bolsa e joguei para ele. Ele precisava sair dali. Agora, antes que nos pegassem juntos. Meu Deus, o esperma dele estava escorrendo pelas minhas pernas.

Ele tirou meu telefone do bolso do paletó e trocamos.

"Ah, olá, pai", disse Moira. "O senhor não viu o nosso filho mais velho em lugar nenhum, viu?"

Junior agarrou a frente da minha camisa e me puxou para si, me beijando uma última vez. E então ele me soltou, me lançou um olhar indecifrável e saiu da cabine, tomando cuidado para não abrir a porta demais.

"Desculpe", disse ele, parecendo mais calmo do que deveria. "Fiquei fora até tarde ontem à noite e decidi tirar um cochilo rápido."

"No confessionário?", perguntou Moira, escandalizada. "Por favor, perdoe-o,

padre."

Uma risadinha baixa. "Não precisa. Eu também já fui jovem."

Leve-os embora, implorei silenciosamente enquanto tirava a calcinha e a usava para me limpar. Eu tinha um pacote de lenços de papel comigo, mas não os toquei. O amassado do plástico me denunciaria se eu tentasse, e eu precisava me limpar, rápido, só para o caso de alguém decidir vir ver o que (ou melhor, quem) o Júnior tinha*realmente* que tenho feito aqui.

"Você está pronto para ir tomar café da manhã?" ele perguntou, e o som de passos se afastando foi como música para meus ouvidos.

Os caras do beisebol levaram mais dez minutos para se separarem, e então passei mais cinco dentro da cabine depois que eles saíram, com o coração disparado e os ouvidos atentos a qualquer sinal de barulho. Nada. Abri a porta.

A Nonna sentou-se no banco bem do lado de fora, sorrindo como o gato de Cheshire, e eu quase tive um ataque cardíaco. Como diabos ela tinha chegado de surpresa?

“Vejo que você seguiu meu conselho”, ela disse.

Meu rosto ficou vermelho de calor, mas, ao sair da cabine, decidi fingir ignorância. Não tinha como ela saber o que eu tinha feito. Ela nem tinha visto o Júnior. "Não faço ideia do que você está falando."

Ela caiu na gargalhada. "Diga isso para a marca da mão no seu pescoço."

23

Júnior

"Olá, obrigado novamente por desbloquear"Aquele telefone para mim na outra noite", eu disse. Sentei-me no sofá da minha prima, na pequena casa de dois quartos dela, com o namorado enorme dela, risca isso, noivo, ocupando a maior parte do espaço da almofada ao meu lado.

"Sem problemas", disse Josh. "Você conseguiu encontrar a Lauren e trocá-los?"

"Sim, na igreja."

Ele sentou-se para frente, com os olhos semicerrados e um sorriso malicioso nos lábios.*Eeee?*" ele incitou. "Como foi?"

"Tudo bem", eu disse, tentando não pensar em como Lauren se sentiu ordenhando a cabeça do meu pau ou em como ela estremeceu silenciosamente durante um orgasmo enquanto um grupo de velhos conversava animadamente do lado de fora do confessionário. Eu nunca mais pensaria em beisebol da mesma forma.

Estava passando um jogo, mas o Josh estava com o volume tão baixo que eu mal conseguia ouvir os locutores. Era só uma desculpa, um motivo para nós dois nos encontrarmos.

Um miado patético soou bem atrás de mim, todo o aviso que eu tinha antes que um borrão cinza passasse por cima do meu ombro e um gatinho peludo pousasse no meu colo.

"Maud", eu disse, "vejo que você ainda não aprendeu boas maneiras."

Em resposta, ela pulou de lado em mim, deu um tapa na minha mão e pulou do sofá. Fred, o outro gato deles, veio correndo em sua direção do nada, e juntos eles correram para a cozinha.

"Tudo bem?", disse Josh, sem saber quando encerrar a conversa. "Sério? É tudo o que você vai me dar depois que eu trabalhei duro para você por tanto tempo."*horas —*"

"Minutos", corrigi.

“Abrindo o telefone dela e então*ilegalmente*—”

"Com o que você pareceu concordar."

“Carregando um rastreador para rodar em segundo plano, enquanto você me disse absolutamente*nada*—”

"Porque você é péssimo em guardar segredos da Aly."

“Sobre quem é Lauren e por que ela é tão importante para você.”

Fingi indiferença. "Quem disse que ela é importante?"

Josh zombou. "Vamos lá, cara. É a primeira vez que você menciona o nome de uma mulher perto de mim. E eu*pode também*“guarde segredos de Aly.”

"Como o quê?" perguntei.

O sorriso provocador desapareceu do rosto de Josh, e uma frieza invadiu seus olhos, algo que eu só vira algumas vezes antes. Esse olhar, esse olhar ali, era o motivo pelo qual éramos amigos. Porque por trás das risadas e das besteiras, havia outro lado de Josh, algo cruel e perigoso que fazia até criminosos inveterados pisarem com cautela em sua presença. Era a mesma escuridão com a qual eu lutava diariamente, e estar perto dele, vê-lo tão feliz e claramente apaixonado pela minha prima, me fazia sentir que ainda havia esperança para mim, como se eu pudesse vencer a luta contra meus próprios demônios.

Ele se recostou. "Como o que eu disse ao seu pai para ele me deixar em paz."

Eu me animei, me perguntando se finalmente descobriria o que aconteceu entre os dois. "E isso foi?"

"Confie em mim, você não vai querer saber." Ele franziu a testa. "Ei, o que aconteceu depois que saímos do jantar? Você pareceu estranha desde então."

Olhei para ele, pensando em insistir no assunto, mas se Josh ainda não estava pronto para me contar, eu não queria prejudicar nossa amizade pressionando-o. "Papai quer que eu lidere uma nova operação."

Josh xingou. "Achei que você queria sair."

"EU *fazer* "Quero sair", eu disse a ele, observando Maud e Fred passarem correndo por nós novamente. "Na verdade, ele me passar mais controle só aumentou meu prazo. Já estou pensando em entrar num negócio, mas talvez eu precise de ajuda."

Sua expressão tornou-se esperançosa.*Ilegal*ajuda?"

“Existe algum outro tipo?”

"Não é da minha área. O que você tinha em mente?"

"Nada que faça você precisar do seu alter ego Porno Joe", eu disse, lembrando do bigode idiota e dos óculos que ele usava na primeira vez que o conheci.

Ele deu uma risada. "Só trabalho digital, então?"

Concordei. "Preciso que você descubra tudo o que puder sobre um homem

chamado Patrick McKinney, dono de um prédio no West Side."

"Um segundo." Josh largou a cerveja e pulou para o encosto do sofá, porque não conseguia andar por ali como uma pessoa normal. A casa tremeu enquanto ele corria em direção ao quarto, e um borrão de cor me fez virar a cabeça para observar os dois gatos correndo atrás dele.

"Ah, você acha que vai me pegar?" ele gritou, antes de baixar a voz uma oitava inteira, soando como um aspirante a Batman. "Eu vou pegar*vocêuu*!"

Fred correu de volta para a sala e se virou, afofando-se de lado quando Josh veio correndo atrás dele. Josh parou de repente. Eles se entreolharam. Fred soltou um chilrear alto e investiu contra Josh, que se virou e correu para longe de vista.

Eu já disse isso antes e repito: pessoas que gostam de gatos são muito estranhas.

Uma grande briga começou no quarto, confirmando minha crença.

"Ei, não", disse Josh. "Ela é só um bebê, Fred. Você tem que ser gentil. Ai, Maud. O que foi?"*que*para? Eu não fiz isso,*ele fez*."

Deus ajude Aly se eles algum dia tiverem filhos.

Finalmente, Josh reapareceu carregando seu laptop. Ele o colocou na mesa de centro e, uma hora depois, eu tinha toda a sujeira sobre McKinney que poderia desejar. Ele tinha 68 anos, fora casado duas vezes, era diabético, possuía não apenas um, mas...*quatro*prédios no bairro de Velvet e estava profundamente endividado. Não com credores ou empresas de cartão de crédito. Acontece que McKinney tinha um certo problema com jogos de azar, o que era uma fraqueza fácil de explorar.

Passei a vida inteira nas sombras desta cidade, e eu conhecia quase todos os personagens principais, incluindo os que administravam os antros de jogos ilegais. Bastavam alguns telefonemas para descobrir quem era o apostador de McKinney ou a quem ele devia mais dinheiro, e então eu podia começar a pressioná-lo. Dívidas podiam ser compradas, geralmente com um desconto considerável, já que meu dinheiro era uma garantia e as pessoas que acumulavam contas astronômicas tinham o hábito de não pagá-las, pelo menos não sem um pouco de*incitando*A maioria dos corretores de apostas modernos tende a ter receio de quebrar rótulas. Se houvesse uma maneira de recuperar a maior parte do dinheiro sem derramar sangue, eles a aceitariam, deixando o trabalho sujo para outra pessoa. Alguém como eu.

"Então", disse Josh, fechando o laptop e se recostando. "Eu vou ficar sabendo do que se trata?"

"Não", eu disse. "Você conhece a regra da Aly de te manter longe das coisas da máfia."

Sua expressão tornou-se a imagem da inocência. "Mas eu pensei que isso*não era*"Maldita merda? Achei que era para você se tornar legítimo?"

Olhei para ele por um instante, hesitante. Aquele assunto com a Lauren estava me consumindo, e eu estava tão imersa em tudo que seria um alívio compartilhar um pouco daquilo com outra pessoa, ouvir a opinião dela sobre o quanto eu estava me ferrando. Eu pretendia me desculpar com a Lauren ontem e depois ter uma conversa de verdade, não profanar um espaço sagrado com ela.

Eu me sentia presa, sozinha, sem conseguir nem falar com meus próprios irmãos sobre a minha vida, porque não podia confiar que eles não se virariam e contariam ao nosso pai tudo o que eu dissesse. O que não era tanto uma crítica a eles, mas sim uma condenação a ele. Nosso velho tinha transformado a coerção em uma arte refinada, e eu não duvidaria que ele recorresse a ameaçar meus irmãos só para me sujar. Eu, principalmente, não confiava nele para saber qualquer informação sobre Lauren. A antipatia que ele sentia por ela parecia pessoal, e eu apostava que tinha muito a ver com o que ele via como o efeito "negativo" dela sobre mim dez anos antes. Ele sentiu sua influência sobre mim diminuindo, algo que era um anátema para um controlador como ele, e decidiu que ela era a culpada.

Então, não. Eu não conseguia falar com a minha família, mas o Josh tinha provado que conseguia se virar sozinho.

Voltei-me para a TV, com os olhos desfocados, minha decisão tomada. "Lauren e eu crescemos juntas no antigo bairro."

Enquanto o jogo de beisebol avançava para o sexto inning, expus tudo: minha paixão de infância, a noite dos fogos de artifício, as ameaças de Tommy, meu abandono de Lauren, como tentei me redimir com Kelly e nosso diretor, e quase tudo o mais que fiz para mantê-la segura e ajudá-la a alcançar seus objetivos. Pulei meu envolvimento no "desaparecimento" de Tommy, porque isso realmente...*era* merda da máfia, e embora eu tenha contado ao Josh sobre meu interesse no Velvet por causa da Lauren, guardei para mim meu crescente interesse pessoal pelo clube. Sim, eu finalmente estava me abrindo, mas duvidava que algum dia discutiria minha vida sexual com outro homem, especialmente um...*mordaça*—dormindo com meu primo.

Josh soltou um assobio baixo quando terminei e virou o resto da cerveja. "Você contou para a Lauren há quanto tempo está de olho nela?"

"Cometi um deslize e mencionei algo, mas não entrei em detalhes. Mulheres tendem a desaprovar quando são perseguidas."

“Mhmm, mhmm”, disse Josh, assentindo rapidamente.

"O quê?" perguntei.

"Nada." Ele desviou o olhar, olhando para qualquer lugar, menos para mim. "Você pretende parar agora que a Lauren sabe?"

Balancei a cabeça. "Não sou decente o suficiente para fazer isso, principalmente

porque sei o quão perigosa esta cidade é. Só de pensar nela andando por aí já está me dando uma úlcera."

"O amor faz isso com você", disse Josh.

Porra. Era isso que era? Amor? Eu tinha*amado*Lauren esse tempo todo? Quer dizer, eu sabia que tinha tido quando era adolescente, mas de um jeito meio pueril que não parecia muito sério. Amor adulto era algo completamente diferente, e eu nunca tinha amado ninguém romanticamente, então não tinha nada com que comparar meus sentimentos.

"Não importa", eu disse, falando mais comigo mesma do que com Josh. "Acho que a Lauren não quer nada sério com um homem como eu."

"Mas você está tentando sair", disse Josh. "Isso não abriria caminho para vocês dois?"

Balancei a cabeça. "Estou tentando. Não significa que o papai vai me deixar ir tão fácil. E, de qualquer forma, tenho quase certeza de que já estraguei tudo."

Contei a ele sobre os últimos dias desde que vira Lauren. Ela e eu não tínhamos conversado muito depois da igreja, apenas o suficiente para ela me dizer que precisava de um tempo antes de voltarmos a nos falar e que só porque ela tinha ficado comigo não significava que me perdoava por persegui-la. Ela também confessou que se perguntava se eu tinha vergonha dela. Até então, eu sempre usara máscara na boate, e sempre que nos encontrávamos fora dela era em segredo. Ela não tinha deixado de notar que eu tinha entrado escondido na igreja para que meus pais não nos vissem juntos, e eu não podia culpá-la por interpretar mal o motivo.

"*São*"Você tem vergonha dela?" Josh perguntou.

"Porra, não", eu disse a ele.

Ele me olhou. "Não é fácil para muita gente namorar alguém que faz os outros se masturbarem."

Algo na maneira como ele disse isso fez parecer que ele estava falando por experiência própria, mas ele era um hacker, então o que diabos ele saberia sobre isso?

"Não me importa que ela faça outras pessoas se excitarem", eu disse.

"Tem certeza?" ele insistiu. "Tipo,*realmente* Tem certeza? Só consigo imaginar como está a caixa de entrada da Lauren. Se você conseguir se livrar do seu pai, precisa descobrir o que acha da Lauren continuar trabalhando mesmo enquanto vocês estão namorando. A maioria de nós foi criada para esperar monogamia sexual dos nossos parceiros, e algumas dessas crenças arraigadas são difíceis de superar.

Balancei a cabeça. "Confie em mim, tenho certeza. Eu tive*anos*para me conformar com o trabalho da Lauren. "Não dou a mínima para o que ela faz online, contanto que seja só eu e ela offline."

"Então você*fazer* quero ficar com ela", disse Josh.

Soltei um suspiro de frustração. "Você não estava me ouvindo esse tempo todo?"

"Sim, e tenho ouvido muitas mensagens confusas. Parece que, por mais que você goste ou até ame essa mulher, você ainda encontra desculpas para não dizer a ela que quer algo sério."

Esfreguei as mãos no rosto. Eu tinha concordado em manter um relacionamento casual porque não queria alimentar esperanças de algo duradouro para nenhum de nós, só para ter que desistir caso meu pai encontrasse um jeito de me obrigar a continuar trabalhando para ele. Ou ameaçasse a segurança da Lauren. Mas eu também não conseguia mais manter distância. Se a única maneira de ficar com ela fosse mantendo as coisas casuais, então eu as manteria casuais. Além disso...

"Já a machuquei uma vez", disse a Josh. "Não quero fazer isso de novo."

"O que te dá tanta certeza de que vai conseguir?", perguntou Josh.

Abaixei as mãos e o encarei, deixando meu próprio monstro transparecer. "Porque tudo o que eu faço é machucar pessoas."

Isso o calou.

Olhei de volta para a TV, minha mente trabalhando no atoleiro que eu havia criado para mim com Lauren. "Como posso provar que não tenho problemas com o trabalho dela ou que não tenho vergonha dela?"

“Leve-a para nossa festa de noivado”, disse Josh.

Desviei o olhar do jogo de beisebol para encará-lo. "O quê?"

"Vamos ter isso neste fim de semana. Só com nossos amigos mais próximos. Vai ser pequeno, e você é o único Trocci que vamos convidar. Ninguém lá vai te conhecer além de mim e da Aly, e pode confiar que vamos manter a boca fechada sobre a Lauren."

“Conhecer a família não é algo muito importante?”

Josh deu de ombros. "Diga a ela que é mais como um churrasco casual e que você não quer ir sozinho."

Pensei no assunto. Em termos de ideias, não era a pior que eu já tinha ouvido. Eu só precisava encontrar um jeito de convencer Lauren a ir comigo.

24

Lauren

NT95 LHE ENVIOU UMA SOLICITAÇÃO PERSONALIZADA.

Olhei para a mensagem, incrédula. Eu havia pedido espaço, e a resposta do Júnior foi tentar me pagar por mais tempo.

“Abra”, disse Taylor, olhando por cima do meu ombro.

"Eu não quero."

"O que aconteceu?", perguntou Ryan, acordando de onde eles estavam meio adormecidos do meu outro lado. Já passava da meia-noite e estávamos assistindo a mais reality shows para relaxar depois de um longo dia de filmagem e edição, com Walter dormindo em sua caminha de cachorro por perto.

“Junior me enviou outro pedido”, eu disse.

"Concordo com o Taylor nessa", disse Ryan. "Você devia abrir, pelo menos para ver o que ele quer."

Meu polegar hesitou sobre a tela. Pedir espaço não tinha sido fácil, principalmente porque eu não conseguia parar de pensar em como Junior e eu tínhamos profanado aquele confessionário. Eu tinha passado o resto do dia excitada, e filmar conteúdo em lote quando cheguei em casa não tinha diminuído meu desejo. Mesmo agora, mais de uma semana depois, a lembrança dele mal me penetrando fazia cada gota de umidade do meu corpo se mover para o sul, rumo ao inverno. O som da respiração dele perto do meu ouvido. A sensação dos lábios dele no meu pescoço e da mão dele na minha garganta. Porra, eu queria de novo.

Era por isso que eu sabia que abrir a mensagem dele era uma péssima ideia. Eu não confiava em mim mesma para dizer não. Eu usaria o dinheiro que ele oferecia ou a oportunidade de finalmente conseguir respostas dele como desculpa para nos encontrarmos novamente. E aí provavelmente faríamos sexo de verdade, com tudo, e minha mente estaria tão em êxtase com o sexo que eu esqueceria tudo sobre o rastreador, a perseguição e tudo o mais que ele pudesse ter feito e que eu não soubesse.

“Ops”, disse Taylor, tocando na minha tela e tirando a decisão das minhas mãos.

A primeira coisa listada nas solicitações de PPV era sempre o preço, e meus olhos se arregalaram ao vê-lo.

"Dez mil?", Taylor sibilou, aproximando-se.

Ryan pressionou meu outro lado. "Para fazer o quê? Matar alguém?"

"Venha para o churrasco do meu primo", leu Taylor. Ela olhou para mim, confusa. "Isso é um eufemismo?"

“Não tenho ideia”, eu disse.

Ryan pegou o celular e começou a procurar. "Não vejo nada que indique que seja um."

"Espere", disse Taylor. "Role a tela para baixo." Ela deslizou o dedo sobre a minha tela e leu a mensagem de Junior em voz alta. "Não tenho vergonha de você, Lo. Me dê uma chance de provar isso."

Opa. Eu já estava começando a me sentir cedendo, disposta a ouvi-lo.

Empurrei o telefone para Ryan como se fosse uma bomba. "Aperte negar. Não consigo fazer isso sozinho."

Eles pegaram, me olhando. "Tem certeza?"

Concordei. "Pedi um tempo e, em vez de honrar isso, ele está insistindo para ter mais acesso a mim. Isso é sinal de alerta número... oito? Nove? Ele precisa começar a aprender a respeitar meus limites."

Ryan negou.

Alguém bateu na porta da frente.

Walter pulou da cama e correu, latindo sem parar.

De. jeito. nenhum.

"Armas", disse Ryan, nossa resposta padrão para qualquer um que batesse à nossa porta depois da meia-noite.

Eles saíram correndo do sofá enquanto eu ia direto para o Walter. Ele latia tão alto que, mesmo com o isolamento, fiquei com medo de que ele acordasse nossos vizinhos.

Peguei o taco de beisebol que mantivemos apoiado no cabideiro e me abaixei, tentando acalmá-lo e fazê-lo ficar em silêncio. "Está tudo bem, amigo."

Demorou um minuto, mas finalmente seus latidos se transformaram em um rosnado baixo e constante. De pé, olhei atentamente pelo olho mágico. Júnior estava bem do outro lado, usando seu equipamento de montaria, o capacete balançando entre os dedos e o cabelo despenteado de tanto usá-lo. Sua jaqueta estava aberta, revelando uma camiseta preta apertada sobre seus peitorais. Meus mamilos endureceram ao vê-lo, e um calor inundou meu interior. Era isso que eu ganhava por

passar tanto tempo no BikeTok.

Junior de repente piorou a situação passando a mão pelos cabelos, a camisa subindo o suficiente para revelar um vislumbre tentador do abdômen inferior. Quase atravessei a porta fechada tentando alcançá-lo, mas o som das minhas colegas de quarto correndo em minha direção me impediu bem a tempo. Virei-me e vi Ryan segurando uma lata de spray de pimenta e um taser. Ao lado delas, Taylor segurava o maior e mais flexível de seus vibradores.

Ryan olhou boquiaberto para a coisa. "O que você pretende fazer com isso?"

"Dê uma surra nele", disse Taylor.

"Isso não vai fazer nada além de fazê-lo rir."

"Ah, é mesmo?" Ela girou o pulso, dando um tapa na coxa de Ryan.

Ryan uivou, agarrou a perna deles e saiu dançando.

Júnior bateu na porta. "Lauren? Você está bem?"

"Estou bem", gritei por cima dos latidos de Walter. "O que você quer?"

“Para conversar”, ele gritou.

"Cale a boca!", gritou alguém lá de fora, provavelmente um dos nossos vizinhos pendurado numa porta ou janela. Ótimo.

"Ryan", eu disse. "Venha segurar o Walter."

Eles se aproximaram mancando, lançando olhares furiosos para Taylor no caminho, e agarraram Walter pela gola.

Abri a porta. "Você tem sérios problemas com limites."

Júnior sorriu, diabolicamente bonito sob a luz fraca. "Deixe-me entrar e eu te mostro o quão ruins eles são."

Lutei contra um arrepio, recusando-me a me excitar com aquele comentário. "Meus colegas de quarto estão ambos armados." Mais ou menos. "E o Walter não gosta de homens estranhos."

“Bom garoto”, ele disse.

"Walter é uma menina!" Taylor gritou para mim por algum motivo.

O sorriso de Junior se alargou, seus olhos fixaram-se nos meus, e eu percebi o que ela tinha feito.*Oh não.*Ele abriu os lábios e baixou a voz, transformando-a num rosnado grave. "Boa menina."

Atrás de mim, Taylor soltou um som parecido com o de uma baleia moribunda, claramente sobrecarregada por seu desejo de louvor.

"Você ainda não vai entrar", eu disse, odiando o quão sem fôlego eu parecia.

Júnior recuou na nossa varanda. "Então por que você não vem aqui, e seus amigos podem ficar de olho em você de dentro?"

Observei-o por um instante. Talvez aquilo fosse bom. Talvez eu pudesse obter

minhas respostas e, se não gostasse delas, mandá-lo embora, e seria o fim de tudo entre nós. De vez, desta vez.

Virei-me para os meus colegas de quarto. "Se eu de repente me arrastar para o colo dele, por favor, venham me agarrar antes que eu seja acusado de atentado ao pudor."

Taylor sorriu. "Sem promessas. Fichas criminais são polêmicas."

Ryan balançou a cabeça. "Ignorem ela. É claro que vamos impedir vocês."

Entreguei o taco de beisebol a eles, dei um tapinha agradecido em Walter e saí.

Junior estava encostado no corrimão da varanda com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, os postes de luz projetando ângulos agudos em seu rosto. Nossa, aquele queixo era de outro nível. E as maçãs do rosto. Havia modelos que matariam por elas. Era como se ele tivesse herdado todas as melhores características dos pais. Os olhos da mãe, os lábios carnudos e as sobrancelhas grossas do pai. A combinação deles era devastadora, sempre atraía meu olhar, sempre me fazia torcer para que ele me presenteasse com um sorriso raro, por transformar sua expressão de fria e inacessível em calorosa e íntima, só para mim.

Não houve sorrisos esta noite. Em vez disso, ele me observava com um calor nos olhos que me fez parar do lado de fora da porta, pois não confiava em mim mesma para chegar mais perto.*Eu estive dentro de você*, dizia aquele olhar.*Senti você gozar na cabeça do meu pau. E se você acha que essa foi a última vez que eu vou enroscar meus dedos na sua garganta, você está louco.*

Ele se afastou do corrimão. "Continue me olhando assim e veja se eu não te fodo aqui mesmo, nesta escada."

Um gemido abafado veio de trás de mim, mais parecido com o de Taylor do que com o de Walter, seguido por um som de silêncio. Eu amava meus colegas de quarto, mas será que eles precisavam ouvir cada palavra que estava prestes a sair da nossa boca? Provavelmente não.

"Vamos sentar", eu disse, tomando cuidado para manter distância enquanto passava por Júnior. O homem tinha um jeito de me agarrar que me deixou assustada.

Descemos os degraus até a calçada e sentamos no último. Felizmente, eles eram largos o suficiente para que não nos tocássemos. O cheiro de couro e colônia me trouxe de volta ao confessionário, e a última coisa que eu precisava era sentir o calor emanado do corpo do Júnior.

Até olhar para ele era um problema, então fixei meu olhar na rua, onde sua bicicleta estava estacionada. "Você mora aqui perto?"

"Não", disse ele, com a voz baixa e áspera, e, meu Deus, eu estava tão ferrado que só o som disso já era suficiente para me fazer tremer. "Só venho aqui às vezes para ver como você está."

“Como você sabe onde eu moro?”

“Eu tenho mantido o controle sobre você ao longo dos anos”, ele disse.

Uma parte de mim relaxou um pouco com a confissão. Eu esperava uma discussão, estava pronta para arrancar informações dele aos poucos, porque ele sempre foi um livro tão fechado, mas ele me oferecer tudo tão abertamente foi uma agradável surpresa. "E o rastreador? Há quanto tempo está na minha bolsa?"

“Só desde o nosso primeiro encontro na igreja.”

Assenti. Fazia sentido. Eu estava tão distraída quando ele me prendeu na parede que ele teria tempo de sobra para me atacar.

“Não faça isso de novo”, eu disse a ele.

“Não colocarei mais rastreadores em você”, disse ele.

Bom, isso estava indo melhor do que eu esperava. Hora de tirar o curativo. "Você furou os pneus de um bando de velhinhas só porque elas foram más comigo?"

Ele deu um sorriso irônico. "Ouvi dizer que os pneus se cortaram."

"Meu Deus, você fez isso, não é?"

Ele parecia impenitente. "Que seja o único aviso deles."

Recuei. "O que você vai fazer se eles forem maus comigo de novo? Queimar as casas deles?"

“Eu nunca faria isso”, ele disse, com o sorriso mais indigno de confiança do mundo se espalhando em seu rosto.

"Sério? Porque seu sorriso é psicótico."

Ele alisou a situação, deixando a fachada do mafioso reformado voltar ao lugar como uma segunda pele. "Não acho que chegaremos a esse ponto."

Não, definitivamente não, porque eu nunca mais voltaria àquela igreja. Não conseguia imaginar tentar assistir a uma hora de missa com o confessionário às minhas costas, sabendo o que eu tinha feito ali. Na minha mente, o próprio Jesus Cristo surgiu de lá no meio do sermão do padre, com o dedo apontado enquanto me acusava de blasfêmia.

"O que mais você fez na última década?", perguntei a Júnior, porque estava claro que sua interferência com Kelly e nosso diretor não havia terminado.

Seus olhos estavam tão escuros nas sombras que quase pareciam pretos. "Quanto tempo seus amigos estão dispostos a esperar enquanto eu respondo a essa pergunta? Podemos ficar aqui por um bom tempo."

Pisquei para ele. "Minhas multas de estacionamento?"

Ele assentiu.

“O espelho lateral quebrado do meu carro que foi magicamente substituído da noite para o dia?”

Outro aceno.

Minha mente acelerou, relembrando cada problema que misteriosamente se resolveu. Pensei no nosso último apartamento e na recusa do proprietário em consertar qualquer coisa por seis meses seguidos, antes de aparecer de repente na nossa porta com uma equipe de três homens e resolver tudo em um dia. Depois disso, não passou uma semana sem que ele nos perguntasse se precisávamos de mais alguma coisa.

Estreitei os olhos. "Nosso senhorio lá no antigo lugar?"

O aceno.

Meu coração apertou. "Vereadora Blackwell?"

Sua expressão ficou sombria e ele assentiu novamente.

Coloquei a cabeça entre as mãos. "Ai, meu Deus. Vou acabar na cadeia."

Ele acariciou minhas costas. "Ninguém pode te ligar a nada disso. Eu me certifiquei disso. E a Blackwell merecia isso depois de tanto tempo te iludindo."

Levantei a cabeça bruscamente. "O que você fez com ela?"

"Relaxa", disse ele. "Todo mundo ainda tem os dedos das mãos e dos pés. Digamos que consegui um vídeo interessante do filho dela."

Tive vontade de chorar. "Tenho me esforçado muito para convencer esses políticos, e se você está me dizendo que todos eles tiveram que ser ameaçados ou subornados, vou perder a pouca fé que me resta na humanidade."

Ele colocou uma mecha solta de cabelo atrás da minha orelha. "Não. Você fez todo o trabalho duro sozinha. Eu só dei uma cutucada em um ou dois deles."

Ah, não. Patrick McKinney. Eu tinha contado tudo para o Junior sobre ele no Velvet. Será que ele seria o próximo?

*Você realmente se importa se ele é?*perguntou uma vozinha. O homem era um completo canalha e não tínhamos para onde ir.*Ainda*Mas estávamos trabalhando nisso. Meus colegas de quarto e eu estávamos olhando mais dois prédios para amanhã, e um dos proprietários parecia muito promissor. E, enquanto isso, tínhamos conseguido dinheiro para pagar o aluguel e nos sustentar por mais um mês.

Íamos fazer isso da maneira legal.*certo* jeito. O Júnior estava tentando sair do mundo do crime, e a última coisa que eu queria era que ele se afundasse ainda mais em meu nome.

“Por favor, pare de interferir na minha vida”, eu disse.

Sua resposta, de uma só palavra, foi concisa: "Não."

Soltei um suspiro exasperado. "Estou falando sério. Odeio o fato de minhas conquistas não serem minhas. Que qualquer uma delas possa ter vindo de coerção, chantagem ou violência."

"Olha só este lugar", disse ele, apontando para trás. "Você fez isso sozinho. Está construindo seu império tijolo por tijolo com as próprias mãos. Não é como se eu tivesse apontado uma arma para cada um dos seus subordinados e os forçado a te seguir. Eles escolheram fazer isso porque você é muito bom no que faz. Você faz as pessoas se sentirem vistas e aceitas, não importa quem sejam ou em que tipo de inferno estejam presas."

Meu coração se amoleceu. Ele estava falando de si mesmo?

"E daí se eu tentasse facilitar a sua vida onde pudesse?", disse ele. "E daí se eu pressionasse alguns políticos a fazerem a coisa certa? Você não deveria se sentir mal por essas cobras. Não depois da forma como elas mentiram na sua cara e para o público sobre apoiar a sua causa."

Balancei a cabeça. "Não me sinto mal por eles. Não é com eles que me importo nesta situação."

Sua risada era sem graça. "Não sinta pena de mim, Lo. Você não sabe o que eu fiz na vida."

"E daí?", perguntei. "Só porque você fez coisas ruins não significa que não seja digno da minha empatia."

Ele se aproximou e me puxou para seu colo, e eu deixei. Algo em sua expressão me dizia que ele precisava disso.

Atrás de nós, a porta se abriu, Taylor balançando o vibrador sobre a cabeça como se estivesse se preparando para liderar Ryan e Walter para uma batalha.

Balancei a cabeça rapidamente para impedi-la.

*Tem certeza que?*ela murmurou.

Eu assenti, e ela fechou a porta novamente, dando uma última sacudida no brinquedo sexual para me lembrar de me comportar.

Junior enterrou o rosto no meu pescoço, respirando fundo. Esse era o nosso problema. Ele podia me perseguir, interferir na minha vida e me colocar mais alertas do que um circo inteiro, e eu ainda olhava para ele e me lembrava do garoto com quem cresci. O medo, a vulnerabilidade. Eu sabia que eles ainda estavam lá, enterrados profundamente. Eu sabia que ele estava sofrendo, que não queria fazer as coisas que fazia. O fato de ele estar tentando escapar era prova suficiente disso.

Isso me fez querer puxá-lo para perto de mim e protegê-lo do mundo. O que era ridículo. Apesar das minhas lembranças persistentes, ele não era mais um menino; era um homem adulto, um criminoso. Eu tinha visto o temperamento dele, como ele era propenso à violência. E, no entanto, eu ainda sentia que havia esperança para ele. Que ele ainda não estava tão perdido assim. Que eu poderia salvá-lo.

Taylor estava errado. O Junior não tinha a tara do cavaleiro branco. Eu tinha.

"Não tenho vergonha de você", ele falou na minha pele. "E seu trabalho não me incomoda. Você pode postar o que quiser, e eu nunca vou tentar te dizer o contrário. Não quero cortar suas asas, Lo. Quero ver você voar."

Um calor floresceu em meu ventre, algo que não tinha nada a ver com luxúria. Aquela foi a coisa mais afirmativa e romântica que alguém já me disse, e enquanto suas mãos acariciavam minhas costas e ele me puxava para mais perto, senti a última resistência a ele se dissipar. Sim, ele tinha me perseguido, e sim, tinha feito outras coisas terríveis, mas, se ele estava sendo honesto, e eu acreditava que estava, então nada disso era sobre controle. Ele tinha feito tudo para me proteger, para tornar minha vida mais fácil, melhor, e eu não corria o risco de cair na mesma armadilha que minha mãe.

"Venha comigo ao churrasco do meu primo", disse ele. "Eu pago o que você quiser."

Balancei a cabeça. "Não quero seu dinheiro."

"Então o que é preciso?" Ele se afastou o suficiente para me olhar nos olhos. "Não vou conhecer ninguém lá além dela e do noivo, e ficar batendo papo com estranhos me dá vontade de arrancar os próprios olhos. Não sei mais como falar com pessoas normais. Não dou a mínima para a fila de espera para creches ou para o que todo mundo está assistindo na TV. E um dia, os pensamentos intrusivos vão vencer e da próxima vez que alguém perguntar o que eu faço no trabalho, eu vou começar a falar e ver quanto tempo demora até que saiam correndo e gritando de mim." Ele me puxou para perto, encostando a testa na minha. "Não deixe que sábado seja esse dia. Não deixe que eu estrague a festa de noivado do meu primo."

Apesar de tudo, sorri. O mafioso e a camgirl, juntos em um agradável churrasco em família. O que de pior poderia acontecer?

"Eu irei."

25

Júnior

"Tem certeza de que estou bem?", perguntou Lauren.

Olhei para ela no banco do passageiro, sentada recatadamente em seu vestidinho fofo de verão. Ela estava falando sério? "Se já não estivéssemos atrasados, eu pararia este carro e você estaria pulando no meu colo em meio segundo."

Ela balançou a cabeça. "Não comece. Estou tentando ser boazinha."

Lancei um olhar rápido para ela. "Quer dizer, já estamos atrasados. O que são mais alguns minutos?"

"Minutos?" Seu tom adquiriu um tom provocador. "Oh, quem poderia*sempre* recusar tal promessa de prazer?"

Estendi a mão e agarrei sua coxa. "Acho que provei que minutos são o tempo que preciso para te fazer gozar."

Isso a calou.

Sorri e acariciei minha mão para cima. "O que você está vestindo por baixo deste vestido? Me dê algo pelo qual ansiar, para que eu possa passar as próximas horas."

Apesar de ela ter me dito para não começar, ela logo abriu as pernas. "Por que você não descobre por si mesma?"

Mais à frente, o sinal ficou verde. Xinguei, tirando a mão porque precisava dela para trocar de marcha. Eu deveria ter pedido emprestado o Range Rover do Stefan em vez de pegar meu próprio carro, mas fazia tempo que eu não dirigia aquela fera, e achei que Lauren apreciaria seu motor rouco e a forma como ele emitia vibrações baixas e constantes pelo veículo.

"Talvez mais tarde", ela disse, sorrindo como o Gato de Cheshire e fechando as pernas.

O que diabos estava acontecendo ali para fazê-la sorrir daquele jeito?

"Lembre-me novamente o nome da sua prima e do noivo dela?", ela disse.

"Aly e Josh. Os dois gatos deles são Maud e Fred, e acho que o antigo colega de

quarto do Josh estará lá. Não sei quem mais estará. Provavelmente os amigos do trabalho da Aly."

"Você disse que ela é enfermeira de pronto-socorro?"

"Sim. Nós cortamos e ela costura de volta."

Lauren ficou quieta por tanto tempo que dei outra olhada nela.

Seus olhos se estreitaram, me estudando. "Não sei se você está brincando ou não."

Pisquei. "Eu também não." Ela balançou a cabeça, a expressão se tornando contemplativa, e decidi que era hora de uma distração. "Nenhum dos amigos da Aly sabe que ela tem ligações com a máfia, e ela quer que continue assim."

"Meus lábios estão selados", disse Lauren.

Olhei para o colo dela. "Não parta meu coração."

Ela deu um tapa no meu braço. "Eu quis dizer meu*boca*."

Sorri e acelerei, jogando-a de volta no assento.

Havia uma fila de carros estacionados em frente à casa da Aly quando chegamos. Encontrei um lugar o mais perto possível e fui abrir a porta para Lauren, enquanto ela pegava a sacola de presentes que trouxera. Ela parecia perfeitamente firme nos calcanhares quando saiu, mas havia rachaduras na calçada, então ofereci minha mão a ela, por precaução.

"De repente, um cavalheiro", ela disse, entrelaçando seus dedos nos meus.

"Sou eu, um verdadeiro cavalheiro. Agarre a mão dela na rua e o cabelo dela nos lençóis."

Ela riu, um som vibrante e contagiante que me fez virar a cabeça para encará-la. Foi a primeira vez que a vi rir assim, alto e abertamente, e meu ego se inflou um pouco, sabendo que eu tinha causado aquilo. Até então, eu só a fazia franzir a testa ou gemer, e decidi que isso precisava mudar. Os gemidos, podíamos continuar, mas a carranca tinha que acabar.

Uma placa na porta da frente dizia que a festa era nos fundos, então seguimos o som de vozes pela casa. Havia umas trinta pessoas lotando o quintal de Aly, com uma churrasqueira de um lado e dois conjuntos de tábuas de cornhole do outro, com mesas e móveis de jardim entre elas. Josh era fácil de identificar por causa da sua altura, estando o mais longe humanamente possível da churrasqueira. Aly estava muito mais perto.

"Ah, ei!", ela disse, virando-se quando nos aproximamos. "Você conseguiu."

Lauren se mexeu ao meu lado. Pressionei a mão na parte inferior das suas costas e a guiei para frente. "Aly, esta é Lauren. Lauren, Aly."

"Oi", disse Lauren, erguendo sua sacola de presentes. "Parabéns pelo noivado. O Junior disse que você gosta de vinho branco, então comprei um mimo para você."

"Ah, obrigada", disse Aly, pegando a sacola e se inclinando para abraçar Lauren. Ela se afastou e puxou o vinho, com os olhos arregalados. "Não, sério. Obrigada."

Hum. Deve ter sido uma bela garrafa.

Lauren sorriu. "De nada."

Um gemido familiar e patético veio de perto, e nos viramos para ele. No mês passado, passei um fim de semana horrível e suado ajudando Josh e Aly a transformar a varanda dos fundos no que eles chamavam de catio (Viu?*Esquisito.*), enquadrando o espaço e grampeando telas resistentes entre a madeira. Tudo para que Fred pudesse sentar do lado de fora e observar os pássaros enquanto Josh e Aly tomavam café. E então eles adotaram Maud, que agora estava com as quatro patas cravadas na tela, chorando para ser solta. Fred sentou-se na árvore para gatos atrás dela, parecendo pouco impressionado com o comportamento dela.

"Meu Deus", disse Lauren. "Que fofura!"

Ela e Aly foram em direção a Maud, e eu fui atrás delas.

"Gente de gatos", disse uma voz baixa e descontente atrás de mim.

Olhei e vi um cara loiro quase tão grande quanto Josh se aproximando.

"Tyler, certo?" perguntei quando ele parou ao meu lado.

Ele assentiu e tomou um gole de cerveja. "Júnior?"

Eu acenei de volta.

Seu olhar se voltou para Lauren. "Como você conseguiu capturar um sujeito tão malvado?"

Respirei fundo. É, ele ainda era um babaca. Eu só o tinha visto uma vez, quando ajudamos o Josh a se mudar para cá, mas aquelas poucas horas foram suficientes para ter uma boa noção dele e me perguntar como diabos o Josh o aguentou por tanto tempo.

Seja legal, eu disse a mim mesma. Você não pode sair ameaçando a única outra amiga do Josh no mundo só por apontar o quão gostosa a Lauren é.

“Sou bom em fazê-la gozar”, eu disse.

Tyler deu uma risada baixa. "Justo. Ela tem uma irmã?"

“Sim, mas ela é mais velha, casada e tem dois filhos.”

"Que pena." Seu olhar se voltou para mim, observando as tatuagens no meu pescoço, as palavras rabiscadas nos meus dedos. "O que foi que você disse que fazia mesmo?"

"Importações", eu disse. "Você?"

Ele sorriu. "Finanças."

Ficamos em silêncio, observando as mulheres brincarem com Maud através da tela. Pelo menos as duas pareciam estar se dando bem.

Um aceno chamou minha atenção. Olhei para a esquerda, por cima das cabeças da multidão, e vi Josh gesticulando para mim. Apontei para as mulheres e fiz sinal para que nos aproximassem. Ele balançou a cabeça, acenando com mais força.

"Ele não chega perto da grelha", disse Tyler. "O cheiro da carne assando o faz vomitar."

"Ah, então ele é*vegan*, vegano."

Tyler soltou um bufo sem graça. "É." E com isso, ele saiu andando, de volta para a multidão.

Balancei a cabeça para ele se afastando e então fui me juntar a Aly e Lauren perto do catio. "Josh está tentando nos chamar para o covil dele."

Aly estremeceu. "Eu disse a ele que deveríamos manter as coisas vegetarianas, mas ele não queria expor todo mundo."

Ela foi até ele, e nós a seguimos. A um metro de Josh, Lauren parou de repente, encarando-o. Tentei não me deixar abalar. Eu era homem o suficiente para admitir que Josh era provavelmente o cara mais bonito que eu já tinha visto fora de um filme, mas não gostei do fato de Lauren também parecer pensar assim. Até que percebi que ela não estava olhando para o rosto dele, mas para os braços e as tatuagens que se formavam neles.

Ela olhou de Josh para Aly e de volta para Josh. "Aly..." Seus olhos brilharam. "Bois livres?"

"Oh, Jesus", disse Aly, agarrando o braço de Lauren e arrastando-a para longe.

Franzi a testa quando eles passaram por mim. "Que porra é essa?"

Josh tinha uma expressão envergonhada no rosto quando me virei. "Não olhe para mim. Eu não tenho*ideia* do que se tratava aquilo."

Por algum motivo, não acreditei nele.

Quarenta e cinco minutos depois, eu já tinha comido, sofrido com conversas casuais com os colegas de trabalho de Aly, conhecido o casal mais velho que morava ao lado dela, tive outra conversa estranha com Tyler e estava pronto para dar o fora dali.

Lauren se saiu muito melhor, fazendo amizade com todos que conheceu, arrasando no cornhole apesar dos saltos continuarem cavando a grama e fazendo um excelente trabalho em me fazer parecer menos babaca.

Josh e eu estávamos parados num canto, ele bebendo uma cerveja, eu um macchiato da nova e chique máquina de café expresso que meu pai mandou para Aly de presente de aniversário. Não deixei de notar que Josh passou a maior parte da festa meio de costas para os outros quando não foi forçado a conversar com eles. Meu pai era mau, mas...*dele*Seu pai era um assassino em série infame, e Josh se parecia muito com ele,

algo que o incomodava bastante. Ele havia evoluído muito nos últimos seis meses, mas eu percebia que estar perto de uma multidão daquele tamanho ainda o incomodava.

“Você conseguiu descobrir quem é o dono das dívidas de McKinney?” ele perguntou.

"Jesus, fale baixo", eu disse, puxando-o para mais longe de onde Aly, Lauren e um punhado de outras mulheres estavam sentadas perto, dividindo a garrafa de vinho que Lauren trouxe.

Josh estremeceu, olhando por cima do ombro como uma criança preocupada em ser ouvida. O homem não tinha jeito para trabalhos furtivos.

“Sim, eu descobri”, eu disse a ele quando recuamos até a cerca.

"Eeee?", disse ele, com entusiasmo nos olhos. Provavelmente era por isso que Aly queria mantê-lo longe de coisas ilegais; ele parecia tentado demais por elas.

Balancei a cabeça. "É um apostador novato. Ele entrou em cena há um ano e vem subindo na hierarquia aos poucos, organizando noites de cartas cada vez maiores, colocando seus caras nas pistas de corrida e nos estádios e irritando todo mundo."

“Como assim?” Josh perguntou.

"Não fazendo as coisas do jeito antigo. Ele está invadindo o território das pessoas sem pedir permissão e depois saindo antes que consigam localizá-lo. Encontrá-lo vai ser um saco, e não", eu disse, quando ele abriu a boca, "você não pode ajudar. Nada disso requer um computador."

Josh me olhou fixamente. "Todo mundo tem um rastro digital."

"Esse cara não", eu disse. "Aparentemente, ele é um filho da mãe paranoico. E implacável. Meu irmão Stefan está cuidando disso. Ele consegue encontrar qualquer um na cidade." E, de todos os meus irmãos, era o que menos me deduraria, já que era o filho menos favorito do papai (algo que o babaca não fazia segredo) e geralmente era deixado em paz por causa disso.

"Degolador, como assim?", perguntou Josh. "Você não está se colocando em perigo, está?"

A preocupação em sua voz me fez querer me contorcer. Levaria um tempo para me acostumar a ter amigos. "Estou bem", menti — eu estava sempre em perigo. "Ele não é pior do que as outras pessoas com quem lido. Quis dizer, implacável com dinheiro. Se eu tiver alguma esperança de conseguir um acordo justo, preciso pegá-lo desprevenido. Se ele tiver tempo para analisar a dívida ou os ativos do McKinney, vai tentar me extorquir cada centavo que eu valho."

Josh franziu a testa. "Me avise se precisar de dinheiro extra. Temos algum sobrando."

Acenei para ele. "Guarde para o seu casamento e lua de mel. Vou ficar bem. O crime

é lucrativo e, além da minha moto e do meu apartamento de merda, não gasto dinheiro em nada além de investimentos."

Josh se animou. "Não sabia que você mexia com o mercado de ações. Como vão as coisas?"

"Bem decente", eu disse. "É um bom pé-de-meia." Era melhor do que um pé-de-meia. Eu poderia me aposentar amanhã e viver dos dividendos pelo resto da minha vida se fosse frugal. Não que meu pai me deixasse.

"Sério?", disse Josh, erguendo as sobrancelhas. "Eu queria começar a investir mais. Tenho uma carteira decente, mas ela é administrada por um babaca de Wall Street. Sabe, o Tyler é analista financeiro. A gente podia convidar ele também e passar a noite inteira lá."

Eu não tinha ideia de como responder diplomaticamente, então fui direto. "Sem querer ofender, mas prefiro arrancar minhas próprias unhas do que sair com*que* cara."

Fiz um gesto com minha xícara de café para Josh, e ele se virou para ver o que eu estava observando o tempo todo: Tyler, prestes a começar uma briga por causa de cornhole. Ele tinha perdido e não estava nada feliz com isso.

"Porque você continuou passando dos limites", ele disse, alto o suficiente para sua voz ser ouvida.

Josh se virou para mim, estremecendo. "Ele tem uma queda por regras."

Eu apenas olhei para ele.

"E ele não causa exatamente a melhor primeira impressão", ele acrescentou.

“Ou segundo”, eu disse, tomando um gole do meu café.

Josh assentiu. "Acho que ele simplesmente não se sai bem em situações novas ou com pessoas novas, então acaba agindo mais como um babaca do que o normal. Mas, depois que você supera esse obstáculo, nunca mais encontrará um amigo mais leal."

Atrás dele, Tyler virou um tabuleiro de cornhole e se afastou da festa.

“Terei que acreditar em você.”

Josh se virou bem a tempo de ver Tyler desaparecendo na esquina da casa. Com um suspiro, Josh se virou de volta para mim, com os olhos fixos em Aly, Lauren e nas outras mulheres balançando a cabeça diante do desabafo de Tyler.

“Lauren é legal”, ele disse.

"Bom demais para mim?"

“Ah, sem dúvida.”

Lancei-lhe um olhar nada impressionado.

Ele me deu uma cotovelada. "Vocês dois são ótimos juntos. Se complementam."

Olhei para ele. "É isso que você ficou fazendo aqui no seu Cantinho do Mal a tarde toda? Estudando o resto da gente?"

“Sim”, ele disse, e eu pude ouvir o que não foi dito*como*no tom dele. "O que mais eu poderia fazer para me divertir?"

“Não sei, isso é*seu* festa de noivado.”

"Não, não é. É dela", disse ele, suavizando o tom ao olhar para Aly.

Segui o olhar dele e a vi admirando a pedra no dedo, com um sorriso no rosto que dizia a qualquer um que a visse o quão feliz ela estava, o quão contente. Ela olhou para cima, viu Josh e sorriu ainda mais, e ele soltou um suspiro baixo que soou como se alguém o tivesse socado no estômago. Decidi naquele momento que, se meu pai tentasse separá-los, seria uma guerra aberta entre nós.

Meu olhar se voltou para Lauren. Ela conversava animadamente com uma das colegas da Aly, mas eu não estava preocupado com o que ela dizia. Eu havia pedido para ela não tocar em certos assuntos e confiava que ela ficaria quieta. Que diabos, eu confiava nela, ponto final. Passar a tarde na companhia dela, juntos, à luz do dia, tinha sido... interessante. Fácil. Era um vislumbre de normalidade, de como a vida poderia ser se eu conseguisse me libertar.

Lauren riu de algo que Aly disse, e elas brindaram com suas taças de vinho antes de beber. Meu peito se aqueceu ao vê-las se dando tão bem, e precisei me lembrar de não me precipitar, pois ainda não tínhamos discutido o que diabos estávamos fazendo.

E então o olhar de Lauren encontrou o meu e permaneceu nele, um calor surgiu entre nós.

Sorri, pisquei e me virei, sem querer que ela visse a raiva tomando conta de mim. Meu maldito pai. Suas ameaças, sua astúcia, seu controle, eram os motivos pelos quais eu me contive com Lauren. Porque eu tinha medo do que ele faria, de até onde ele iria para manter seu poder sobre mim. A máfia tinha regras contra machucar mulheres, mas eu não confiava nele para honrá-las, e eu sabia muito bem que não era preciso usar força física para machucar alguém. Armas psicológicas podiam ser tão devastadoras quanto.

Eu só precisava encontrar uma fraqueza que pudesse explorar. Planejar uma mudança para um negócio legítimo era ótimo, mas não me livraria das garras do meu pai, não o impediria de me ameaçar ou coagir a fazer o que quisesse.

Pensar, eu disse a mim mesma. O que meu pai valorizava mais do que qualquer outra coisa? O que eu poderia ameaçar tirar dele para finalmente fazê-lo recuar?

"Você está bem?" Josh perguntou.

Balancei a cabeça, tentando me recompor. Eu não confiava no meu temperamento quando ficava assim.

"Vamos", disse Josh, empurrando meu ombro para me fazer andar. "Para dentro."

Entrei na casa deles, feliz pelo silêncio. Estava barulhento demais lá fora para pensar

direito.

"O que você fez para se livrar do meu velho?", perguntei, finalmente perguntando diretamente ao Josh.

Ele olhou para a porta dos fundos e para a festa logo adiante, verificando se estávamos realmente sozinhos. "Ameaçou destruir a vida dele inteira, incluindo a sua família. Sem ofensa."

Pisquei. Era isso. Família. A única coisa com a qual meu pai se importava mais do que qualquer outra coisa no mundo. Era por isso que ele chantageava Aly e Josh para que viessem aos jantares mensais, por isso que ele tentava exercer tanto controle sobre mim e meus irmãos. Seus próprios pais o haviam renegado quando ele se juntou à máfia, e seu maior medo na vida era que todos os outros que ele amava um dia o abandonassem também.

"Você consegue mesmo cumprir suas ameaças?", perguntei a Josh.

Ele cruzou os braços sobre o peito e assentiu, com o outro lado entrando na conversa. "Sim."

"Tenho um plano se formando na minha cabeça, mas não sei se vai funcionar ou se vai explodir na minha cara." Expliquei tudo a ele do começo ao fim, observando seus olhos se arregalarem e suas sobrancelhas subirem até a testa.

Quando terminei, ele sorriu. "Isso parece uma merda total."

"Você está dentro?"

“Porra, sim”, ele disse.

26

Lauren

"Isso foi legal", eu disse.

Eu já tinha tomado duas taças de vinho, aquecido por ter passado o dia ao ar livre e cansado de toda a conversa e risadas. Júnior e eu estávamos voltando para casa, e o sol se punha sobre a paisagem urbana ao longe, pintando o céu de laranja e rosa. Bocejei e me recostei no assento. Um cochilo parecia tão bom.

"Fico feliz que você tenha se divertido", disse Junior, flexionando o antebraço enquanto reduzia a marcha.

Ou talvez um sexo lento e preguiçoso, Pensei, olhando para ele. Seu cabelo estava despenteado pelo vento que entrava pela janela aberta, e a camisa de mangas curtas que ele usava estava apertada sobre o peito e a barriga.

Nunca me senti tão atraída por ele antes. E não apenas sexualmente. Mais cedo, quando Aly perguntou o que eu fazia da vida, hesitei, sem saber como responder. Em qualquer outra situação, eu teria contado a ela com orgulho, mas não sabia se essa era a decisão certa. Uma coisa era Júnior...*dizer* Ele aceitou o que eu fiz, mas eu sabia por experiência própria como a dinâmica familiar pode ser complicada. Embora Aly parecesse igualmente receptiva — especialmente considerando quem era seu noivo —, eu não sabia como ela se sentiria em relação ao primo namorar uma camgirl. Junior me surpreendeu ao colocar a mão na minha lombar e assentir, dizendo sem palavras que eu deveria ser honesta.

Eu soube naquele momento que ele estava falando sério sobre não ter vergonha de mim. No passado, precisei fugir do trabalho em mais de uma ocasião por causa do desconforto de um parceiro. O fato de eu poder me abrir agora me encheu de uma sensação eufórica de alívio, que percorreu meu corpo como bolhas de champanhe, me deixando energizada e animada. E quando Aly e as outras enfermeiras com quem conversávamos nem piscaram? Um peso tirado dos meus ombros que eu nem tinha consciência.

As coisas estavam mudando. As pessoas estavam mais gentis e receptivas do que nunca. Pelo menos na nossa geração. Isso me deu esperança de que, algum dia, no futuro, as profissionais do sexo pudessem falar abertamente sobre suas vidas sem medo de julgamento ou represália. E talvez isso me tornasse ingênua ou excessivamente otimista, mas tanta coisa havia mudado para melhor nos anos em que eu fazia camgirls que não parecia uma fantasia; parecia não apenas possível, mas inevitável.

Junior trocou de marcha, acelerando enquanto descíamos a estrada. Será que eu tinha sido precipitada demais em julgá-lo? precipitada demais em desconsiderar o que havia entre nós? Tínhamos combinado de manter o clima casual, uma forma de finalmente explorar a faísca entre nós, mas esta tarde me fez questionar a mim mesma, me fez questioná-lo.

O homem havia passado*dez anos* cuidando de mim. Isso não significava uma atração passageira ou interesse fútil. Significava determinação. Comprometimento. E, claro, talvez ele pudesse estar me protegendo por culpa por não estar lá quando eu mais precisei dele, mas se fosse só culpa, ele não teria parado quando percebeu que eu estava bem? Que o que aconteceu não tinha realmente arruinado a minha vida?

Isso claramente não era casual. Não para o Junior, e eu estava começando a perceber que também não para mim. Eu me importava com o que acontecesse com ele, queria vê-lo ter sucesso em se tornar legítimo, estava até disposta a ajudar no que pudesse, embora duvidasse que ele me deixasse. E eu gostava do jeito que ele me fazia sentir quando estávamos juntos: querida, especial. Eu gostava dos pequenos vislumbres do seu humor que começavam a aparecer cada vez mais. Eu gostava que ele compartilhasse da minha tara voyeurista. Eu estava animada para explorar mais com ele. Deus me ajude, parte de mim até gostava dos aspectos mais sombrios da sua personalidade. Minha linha de trabalho não era isenta de riscos, e saber que havia um filho da puta assustador com uma bússola moral distorcida cuidando de mim me fazia sentir segura e protegida. Eu não tinha dúvidas de que, se um submisso cruzasse a linha e tentasse me encontrar, o Junior cuidaria disso antes mesmo que eu percebesse o perigo.

E quem sabe, talvez não fôssemos compatíveis a longo prazo e nosso tempo juntos fosse apenas passageiro, mas depois de hoje o pensamento de algo*mais* Com ele, não parecia tão assustador quanto antes. Então, quando ele entrou na minha rua, me virei para ele. "Quer entrar?"

Ele me lançou um olhar de soslaio. "Não se você estiver planejando me dar de comer para o seu cachorro grande e assustador."

"Walter pode tirar suas próprias conclusões. Não cabe a mim dizer quem ele deve ou

não comer."

Júnior sorriu. "Você parece valer o risco."

"Sim?"

"Sim. Eu entro."

Ele me deixou em frente à casa de arenito e foi procurar uma vaga para estacionar enquanto eu fui avisar meus colegas de quarto que teríamos visitas.

Ryan me encontrou na porta. Atrás deles, Walter choramingava sem parar.

Eles esticaram a perna para impedi-lo de escapar. "Como foi?"

“Pedi para o Júnior entrar”, eu disse a eles.

A surpresa brilhou em seus rostos. "Presumo que isso significa que correu bem?"

Assenti. "Te conto tudo depois. Cadê a Taylor?"

"Saindo com a Jackson", disse Ryan, abrindo a porta e pegando a guia do suporte logo ali dentro. "E eu preciso ir buscar o jantar, porque é a vez dela cozinhar,*claro.*Vou levar Walter comigo para que você e Junior possam ter um tempo sozinhos.”

Walter correu até mim assim que teve autorização, balançando o rabo tão rápido que seu traseiro ficou borrado. Abaixei-me para acariciá-lo. Eu amava meus colegas de quarto, mas nada fazia meu coração cantar como aquele animal e como ele sempre ficava feliz em me ver quando eu chegava em casa, ou acordava, ou entrava em qualquer cômodo em que ele estivesse.

"Oi", eu disse, tentando acariciá-lo enquanto ele se contorcia. "Ah, meu Deus. Sim, é o seu nariz." Ele se virou, o rabo batendo no meu braço, nas minhas costas, no meu ombro, e voltou para uma segunda passada.

Ryan conseguiu prender a guia no meio do frenesi, e eu agradeci a eles enquanto o levavam escada abaixo e depois na direção oposta de Junior enquanto ele subia a calçada, acenando antes de se virarem.

"Mudou de ideia sobre o meu encontro com Walter?", perguntou Júnior enquanto subia as escadas.

Balancei a cabeça. "Ryan se ofereceu para nos dar um tempo a sós."

O sorriso que se abriu em seu rosto era malicioso. "Ah, é mesmo?"

A necessidade me invadiu, minha sonolência anterior esquecida. Eu vinha segurando meu desejo o dia todo, tentando não olhar muito para ele, passando um tempo com Aly enquanto ele estava com Josh para que eu pudesse abrir um espaço entre nós. Cada cheiro de sua colônia, cada toque, me lembrava de nossas interações passadas, ele me fazendo gozar na escadaria do Velvet, depois na cabine de fotos, o jeito como eu o cavalgava na sala de voyeur, o jeito como ele conseguia ficar tão quieto quando estava dentro de mim na igreja. Toda vez que nos encontrávamos, ou estávamos em um espaço apertado ou a um passo de sermos pegos, e embora isso

tivesse sido excitante, eu mal podia esperar para tê-lo sozinho no meu quarto, onde havia um colchão grande e confortável nos esperando e todos os brinquedos possíveis.

"Vamos", eu disse, agarrando sua mão e o levando para dentro.

Seus dedos apertaram os meus enquanto subíamos as escadas para o terceiro andar. Abri a porta do meu quarto e ele parou de repente, me puxando para parar. Meus olhos se voltaram para o rosto dele, com uma pergunta na ponta da língua, mas então vi sua expressão, a maneira como seu olhar dançava de um lugar para o outro: minha cama, a poltrona enorme, o canto vazio em frente à porta — todos os lugares que eu filmava regularmente.

"Porra, Lauren", ele disse, seus olhos ardendo quando finalmente voltaram a me encarar.

Soltei sua mão e entrei no meu quarto, adorando o jeito como ele me perseguia, adorando a sensação de estar sendo perseguido, mesmo a uma distância tão curta. Ele parou apenas o tempo suficiente para fechar a porta e dar uma última olhada ao redor, e então veio até mim, me alcançando com um último passo, apoiando as mãos na parede de cada lado da minha cabeça.

"Não acredito que estou no seu quarto", disse ele, com a voz áspera. "Você não tem ideia das coisas que eu fantasiei fazer com você aqui dentro."

"Me conta", eu disse, sentindo o calor se acumular em meu íntimo. Quantas vezes eu o tinha excitado sem nem perceber?

Ele balançou a cabeça. "Não sei quanto tempo temos a sós, e não vou perder mais um minuto conversando. Agora vire-se. Por mais que eu goste de você com este vestido, gostaria ainda mais de você sem ele."

Girei, puxando o cabelo por cima do ombro para que ele tivesse acesso mais fácil ao zíper. Em vez de abri-lo, sua mão envolveu meu pescoço, e a lembrança da última vez que estivemos sozinhos assim surgiu na minha mente.

"Aquele maldito confessionário", ele rosnou.

Soltei um suspiro ofegante. "Eu sei."

Seus dedos se apertaram em mim. "Vou me lembrar da sensação de você gozando na cabeça do meu pau até o dia da minha morte." Quase gemi quando ele me arrastou para trás. "E seu pulso", ele sussurrou em meu ouvido. "Nunca vou esquecer como ele vibrava contra meus dedos. Só..." Ele bateu no meu pescoço. "Tipo." Outro toque. "Isso."

Meus joelhos tremeram com a lembrança, um calor percorrendo meu estômago. Agarrei seu pulso. "Júnior."

Seu aperto em mim diminuiu. "Preciso te foder. Sem hesitação, sem ficar quieta." Os dedos da sua mão livre caíram ao meu lado, franzindo a barra do meu vestido. "Você

nunca me disse o que está usando aqui embaixo."

Abri as pernas e sorri, esperando por isso.

Seus dedos continuaram subindo, até me encontrar completamente nua, porque eu tinha gostado tanto da reação dele naquela primeira noite no Velvet que queria ver se isso o deixaria tão louco quanto na segunda vez. Eu soube na hora em que ele percebeu, porque seu progresso congelou, a testa caindo no meu ombro, a mão se afastando do meu pescoço.

"O dia todo?" ele resmungou.

Dei uma risadinha. Ele parecia estar com dor. "É."

Ele emitiu um som baixo e torturado e me girou, e então nos beijamos. Puxei sua camisa, querendo que ela subisse, tirasse, mas ele ignorou o pedido óbvio, e isso me fez pensar em quão grave era o ferimento em seu flanco. Nossos pés se entrelaçaram, a parte de trás dos meus joelhos bateu no colchão, e caímos, Júnior conseguindo controlar a queda, então caímos de lado.

Ele nos virou para uma posição mais central, comigo por cima, e então empurrou meus ombros até que eu estivesse montada nele. Suas mãos pousaram em meus quadris, flexionando meus bíceps. Com um puxão, ele me arrastou para cima de seu corpo. "Suba aqui", disse ele, com a voz rouca de impaciência.

"O que você faz-"

Outro puxão e eu estava em seu peito.

“Pegue a cabeceira, Lauren.”

Fiz o que ele disse, e ele se abaixou mais, claramente com a intenção de que eu montasse em seu rosto.

“E se eu te sufocar?” perguntei.

“Você não precisa parecer tão animado com a ideia”, ele respondeu.

Sorri. "Seria o assassinato perfeito."

Ele riu. "Então acho que isso me torna sua vítima voluntária." Com um último empurrão, ele desapareceu de vista sob a saia do meu vestido.

Minha risada em resposta se transformou em um suspiro quando ele me puxou para baixo. Direto para o seu rosto. Uma coisa que eu estava aprendendo sobre o Júnior era que ele não brincava; em vez disso, ele ia direto ao ponto. Sua língua provou minha entrada e então empurrou para dentro, curvando-se, torcendo-se.*Ah, merda.*Minhas unhas cravaram-se na cabeceira da cama e fiquei perfeitamente imóvel, ajoelhada ali, incapaz de me obrigar a colocar mais peso sobre ele, apesar de sua*Se eu morrer, eu morro*atitude.

Um rosnado baixo vibrou através de mim, e eu estremeci, apesar do seu óbvio desgosto. Ele puxou novamente, com mais força desta vez, com força suficiente para

que eu finalmente pressionasse. Meus olhos se fecharam enquanto ele continuava a me devorar, aquela língua mágica dele me fazendo querer me esfregar nele apesar da minha hesitação persistente. Uma mão deixou meu quadril e deslizou por baixo do meu vestido. Seu polegar roçou meu clitóris. Eu gemi por ele, alto, compensando o silêncio que tive que manter da última vez que ele me tocou.

Ele afastou a boca. "Sai da frente, Lauren. Não vou falar isso de novo."

E então sua língua voltou e seu polegar continuou me trabalhando, e eu juro que ia fazer o que ele disse, mas parecia tão*bom*para ficar exatamente onde eu estava que—

Ele me deu uma palmada.

Gritei, pego de surpresa, com os olhos arregalados.

Outro tapa, não forte o suficiente para realmente machucar, mas com força suficiente para deixar claro que ele estava tentando me fazer me mexer. Provavelmente era um bom momento para mencionar que eu realmente...*curtiu*uma surra firme e agradável.

A mão dele deixou minha bunda novamente, e eu olhei para a direita para vê-la pairando atrás de mim, em uma ameaça ociosa. Me inclinei para frente sobre seu rosto, ainda achando que era arriscado, mas o ato de contrair todos os meus músculos internos enquanto eu movia meus quadris foi tão bom que decidi fazer de novo. E de novo. E,*ah, merda*Agora que eu tinha começado, não queria parar, porque cada queda me fazia pressionar sua língua e cada subida me fazia empurrar seu dedo acariciador, e com base nos sons encorajadores que Junior fazia, ele também não queria que eu parasse, então continuei, minhas mãos agarrando a cabeceira da cama e meus quadris acelerando. Eu realmente esperava que ele conhecesse seus próprios limites e tivesse força para me empurrar se isso fosse demais, porque agora eu parecia não conseguir me controlar.

Sua língua acariciou mais fundo, o polegar trabalhou mais rápido, a mão na minha bunda me empurrando para frente como se ele estivesse mais do que a fim daquilo, e logo minhas costas estavam arqueadas e minha cabeça caiu para frente, os lábios abertos em um grito estrangulado quando meu prazer atingiu o ápice e eu gozei em todo o seu rosto. Foi violento, bagunçado, a primeira vez que eu entrava naquele quarto em muito tempo sem ter que me preocupar com iluminação, ângulos de câmera ou se o que eu estava fazendo parecia bom. Pela primeira vez, tudo o que importava era como eu me sentia, como ele...*me fez sentir*.

Eu caí de cima dele, sem forças. "Meu Deus, Nic."

Ele subiu pelo meu corpo, lentamente, depositando beijos a cada poucos centímetros, levantando meu vestido conforme subia. "Mmm", disse ele. "Gosto de ouvir você me chamar assim."

Levantei a cabeça para encará-lo. "Nic?"

Ele assentiu. "Diga de novo."

“Nic”, eu sussurrei.

"É esse o nome que eu quero na sua língua", ele me disse. "Não Júnior. E sim, eu sei que você tem usado isso de propósito para manter um pouco de distância entre nós, mas eu não quero mais, então para com isso, Lo."

Minha boceta estremeceu com a autoridade em seu tom. "Não me mande, senão eu gozo."

Ele encostou a testa na minha barriga, os ombros tremendo de tanto rir. Enrolei os dedos nos cabelos dele, só porque podia, só porque queria, e relaxei mais fundo no colchão, amando o peso dele me pressionando, amando o fato de que eu realmente o tinha feito rir.

Um toque estridente cortou a sala. Seu telefone, sempre estragando o clima.

Deixei meus braços caírem, forçando-me a ficar quieta em vez de pedir para ele ignorar. Ele havia prometido nunca interferir no meu trabalho, e o mínimo que eu podia fazer era retribuir o favor. Se ele tivesse que atender a ligação, ele tinha que atender, e eu tinha que aceitar que isso faria parte da nossa dinâmica se continuássemos a passar tempo juntos.

Com um gemido, ele rolou de cima de mim, tirando o aparelho do bolso e levando-o ao ouvido. "O quê?", ele se levantou de repente. "Onde?", ele praguejou. "Chego em vinte minutos." Ele desligou, e a expressão em seu rosto enquanto se virava para mim era torturada. "Desculpe."

Sentei-me. "Não precisa se preocupar. Está tudo bem."

“Eu voltarei”, ele disse.

"Sem problemas." Dei de ombros. "Casual, lembra?"

Seus olhos escureceram e, num piscar de olhos, ele me jogou de volta no colchão, os cotovelos apoiados ao lado da minha cabeça, os quadris pressionando os meus. Ele rolou para dentro de mim, sua ereção coberta pelo jeans áspera contra minha pele sensível, enviando uma onda de êxtase através do meu âmago. "E se eu dissesse que quero algo mais do que casual?"

Fiquei imóvel sob o peso do seu olhar, buscando coragem e tentando ignorar as lembranças de como ele me magoou um dia. "Estou com medo", confessei.

Ele se inclinou para a frente, encostando nossas testas. "Eu sei. Podemos ir tão devagar quanto você precisar."

Examinei seus olhos, me perguntando se eu estava cometendo um erro enorme. Lentamente, assenti. "Ok."

Ele avançou, me beijando, a língua implacável e exigente, trabalhando minha boca

como se tivesse acabado de trabalhar na minha boceta. Envolvi minhas pernas em volta dele e o puxei para mais perto. Com uma estocada leve, ele apertou sua ereção contra mim, me fazendo contorcer, me fazendo desejar que tivéssemos mais tempo. Eu queria o pau dele dentro de mim. O dele*inteiro* pau dessa vez, duro, rápido e brutal, mas eu duvidava que tivéssemos tempo.

Com um gemido, ele se afastou. "Meu Deus, eu quero te foder." Seus olhos estavam selvagens na luz que se apagava. "E eu quero falar sobre o que está acontecendo entre nós, mas eu tenho que ir, e eu odeio ter que te deixar assim."

Eu sorri. "Tipo o quê? Exausta de tanto tesão que você me fodeu com a língua?"

Ele balançou a cabeça. "Você sabe o que eu quero dizer." Suas sobrancelhas se franziram. "Não sei quanto tempo isso vai levar."

Inclinei-me para frente, dando um último beijo em seus lábios. "Está tudo bem se você não conseguir voltar. Só me avise que está bem."

Alguns minutos depois, descemos as escadas. Não ouvi nenhum som no apartamento, então imaginei que Ryan ainda estivesse fora.

"Chegando!" eles gritaram quando chegamos ao primeiro andar, me fazendo pular.

Walter veio correndo na nossa direção, e eu tive tempo suficiente para*realmente* nervoso, porque não era assim que eu queria que ele e Juni ficassem juntos - não,*Nada*—para se encontrar, mas Nic levantou a mão e disse "pare" no tom mais autoritário que eu já ouvi, e Walter parou e sentou-se sem precisar que lhe mandassem.

Os dois se olharam por um longo momento.

"Estamos bem?", perguntou Nic.

Walter abaixou a cabeça, abanando o rabo, e eu sabia que tudo ficaria bem.

"Tudo bem", bufou Nic, agachando-se para ficar na altura de Walter. "Então, vamos lá."

Walter ficou furioso, correndo os últimos metros até Nic, cheirando tudo que conseguia alcançar e batendo nele com o rabo mais vezes do que eu conseguia contar.

“Nunca o vi tão instantaneamente obcecado por alguém antes”, eu disse.

Nic me lançou um olhar presunçoso. "Puxou à mãe."

Ryan gargalhou ali perto. Taylor bufou em resposta, e eu levantei o olhar para ver meus colegas de quarto e Jackson todos esparramados no sofá. Hum. Devíamos ter ficado no meu quarto mais tempo do que eu imaginava. Parecia que a gozada no rosto tinha durado um minuto inteiro, mas agora eu estava começando a me perguntar se o sexo com a Nic era tão bom a ponto de eu ter acabado em um túnel do tempo ou algo assim.

"Tudo bem. Eu sei", disse ele, endireitando-se. Deu um último carinho em Walter

antes de erguer o olhar para mim. "Preciso ir."

“Dirija com cuidado?”, eu disse.

Ele assentiu e se virou para acenar para os espectadores. "Aproveitem o resto da noite."

Taylor acenou de volta. "Você também, sua vagabunda suja."

Nic balançou a cabeça, deu um beijo de despedida na minha testa e foi embora.

27

Júnior

"Aqui?" perguntei a Stefan.

Ele assentiu.

Desviei o olhar dele e olhei ao redor. Estávamos parados nas sombras do antigo porto, enormes edifícios industriais erguendo-se como montanhas ao nosso redor na escuridão. Nossos representantes eleitos gostavam de chamar aquela parte da cidade de cicatriz na cidade. Era decadente, abandonada, um playground para criminosos, moradores de rua e exploradores urbanos. Enormes silos desabaram na água. Tanques de diesel de mil galões ostentavam as etiquetas de cem grafiteiros. O concreto estava deformado e quebrado, tornando quase impossível dirigir. Tivemos que deixar nossos carros em um armazém de embarque próximo e chegar a pé.

De acordo com Stefan, em algum lugar no meio de toda essa podridão e decadência, estava acontecendo um sangrento jogo de pôquer, com apostas altíssimas, somente para convidados.

Eu não fazia ideia de onde, já que as luzes que deveriam manter este lugar iluminado eram constantemente apagadas, e a cidade finalmente desistiu de substituí-las, efetivamente entregando esta parte do porto ao submundo. Continuei procurando o contorno de uma porta, ou uma janela iluminada, qualquer coisa que indicasse que havia vida naquele lugar além de nós, mas não vi nada.

O som de um tapa me fez virar a cabeça para as cinco figuras paradas ali perto, vestidas com uniformes escuros, com armas suficientes para derrubar um esquadrão inteiro de soldados. Eu já havia trabalhado com eles antes, principalmente quando acobertavam os crimes de Aly e Josh. Eles não tinham ligação com a máfia, nem com ninguém na cidade; eram capangas contratados, mercenários glorificados, conhecidos por alternar entre um cliente e outro dependendo de quem pagava a conta. A razão pela qual eram tão requisitados era porque mantinham a boca fechada. Foi por isso que pedi um favor para trazê-los para cá. De todos os que operavam na cidade, eles

eram os únicos em quem eu confiava que não correriam para o meu pai depois.

O homem de confiança deles, David, um sujeito careca e atarracado de quarenta e poucos anos, levou a mão ao pescoço. "Malditos mosquitos."

Assenti, ouvindo o zumbido baixo de mais insetos descendo sobre nós. Precisávamos nos mexer ou seríamos comidos vivos.

“Onde?” perguntei a Stefan.

Ele me fez sinal para ir em frente e caminhou até a lateral do prédio atrás do qual nos escondíamos. Juntos, espiamos pela esquina.

“Ali”, ele disse, apontando.

Segui a linha do seu dedo. Em vez de um prédio, eu estava olhando para um navio cargueiro abandonado de 120 metros que estava apodrecendo ali desde o final dos anos 80. Ele emergiu das águas escuras como a noite como um fantasma, sua pintura branca, antes imaculada, desgastada pelo tempo e transformada em um cinza turvo, com manchas de ferrugem subindo do casco até o convés. As enormes correntes que o prendiam aos ganchos de aço do cais brilhavam prateadas ao luar, gemendo enquanto o barco balançava na maré.

Parecia o lugar menos convidativo para um jogo de pôquer que eu poderia ter imaginado.

Meu olhar se voltou para o meu irmão. Ele nunca me dera motivos para desconfiar dele, pelo menos não mais do que eu desconfiava de todos em geral, mas eu não conseguiria imaginar um cenário mais perfeito para uma emboscada, mesmo que tentasse.

"Você está tentando me matar?" perguntei.

Em resposta, ele me mostrou o dedo do meio e foi embora, desaparecendo na escuridão como o fantasma que estava se tornando.

David se aproximou de mim e olhou ao redor da lateral do prédio, observando o navio. "Eu não gosto disso."

“Eu também não”, eu disse, recuando para as sombras.

Os outros quatro homens se aproximaram, em silêncio, deixando o chefe falar por si só, com os olhos constantemente se movendo em busca de ameaças. Todos eles vinham de unidades militares de operações especiais, e isso era evidente. A única vez que os vi cometerem um deslize foi quando Josh os acompanhou, e eu atribuí isso ao fato de ele nunca calar a boca e tê-los deixado distraídos. Todas as outras vezes que trabalhei com eles, foram impecáveis.

David olhou novamente para a lateral do prédio, para o navio, e depois se virou para nós. "Um, silo norte", disse ele, e um homem desapareceu na escuridão. "Dois, silo sul. Três, tanques de diesel. Quatro, barcaça de grãos."

Os homens desapareceram um por um, deixando David e eu para trás.

Ele se virou para mim. "Você está bem aqui sozinha?"

Assenti. "Provavelmente encontrarei uma maneira de entrar no prédio e ver se há janelas ou rachaduras voltadas para a nave."

"Ótimo", disse ele. "Vou assumir a posição e chegar o mais perto possível. Só rádios a partir deste ponto."

Com isso, ele se virou e desapareceu na noite.

Ajustei a bateria presa ao meu coldre e prendi o microfone de garganta em volta do pescoço. Um fio de fibra trançada fino, porém ultrarresistente, levava ao fone de ouvido, que encaixei antes de ligá-lo.

"Testando", eu disse, mantendo minha voz num sussurro porque eu sabia em primeira mão o quão sensível aquele equipamento era.

O restante dos homens fez o check-in e ficamos em silêncio enquanto eles se posicionavam. Virei-me e inspecionei o prédio às minhas costas. Era atarracado, construído em concreto e metal, e sua estrutura semelhante a um bunker me fez pensar que costumava abrigar materiais inflamáveis antes de ser desativado. A lua pairava baixa sobre o porto, fora de vista do outro lado do prédio, lançando uma sombra densa ao meu redor. Isso dificultava a visão, e fui forçado a contornar o perímetro lentamente.

Perto da entrada, encontrei uma porta, cujo contorno preto era o único marcador distinguível. Estava escancarada, uma bocarra escancarada de escuridão, qualquer madeira ou metal que outrora estivera de sentinela em sua moldura, perdido para os elementos ou vândalos. Parei ao vê-la. Qualquer um ou qualquer*coisa*poderia estar lá dentro — um assassino, um canibal, milhares de aranhas minúsculas esperando para rastejar em mim. Não sei o que dizia sobre mim o fato de a última possibilidade ser a única que me assustava.

Outra vantagem de trabalhar com David era que ele sempre me equipava com os equipamentos deles: microfone, óculos de visão noturna e até uma lanterna vermelha suave, difícil de detectar a mais de alguns metros de distância. Tirei-a do coldre e liguei-a, cruzando a soleira da porta para uma sala ampla e aberta, repleta de vestígios de seu passado industrial. Mesas quebradas jaziam em pedaços no concreto coberto de terra. Uma fileira de armários de metal se alinhava na parede oposta, grandes ou pesados demais para serem carregados por saqueadores. Acima, lâmpadas fluorescentes quebradas pendiam do teto.

Nenhum sinal de assassino, mas não baixei a guarda. As aranhas podiam estar em qualquer lugar.

Uma escada estreita e aberta subia a parede oposta aos armários. Segui em linha reta

até eles, com cuidado por onde andava, desviando de todo o lixo no chão. A escada parecia frágil pra caramba quando cheguei lá, mas não vi outras opções. O luar entrava filtrado de cima, o que significava que qualquer janela ou buraco lá em cima dava para a nave.

Subi com cuidado, testando cada degrau para ver se aguentaria antes de colocar todo o meu peso sobre ele, e mesmo assim eu estava pronto para pular para trás ao primeiro sinal de desabamento. O segundo andar parecia mais estável do que a escada, feita de concreto moldado como a de baixo. Atravessei-o até o buraco no teto, um corte estreito e fino demais para passar. Não importava. Tudo o que eu precisava era de uma linha de visão para o cargueiro.

Coloquei meus óculos de visão noturna e espiei a escuridão. Uma olhada para o convés do barco foi o suficiente para me dizer que estávamos ferrados. Notei cinco homens de guarda nas sombras, e parecia que eles tinham...

Abaixei-me antes de ser avistado. "Eles também têm óculos de proteção", avisei aos outros.

"Entendido", disse David. Todos os outros permaneceram em silêncio.

O silêncio durou o que pareceu uma hora, mas provavelmente não passou de vinte minutos. Finalmente, a voz de David ecoou na linha. "Eles têm meia dúzia de homens esperando só no convés, e não há como saber quantos mais estão lá embaixo. Não vejo como me aproximar do navio sem ser avistado. Confirma?"

Quatro confirmações se seguiram, uma após a outra.

"Tenho que dar crédito ao cara", disse David. "Este é um lugar genial para um jogo de pôquer no mercado negro."

Apesar da minha irritação, eu também fiquei impressionado. Não é de se admirar que os outros corretores tivessem dificuldade em localizá-lo e estivessem sempre um passo atrás e um dia atrasados. O fato de Stefan ter conseguido fazer o que eles não conseguiram foi impressionante pra caramba, e me fez pensar se talvez eu estivesse subestimando meu irmão mais quieto.

"Você reconhece a tripulação no convés?", perguntei. David se esforçou para conhecer todas as outras operações mercenárias na área dos três estados.

"É, é do Oscar", disse ele. "Eles podem ser bandidos, mas sabem o suficiente para serem perigosos."

A impaciência me consumia. Eu queria acabar logo com aquilo e voltar para Lauren. "O que você está pensando?"

"Vamos esperar", disse David. "Finalmente, eles terão que ir embora, imagino que antes do amanhecer. A essa altura, já terão passado a noite acordados, e espero que o cansaço os deixe menos alertas. Aí podemos pegá-lo."

Dadas as circunstâncias, provavelmente era a nossa melhor opção. O que significava que teríamos uma longa noite de espera pela frente. Meu Deus, eu detestava ficar de tocaia, principalmente quando não estava preparado.

Ajustando os óculos, levantei-me apenas o suficiente para espiar novamente pelo teto e confirmar tudo o que David havia dito. Os homens no convés pareciam concentrados principalmente nos arredores, poucos olhando para cima. Enquanto eu observava, uma nova figura saiu rastejando da escotilha do convés. Quase o descartei como mais um capanga contratado — ele era grande o suficiente para isso —, mas ele estava de terno. Um dos apostadores? Isso poderia ser promissor. Se esta noite não desse certo, talvez eu pudesse identificar esse cara e explorar sua ligação com o apostador.

Ele estava de lado, falando com um dos guardas, como se estivesse dando ordens. Meu coração disparou. E se ele não fosse um jogador, mas o próprio apostador? Levantei-me, tentando observá-lo melhor, quando de repente ele se virou, e o reconhecimento me atravessou como uma bala.

O que é*Porra*?

Eu estava olhando para o ex-colega de quarto do Josh, Tyler. Talvez se eu não o tivesse visto algumas horas atrás, não teria tanta certeza, mas não havia como confundir sua cara de babaca ou seu sorriso maroto. Finanças, o caramba. Não é à toa que ele pareceu tão convencido quando eu disse que trabalhava com importados. O filho da puta provavelmente sabia quem eu era.

"Mudança de planos", eu disse a David. "Vou direto para o navio."

“Não recomendo”, disse ele, tão brusco como sempre.

“É, bom, acontece que eu conheço esse babaca.”

"Então espere a gente chegar em terreno alto", disse ele. "Nós te daremos cobertura lá de cima."

"Entendido."

Verifiquei minhas armas enquanto esperava: as armas no coldre, a do tornozelo direito, a bainha da faca enfiada na bota esquerda. Sem dúvida, as armas seriam levadas no segundo em que eu subisse a bordo, mas eu esperava que não encontrassem a faca e eu tivesse algo para recorrer em caso de emergência.

Um após o outro, os homens fizeram o check-in em suas novas posições.

“Faça o que fizer”, disse David enquanto eu voltava para a noite, “não saia do convés”.

"Vou tentar não fazer isso", eu disse a ele. "Vou desligar o rádio para que eles não percebam que tenho reforços até eu embarcar. Vou deixá-lo aqui do lado de fora da porta."

“Roger”, disse David.

Desvencilhei-me da coisa e coloquei-a sobre um balde de plástico virado antes de contornar a lateral do prédio. Em vez de seguir um caminho mais furtivo, caminhei direto para o campo aberto com as mãos no ar para que os homens a bordo vissem minha aproximação e soubessem que eu não era uma ameaça. O luar transformava meu entorno em um mundo de cinzas. O cascalho estalava sob meus sapatos. O som do navio rangendo ecoava nos prédios próximos, quase alto o suficiente para abafar meu pulso pulsando em meus ouvidos.

Provavelmente foi a coisa mais idiota que eu fiz em meses, mas jogos de pôquer como este eram prestigiados pela discrição, e nada atrairia mais a polícia do que tiros ecoando pela noite. Eu apostava nisso para evitar que atirassem em mim.

À medida que me aproximava do navio, notei algo que estava escondido do meu ponto de observação: uma escada pendurada do convés ao píer. Era feita de corda e madeira e, pelo jeito como balançava ao vento, eu sabia que não devia ser fácil atravessá-la. Abaixo dela, águas escuras aguardavam para engolir qualquer um que caísse. As pessoas jogando pôquer na barriga daquela fera deviam levar o jogo muito a sério.

“Pare aí mesmo”, alguém gritou.

Fiz o que eles disseram, esticando a cabeça para trás e vendo três homens se aproximando do parapeito bem acima.

"Diga ao cara loiro aí em cima que o Junior Trocci está aqui para vê-lo", gritei, omitindo o nome de Tyler porque não tinha certeza se ele estava usando um pseudônimo e não queria irritá-lo imediatamente denunciando-o.

Uma quarta cabeça apareceu. "Que porra você está fazendo aqui?", perguntou Tyler.

Eu odiava expor meu negócio, mas duvidava que eles me deixassem ir, a menos que eu lhes desse alguma coisa. "Quero falar com você sobre comprar a dívida de um homem."

"E você não poderia ter feito isso antes?", perguntou Tyler num tom irritado que me fez cerrar os dentes.

Seja legal, Disse a mim mesma pela segunda vez hoje: eu precisava de algo dele, e havia armas apontadas para mim.

"Eu não sabia que você era o cara que eu estava procurando", eu disse, dando de ombros.

"Como você me encontrou?", ele perguntou, com uma ponta de suspeita se juntando à irritação.

"Um contato", gritei, ficando impaciente. "Você vai me deixar subir, ou não?"

“Tudo bem.” Ele desapareceu de vista.

Abaixei os braços e caminhei até a escada. Parecia pior do que a que eu havia subido antes, mas não vi alternativa, então agarrei as cordas, coloquei o pé no degrau inferior e comecei a subir. Ela imediatamente balançou para a direita, e tive que parar e me firmar antes que me jogasse na água.

Puta merda, uma chatice de academia de selva.

Com cuidado, mantendo meu peso centralizado nos degraus, subi. Dois capangas esperavam para me revistar no topo. Encontraram as três armas e a faca.

Tyler estava a vários metros de distância, de braços cruzados, observando. "Muitas armas para uma conversa."

"Relaxa", eu disse a ele. "Eu não sabia no que estava me metendo."

Ele olhou para a escuridão ao redor. "Tem mais alguém aqui com você?"

"É", eu disse, deixando claro que não seria inteligente tentar se livrar de mim. "Eles vão ficar bem, contanto que a gente fique aqui em cima."

Ele me lançou um olhar descontente e se virou, acenando para que eu o seguisse como se estivesse chamando um cachorro para se recompor. Cerrei os punhos e o segui.*Seja legal, seja legal.*Caminhamos até a popa do barco, passando por contêineres e tambores de armazenamento antigos. Um grito veio de baixo, seguido de aplausos. O jogo parecia estar a todo vapor. Como diabos Tyler conseguiu se infiltrar neste mundo sem que ninguém descobrisse quem ele era? E como ele conseguiu chegar a este nível tão rápido?

“Saiam daqui”, disse ele aos homens que guardavam a popa.

Eles se afastaram sem fazer comentários, mas eu percebi pela expressão em seus rostos que eles gostavam dele tanto quanto eu.

"Vocês deveriam ter mais cuidado", eu disse quando eles se foram. "Homens que fazem inimigos nesta cidade não vivem muito."

Ele me dispensou com um gesto. "Por que eu deveria me preocupar em ser legal se estou pagando a eles mais do que eles valem?"

Balancei a cabeça. "Eu nunca disse para ser legal. Mas um pouco de respeito faz toda a diferença."

Ele bufou. "Claro."

Percebi pela rejeição que não havia sentido em discutir, então deixei para lá.

Ele se encostou no parapeito e me olhou. "De quem você está atrás da dívida?"

“Patrick McKinney’s”, eu disse.

"Por que?"

"Porque ele me irritou."

"Você não vai matá-lo, vai?", perguntou ele. "Clientes mortos não trazem mais

dinheiro."

Então ele*fez* sabe o que eu realmente fazia para trabalhar. "Não", eu disse. Não que eu fosse contar a ele se eu*era*planejando matar o cara.

Tyler tirou o celular do bolso e parecia estar verificando alguma coisa. "Ele me deve dois milhões."

"Besteira", cuspi.

A expressão de babaca do Tyler desapareceu, substituída por algo muito mais implacável. Ótimo. Ele e o Josh eram mais parecidos do que eu imaginava. "Ele é um velho bêbado que se acha mais importante do que realmente é, então se mete em jogos de apostas altas e depois perde a cabeça porque também é um idiota."

Deixei minha loucura transparecer, dando um passo à frente. Tyler podia ser maior do que eu, mas eu duvidava que ele já tivesse estado em uma*real* brigar antes. "Se eu descobrir que você está mentindo sobre o valor", eu disse, "nem mesmo sua amizade com o Josh vai te manter segura. Vou desmanchar todo esse empreendimento ao seu redor e depois espalhar os pedaços do seu corpo por toda a cidade."

"Não estou mentindo", ele disse, com a cautela transparecendo em sua expressão pela primeira vez desde que o conheci. "McKinney é dono de um monte de prédios no West Side. Ele acha que pode continuar acumulando dívidas, porque simplesmente se vira e arranca mais dos inquilinos para cobrir as parcelas mensais."

Minha mente começou a trabalhar. Então isso explicava os constantes aumentos. Quantas outras pessoas, além de Lauren e os outros donos do Velvet, McKinney estava prejudicando?

"É isso que você quer, não é?", disse Tyler. "Uma das propriedades dele."

Droga. Eu queria muito que ele fosse tão burro quanto parece. Isso tornaria a negociação com ele muito mais fácil. "Não é da sua conta."

"Você está tentando expandir o território da máfia? É isso?"

Esse filho da mãe intrometido estava me dando nos nervos, e era hora de virar o jogo. "O Josh sabe do seu pequeno negócio?"

A expressão de Tyler se fechou, toda a resposta que eu precisava.

"Vou te dizer uma coisa: me dá a dívida de um milhão com o McKinney, e eu não vou dizer nada." Sorri. "Para o Josh,*ou*todos os outros corretores de apostas que estão atrás de você."

Tyler deu um passo ameaçador em minha direção.

"Cuidado", eu disse, apontando para o pequeno ponto vermelho que de repente apareceu em seu peito.

Ele olhou para baixo, viu o laser e xingou, recuando. Um brilho calculista surgiu em seus olhos enquanto me observava. "Seu pai sabe o que você está aprontando?"

“Sim”, menti.

"De alguma forma, duvido disso, ou você teria vindo aqui com um bando de capangas da máfia em vez dos mercenários que você contratou."

Dei de ombros, fingindo indiferença.

"Então, se eu aparecer na casa do Nico Sênior amanhã para entregar os comprovantes do McKinney, ele ficará bem?", perguntou Tyler.

Merda. Estávamos num impasse, e pela expressão dele eu percebi que ele sabia disso.

"Não posso abrir mão disso por um milhão", disse ele, me olhando. "A menos que você me aceite como sócio."

Ele estava falando sério? "Porra, não. A gente nem se dá bem. Por que eu ia querer trabalhar com você?"

"Porque faz sentido fiscalmente", disse ele, como se isso respondesse a tudo. E talvez, para ele, respondesse, mas a ideia de ter que lidar com aquele babaca o tempo todo me deu uma dor de cabeça instantânea.

"Vou ficar em silêncio", continuou ele. "Deixarei você cuidar de toda essa merda do dia a dia, contanto que eu receba a minha parte."

"Cuidado", eu disse. "Acordos verbais são vinculativos na minha área de atuação."

"Estou falando sério, mano."

Quase recusei só porque ele me chamou de "mano", mas minha curiosidade venceu. "O que você ganha com isso?"

"Estou construindo um império." Ele gesticulou em direção aos nossos pés e aos gritos e vaias ecoando pelo casco. "Reconheço que isso pode ser temporário e quero o máximo de negócios válidos possível para compensar. Além disso", disse ele, sorrindo, "sempre aceitarei outra forma de lavar dinheiro."

Balancei a cabeça. "Tem que ser legítimo. Não estou atrás do prédio do McKinney só para torná-lo criminoso."

Ele franziu a testa. "Então não é mesmo uma coisa da máfia?"

“Na verdade não é.”

Ele me olhou, pensativo. "Tudo bem. Você entra ou não?"

Os dois milhões inteiros me livrariam. Todas as minhas economias e as duas carteiras de ações. Era um risco muito grande. Eu não sabia muito sobre Tyler, mas era óbvio que ele tinha um cérebro por baixo de todo aquele cabelo loiro e sabia como ser discreto. O fato de ninguém além de Stefan conseguir encontrá-lo provava isso. Ele também parecia valorizar a importância da diversificação, algo que eu não poderia dizer do meu pai ou dos seus compatriotas. Quanto aos sócios ocultos, eu poderia ter me saído pior. Mais importante, eu não podia me dar ao luxo de fazer isso sem ele, então não era como se eu tivesse muita escolha.

Rezando para não estar cometendo o maior erro da minha vida, ofereci minha mão a Tyler.

Ele sorriu enquanto cumprimentávamos. "Isso vai ser divertido."

De alguma forma, eu duvidava muito disso.

28

Lauren

"Então, vocês estão, tipo, juntos agora?", perguntou Ryan.

Já era tarde na manhã seguinte, e meus colegas de quarto e eu estávamos reunidos na cozinha, Taylor e Ryan sentados na ilha enquanto eu preparava panquecas e os atualizava sobre tudo o que eles tinham perdido.

"Não sei se eu chegaria tão longe", eu disse. "Concordamos que não foi tão casual quanto pensamos."

"Sem rótulos", disse Taylor. "Muito legal. Muito moderno."

Joguei um mirtilo na cabeça dela.

Ela desviou do caminho e Walter saiu correndo em direção à madeira atrás dela.

Voltei para o fogão e servi mais algumas panquecas. O Nic tinha me mandado uma mensagem tarde, pedindo desculpas por não ter conseguido voltar. Depois, tentei dormir, mas estava muito agitada, preocupada demais com o que ele estava aprontando, se estava bem. Não deixei de notar como ele se encolhia toda vez que eu tocava na lateral do corpo dele. Qualquer que fosse a ferida ali, ainda estava cicatrizando, e isso me fez pensar em quantas vezes ele se machucava, em quão perigosa sua profissão realmente era.

Recebi outra mensagem dele hoje de manhã cedo, dizendo que tinha chegado em segurança ao apartamento e, finalmente, consegui desmaiar. Combinamos de tentar algo menos casual, mas eu não tinha parado para pensar em como seria um relacionamento com o Nic. Quantas noites eu passaria sem dormir e preocupada com a segurança dele? Quantas vezes ele teria que sair correndo para seguir as ordens do pai? Eu conseguia imaginar inúmeras situações em que isso aconteceria. Depois do sexo de novo. Enquanto fazia recados. No meio de um encontro em um restaurante, ele me deixando sozinha, sem jeito, para terminar minha refeição.

Seja lá o que fosse que o Nic estivesse fazendo para se tornar legítimo, eu esperava que acontecesse logo; eu não achava que tinha o que era preciso para ser uma mulher

da máfia a longo prazo. Quase tão ruim quanto a ideia de ele se machucar era a ideia de ele machucar outras pessoas, possivelmente...*inocente*Pessoas. Já havia muita escuridão nos olhos de Nic. Eu não suportava a ideia de ter que assistir ao último raio de luz se apagar completamente.

Virei as panquecas, relembrando os últimos dias, me perguntando se eu tinha sido rápida demais em ignorar certas coisas. Nic tinha concordado que não haveria mais segredos entre nós, mas eu não conseguia me livrar da ideia de que havia mais alguma coisa que ele estava escondendo de mim. Como o jeito tão cuidadoso com que ele disse que não colocaria...*mais* rastreadores em mim...

Isso me fez pensar em que outras mentiras Nic estaria contando, por omissão ou não. Talvez eu estivesse apenas paranoica, mas havia uma sensação incômoda no meu íntimo que não passava, e eu tinha aprendido a confiar nela ao longo dos anos. Raramente me desviava do caminho certo.

Coloquei três panquecas em um prato e me virei para Taylor, colocando-as na frente dela.

Ela pegou o garfo e enfiou um na boca, murmurando "obrigada".

"De nada", eu disse, voltando-me para o fogão, distraído.

Eu me senti inquieta, como se tivesse assuntos pendentes. Não apenas com a Nic, mas com a minha irmã também, e mesmo tendo planejado passar o dia filmando, decidi ir ver a Kristen primeiro para tentar ter uma conversa adulta com ela, pelo menos uma vez, em vez de voltar às nossas brigas de infância.

Quando me sentei para comer, Taylor e Ryan já tinham terminado de comer, e Ryan estava nos contando sobre Ben ter aceitado a oferta de Ryan para trabalharem juntos.

"Ele está trazendo a própria lista de clientes", disseram. "É menor que a minha, mas isso é bom, porque estou tentando fazer menos trabalho, não mais, para poder entregar parte do meu para ele."

"Era com essa pessoa que você estava falando pelo FaceTime mais cedo?", perguntei.

As bochechas de Ryan ficaram rosadas e ele baixou o olhar. "É."

Concentrei-me nisso. "Você acha ele bonitinho?"

Os olhos deles brilharam arregalados. "O quê? Não." Ryan era um péssimo mentiroso.

Taylor pousou o café. "Meu Deus, você tem mesmo!"

Cutuquei o flanco do Ryan com o garfo. "Você não pode dar em cima da sua funcionária, sua vagabunda. É antiético."

"Ele nem é meu funcionário ainda!", argumentou Ryan, se esquivando.

Taylor e eu passamos os cinco minutos seguintes provocando-os até que eles

finalmente cederam e nos mostraram as redes sociais de Ben.

"Ah, ele é bonito", eu disse.

Taylor concordou, arrancando o celular da mão de Ryan e apertando a tela com o dedo. "Ops! Acabei de seguir."

O sangue sumiu do rosto de Ryan. "Desta vez, eu vou te matar."

Com um grito, Taylor saiu correndo em direção à escada, Ryan em seu encalço, Walter em seu encalço.*deles* salto.

Suspirei enquanto os observava desaparecerem escada acima, rezando para que o isolamento fosse espesso o suficiente para abafar o barulho que estavam fazendo.

A loja dos meus avós ocupava o primeiro andar de um prédio centenário no coração de Little Italy. Ambos eram americanos de primeira geração, cujos pais fugiram de Mussolini e da ascensão do fascismo na década de 1920.

Este país adorava desrespeitar os imigrantes, apesar de quase todos aqui serem descendentes deles, e naquela época, os italianos eram o grupo escolhido para suportar o peso desse ódio, com leis promulgadas para limitar sua imigração e o preconceito contra eles se espalhando desenfreadamente. Eles eram frequentemente condenados ao ostracismo e segregados em certas áreas, forçados a se unir para se manterem seguros e preservarem sua cultura, enquanto cercados por pessoas que queriam destruí-la. Era parte da razão pela qual havia uma "Pequena Itália" em quase todas as grandes cidades da América do Norte.

Meus avós estavam determinados a sair da pobreza que assolava o antigo bairro naquela época e, percebendo a necessidade de uma delicatessen, lutaram e economizaram até conseguirem abrir uma. Começou pequeno, operando na sala da frente do pequeno apartamento deles, antes de lentamente se tornar lucrativo o suficiente para que pudessem alugar uma loja. Agora, mais de cinquenta anos depois, Nonna era a dona do prédio, com o térreo abrigando uma grande delicatessen e loja de conveniência, e o segundo andar, equipado com um apartamento de três quartos de tamanho razoável, para o qual minha irmã e sua família se mudaram quando assumiram a loja após a morte de Nonno.

O sino acima da porta tocou quando entrei, anunciando minha chegada. Era meio-dia de domingo, e todas as igrejas do bairro tinham acabado de fechar. O lugar estava lotado. Abri caminho pelos corredores familiares, com as lembranças de correr para cima e para baixo neles quando criança e, mais tarde, de estocar prateleiras na adolescência inundando minha mente. Todo mundo se conhecia ali, e parei várias vezes para trocar gentilezas com minha professora de história do ensino fundamental, uma garota com quem eu tinha jogado futebol e, sem jeito, o primeiro garoto que eu

tinha beijado. Nenhum de nós fez contato visual. Eu tinha certeza de que nós dois estávamos nos lembrando do jeito que ele tinha gozado nas calças e depois entrado em pânico e dito que ele tinha se mijado como se aquilo fosse, de alguma forma, melhor.

Hugo, meu cunhado, me viu chegando e levantou a parte do balcão ao lado do caixa para que eu pudesse passar. Ele era um homem grande, alto, robusto, com ombros largos e peito largo. Se fosse um filme do Scorsese, ele seria o Goon #2, vestindo um agasalho completo e fumando um charuto no fundo de uma cena enquanto os astros discutiam sobre matar alguém em primeiro plano. Na maioria das vezes, ele usava seu tamanho para trabalhar como segurança na propriedade de Lorenzo Brusomini, o atual chefe da máfia, mas aos domingos, Kristen estava de folga e Hugo assumia o caixa.

“Ei, que bom ver você”, ele disse, inclinando-se para me dar um abraço com um braço só.

"Você também", eu disse, apertando-o de volta. "A Kristen está lá em cima?"

"É", disse ele, me soltando. "Pega leve com ela, né? Esse cara tá dando mais trabalho para ela do que os outros dois. Um segundo, Joe", disse ele ao homem que esperava para pagar. Ele se virou para mim. "Capiche?"

Assenti, mantendo a boca fechada em vez de apontar que, de nós dois, não fui eu quem começou a confusão. Hugo era o marido da Kristen; era função dele ficar do lado dela.

"Ei", ele chamou enquanto eu me dirigia para a porta do depósito. "Silêncio ao subir. Ela acabou de colocar as crianças no chão."

"Eu vou", eu disse, entrando no banco de trás.

Parei quando a porta se fechou atrás de mim, respirando fundo e me acalmando, impregnada dos aromas familiares da minha infância: café, parmesão, manjericão fresco e o toque adocicado de biscoitos com sabor de anis, tudo isso combinado com o cheiro de meia de academia de salame fatiado, soppressata e presunto cru. Parecia nojento quando mencionado, mas para mim, era o paraíso. Eu me sentia segura ali, protegida, lembrando-me dos meus avós acolhendo a mim e à minha irmã e nos proporcionando a melhor infância possível.

Com uma última inspiração, passei pela porta no canto dos fundos e subi as escadas.

"Kristen?", sussurrei-chiado depois de usar minha chave.

"Aqui dentro", ela sibilou de volta.

Segui o som da sua voz até a sala de estar, onde ela estava esparramada no sofá, com um livro na mão. Ela estava deitada de lado, com a outra mão em volta da barriga crescente, onde meu terceiro sobrinho ou sobrinha estava incubando, ou crescendo, ou seja lá qual fosse o termo. Seu cabelo escuro estava preso no alto da cabeça em um

coque bagunçado, e ela usava moletom e uma das camisas velhas do marido. Havia olheiras sob seus olhos que me fizeram pensar se ela não estava dormindo, e de repente, eu estava menos preocupada com a forma como ela me tratava do que antes de vir. Minha irmã estava claramente passando por um momento difícil, e mesmo que não nos dessemos muito bem, eu ainda me importava com ela.

"Como vai?", perguntei, desviando dos brinquedos descartados enquanto me aproximava.

Ela largou o livro e levantou o balde de plástico que estava bem ao seu lado no chão. "Bem, estou grávida de seis meses e ainda tenho que carregar um balde de vômito de emergência para todo lugar que vou, então me diga você."

O tom dela era áspero, mas tentei não levar para o lado pessoal. Eu também ficaria irritado se vomitasse o tempo todo. "Desculpe", eu disse. "Posso te servir alguma coisa?"

Com isso, ela se animou. "Chá de hortelã?"

Assenti e fui para a cozinha, tentando fazer o máximo de silêncio possível. Peguei a chaleira do armário e comecei a ferver água. Nossa conversa sobre o comportamento dela podia esperar. Claramente, ela não estava em condições de continuar. Em vez disso, eu me limitaria a perguntar se ela tinha ouvido alguma novidade sobre o nosso pai supostamente desaparecido. E então me ofereceria para ajudar a limpar um pouco e brincar com os meninos quando eles acordassem da soneca, para que ela pudesse ter mais tempo para si mesma.

“Obrigada”, ela disse, sentando-se para tomar seu chá quando voltei para a sala de estar.

“Cuidado, está quente.”

Ela assentiu, aproximando-o do rosto e respirando fundo. "Eu sei, mas só o cheiro já ajuda com a náusea."

“Você tem aquela coisa que a Kate Middleton fez?”

Ela balançou a cabeça. "Chama-se hiperêmese gravídica, e não. Algumas mulheres simplesmente vomitam aleatoriamente durante os nove meses."

“Isso parece...”

"Horrível?", ela perguntou, olhando para cima. "Injusto? Uma completa besteira, já que já estamos lidando com estrias, incontinência, peidos sem parar, insônia, confusão mental e cerca de nove milhões de outros desconfortos?"

“Sim. Isso.”

Toda vez que eu me aproximava de mulheres grávidas e elas começavam a falar sobre o que estavam passando, eu me questionava se eu queria ou não ter filhos, ou pelo menos se eu mesma queria gerá-los. Barriga de aluguel ou adoção pareciam realmente

tentadoras naquele momento.

"Você recebeu ajuda dos meninos, certo?", perguntei.

Ela colocou o chá na mesa lateral. "É. Graças a Deus pela família do Hugo. Eu estaria ficando louca sem eles. Com as irmãs dele aparecendo e os pais dele se oferecendo para convidar os meninos para dormirem na casa deles para que eu possa descansar de verdade, tivemos uma ajuda razoável."

“Sinto muito por não ter estado mais por aqui”, eu disse, sentindo-me culpado.

Ela balançou a cabeça. "Não se preocupe. Eu sei que você tem uma vida inteira no centro da cidade, e crianças não têm lugar nela."

Ai.

Esse era o problema com a Kristen: justamente quando eu começava a achar que finalmente conseguiríamos ter uma conversa inteira sem que ela mencionasse o que eu fazia, ela me lançava um insulto sutil ou um comentário cortante. Eu tinha aprendido a morder a língua, porque brigar nunca tinha melhorado as coisas, mas era horrível ter que ser sempre a pessoa mais madura.

"Estou tão brava com a mamãe e o papai, sabe?", ela continuou. "Entre a mamãe ter ido embora quando éramos pequenos e o papai ter estado ausente a vida toda, sinto que fomos roubados do tipo de infância que o Hugo teve, e acho que nunca os perdoarei por isso. Eu mataria para ter dois pais amorosos e solidários que ainda estão por perto para ajudar com os netos."

“Sim, mas tínhamos Nonna e Nonno”, eu disse.

Kristen balançou a cabeça. "Não é a mesma coisa. Você não é mãe, então não entende o quão foda é que os nossos simplesmente nos abandonaram."

A irritação tomou conta de mim novamente, e eu estava a ponto de discutir com ela, dizer que não precisava ser mãe para entender aquilo, mas contive a resposta, lembrando-me de que ela estava grávida de seis meses e exausta. Eu amava minha irmã, de verdade, mas às vezes não gostava tanto assim dela.

"Você ouviu mais alguma coisa sobre o nosso pai?", perguntei, mudando de assunto.

“Não, mas Hugo acha que alguém se livrou dele.”

Um arrepio percorreu minha espinha. Ela disse isso quase sem tom, como se a notícia da possível morte dele não significasse nada para ela. Como se fosse apenas um comentário descuidado. Para mim. Para a outra filha dele. E, veja bem, eu gostava muito menos dele do que dela, mas, meu Deus, ela podia ser insensível às vezes.

Examinei seu rosto, procurando por qualquer traço de preocupação ou empatia, mas ela só parecia cansada e entediada com a conversa, seus olhos se voltando para o livro descartado, como se ela não pudesse esperar que eu fosse embora para que ela pudesse voltar a ler.

"E você não pensou em me contar antes?", perguntei, sem conseguir me conter dessa vez.

Ela revirou os olhos. "Meu Deus, não comece essa merda de novo."

"Que merda?", perguntei.

"Sendo tão dramática", disse ela. "Como se tudo o que eu faço ou não digo fosse algum tipo de ataque pessoal contra você."

Minha raiva explodiu. "Bem, eu tive que descobrir sobre o desaparecimento do nosso pai por outra pessoa, e nos menos de dez minutos que estou aqui, você me insultou, me menosprezou e depois revelou que estava escondendo outra informação importantíssima há sabe-se lá quanto tempo, então me desculpe se às vezes me sinto assim."

"O que havia para te contar?", perguntou ela, elevando a voz. "Hugo não tem ideia do que realmente aconteceu, ele só acha que alguém finalmente matou o Tommy, porque a última vez que o viram, ele estava com Nico Trocci."

Recostei-me na cadeira, atordoado. "O quê?"

"Nico? Trocci?", Kristen disse, como se eu fosse idiota. "Pai daquele babaca com quem você transou no colégio?"

"Ouvi o nome", eu disse. "Por que é importante?"

Ela deu de ombros. "Porque, segundo o Hugo, os caras dele são a equipe de limpeza do Lorenzo."

"Equipe de limpeza", repeti. Meus ouvidos zumbiam e eu mal conseguia ouvir alguma coisa por causa do som do meu próprio pulso.

"Jesus Cristo, você está lento hoje", disse ela, distorcendo a voz para algo feio e zombeteiro. "Ele pega as pessoas e as manda dizer tchau."

“Preciso ir”, eu disse, lutando para ficar de pé.

“Ótima visita”, Kristen disparou. “Obrigada*então*muito obrigado por ter vindo.”

Virei-me para ela. "Sabe de uma coisa? Não me importa que você esteja grávida, e sei que, ao dizer isso, provavelmente vou perder todos os direitos de visita aos seus filhos, porque esse é o tipo de vadia que você é, mas vá se foder, Kristen."

“Tia Lawen?” perguntou uma vozinha sonolenta.

Virei-me e vi meu sobrinho de quatro anos, Enzo, parado na porta da sala, esfregando o olho com uma das mãos e segurando seu cobertorzinho favorito com a outra. Merda. Provavelmente o tínhamos acordado com a nossa discussão.

Não havia como voltar atrás, não é mesmo?

“*Sair*", disse Kristen, levantando-se do sofá, a fúria substituindo a exaustão.

"Desculpe, amigo", eu disse a Enzo, e então fui embora, tropeçando escada abaixo e saindo da loja.

O sol me castigava, quente e opressivo, mas, apesar dos raios, minha pele estava úmida e minha cabeça girava. Será que eu ia desmaiar?

Encostei-me a um poste de luz, tentando recuperar o fôlego. Eu tinha me convencido de que precisava resolver as coisas com Kristen, que*que*Era por isso que eu tinha vindo para cá, mas, no fundo, eu também esperava obter algumas respostas sobre Nic. Graças a Hugo, minha irmã sabia mais sobre a máfia do que qualquer outra pessoa na minha vida, e parte de mim planejava encontrar um jeito de trazer Nic à tona, mencionar que eu estava saindo com ele novamente. Mas então Kristen soltou aquela bomba, e agora eu desejava não ter vindo vê-la. Eu me sentia como a última noiva do Barba Azul descobrindo o armário proibido, só que em vez de encontrar as outras esposas de Nic lá dentro, eu estava olhando para o cadáver do meu pai.

Tommy desapareceu e, de repente, depois de dez anos, Nic voltou dançando na minha vida. Eu me senti um idiota por não ter percebido a conexão antes, mas, até hoje, eu honestamente achava que Tommy estava apenas se escondendo por algum motivo. Que ele apareceria de novo quando estivesse pronto. Porque era isso que acontecia todas as vezes que ele "desaparecia" antes.

Meu Deus, será que alguma coisa daquilo entre mim e o Nic era real, ou eu era algum tipo de peão? Será que o Nic e a família dele achavam que eu tinha informações sobre o Tommy que eles planejavam me enganar para que eu desse a eles? Ou será que estavam apenas tentando me vigiar de perto porque eu era um alvo fácil e a melhor chance que eles tinham de descobrir sobre a inevitável investigação do desaparecimento do meu pai?

A raiva substituiu meu terror. Se tudo fosse só encenação, e o Nic planejasse me abandonar de novo assim que conseguisse o que queria, ou pior, fazer comigo o que fizeram com meu pai, eu passaria o resto da minha vida, ou a vida após a morte, dependendo do resultado, fazendo-o se arrepender.

Começando agora.

29

Júnior

UMde acordo com Tyler, McKinney gostoupara dizer às pessoas que morava na cobertura do seu prédio mais bonito, o que parecia extravagante, mas na realidade era muito mais banal. Seu prédio mais bonito tinha apenas seis andares, era estreito e ficava entre um estacionamento e uma fileira de apartamentos novos que ainda estavam em construção.

A segurança era péssima. Tinha um daqueles sistemas de campainha de modelo antigo, e eu nem vi um alto-falante no painel. Levantei a mão e pressionei contra a fileira superior de botões dos apartamentos, arrastando-os lentamente para baixo, tocando cada um deles porque...*tive* ser alguém esperando uma entrega ou um amigo ou—

A porta soou. Virei-me e abri-a. Lá dentro, o hall de entrada era surpreendentemente decente, com o piso de terrazzo em bom estado, considerando a idade. Uma parede de caixas de correio erguia-se à minha direita, com detalhes em bronze em estilo art déco que remetem a um tempo passado.

O elevador já estava bem à minha frente, mas decidi subir as escadas para dar uma olhada melhor no local. Mantive os olhos abertos, mas não vi uma única câmera de segurança. McKinney era pão-duro demais para elas, ou preguiçoso demais. Ele também era burro, porque muitas seguradoras exigiam esses serviços hoje em dia e não pagavam a menos que você tivesse uma prova em vídeo de que não era pessoalmente responsável pelos danos. Muitos proprietários de cortiços tinham destruído suas próprias propriedades na esperança de lucrar, e os peritos da cidade tinham reprimido todos os outros como resultado.

Cheguei ao sexto andar e parei no patamar, olhando para a esquerda e para a direita. Não havia uma porta ali em cima, mas três, então ou McKinney estava mentindo sobre ter a cobertura, ou todas aquelas portas levavam ao mesmo apartamento. Os números nelas eram diferentes, porém, e Tyler me disse que o de McKinney era 600.

Acho que isso significava que 601 e 602 pertenciam a outras pessoas.

Bati os nós dos dedos na porta com a 600.

Abriu-se alguns segundos depois, sem nenhum "quem é você?" ou "o que está fazendo aqui?" antes. À minha frente estava um homem branco, baixo e careca, de calça social e camisa social. Parecia limpo e arrumado, mas eu conseguia sentir o cheiro de álcool nele antes mesmo de abrir a boca.

"Posso ajudar?", ele perguntou, olhando-me.

Eu estava usando meu melhor terno, a gola branca engomada da camisa escondendo as tatuagens no pescoço, as mãos enfiadas nos bolsos pelo mesmo motivo. Assim, com o cabelo penteado para trás, eu poderia passar por um colega de finanças do Tyler. "Você é o Patrick McKinney?"

Ele franziu a testa. "É, quem está perguntando?"

Em resposta, avancei, empurrando-o para dentro do apartamento e batendo a porta atrás de nós. Um soco em sua barriga interrompeu seu grito de surpresa. Chutei seu joelho, fui para trás dele e torci seu braço para trás, como fiz com aquele bêbado no Velvet, só que, desta vez, não havia ninguém para me impedir enquanto eu tirava um alicate do bolso e o encaixava no mindinho de McKinney.

“Grite e eu tiro”, eu disse a ele.

Ele ofegou, com a bochecha pressionada contra o carpete, tentando recuperar o fôlego. "O que você quer?"

"Você deve dois milhões de dólares ao Sr. Strickland e está atrasado com o pagamento mensal de novo." Por que Tyler havia escolhido aquele nome para a capa, eu não perguntei, nem me importei. Quanto a pseudônimos, já tinha ouvido coisas muito piores.

"Eu posso pagar", McKinney sibilou, tentando se esquivar de mim.

Apertei o alicate com força suficiente para beliscar. "Pare de se mexer. O Sr. Strickland já lhe deu chances mais do que suficientes."

“Espere!” ele disse. “Eu*pode*"Pague! Só estou esperando o cheque compensar de um bando de pervertidos imundos que alugam um dos meus apartamentos."

Isso quase me fez rir, lembrando da outra noite e de Taylor me chamando de vagabunda suja enquanto eu me despedia de Lauren.

"É tarde demais", eu disse, baixando a voz para disfarçar o riso. "Agora eu pago a sua dívida."

McKinney ofegou enquanto tentava me olhar melhor. "Quem é você?"

“As pessoas me chamam de Júnior, mas tudo o que você precisa saber é que em vez de ficar devendo a um apostador, agora você fica devendo à máfia.”

Ele emitiu um som angustiado que me fez pensar que finalmente havia percebido o

quão ferrado estava. "O que você quer?"

"Aquele prédio cheio de pervertidos sujos."

"O quê?", ele disse, ainda tentando levantar a cabeça.

Coloquei minha bota em sua bochecha e o segurei no lugar, torcendo seu braço com um pouco mais de força, apertando o alicate com mais força. "A escritura."

McKinney começou a se debater. "Você não pode estar falando sério!"

"Fale baixo", eu disse, com minha calma mortal. "Não vou te contar de novo."

Um poço de sangue borbulhou ao redor das mandíbulas do alicate.

Abaixo de mim, McKinney choramingou: "Aquele prédio vale três milhões de dólares, não dois."

"E então?", perguntei. "Você prefere perder um milhão de dólares e viver? Ou morrer? A escolha é sua."

Ele ficou imóvel. "Você não vai fazer isso. Você não vai me matar. Se eu morrer, você não ganha nada."

Ele parecia tão seguro, tão*presunçoso*.

Algumas pessoas simplesmente tiveram que aprender da maneira mais difícil.

Cortei o dedo dele.

Antes que ele pudesse sentir a dor, coloquei um braço em volta do seu rosto, abafando os gritos atrasados, e estendi a mão que jorrava para evitar que o sangue sujasse meu traje.

"Não", eu disse, perto o suficiente para que ele ouvisse o tom ameaçador na minha voz. "Não vou ganhar nada se você morrer, mas tem muita gente para arrancar enquanto isso. Você vai me passar o prédio e vai pagar o aluguel de todos os seus outros inquilinos, ou você e eu vamos nos ver muito mais."

Por fim, seus gritos se transformaram em um gemido patético, e eu lutei contra uma onda indesejada de culpa. Esta era minha chance de me tornar legal, e eu não ia perdê-la porque minha consciência estava tentando reaparecer depois de ficar adormecida por uma década. Se tudo corresse conforme o planejado, McKinney poderia ser a última pessoa que eu teria que machucar. A última lembrança desagradável que eu poderia criar. E se ele não fosse impedido agora, a situação só pioraria. Ele continuaria mirando em Lauren, Velvet e todos os seus outros inquilinos que estavam sendo lentamente espremidos até a morte por causa de seus vícios.

O pouco remorso que eu tinha evaporou com a ideia. Eu arrancaria cada dedo dele se fosse preciso e depois começaria pelos dedos dos pés antes de cumprir minha ameaça e subir pelo resto do corpo dele, centímetro por centímetro. Eu precisava me libertar e ajudaria o máximo de pessoas possível no processo. E, embora eu soubesse que isso não compensava toda a dor e sofrimento que eu havia causado na minha

vida, era um bom começo.

"Ainda dá tempo de reimplantar o dedo", eu disse a McKinney. "Se você tomar a decisão certa. Caso contrário, vou colocá-lo no bolso e sair com ele, e amanhã volto para fazer outro."

Ele assentiu e eu lentamente afastei meu braço.

Já era tarde quando finalmente voltei para o meu apartamento. McKinney pode ter se entendido bem rápido, mas a forma como ele se arrastou depois, implorando e implorando por uma misericórdia que eu não tinha, tomou tanto tempo que o dia se transformou em noite, e eu estava exausto de ficar perto daquele sanguessuga emocional por tanto tempo. No fim, a única coisa que o fez assinar na linha pontilhada foi sacudir o saco de gelo em que eu coloquei o dedo dele e lembrá-lo de que, se ele esperasse demais, seria tarde demais para recolocá-lo.

A certa altura, fiquei tão farto das suas reclamações que acabei por lhe dar um sermão como se ele fosse uma criança em vez de um homem com idade suficiente para ser meu pai, dizendo-lhe para olhar para o lado bom: as suas dívidas tinham sido saldadas e ele ainda tinha propriedades de rendimento que ele*era* Vou baixar os aluguéis e voltar aos padrões da cidade. Se ele parasse de perder a cabeça em casas de jogo, poderia viver o resto dos seus dias em paz e conforto.

Eu poderia dizer pela maneira como ele reclamou e gemeu sobre como não era*dele* A culpa era dele ter perdido tanto que não havia como se recompor e fazer o que eu mandava, então eu definitivamente o visitaria novamente. Mas, por enquanto, eu tinha o que queria: liberdade, ou pelo menos os meios para alcançá-la. Amanhã, eu começaria o árduo processo de avaliar o prédio que havia adquirido, examinando o histórico de renda com um pente fino e calculando quantos reparos e reformas seriam necessários para transformar o Velvet no clube de jogos mais seguro e lucrativo do país, porque, se eu fosse fazer isso, eu iria...*porra*faça isso. Envio completo.

Liguei para Tyler no caminho de volta para meu apartamento, sua voz alta no meu capacete enquanto eu corria pela ponte mais icônica da cidade.

“Como foi?” ele perguntou.

“Consegui o prédio para nós.”

Ele ficou quieto por tanto tempo que me perguntei se a conexão estava ruim. "Já? Simples assim?"

"Simplesmente assim." Ele não precisava saber dos detalhes macabros. "Me diga que não vamos perder a cabeça com isso."

"Não vamos", disse ele. "Eu dei uma olhada nas finanças do McKinney meses atrás. Faço isso com todos os grandes apostadores para ter certeza de que posso recuperar as

perdas deles caso não consigam pagar suas dívidas."

Ainda bem que ele fez isso. "Consegui que ele também baixasse os aluguéis de todos os outros inquilinos."

"Como diabos você fez isso?", perguntou Tyler.

“Você realmente quer saber?”

Ele ficou em silêncio novamente, então preenchi a lacuna contando-lhe uma versão diluída da minha visita a McKinney.

"Que saco", disse ele quando terminei. "Estou feliz por me livrar dele."

"Ah, ele vai voltar. Ele é burro ou doente demais para ficar longe."

“Ele não vai voltar para *meu* jogos. Eu o bani por não pagar suas dívidas.”

"Ótimo", eu disse. Quando a notícia da proibição se espalhasse, outros corretores de apostas teriam menos probabilidade de identificar o dinheiro de McKinney, desacelerando o acúmulo de dívidas. "Vou começar a investigar tudo amanhã e te aviso se algo importante surgir."

“Nesse caso, espero não ter notícias suas”, disse ele.

Apesar de tudo, sorri.

Nos despedimos e desligamos o telefone, e passei o resto da viagem tentando pensar em todas as coisas que precisava fazer, mas meu cérebro continuava me lançando pensamentos sobre Lauren. Como ela se sentia cavalgando meu rosto. O sorrisinho maldoso que tomava conta de sua expressão sempre que ela tinha um pensamento particularmente diabólico. Como ela ficaria feliz quando descobrisse que Velvet não estava mais em risco.

Eu estava entrando no meu bairro quando parei num sinal vermelho. Será que eu precisava mesmo ir para casa ou poderia ver o que a Lauren estava fazendo? Eu tinha tomado cuidado para não me sujar de sangue, então não era como se eu precisasse me trocar. Mas ela tinha mencionado que sua agenda de filmagens estava toda bagunçada em uma sessão de sexting anterior, então eu não queria aparecer sem avisar. Além disso, ela poderia nem estar em casa.

O sinal ainda estava vermelho, então tirei uma luva e destranquei meu celular, que estava no suporte. Fui direto para o software de rastreamento que Josh tinha instalado no celular dela e franzi a testa quando o mapa apareceu. Lauren não estava no apartamento dela do outro lado da cidade. Ela estava no meu. Como? Ela nunca tinha estado lá antes, mas era esperta o suficiente para que eu não ficasse tão surpreso por ela ter descoberto onde eu morava.

Ela estava planejando me surpreender ou algo assim? Ah, gostei dessa ideia.

Coloquei a luva de volta, baixei a viseira e virei bruscamente para a esquerda, acelerando por uma rua lateral porque, de repente, fiquei impaciente demais para

ficar preso no trânsito. Meu coração batia forte enquanto eu ziguezagueava entre os carros, abrindo caminho na faixa, andando muito perto da traseira, até mesmo desviando para o tráfego em sentido contrário porque eu tinha...*apenas* espaço suficiente para passar pelo idiota que estava me atrasando.

Desliguei o motor ao me aproximar do meu apartamento, sem querer alertar Lauren da minha chegada. Por mais animada que ela provavelmente estivesse para me surpreender, eu estava muito mais animado para pegá-la de surpresa. A ideia de me aproximar furtivamente dela e atacar antes que ela percebesse que eu estava lá era atraente demais para deixar passar, e depois do que ela havia revelado sobre querer ser caçada, achei que ela apreciaria a reviravolta tanto quanto eu.

Em vez de estacionar na frente, entrei numa vaga a meio quarteirão de distância e voltei a pé, tomando cuidado para ficar perto dos prédios para que ela não me visse chegando. Procurei-a na calçada e não a vi, então abri o mapa novamente. Oh, merda. Ela estava*em* Meu apartamento. Aquela raposinha astuta. Como diabos ela conseguiu fazer isso sem uma chave?

Subi as escadas até minha casa, tomando cuidado para evitar as que rangiam. Até mantive as chaves bem presas na mão para que não balançassem enquanto eu enfiava a da minha porta na fechadura. Um segundo depois, eu estava girando a maçaneta, abrindo a porta lentamente, entrando e...

Uma dor lancinante atingiu minha lombar. Girei por instinto, jogando a arma para longe, agarrando meu agressor pelo pescoço e jogando-o contra a parede ao lado da porta. Meu punho estava a cinco centímetros do rosto de Lauren antes que eu percebesse que era ela, e mal consegui desviar a tempo de não nocauteá-la. Em vez disso, soquei a parede de gesso a um centímetro e meio de distância, com os nós dos dedos gritando de dor.

"Porra!" Eu rugi, me libertando e soltando-a.

Ela caiu no chão, ofegante, com as mãos agarrando a garganta.

Fechei a porta com um chute e me ajoelhei. "Lauren, porra, você está bem?"

Tentei alcançá-la, mas ela me atacou e quase caiu tentando fugir.

"O que você está fazendo?", perguntei, seguindo-a. "Deixe-me ver seu pescoço. Você pode se machucar." Droga, eu a agarrei com tanta força*duro*.

"Não", ela ofegou, recuando com dificuldade, uma das mãos segurando a garganta. "Eu vou gritar."

Fiquei imóvel. "O quê? Foi um acidente, Lo. Eu não sabia que era você quem..." Parei de falar, percebendo tardiamente que ela...*me atacou*.

Meu olhar caiu sobre o taser descartado no chão. Que ela tinha acabado de enfiar nas minhas costas.

Que porra é essa?

Levantei os olhos e a vi espremida num canto, o mais longe possível de mim. "Escute, eu sei que isso ainda é novidade e que ainda não exploramos todas as nossas fantasias em comum, mas acho que preciso te contar: levar um choque elétrico? Não é uma das coisas que me excitam."

"Você está fazendo piadas agora?" ela perguntou asperamente, com os olhos brilhando.

"Não?", respondi, cada vez mais confuso sobre o que estava acontecendo ali.

“Meu pai”, ela disse, e foi como se ela tivesse jogado um balde de gelo na minha cabeça.

Ah, ela me atacou*sério*.

Fiz uma careta, imaginando o quanto ela sabia. "E ele?"

“Ele desaparece e de repente você reaparece?”

"Queria ver como você estava", eu disse, o que era verdade. Ou pelo menos parte dela.

"Então é só uma coincidência?", ela perguntou. "Você não teve nada a ver com o desaparecimento dele?"

Chega de mentiras, ela disse, e eu concordei estupidamente. Porra.

“Lauren...”

"Eu sabia", disse ela, puxando os joelhos contra o peito como se estivesse tentando se proteger de mim. Como se estivesse com medo. Eu me arrastei para a frente, e ela ergueu as mãos para me afastar. "Não se aproxime mais."

A voz dela estava voltando, ganhando volume, e, apesar do medo estampado em seu rosto, fiquei aliviado. Talvez eu não a tivesse machucado tanto, afinal. Mas eu não ia correr riscos.

Peguei meu celular. "Vou ligar para a Aly para vir te ver."

Ela se lançou para frente e arrancou-o da minha mão com um tapa.

“Estou tentando te ajudar, Lauren.”

"Besteira. Você ia chamar seu pai para pedir reforços, não é?"

Abri a boca para dizer a ela que não era algo que eu faria*sempre* fazer, mas ela tentou passar por mim em direção ao taser, e não, não vou levar um choque de novo, muito obrigada. Estendi a mão e a agarrei, desequilibrando-a, e com um giro, a coloquei sentada no meu colo. Ela se debateu, tentando escapar, mas eu a abracei e segurei firme, deixando-a se cansar. Assim que ela se acalmasse e tivéssemos terminado essa discussão sobre o Tommy, íamos conversar sobre como era fácil contê-la. A Aly fazia aulas de autodefesa em algum lugar no centro da cidade. Talvez eu pudesse perguntar a ela sobre trazer a Lauren para lhe ensinar o básico.

Melhor ainda, eu nunca mais deixaria Lauren sair da minha vista e a seguiria pela cidade como se fosse sua segurança particular.

“Terminou?” perguntei.

Em vez de me xingar ou gritar, ela começou a chorar.

Ah Merda.

Afrouxei os braços e, de repente, a mulher que eu segurava se transformou numa gata selvagem, toda dentes e garras. Levei um tapa na cara, unhas se arrastando pelo meu braço, um pé na minha barriga, e então ela estava de pé a vários metros de distância novamente, com a expressão contorcida de raiva, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Talvez ela não precisasse de aulas de autodefesa, afinal.

"Você o matou, não foi?", ela disse.

Levantei-me lentamente. "Lauren, espera. Eu—"

"Minha irmã disse que é isso que vocês fazem! Que você e sua família são a equipe de limpeza do Lorenzo!"

Eu me contive com um rosnado. A porra da Kristen Marchetti. Ela tinha sido uma babaca no ensino médio, o epítome de uma garota má, e pelo que eu tinha ouvido, ela ainda era uma babaca hoje. O maldito marido dela devia estar falando coisas que não devia, e de alguma forma, ela tinha contado para a Lauren. Eu não tinha previsto isso, não podia ter previsto. As irmãs nem chegavam perto. Como diabos isso tinha acontecido?

"Vá em frente", Lauren retrucou. "Quebre a sua palavra. Minta na minha cara,*Júnior*.”

Ouvi-la usar aquele nome novamente foi como levar outro tapa, e meu temperamento explodiu. "É assim que você pensa tão pouco de mim? Que eu mataria um homem e depois iria atrás da filha dele?"

Ela cruzou os braços sobre o peito. "Você mesma disse. Não tenho ideia do que você fez na vida, do que é capaz. Você já me perseguiu. Já machucou pessoas que dificultaram a minha vida."

"É por isso que é estúpido da sua parte pensar que de repente eu seria a pessoa que tornaria sua vida difícil!"

"A única coisa estúpida que fiz ultimamente foi acreditar que podia confiar em você!" ela cuspiu.

"Você *pode* confie em mim!"

"Então prove", disse ela, com a voz trêmula. "Diga que você não teve nada a ver com o desaparecimento do meu pai."

Cerrei o maxilar, o peito arfando, percebendo que tinha entrado direto nessa e não

tinha saída. Lágrimas continuaram a escorrer pelo seu rosto enquanto ela esperava que eu respondesse, e a visão*me destruiu*. Eu odiava que ela estivesse com dor, odiava que eu fosse quem a machucava. Eu não queria nada mais do que puxá-la para os meus braços e implorar por perdão, mas eu sabia que ela não me deixaria. Que diabos, ela*não deveria*Deixe-me. Ela estava certa; eu estava mentindo para ela esse tempo todo.

"Você não consegue dizer isso, consegue?" Sua voz falhou na última palavra.

"Lauren, você não entende. Deixa eu explicar."

Ela cambaleou para trás, levantando a mão para cobrir a boca. "Meu Deus. Você o matou."

"Sim!" rugi, perdendo a batalha contra o meu temperamento. "É isso que você quer ouvir? Eu matei aquele velho desgraçado e depois decidi cuspir no túmulo dele transando com a filha dele."

Um soluço percorreu seu corpo, horror encheu seus olhos.

Meu estômago embrulhou. O que eu tinha acabado de fazer? Durante todas essas semanas, fiquei preocupada que a explosão estivesse chegando, e agora estava acontecendo no pior momento possível, com a pior pessoa possível.

“Lauren, espere”, eu disse, caminhando em sua direção.

Ela deu um pulo para o lado. "Fique longe de mim!"

Parei de repente. "Desculpe, eu não devia ter dito isso. Eu não quis dizer..."

"Eu não quero ouvir isso", ela gritou. "Por que você acha que eu acreditaria em você depois disso?"

Dei um passo para trás, depois outro, abrindo espaço entre nós, tentando deixar claro que eu não era uma ameaça. Ela tinha razão. Como eu poderia pedir que ela me ouvisse agora?

Porque você a ama, percebi. E se não disser nada, pode perdê-la para sempre.

“Eu não o matei”, eu disse.

Ela deu um passo em direção à porta, pegou a bolsa do chão e a apertou contra o peito como um escudo. "Você acabou de me dizer que sim."

Respirei fundo, me amaldiçoando por potencialmente arruinar a única coisa boa da minha vida. "Eu sei, e me desculpe. Fiquei com raiva por você ter pensado que eu poderia ter feito algo assim."

Ela deu mais um passo, curvando-se para pegar o taser e ligando-o imediatamente. "Como posso saber que isso é verdade? Como posso saber que você não está mentindo para mim de novo para me fazer baixar a guarda?"

Levantei as mãos para mostrar que estava desarmado e recuei ainda mais. "Porque vou deixar você sair por aquela porta sem tentar impedi-lo."

Ela brandiu o taser para mim. "Não tente me seguir."

"Não vou", eu disse a ela. "Sei que você não quer confiar em mim agora, e não te culpo por isso, Lo, mas eu jamais te machucaria.*Nunca.*"

Ela apontou para o pescoço. “Você*apenas* "Me machuque. Você está me machucando ainda mais agora." Ela enxugou as lágrimas do rosto, mas elas continuaram a cair.

Porra, ela tinha razão. "Lo, preciso que você guarde para si o que aprendeu hoje. Meu pai pode se sair pior se descobrir que você sabe o que fazemos pelo Lorenzo."

O sangue sumiu do seu rosto, deixando sua pele bronzeada pálida enquanto ela estendia a mão para a porta.

O pânico tomou conta de mim. Ela estava indo embora e, depois da forma como eu havia lidado com a situação, provavelmente nunca mais iria querer me ver. "Desculpe, Lauren", repeti. "Só..." Passei as mãos pelos cabelos, lutando contra a vontade de agarrá-la, prendê-la ali até que ela concordasse em me ouvir. Mas eu já tinha feito uma coisa imperdoável hoje e não sabia se ela e eu conseguiríamos sobreviver a outra.

"Não", ela interrompeu, agarrando a maçaneta. "Não quero ouvir mais nada do que você tem a dizer.*Sempre.*"

"Lauren, por favor. Me dá outra chance."

Ela riu, um som feio e sem humor. "Já te dei mais chances do que você merece. Não vou deixar o homem que matou meu pai me alimentar com mais mentiras."

Com um puxão, ela abriu a porta.

E então ela saiu da minha vida.

30

Lauren

EU DEITEI-ME ENCOLHIDO EM MEUcama, cortinas fechadas, uma toalha fria sobre os olhos para reduzir o inchaço. Três dias se passaram desde que confrontei Nic, e passei a maior parte desse tempo trancada no meu quarto, chorando. Tudo doía. Não apenas meu coração, mas minha garganta, de onde ele me agarrou, e meus ombros e costas, de terem sido jogados contra a parede. Some a isso a dor da traição, e eu não conseguia reunir forças para sair da cama por nada além de ir ao banheiro e tomar banho.

Meus colegas de quarto me trouxeram comida, mas a maior parte permaneceu intocada, levada por eles mais tarde. Eles estavam por perto, preocupados, porque viram as marcas no meu pescoço e pensaram que eu tinha sido assaltado ou algo assim. Eu não conseguia me convencer a contar a verdade, que tinha confiado no homem errado.*de novo*, e dessa vez, ele fez o impossível: me machucou ainda mais do que quando éramos crianças.

Eu também fiquei de boca fechada porque não queria colocar Ryan e Taylor em perigo. A única coisa que Nic tinha dito e na qual eu acreditava piamente era que, se a notícia de que eu sabia sobre a família dele se espalhasse, eu poderia ser a próxima a desaparecer. Então, guardei tudo para mim e sofri em silêncio. E, sim, eu estava assustando meus colegas de quarto, mas preferia que eles morressem do que morressem.

Rolei para o lado, me aconchegando em Walter, que estivera colado ao meu lado o tempo todo. Ele soltou um gemido baixo e se aproximou, e eu joguei meu braço sobre ele e afundei meu rosto em seu pescoço.

Como eu não tinha previsto isso? Meus instintos tentaram me avisar, tentaram me fazer terminar com o Nic toda vez que ele me decepcionava, mas eu os ignorei, porque sempre que eu estava perto dele, meu cérebro abandonava o barco e meus hormônios assumiam o comando.

Eu me sentia um idiota agora. Nic tinha matado meu pai. Ou, pelo menos, tinha algo a ver com o desaparecimento dele. Esconderam o corpo dele, talvez. Limparam a cena do assassinato. Eu tinha imaginado inúmeros cenários nos últimos dias, não conseguia parar de imaginar todas as coisas horríveis e macabras que Nic poderia ter feito. E, não, eu não...*como* meu pai, mal tinha falado com ele na última década, mas isso não significava que eu queria o homem morto. Que eu ficaria bem com o meu... o que quer que Nic fosse, tendo algo a ver com isso.

Ele estava mentindo para mim, o*tempo todo*. Escondendo tanto. E eu simplesmente caí cegamente nas garras dele, como a idiota tarada que eu era. Eu fui contra todo o meu bom senso e dei a ele uma segunda chance, e depois uma terceira. Implorei para ele não me trair, e ele prometeu que não faria isso. Comecei a confiar nele, comecei a sentir esperança de que pudesse haver algo*mais* entre nós, que talvez eu não tivesse tanto azar no amor quanto sempre acreditei.

Eu entreguei a ele meu coração machucado e maltratado e disse para ele ter cuidado com ele, mas, em vez disso, ele o esmagou com o punho.

Deus, ele deve ter pensado que eu era tão estúpido, tão crédulo, tão*fácil*. Será que ele estava rindo de mim às escondidas? Brincando comigo? Se divertindo muito enquanto me enganava?

Apertei os olhos e rolei de costas, tentando desligar minha mente, tentando tirá-la do ciclo constante de dúvida e recriminação em que estava presa, tentando esquecer a fúria no rosto de Nic quando ele gritou comigo que tinha feito aquilo, que tinha matado meu pai e depois me comeu só para contrariá-lo.

Por mais que aquela imagem estivesse gravada na minha mente, a que se seguiu foi igualmente inesquecível. A expressão de Nic se contraiu, os ombros caíram, o arrependimento substituiu a raiva. Eu não conseguia parar de repassar aquilo na minha mente. Era a única coisa que me atrapalhava. Porque se ele realmente tivesse feito tudo o que eu o acusava, se ele fosse realmente um canalha tão grande quanto eu temia, então por que ele parecia tão perturbado?

Ouviu-se um barulho lá de baixo. Parecia a porta da frente se fechando.

Walter pulou da cama para dar uma olhada. Sem dúvida, era Taylor voltando da casa de Jackson, ou Ryan voltando de uma reunião com Ben.

Walter soltou seus gemidos habituais de*olá*, seguido por uma série de guinchos que me indicaram que ele havia agarrado seu elefante. Ouvi um murmúrio e presumi que fosse Ryan, embora o tom estivesse mais baixo do que o normal. Meus sentidos estavam todos abalados de tanto chorar. Eu não conseguia sentir cheiro de nada, e a comida tinha perdido o gosto, então é claro que os sons seriam os próximos a desaparecer.

Passos ecoaram escada acima. Rolei em direção à porta, aguçando os ouvidos. Eles soavam mais pesados que os de Ryan também.

"Alô?" chamei, com a voz rouca.

Nenhuma resposta.

"Alô?", eu disse novamente, mais alto.

Ainda sem resposta. Meus colegas de quarto iriam*nunca* me ignore assim.

Porra. Tinha mais alguém no nosso apartamento, e como o Walter não estava latindo tanto, presumi que isso significava que ele já tinha conhecido essa pessoa antes.

Nada?

Saí da cama às pressas, procurando uma arma. Minha bolsa com o taser estava lá embaixo, pendurada no gancho de sempre na parede da entrada, e o taco ainda estava encostado na porta da frente. Eu não tinha nada no meu quarto para me defender. Nada além de brinquedos sexuais, claro.

Seguindo o exemplo de Taylor, abri meu armário e peguei meu chicote favorito, o mesmo que Walter tinha mastigado todas aquelas semanas atrás.

Minha porta rangeu. Virei-me para ela bem a tempo de ver Nic entrar e fechá-la atrás de si, mantendo Walter do lado de fora. Ele parecia horrível, o rosto contraído, a expressão sombria. Em seu traje preto habitual da cabeça aos pés, ele poderia ser o anjo da morte vindo me buscar. Meus olhos caíram para suas mãos enluvadas, luvas que impediriam que qualquer impressão digital fosse deixada para trás. Oh, Deus.

"Por favor", eu disse. "Eu não contei a ninguém. Você não precisa fazer isso."

Ele balançou a cabeça e enfiou a mão no bolso do casaco, onde presumi que havia uma arma presa à lateral do corpo. Eu adoraria dizer que foi então que estalei o chicote e me libertei, mas nunca havia enfrentado tamanha ameaça de violência antes, e fiquei paralisada, olhando horrorizada, incapaz de mover um único músculo, apesar de tudo em meu ser me incitar a gritar, a correr. Acho que talvez eu estivesse em choque ao saber que o garoto que eu amei na adolescência estava prestes a tirar a minha vida.

Nic pegou um envelope em vez de uma arma e deu um passo à frente para colocá-lo na beirada da minha cama.

"O... o que é isso?", perguntei com a voz rouca. Parecia pequeno demais para ser uma bomba, mas eu não podia descartar a possibilidade de antraz. Ele*era* usando luvas para manuseá-lo...

"É a escritura do prédio da Velvet", disse Nic, com a voz tão rouca quanto a minha.

Minhas mãos começaram a tremer, o chicote caindo dos meus dedos dormentes e batendo ruidosamente na madeira. Ele não estava ali para me matar?

"Comprei o prédio do McKinney", disse ele. "Foi por isso que tive que ir embora na outra noite, era o que eu estava fazendo no dia em que você invadiu meu apartamento. Eu tinha planejado usar isso para me ajudar a me libertar. Eu queria baixar o aluguel de novo, expandir o Velvet, ajudá-lo a crescer." Seus olhos se desviaram dos meus, parecendo desolados. "Mostrar o quanto eu estava falando sério sobre construir uma vida com você. Sei que isso provavelmente é impossível agora, então quero que você fique com isso."

Minha cabeça girava e tive que me sentar antes que eu caísse no chão.

A preocupação tomou conta do rosto de Nic. Ele deu um passo à frente, mas algo na minha expressão deve tê-lo feito hesitar, porque ele parou a vários metros de distância, respirando com dificuldade, o olhar percorrendo-me.

"Eu não matei seu pai", ele me disse. "Mas eu entendo se você não acredita em mim, especialmente depois do que eu disse. Eu estava magoado e com medo de perder você e minha*temperamento de merda*." Ele cerrou os punhos e respirou fundo, visivelmente tentando se recompor. "Desculpe", disse ele. "Sei que não é o suficiente para compensar o que te fiz passar, mas preciso dizer mesmo assim."

Meus olhos se desviaram dele para a beira da cama. Rapidamente, porque ainda temia que ele estivesse me contando mais mentiras, inclinei-me para a frente e arranquei o envelope do edredom. Era pesado na minha mão, abarrotado de papel, e quando o abri, a escritura caiu de lá, ou pelo menos uma cópia convincente de uma.

Passei os dedos sobre o selo autenticado na parte inferior, com os pensamentos agitados. Certamente não*olhar* Falso, e por que o Nic se daria ao trabalho de me tranquilizar se estava planejando me machucar? As datas ao lado das assinaturas confirmavam sua cronologia, com carimbos de aparência oficial abaixo delas, com o selo da cidade em alto relevo.

Levantei o olhar, examinando seu rosto, em busca de qualquer sinal de duplicidade ou malícia, mas, em vez disso, era como se eu estivesse olhando para um espelho. Ele parecia tão exausto quanto eu, tão esgotado, tão deprimido. Como se nossa briga o tivesse machucado tanto quanto a mim. Coloquei a escritura de volta na cama, franzindo a testa. Mesmo que ele não tivesse matado meu pai, ele estava mentindo para mim, e eu não ia deixá-lo escapar impune.

"Diga-me o que aconteceu com Tommy."

Os ombros de Nic caíram, um pouco da tensão se esvaindo de seu corpo quando não o mandei sair imediatamente. "Posso?", perguntou ele, apontando para a cama.

Assenti, e ele se sentou, de frente para mim, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Seus olhos verdes encontraram os meus antes de se desviarem para minha camiseta e calça de moletom amassadas. Eu estava horrível, mas pelo jeito como ele me

observava, ninguém perceberia.

Seu olhar voltou para o meu. “Tommy*era*visto pela última vez com meu pai.”

"Então ele está morto?", perguntei, com o coração se partindo novamente. Uma pequena e estúpida parte de mim alimentava a esperança de que um dia meu pai mudaria, se tornaria uma pessoa melhor, ou que eu pelo menos daria um fim ao nosso relacionamento. Com a vida dele interrompida, as chances de qualquer uma dessas coisas acontecerem desapareceram.

Nic balançou a cabeça. "Nós não apenas desaparecemos com cadáveres. Também escondemos os vivos."

Pisquei para ele, lutando contra uma onda de descrença, tentando determinar se o tinha ouvido corretamente. "O que você quer dizer?"

"Seu pai fraudou a contabilidade de alguns chefões, incluindo Lorenzo", disse ele. "Os federais estavam se aproximando dele, esperando que ele fosse um elo fraco que pudessem explorar. Tommy foi direto para Lorenzo com a notícia, e provavelmente é por isso que ele ainda está vivo. Em vez de Lorenzo tentar matá-lo, decidiu tirá-lo daqui. Ele está de volta ao seu país de origem, trabalhando para um dos primos de Lorenzo."

“Você pode provar isso?”

Ele assentiu e tirou o telefone do bolso da jaqueta, virando a tela para mim.

Demorei um segundo para entender o que eu estava vendo: meu pai, sentado à mesa bebendo vinho, com as colinas ondulantes da Toscana se estendendo atrás dele. Pelo que eu sabia, ele nunca tinha estado na Itália e parecia decrépito na foto, ainda pior do que da última vez que o vi, então não podia ser uma foto antiga.

"Tenho mais provas, se precisar", disse Nic. Ele tocou na tela mais algumas vezes e devolveu o celular para mim.

Desta vez, um vídeo foi exibido, com Tommy sorrindo, com o braço em volta da cintura de uma mulher bem mais jovem. "Obrigado, Lorenzo!", disse ele, parecendo estar se divertindo muito.

O vídeo terminou e Nic guardou o celular no bolso. "Usamos vídeos como esses para chantagear as pessoas que ajudamos, lembrá-las a quem devem suas vidas e o que acontecerá se não cumprirem sua parte do acordo."

“Ele está vivo”, eu disse.

“Ele está vivo”, confirmou Nic.

Eu balancei minha cabeça,*chateado*. Esqueça. Eu não precisava mais de um encerramento. Tommy Marchetti podia estar vivo, mas para mim estava oficialmente morto. "Aquele filho da puta. Ele nem pensou em nos contar, então não nos preocupamos?"

Nic inclinou a cabeça para o lado. “Sem ofensa, mas*eram* você está preocupado?”

"Bem, não, no começo não. Mas quando eu pensei que ele poderia estar morto? É, claro."

"Sinto muito pela forma como tudo aconteceu. No começo, achei que essa coisa entre nós fosse apenas temporária e que não faria diferença a longo prazo, e depois me distraí com outras coisas, mas isso não é desculpa. Eu é que deveria ter te contado sobre o Tommy."

"Sim", respondi com a voz rouca. "Você deveria ter feito isso."

Ele desviou o olhar, parecendo apaziguado, e eu não sabia mais no que acreditar.

"Me conta agora", eu disse. "Me conta tudo o que aconteceu. Eu só..." Fiz uma pausa, lutando contra uma onda de exaustão e mágoa. "Preciso saber."

Seus olhos voltaram a me encarar. "Isso tem que ficar entre nós."

"Ele vai."

"Estou falando sério", disse ele. "Mesmo que você nunca mais fale comigo depois disso."

Cerrei o maxilar e assenti, me preparando.

Hesitante, ele contou a noite em que ele e seus irmãos fizeram meu "pai" desaparecer nas docas, Greg roubou um cadáver do necrotério em que trabalhava e eles cortaram sua cabeça e mãos para evitar que fosse facilmente identificado se o carro de Tommy fosse encontrado.

“Mas o DNA...” eu disse.

Nic balançou a cabeça. "O acúmulo de DNA nesta cidade é um dos piores do país, e sem dentes ou impressões digitais, levaria uma eternidade para a polícia conseguir uma identificação positiva, se é que eles sequer tentassem. A polícia não prioriza realmente solucionar assassinatos de criminosos."

Franzi a testa, engatando algo que ele havia mencionado. "E foi assim que você passou seu aniversário?"

Sua expressão endureceu. "Essa nem foi a pior que já tive."

Droga, eu estava*não* vou me sentir mal por ele.

“Existe um rastreador no meu telefone?” perguntei.

Ele estremeceu. "Sim."

“Alguém mais?”

Ele balançou a cabeça.

“O que aconteceu com McKinney?”

"Ele é um jogador", disse Nic, me contando todo o trabalho que ele fez depois da noite em que lhe contei sobre os problemas financeiros de Velvet.

Fiquei ali sentado, atordoado, ouvindo como ele tinha conseguido que Josh fizesse

uns hacks para ele e depois contratado uma equipe inteira de mercenários para caçar o apostador do McKinney. Fiquei de queixo caído quando ele me disse que o apostador era o amigo babaca do Josh, o Tyler, logo ele.

"E então fui até a casa do McKinney e o convenci a vender para mim", concluiu Nic.

Olhei para ele. Não devia ter sido tão fácil assim. Eu tinha conhecido McKinney, e ele era tão egoísta e ganancioso quanto possível. "Como, exatamente, você o convenceu?"

Os olhos dele desviaram dos meus.

"A verdade, Nic", eu disse. "É o mínimo que você me deve."

Com um suspiro, ele assentiu. "Posso ou não ter usado a força."

Um mal-estar se insinuou em meu estômago. "Quanta força?"

Ele fez uma careta. "Eu tirei o dedo dele."

"Você *o que*?"

Seu tom tornou-se apaziguador. "Ele conseguiu recolocá-lo."

Olhei boquiaberta para ele. "Isso não melhora nada!"

"Olha", disse ele. "Era a última coisa horrível que eu planejava fazer, mas eu teria feito muito pior para me livrar do meu pai, porque arrancar um dedo é moleza comparado à maioria das coisas que me mandam fazer. Não aguento mais isso, Lauren." Ele bateu na têmpora. "Eu aguento, porra..."*sentir* Eu mesmo morrendo, sinto pedaços da minha alma murchando cada vez que recebo um telefonema. Nesse ritmo, estarei morto, preso ou sem esperança dentro de um ou dois anos, e não quero que isso aconteça. Não quero me tornar meu pai.

Meu coração disparou no peito. "Você não é seu pai."

O fato de ele estar tão torturado com a possibilidade de se transformar nele provava isso. E embora eu ainda não estivesse pronta para perdoar o Nic por tudo o que ele fez, não havia a mínima chance de eu deixá-lo sacrificar sua liberdade por mim.

Peguei a escritura e a estendi para ele. "Não posso tirar isso de você."

Ele não fez menção de aceitar. "Por que não?"

"Porque por mais furioso que eu esteja, não vou roubar sua chance de sair."

"Você não está roubando. Eu estou dando para você."

Sacudi os papéis. "Não quero."

Ele as empurrou de volta para mim. "Sua felicidade significa mais para mim do que a minha liberdade. E não se preocupe comigo. Tenho certeza de que encontrarei outro jeito de sair."

É, mas será tarde demais até lá?, pensei.

"Você tem que voltar atrás", eu disse, tentando me levantar. Minha cabeça girou

novamente, a exaustão, a fome e a desidratação me vencendo enquanto eu começava a tombar para o lado.

Nic me segurou antes que eu caísse. O mundo se inclinou e, de repente, eu estava deitada de costas na cama, com ele se erguendo acima de mim. Suas mãos afastaram meus cabelos do rosto, tão gentilmente, como se ele nunca fosse me machucar. "Lauren? Você está bem?"

Ele parecia tão preocupado, tão desamparado, que finalmente me permiti aceitar o fato de que ele não tinha vindo aqui para me machucar; ele só estava tentando consertar as coisas.

"Por favor", implorei. "Leve a escritura. Se não, eu dou um jeito de devolvê-la."

Suas mãos pararam, segurando meu rosto. "Não quero estragar seus sentimentos sobre o clube sendo o dono do prédio."

Balancei a cabeça. "Nada jamais poderia arruinar meus sentimentos por Velvet. Esta é a sua chance, Nic. Você tem que aproveitá-la." Ele franziu a testa, mas eu podia ver a esperança crescendo em seus olhos, então insisti. "Se você está realmente tentando me fazer feliz, então fique com a construção. Eu jamais conseguiria viver comigo mesma se soubesse que meu ganho levaria à sua infelicidade contínua."

Ele bateu a testa na minha. "Por que você é tão bom comigo? Eu não mereço."

"Porque mesmo depois de tudo, eu me importo com você." Mais do que eu estava disposta a admitir. "Não quero que você se transforme no seu pai. Não quero que você tenha que machucar ninguém nunca mais." Agarrei seus bíceps, apertando, tentando fazê-lo ver a razão. "Não vale a pena perder mais de si, não agora que você tem a chance de escapar."

Sua expressão se transformou em remorso. "Desculpe-me por esconder tanto de você."

Assenti, incapaz de falar, minha cabeça, meu coração e meu corpo, todos em guerra um com o outro.

“Não quero perder você de novo, Lo.”

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

Ele viu e xingou, me pegando em seus braços e nos virando de lado na cama.

“Você realmente me machucou”, eu disse.

Seus braços se apertaram, o rosto pressionado contra meu pescoço. "Eu sei."

Ele era tão grande, tão quente contra mim, tão gostoso que não consegui me conter e me aconcheguei mais. Sua mão esfregou minhas costas. Desculpas sussurradas saíram de seus lábios.

“Eu também te machuquei”, eu disse.

“Eu mereci.”

"Não, você não fez isso." Finalmente cedi à necessidade de retribuir o toque e passei os braços em volta dos seus ombros. "Eu deveria ter pensado melhor antes de acreditar na palavra da minha irmã. Eu deveria pelo menos ter ouvido você antes de acusá-la de matar meu pai."

"Lauren, pare", disse ele. "Ninguém poderia te culpar pela sua reação."

"A culpa é minha", eu disse, com mais lágrimas molhando meu rosto.

Passei a vida inteira esperando que as pessoas me machucassem. E não só por causa do que o Nic tinha feito. Por causa do que meus pais tinham feito. Por causa do que o diretor Michaels tinha feito. Kelly. Todos os nossos colegas de classe. Minha irmã. Cada uma dessas traições era mais um tijolo na barreira que eu construía em volta do meu coração, isolando-o do mundo. Eu me convenci de que, se alguém me machucasse uma vez, faria isso de novo e de novo. Então, parei de deixar, procurando qualquer desculpa para afastar as pessoas no segundo em que as coisas começassem a ficar sérias, complicadas ou difíceis. Agora, vendo o quanto o Nic estava magoado, olhei para trás e me perguntei quantas outras pessoas eu poderia ter prejudicado com meu comportamento.

Abracei Nic com mais força, forçando-me a deixar minha bagagem de lado, a parar de fazer suposições e, em vez disso, deixar que as ações de Nic falassem por ele. Não, ele não era perfeito — mentiu e cometeu erros, e seus métodos de me proteger eram, na melhor das hipóteses, questionáveis —, mas lá estava ele, aparecendo por mim, lutando por mim, pronto para se sacrificar por mim.

"Desculpa", repeti. "Por tanto tempo que tentei te afastar."

"Você só estava se protegendo", disse ele. "E eu agi da pior maneira possível. Eu deveria ter abordado você depois que o Tommy fugiu e colocado todas as cartas na mesa, contado que ele tinha ameaçado me matar e que foi por isso que menti sobre a gente ter ficado juntos no ensino médio."

Fiquei completamente imóvel contra ele. "Ele... o quê?"

A compreensão tomou conta de mim, as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixando. Toda essa dor, toda essa dor de cabeça, uma*década*bagagem e, de alguma forma, tudo voltou para o meu pai.

31

JÚNIOR

SACERTEI. EU FIZ DE NOVO,coloquei meu pé inteiro na boca.

Os braços de Lauren se afrouxaram em volta de mim, e eu me afastei o suficiente para encará-la. "Eu não queria esconder isso de você, juro. Só tinha toda essa outra merda ocupando minha mente."

"Certo", ela disse, e eu percebi pela expressão em seu rosto que, desta vez, ela finalmente estava disposta a me dar o benefício da dúvida, graças a Deus. "Você pode me contar o que aconteceu?"

Não há muito o que contar. Ele descobriu o diário de alguma forma e me deu uma surra. Depois, disse que se eu sequer olhasse para você de novo, ele me mataria.

A compreensão transpareceu em seu rosto. "Foi por isso que você não estava lá na segunda-feira em que voltei para a escola."

Assenti. "Meu rosto estava tão inchado que eu mal conseguia enxergar, então minha mãe me deixou ficar em casa a maior parte daquela semana."

"Sinto muito que ele tenha feito isso com você", disse Lauren. "Mesmo quando estava mais brava, eu nunca teria desejado que você se machucasse."

Bom demais. Ela era boa demais. Eu não conseguia acreditar que ela estava falando comigo depois do jeito que eu gritei com ela, depois das coisas que eu disse.

Respirei fundo. "Essa não é a pior parte."

"O que mais ele fez?"

"Ele não.*Meu* pai."

Sua expressão tornou-se cautelosa. "Será que eu quero mesmo saber?"

"Chega de mentiras", eu disse. "Nem por omissão."

Ela assentiu. "Então me diga."

"Meu pai também te ameaçou."

"O que ele disse?"

Balancei a cabeça. "Não foi dito tanto, mas sim insinuado que foi bom que as coisas

tenham terminado do jeito que terminaram antes de você*realmente* se machucou."

"Porque ele seria o único a me machucar?"

"Foi assim que eu entendi."

Ela soltou um suspiro. "Que casal de pais nós temos."

Bufei. "Pelo menos o seu está fora de cogitação."

Os dedos dela cravaram nas costas da minha camisa. "Quando você planeja contar ao Senior sobre se tornar legal?"

"No nosso próximo jantar em família."

Ela mordeu o lábio inferior, me olhando. "Posso ir?"

Puta merda, ela estava falando sério?

Seu sorriso era pequeno,*mal* coisa. "Quero ver a cara dele quando você mandar ele se foder."

Gemi e a virei de costas, tentando desesperadamente não criar muitas esperanças. "Isso significa que você me perdoa?"

"Não para tudo", disse ela. "Ainda não."

"É justo." Isso era mais do que eu esperava no caminho para cá. Eu esperava que ela me olhasse e chamasse a polícia.

"Eu te perdoo pelo outro dia, no entanto", disse ela, estremecendo. "Principalmente porque comecei aquela conversa te dando um choque."

Sorri. "Você devia ver a queimadura nas minhas costas."

Ela tapou os olhos com a mão. "Ai, meu Deus. Me desculpe."

Dei uma risadinha. "Não precisa se preocupar. O ferimento de faca no meu lado começou a coçar, e eu estava ficando louca para não coçá-lo. A dor da queimadura é uma distração bem-vinda."

Ela soltou um som torturado.

Sentei-me o suficiente para tirar a camisa, virando-me para que ela pudesse ver. "Olha. Não é tão ruim assim."

Ela estava tão quieta que me virei, e, porra, eu não estava no estado de espírito certo para vê-la assim, esparramada embaixo de mim, pernas abertas, calor em seu olhar enquanto me percorria. Comecei a pegar minha camisa descartada, mas ela me impediu com um toque.

"Não", ela disse. "Quero olhar para você."

"Lauren." Minha voz era baixa, gutural. Eu tinha*apenas* consegui que ela relaxasse perto de mim novamente. A última coisa que eu precisava era assustá-la me precipitando, e ainda assim lá se foi meu pau, me lembrando que eu ainda não tinha penetrado completamente nela.

Ela baixou o olhar para minha virilha, mas em vez de parecer assustada, parecia

excitada. Fiquei completamente imóvel, preocupado em estar interpretando mal sua expressão, sem querer dizer ou fazer nada que pudesse arruinar a tênue paz entre nós.

Ela estendeu a mão e acariciou meus abdominais inferiores com os dedos.

Pulei da cama, abrindo o máximo de espaço possível entre nós. Menos de cinco minutos antes, ela quase desmaiou bem na minha frente. Menos de dez minutos antes, ela estava convencida de que eu matei o pai dela. De jeito nenhum ela estava com a cabeça no lugar para algo físico.

Ela jogou as pernas para fora da cama e se levantou, avançando com passos firmes. "O que foi que você disse da última vez que esteve no meu quarto?", perguntou, com a voz baixa e sensual. "Preciso te foder?"

Jesus Cristo.

"Lauren, não acho que seja uma boa ideia. Ainda não conversamos sobre tudo, e não quero colocar minhas mãos em você só para você se arrepender."

Ela balançou a cabeça, tirando a camiseta e,*droga*, ela não estava de sutiã. "Não vou me arrepender. O toque físico é curativo para mim. Preciso disso para me sentir perto de você, principalmente depois de uma briga."

"Mas nada está resolvido entre nós", argumentei, dizendo a mim mesma para desviar o olhar dos peitos dela, mas fracassei redondamente. Em minha defesa, aqueles peitos eram perfeitos.

"Não preciso que esteja resolvido para eu te querer." Ela parou a um passo de distância, a língua aparecendo para traçar o lábio inferior. "Na verdade, eu gosto que não esteja. Ainda estou brava com você, e sei que você ainda está um pouco bravo comigo."

Comecei a balançar a cabeça, mas ela pressionou o dedo na minha boca.

"Você é. Não minta." Ela passou o dedo pelo meu lábio, mais abaixo, entre meus peitorais, sobre minha barriga, parando para prendê-lo na parte de cima da minha calça. Seus olhos se fixaram nos meus, a luxúria e a raiva os tornando sem fundo. "Descontar no meu corpo vai fazer você se sentir melhor." Ela abaixou a calça de moletom e ficou nua na minha frente.

Porra.

Com um gemido, estendi a mão para ela, mas ela já estava se movendo, batendo no meu peito. Minhas costas bateram contra a parede, molduras de fotos chacoalhando. Um puxão no meu pescoço me fez pular para frente para que ela pudesse me beijar, suas mãos por toda parte, sons carentes e impacientes subindo pela sua garganta. O corte na minha lateral queimava com uma dor renovada — naquele ritmo, nunca iria sarar — e o corrimão da cadeira cravou na minha queimadura de taser, mas ignorei os dois, contagiado pelo seu desespero repentino.

Uma lufada de ar na minha virilha me alertou para o fato de que meu pau estava livre da boxer. Eu nem a senti desabotoando minha calça. Lauren subiu pelo meu corpo, e eu a peguei, segurando sua bunda enquanto suas pernas me envolviam e sua língua continuava a percorrer minha boca. Sua mão deslizou entre nós e...*ah, merda* —Eu estava dentro dela.

Eu gemi, perdido na sensação de que ela estava me trabalhando, trabalhando para*leve-me*Sem preliminares suficientes. Ela afastou os lábios dos meus e mordeu meu maxilar, os dentes beliscando com força suficiente para machucar, a bunda balançando em minhas mãos enquanto ela afundava cada vez mais no meu pau.

Era assim que era ser fodida contra uma parede? Não é de se espantar que as mulheres gostassem tanto disso.

Sua boca se abriu no meu pescoço, e então ela começou a me chupar de um jeito que deixaria um chupão. Usei minha pegada para ajudá-la a me foder, empurrando a cada subida, puxando a cada descida, avançando centímetro por centímetro precioso até que ela estivesse completamente encaixada no meu pau e eu não conseguisse mais ficar ali parado.

Ela já tinha deixado claro o que queria dizer. Agora era a minha vez.

Envolvendo um braço em volta da cintura dela, levei-a para o chão, investindo contra ela, abrindo bem suas coxas para que eu pudesse penetrá-la o máximo possível.

Ela gritou, com as mãos arranhando minhas costas, implorando: "Mais forte, mais forte."

Agarrei seus cabelos e puxei sua cabeça para o lado, marcando seu pescoço como ela havia marcado o meu, metendo com tanta força que ela ia acabar com queimaduras de tanto deslizar pelo carpete. Eu estava esperando para transar com ela há dez anos, imaginando todos os cenários possíveis, sonhando em fazê-la gozar várias vezes antes de me permitir gozar, mas agora que finalmente estava acontecendo, tudo em que eu conseguia pensar era em gozar dentro daquela boceta molhada e convidativa.

Com dificuldade, me recompus. "Preciso colocar camisinha?"

"Não", disse ela, arqueando a coluna e erguendo os quadris para encontrar os meus. "Preciso de você, Nic."

"Você me tem", eu disse a ela. "Todo eu."

Não apenas meu pau, mas minha proteção, minha lealdade, minha confiança e até meu coração. Eu amava essa mulher. Eu sempre a amei. Sempre*seria*Amo ela, não importa que outras loucuras aconteçam no futuro. Era por ela que eu estava me libertando, era com ela que eu queria construir uma vida, uma*real*vida, vivida abertamente e não nas sombras, onde eu havia passado cada momento até então. Eu queria explorar meus fetiches com ela, ir a um brunch com ela e as amigas, assistir TV

juntos, fazer todas as outras coisas fofas de casal que eu nunca pensei que teria a chance de experimentar.

Ela me fez sentir viva. Ela me fez querer lutar para continuar vivendo, para não deixar os monstros e a escuridão vencerem, porque era muito melhor estar cercada pela sua luz. E se sua inclinação para jogos de taser me ensinou alguma coisa, ela poderia muito bem me colocar no meu lugar, se necessário. Ela era minha companheira, minha rainha, e eu passaria o resto da minha vida adorando-a como tal, se ela deixasse.

"Nic", ela gemeu, rolando os quadris, a cabeça caindo para trás, a boceta apertando e, oh, Deus, ela estava gozando.

Minhas bolas apertaram, meu pau endureceu e então eu gozei também, descarregando nela, sentindo sua boceta apertada extrair até a última gota de leite de mim.

Depois, ficamos ali, ofegantes, com as pernas dela se afastando e os braços abertos enquanto ela ficava sem ossos. Eu nos rolei, segurando-a perto do meu peito, com a cabeça dela aninhada sob meu queixo e o coração dela batendo descompassadamente contra o meu.

“Você comprou o prédio”, ela disse, incrédula.

“Eu compraria o quarteirão inteiro se você me pedisse.”

Ela se aconchegou mais. "Acho que não vai ser necessário, mas te aviso." Ficamos em silêncio por um minuto, reaprendendo a respirar, antes que ela falasse novamente. "Ainda estou brava com você."

"Eu sei. Estou brava com você também. Mas não quero ficar."

Ela não disse nada.

Apertei meus braços em volta dela. "Você quer ficar brava comigo?"

"Não", ela finalmente bufou. "Acho que vou precisar de mais umas trepadas de ódio para superar isso."

“Eu nunca poderia odiar você, Lo”, eu disse.

Ela suspirou. "Eu também jamais conseguiria te odiar. Mas isso tem que ser o fim, Nic. Posso te perdoar por tudo o que você já fez, mas não posso ficar com você se continuar fazendo coisas ruins."

"Terminei", prometi.

Ela relaxou de volta em mim. "Quando é o próximo jantar em família?"

A esperança se acendeu em meu peito. "Você está falando sério sobre querer vir?"

"Tá brincando?" Ela se sentou o suficiente para me olhar. "Talvez eu tente achar um jeito de filmar."

"Vai demorar algumas semanas", eu disse, relatando o plano que Josh e eu tínhamos

bolado, observando o sorriso se espalhar em seu rosto e me perguntando se talvez Lauren tivesse um pouco mais de escuridão dentro dela do que eu imaginava.

“Eu não perderia isso por nada no mundo”, ela disse.

"Então, vamos fazer isso?", perguntei. "Sério que estamos tentando ver se conseguimos fazer isso dar certo?"

Ela mordeu o lábio, parecendo assustada, mas finalmente assentiu. "Devagar. Porque a confiança leva tempo para ser reconstruída."

"Desculpe-me por ter machucado você", eu disse.

"Desculpa por ter te machucado também", ela me disse. "Eu fiquei com tanta raiva e com tanto medo de você estar partindo meu coração de novo."

Puxei-a para perto de mim, com o pulso acelerado. "Isso significa que eu tenho o seu coração?"

Ela assentiu, esfregando a bochecha no meu peito. "Cuidado com isso desta vez."

"Eu vou protegê-lo com a porra da minha vida."

32

Lauren

"Você está nervoso?" Eu perguntei Nic enquanto dirigíamos até a entrada da garagem dos pais dele.

Ele assentiu e reduziu a marcha. "Claro."

Duas semanas se passaram desde aquela noite no meu apartamento. Passamos quase todos os dias juntos desde então, reconstruindo a confiança entre nós, conversando sobre todas as coisas que deixamos sem dizer, dividindo nosso tempo entre o meu apartamento e a construção do novo apartamento dele, a apenas um quarteirão do Velvet. Quase ninguém sabia da aquisição dele, porque ele havia ameaçado McKinney para ficar de boca fechada e todos os outros envolvidos sabiam que não deviam falar. O segredo era a base do plano de Nic naquela noite. Se o pai dele tivesse tempo para lidar com a notícia, teria tempo para tramar, tempo para inventar uma maneira de fazer Nic ficar.

"São *você* "nervoso?", perguntou Nic.

Eu ri, rigidamente, um *ha ha ha* Isso soou tão estranho quanto eu me sentia. "Não nervoso. Apavorado."

"Você vai ficar bem", ele disse.

Sim, mas faria *ele*?

Contornamos a entrada circular em frente à casa dos pais dele — que mais parecia uma mansão — e estacionamos ao lado do carro da Aly. Ela e Josh saíram enquanto Nic desligava o motor. Claramente, eles estavam nos esperando. Fiquei grata por isso, por termos entrado juntos. Nic parecia imperturbável, mas eu sabia que havia emoções mais profundas fervilhando sob a superfície. Seu pai o manipulou, controlou e abusou emocionalmente dele a vida toda, e romper com isso era um grande desafio.

Josh e Nic se cumprimentaram quando eu contornei o porta-malas do carro. Aly também estava contornando o dela e sorriu ao me ver, me puxando para um abraço.

"Como vai?" ela perguntou quando nos soltamos.

“Pânico total”, eu disse.

Ela assentiu. "Vamos colocar você entre Josh e Nic. Eles vão te manter segura."

Josh deslizou para perto dela, com os dois braços erguidos enquanto se flexionava. "Sou muito intimidador."

Nic deu-lhe um tapa na barriga, e Josh ofegou e abaixou os braços. Balancei a cabeça, me perguntando por que ninguém mais parecia tão preocupado quanto eu.

"A festa vai ser aqui hoje à noite?", perguntou uma voz melodiosa.

Dei um pulo, tão nervoso que fiquei assustado, e me virei para ver Moira parada bem atrás de nós. Eu nem a ouvi se aproximar. Pelo jeito como ela sorriu para a nossa surpresa, tive a sensação de que era intencional.

“Só estou dizendo oi para meu primo favorito”, disse Nic.

Aly revirou os olhos.*Apenas* primo."

Josh passou o braço em volta dela. "O que significa que você venceu por desistência, querida. Aproveite."

"Lauren", disse Moira, e eu me preparei e me virei para ela. Seu sorriso era caloroso e acolhedor. "Que bom ver você."

"Você também", eu disse, grata por Nic ter escolhido aquele momento para passar o braço em volta da minha cintura e me puxar para perto.

O olhar de Moira mudou entre nós, o sorriso se alargando, como se ela estivesse realmente*feliz* sobre esse desenvolvimento. "Vocês dois demoraram bastante."

Pisquei, pego de surpresa, mas Nic apenas deu de ombros.

"É, bom", disse ele. "Antes tarde do que nunca."

O sorriso de Moira desapareceu ao observar nosso pequeno grupo. "Estamos prontos para enfrentá-lo?"

Concordaram todos ao meu redor, e então percebi que eu não era o único nervoso, apenas o único que estava fazendo um péssimo trabalho em esconder isso.

“Então acho que vamos precisar de algo mais forte do que o vinho que eu abri”, ela disse, virando-se.

Nic agarrou seu pulso.

Ela fez uma pausa e se virou para ele.

"Eu te amo", disse Nic. "E não importa o que aconteça esta noite, não quero te perder."

A expressão dela se suavizou, os olhos se enrugando nos cantos enquanto ela levantava a mão para acariciar o rosto dele. "Você nunca vai me perder."

Nic a soltou e ela voltou para casa.

Olhei para ele. "Você contou a ela o seu plano?"

Ele balançou a cabeça. "Não, mas ela é o verdadeiro cérebro desta família. Tenho certeza de que ela olhou para você e percebeu que um confronto estava chegando. E eu contei a ela sobre o papai te ameaçando naquela época."

"Ele ameaçou Lauren?" Josh perguntou, com a voz estranhamente calma.

Aly colocou a mão firme no braço dele. "Amor."

"Eu só quero saber", disse ele, mas o sorriso que se espalhava em seu rosto era profano. "Um homem adulto fazendo ameaças contra uma adolescente? Acho que isso é algo que devemos discutir."

Aly agarrou a mão dele e o arrastou para longe de nós, gritando "Um segundo" por cima do ombro.

Virei-me para Nic, com as sobrancelhas levantadas.

"Ele tem uma coisa sobre homens mirando em mulheres", disse Nic.

“Não deveria todo mundo?”

Ele assentiu, olhando para o casal por cima de mim. "É, mas ele é meio que um pouco mais radical. Explico depois."

Segui seu olhar e vi Aly puxar Josh para baixo, de modo que suas testas se tocassem. Ela disse algo para ele, baixo demais para ouvir, enquanto as mãos subiam e desciam pelos braços dele como se estivesse tentando acalmá-lo. Se era assim que a noite estava começando, eu só conseguia imaginar o quanto pior poderia ficar.

"Desculpe", disse Aly um minuto depois, puxando Josh atrás de si enquanto voltava para nós. "Estamos prontos para ir brincar de boa." Ela lançou um olhar para o noivo.*Certo?*"

"Certo", Josh resmungou, parecendo revoltado.

Nic me segurou pela cintura e nos virou em direção à porta da frente. "Vamos acabar logo com isso, então."

Moira nos recebeu lá dentro, com um martini na mão. "O Greg está fazendo uma bandeja inteira deles, se alguém quiser um." Seus olhos se voltaram para Nic. "Eu disse ao seu pai que Lauren estava com você."

“Obrigada”, disse Nic.

Moira assentiu, com uma expressão sombria, e eu me perguntei o quão ruim tinha sido. O fato de ela ter dado a notícia e lidado com as consequências sozinha, e estar obviamente ao lado de Nic durante o que quer que estivesse por vir, me fez encará-la com um respeito renovado.

"Ei, você conseguiu", disse Nico, entrando na entrada. Seus braços estavam bem abertos e seu sorriso era encantador, e se eu não soubesse, talvez tivesse engolido a ideia de anfitrião acolhedor.

“Pai”, disse Nic, “você se lembra da Lauren.”

Seu olhar se voltou para mim e, de repente, nunca me senti tão como um inseto sob um microscópio. "Claro." Seu sorriso sumiu. "Uma pena que o Tommy tenha desaparecido. Alguma atualização sobre o paradeiro dele?"

"Não", respondi. "A teoria predominante é que ele tem uma família secreta em algum lugar no Oeste." Meu tom era casual, desdenhoso, repleto do desdém muito real que eu nutria pelo meu pai.

Nic tinha me avisado o quão manipulador seu pai era, que ele nunca fazia ou dizia nada sem algum motivo oculto, e nós suspeitamos que ele tentaria descobrir o quanto seu filho havia me contado. Ele já teria motivos suficientes (reais ou imaginários) para querer se livrar de mim até o fim da noite; eu não precisava colocar mais lenha na fogueira contando a verdade.

Nico me encarou por um instante, os olhos escuros fixos nos meus, como se procurassem algum sinal de que eu estava mentindo. Fiquei completamente imóvel, recusando-me a dar-lhe mais munição para usar contra o filho.

"A polícia está cuidando disso", disse Nic, dando de ombros. "Eles vão dar um jeito."

Nico olhou para ele antes de se virar para Aly, o sorriso se espalhando novamente pelo rosto. Soltei um suspiro trêmulo assim que a barra se acalmou. Parecia que eu tinha escapado de uma bala.

“Lá está ela”, disse Nico, erguendo os braços enquanto caminhava em direção à sobrinha.

Ela ergueu a mão num gesto hesitante. "Ainda assim, um não da minha parte. Principalmente depois do seu comportamento no mês passado."

Ele riu baixinho. "Um dia desses, você vai mudar de ideia."

Seu sorriso era forçado. "Improvável."

Ufa. Estranho. Mas que bom para ela por se manter firme.

Nico apenas balançou a cabeça, imperturbável, como se aquilo fosse um jogo deles, e deu um passo para trás. "O resto dos meninos está na sala de estar. Bebidas e aperitivos também estão lá."

Moira, que observava silenciosamente toda a conversa, fez um gesto para que avançássemos, e Nic e eu seguimos pelo corredor antes de todos. Percebi pela força com que ele segurava minha mão que ele estava inquieto, e tentei não deixar que isso aguçasse minha própria ansiedade desenfreada. Entre a pergunta áspera que ele fez, aquela troca concisa com Aly e o fato de Nico nem ter percebido a presença de Josh, as correntes ocultas de disfunção eram fortes o suficiente para nos levar para o mar. Será que todos os jantares em família eram tão desconfortáveis assim?

“Lauren?!” "Alec", disse Alec quando entramos na sala de estar. Ele olhou feio para o irmão mais velho, com um tom debochado. "Ahhhh, entendi. 'Não é nada sério.'

'Não se preocupe com isso.' 'Cuide da sua vida, seu babaca intrometido.'"

Greg, que eu não via há anos, bufou. "Você*são* um babaca intrometido."

Ao lado dele, Stefan assentiu em concordância.

Alec olhou feio para eles. "Fodam-se vocês dois."

Josh passou por mim, em voz baixa. "Bebida?"

Eu assenti enfaticamente. Eu ia precisar*todos* o álcool para superar isso.

Os irmãos Trocci continuaram a provocar-se mutuamente por alguns minutos antes de os pais finalmente se juntarem a nós. Tentei conter a curiosidade sobre o que os tinha impedido. Não interpretei como um bom sinal o facto de o copo de martini da Moira estar vazio, e a primeira coisa que ela fez foi ir direto para o carrinho de bebidas.

"Como foi o trabalho?" Nico perguntou a Aly.

"Tudo bem", ela disse.

"Algum destaque?", perguntou Alec.

"Tive que ajudar na reimplantação de um dedo algumas semanas atrás. É sempre divertido."

Nic ficou completamente imóvel ao meu lado, e eu quase tropecei na bebida que Josh me entregou.

Alec fez uma careta. "Como uma coisa dessas pode acontecer?"

O primo deu de ombros. "Lâminas de serra, acidentes na cozinha. Este aconteceu com um jogador de basquete semiprofissional durante o treino. Ele foi enterrar a bola e sua aliança ficou presa na rede. O peso do corpo dele caindo...*shwoop*, arrancou o dedo imediatamente."

Que nojo, mas ainda assim exalei alívio. Por um segundo, fiquei preocupada que ela tivesse atendido McKinney, mas eu deveria ter pensado melhor. Esta cidade era enorme, com vários prontos-socorros, e embora Nic tivesse me dito que ele teve um azar danado, eu sabia que ninguém poderia ser tão azarado.*que* ruim.

"E você, Lauren?" disse Nico Senior. "Como foi*seu*semana de trabalho?"

"Ótimo", eu disse a ele. Se ele esperava me envergonhar ou me colocar no meu devido lugar falando sobre meu trabalho, estava redondamente enganado. Todos aqui sabiam o que eu fazia, e eu não ia me esquivar disso. "Ganhei vinte novos inscritos, me adiantei na minha agenda de filmagens para que Nic e eu pudéssemos passar o resto do fim de semana juntos e recebi uma resposta de outro vereador disposto a apoiar a Lei de Segurança Ampliada para Profissionais do Sexo. Como foi sua semana, Sr. Trocci?" Sorri e tomei um gole do meu martini, e jurei que ouvi um som baixo*ooh*de Josh.

"Foi ótimo", disse Nico, enfiando a mão no bolso. "Teria sido muito mais fácil se alguém não estivesse relaxando." Um olhar penetrante para o filho mais velho nos

revelou exatamente de quem ele estava falando.

Moira balançou a cabeça. "Nada de conversa de trabalho até depois do jantar."

A expressão de Nico se transformou em remorso, e ele inclinou a cabeça em direção à esposa. "Desculpas." De alguma forma, ele parecia realmente sincero, com os olhos suaves e um sorriso só para ela.

A visão era perturbadora. Eu queria que ele apenas*ser* Um babaca, o tempo todo, como meu pai era. Esse charme de ligar e desligar era confuso pra caramba, me embalava numa falsa sensação de calma até meu cérebro voltar a funcionar e me lembrar que aquele era o mesmo homem que ameaçara minha segurança na adolescência e estava determinado a transformar os filhos em mafiosos sem alma.

"Sra. Trocci?", disse uma voz com forte sotaque.

Virei-me e vi uma mulher de meia idade parada na porta.

“Estamos prontos?” perguntou Moira.

“*Sim*", disse ela, antes de continuar em italiano. Eu só conseguia entender uma palavra de cada vez. Eu falava o que eu gostava de chamar de italiano de restaurante, o que significava que eu podia pedir algo do cardápio e manter as conversas mais básicas. Qualquer coisa mais profunda do que isso, e eu estava perdida, e Deus me ajude se alguém começasse a falar rápido.

Peguei o suficiente para perceber que o jantar já estava servido e, pensando no futuro, virei o resto do meu martini e peguei um dos dois últimos do carrinho de bebidas. Aly pegou o outro, e trocamos um olhar conspiratório antes de nos virarmos e seguirmos nossos parceiros até a sala de jantar, onde o verdadeiro show começou.

33

Júnior

UMaté jantares comMinha família foi, mas esta nem chegou aos três piores. Ainda. Mas a noite era jovem, e pelo jeito que meu pai olhava de mim para Lauren, ainda havia tempo de sobra para a coisa sair dos trilhos. Todos os outros pareciam entender isso também, demorando mais para comer do que o normal, prolongando a refeição com conversa fiada.

Apesar da leviandade forçada, a tensão não parava de crescer, sumindo de vista como uma tempestade no horizonte. As respostas do pai tornaram-se cada vez mais concisas. Uma ruga profunda se formou entre suas sobrancelhas enquanto ele franzia a testa para o prato.

"Maria!" ele finalmente retrucou, e a governanta e a cozinheira da minha família entraram em cena.

"*Sim?*" ela disse, enxugando as mãos no avental.

"Terminamos." Ele acenou para a mesa. "Podem tirar os pratos."

O silêncio se instalou enquanto ela recolhia nossos pratos. Ao meu lado, senti Lauren ficando tensa, e estendi a mão por baixo da toalha de mesa e a coloquei em sua coxa. Sua pele era macia e quente sob meu toque, e não pude deixar de acariciá-la com o polegar, apertando-a uma vez para que ela soubesse que tudo ficaria bem. Porque ficaria. De um jeito ou de outro.

A calma tomou conta de mim enquanto esperávamos. Minha família inteira estava ali, com sangue e sangue, e eu sabia que não enfrentaria meu pai sozinha.

"Então", disse ele quando o último prato foi retirado, e Maria fechou a porta da cozinha atrás de si. Seu olhar se ergueu para o meu, e eu já podia ver a raiva crescendo em seus olhos. "Sobre o que você queria falar comigo? Lauren?" Seu foco mudou dela para mim e vice-versa. "É ela quem eu teria escolhido para você? Não."

Esperei um pouco, dando-lhe a chance de dizer mais, talvez acrescentar algo.*Mas eu não vou ficar no seu caminho*, ou mesmo um*Mas agora percebo meu erro quando vejo*

vocês dois juntos. As palavras não saíram, e decidi que aquele seria o último jantar em família a que compareceria até que ele aceitasse meu relacionamento e pedisse desculpas à Lauren. De jeito nenhum eu a submeteria à censura dele novamente, e eu não iria a lugar nenhum onde ela não fosse bem-vinda de braços abertos.

A mão de Lauren pousou sobre a minha, apertando, me tranquilizando, como se ela estivesse mais preocupada com o que eu sentia do que com qualquer outra coisa, me lembrando de como eu era sortudo por ela ter escolhido ficar comigo.

"Nico", disse a mãe, em tom baixo e de advertência.

Papai a ignorou, os olhos ainda fixos em mim, e pelo jeito que mamãe o fuzilava com os olhos, ele ia se arrepender. "O que é isso?", perguntou.

Lauren apertou minha mão novamente, e eu me preparei para o que quer que estivesse prestes a acontecer.

"Comprei um prédio", eu disse.

A surpresa tomou conta dos meus irmãos, mas mantive o olhar fixo no meu pai.

"De quem?", perguntou papai, com uma expressão inescrutável.

"Patrick McKinney."

Ele franziu a testa. "Não sei o nome."

"Ele não é ninguém importante."

"É mesmo?", perguntou papai, me olhando de relance, e eu sabia que, no segundo em que eu saísse daquela casa, ele faria todos os seus comparsas investigarem McKinney. Ele inclinou a cabeça para o lado. "Um prédio inteiro."

Não era uma pergunta, mas respondi mesmo assim: "Sim."

"Cadê?"

"Centro. Lado Oeste."

"Onde você conseguiu o dinheiro?" ele perguntou, com um tom mortalmente calmo.

Fiquei irritado, mas mantive a raiva longe da voz. "Eu não roubei de você, se é isso que você está insinuando."

"Então onde, Júnior?"

"Das minhas economias e investimentos."

"Besteira", ele disparou. "Você não tem dinheiro no centro."

"Não preciso fazer isso porque comprei a dívida dele de um corretor de apostas e depois o chantageei com ela."

Os olhos da mãe se arregalaram, desviando-se para Aly e Josh. "Nada de conversa de trabalho no jantar..."

Papai a mandou ficar quieta.

A mãe voltou-se para ele, lentamente, à la*O Exorcista.*Ele precisaria se esconder no

quarto do pânico naquele momento.

"Que tipo de prédio é esse?", perguntou papai.

Aqui vamos nós, porra.

"É comercial", eu disse. "Alugado por um clube exclusivo para membros."

Seu olhar se voltou para Lauren. "Você planeja expulsar as garotas? É isso que está acontecendo? Você virou um cafetão aspirante agora?"

As unhas de Lauren cravaram-se nas costas da minha mão.

À nossa frente, Aly emitiu um som baixo e raivoso, e eu pude ver meus irmãos se remexendo nas cadeiras com a visão periférica. "Não. É um clube legal, e pretendo deixá-los continuar operando dentro do prédio pelo tempo que quiserem."

"Você quer usá-los para ajudar a lavar dinheiro?", perguntou papai.

Eu balancei a cabeça.

"Transferir drogas?"

Outro aceno de cabeça.

"E então, Júnior? Qual é o golpe?", perguntou ele, porque, para ele, sempre havia um.

"Não tem golpe. Eles são um negócio legítimo. Estou aqui me virando por conta própria. Não quero mais fazer isso", eu disse, gesticulando entre nós. "Não quero lidar com petróleo nem com qualquer outra coisa que você queira que eu faça."

Ele disparou para a frente na cadeira.*Você está fodendo*— Seu olhar passou por mim, para Lauren, e depois para Aly e Josh, lembrando-se da nossa plateia, silenciados pela presença deles. A regra número um do papai era que nunca discutíamos assuntos da máfia na frente de quem não soubesse.

"Saia", ele cuspiu em Aly.

Ela ergueu o copo e tomou um gole de vinho, imperturbável. "Não, acho que vou ficar onde estou."

"Você saiu correndo daqui tão rápido da última vez que as coisas ficaram tensas", disse papai.*Agora* você quer ficar?"

Aly se recostou na cadeira. "Sim, eu acho."

Josh passou um braço em volta dos ombros dela, sorrindo de orelha a orelha, e eu nunca fiquei tão grata por ter esses dois idiotas na minha vida.

Papai mudou seu foco para Lauren.

"Não", eu disse. "Ela fica."

A fúria tomou conta de seu rosto e ele apontou um dedo em sua direção. "Eu, porra*sabia*essa putinha seria um problema."

Aly xingou. Greg terminou a bebida e pousou o copo com força suficiente para fazer a mesa chacoalhar. E mamãe... Que Deus ajudasse papai depois que todos nós

saímos e ela o tivesse sozinho. Josh era o único tão quieto quanto eu, provavelmente mergulhado naquele vazio mental que tentara me explicar alguns meses antes. Meu próprio silêncio estava muito mais calmo. Não era nada que eu não tivesse previsto. Meu pai não era idiota. Assim como mamãe, ele provavelmente pressentiu que aquela era a "grande surpresa", e eu sabia que isso significava que ele estaria no seu pior momento.

"Você está bem?" perguntei a Lauren.

Ela me surpreendeu com uma risada. "Estou bem. Essa é a maneira menos criativa de me insultar que ele poderia ter escolhido." Ela se inclinou para mim, olhando para o meu pai. "Se você fosse um submisso, eu responderia convidando você para um bate-papo privado para você descobrir o quão vadia eu sou." Ela acrescentou uma piscadela para completar, e meu amor por ela aumentou.

A expressão do meu pai se transformou em desgosto. "É com essa pessoa que você escolhe ficar? Alguém que diz essas merdas na mesa de jantar? Pense no seu futuro. Como você vai conseguir atraí-la para perto dos seus amigos? Da sua família?"

Aly se inclinou para a frente. "Você literalmente a chamou de prostituta na mesa de jantar, seu hipócrita de merda."

Um olhar para Lauren revelou que ela parecia despreocupada, mas eu a senti ficar tensa, sabia que as palavras do meu pai a atingiram profundamente, atingiram alguma vulnerabilidade persistente. Apertei sua perna, dizendo que eu estava ali, que eu a tinha, que não ia deixar meu pai se safar falando com ela daquele jeito. Eu a avisei de como o temperamento dele era ruim, de como ele podia ser cruel, e que ele poderia voltar sua fúria contra ela. Ela permaneceu determinada a vir hoje à noite, garantindo-me que não havia nada que ele pudesse dizer que ela não tivesse ouvido antes, o que me levou a perguntar nomes a ela, o que a levou a me dizer para parar de agir como um louco.

Voltei a olhar para o meu pai. "Nunca mais fale da minha namorada desse jeito."

"Ou o quê, Júnior?" Papai perguntou bruscamente. "O que você vai fazer?"

Este era o momento em que eu precisava me manter firme. Meu pai parecia entender apenas o lado negativo, só respondia à força. E levei quase dez anos para perceber que eu tinha a carta na manga o tempo todo.

"Nunca mais falo com você", eu disse a ele. "Te esculpir como um câncer e nunca olhar para trás." Em termos de ameaças, essa era a pior que eu poderia fazer. Eu já tinha considerado chantagem. Deus sabia que eu já estava farto disso. Mas depois da minha conversa com o Josh, percebi que ameaçar destruir nossa família daquele jeito era a maior arma do meu arsenal.

Papai não respondeu, mas seus dedos apertaram a taça de vinho, e eu percebi pelo

olhar dele que, se estivéssemos sozinhos, teríamos uma conversa muito diferente. Foi por isso que Josh e eu bolamos o plano de fazer isso abertamente, para todos verem. Para não deixar mais papai esconder seus abusos e sua violência atrás de uma porta fechada. Para ter testemunhas dessa conversa, então...*todos* sabia que queria sair, o que tornava mais difícil para meu pai me forçar a voltar sem levantar suspeitas e irritar a família inteira, arriscando todos os seus relacionamentos.

"Então é isso?", disse ele, inclinando a cabeça para o lado. "É assim que você me diz que terminou?"

“Sim”, eu disse.

Ele jogou o copo na minha cabeça.

Eu mal consegui me abaixei a tempo de não ser atingido, mas não houve como impedir que o líquido vermelho-rubi encharcasse Lauren e eu.

Ela ofegou, afastando-se da mesa, e então tudo aconteceu ao mesmo tempo. Aly, de pé, gritando; Josh a segurando; a mãe empurrando o pai com tanta força que ele tombou da cadeira; Stefan saindo da sala; Greg e Alec trocando olhares como se não soubessem se deveriam ou não segui-lo.

Papai se levantou com uma rapidez surpreendente para um homem da sua idade. "Depois de tudo que eu fiz por você?", ele rugiu.

Posicionei-me na frente de Lauren. "Tudo o que você fez por mim?", gritei de volta. "Tipo roubar a minha infância inteira, me preparar para virar uma bandida, me colocar constantemente em perigo? Você quer que eu continue? Porque eu posso."

Ele deu um passo para o lado, tentando olhar para Lauren por cima de mim. "A culpa é sua, não é?"

Josh se materializou ao meu lado. "Dê mais um passo na direção dela, Nico. Eu te desafio." Ele segurava algo escuro na mão, e meu estômago embrulhou, pensando que ele ia atirar no meu pai, antes de perceber que era apenas um celular.

Josh tocou na tela, e todas as luzes da casa piscaram. "Um. Mais. Passo."

Papai parou de se mexer, com o maxilar cerrado de fúria. A poucos passos de distância, mamãe o encarava com os punhos cerrados. Precisávamos acabar com aquilo antes que uma briga generalizada começasse.

"Sabe", disse papai, "a Itália fica a apenas um telefonema de distância. Não seria tão difícil fazer o Tommy desaparecer de verdade."

"Nossa", disse Aly. "Você acabou de ameaçar mandar matar o pai da Lauren?"

Papai estremeceu, desacostumado com plateia e seus acessos de fúria, esquecendo que estávamos todos fingindo que Tommy estava desaparecido. "Não", ele resmungou, mas sua expressão rebelde dizia o contrário.

"Terminei", eu disse a ele. "E nada que você diga ou faça vai me fazer mudar de

ideia."

Ele riu, um som feio. "Você não vai durar uma semana sem mim."

"Sim, vou", eu disse a ele. "E eu sei que isso deve doer, mas você causou isso a si mesmo."

Ele investiu. Aconteceu tão rápido e foi tão inesperado que não consegui levantar os braços a tempo de bloqueá-lo. Apesar de todas as coisas horríveis que ele disse e fez ao longo da minha vida, ele nunca me bateu, e levei um momento para perceber que suas mãos estavam em volta do meu pescoço, e ele estava...*apertando*, sua expressão era um ricto de raiva, olhos negros queimando de fúria.

O tempo pareceu passar mais devagar. Tentei respirar fundo, mas não consegui, encarando-o incrédulo, sentindo como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea. Meu próprio pai estava me estrangulando na frente da minha namorada e da família inteira. Achei que já sabia o pior do que ele era capaz, mas nunca imaginei que*esse.*

Com o meu último suspiro, eu disse, ofegante: "Pai".

A palavra pareceu ricochetear nele como uma bala. Seus dedos afrouxaram no meu pescoço. A fúria transbordou de seus olhos. Observei seus lábios se abrirem e o horror invadir sua expressão, como se ele finalmente tivesse percebido o que estava fazendo.

Foi então que o tempo se acertou. Vi várias pessoas correndo em nossa direção, mas Lauren chegou primeiro, com um azul elétrico brilhando na minha visão periférica. Papai se sobressaltou e me soltou, e eu inalei o ar cheio do cheiro de sua carne queimada enquanto Lauren cravava o taser em seu pescoço, seguindo-o até o chão quando ele caiu.

Perto dali, Josh vomitou e girou para longe, enquanto Aly corria atrás dele.

"Lauren", eu disse, envolvendo seus ombros com as mãos e puxando-a delicadamente para trás. Pela expressão em seu rosto, ela não teria parado de outra forma. Meu próprio cavaleiro branco em um vestido de verão.

"*Nada,"*Mamãe disse, e eu me virei para vê-la chorando abertamente pela primeira vez na minha memória. Seus olhos encontraram os meus, a voz rouca como se ela tivesse sido a sufocada. "Sinto muito."

Balancei a cabeça. "Nada disso é culpa sua."

Alec apareceu e cuspiu no corpo ainda trêmulo do pai. "Seu filho da mãe." Ele se virou para a mãe. "Você vem ficar comigo. Já chega."

Mamãe balançou a cabeça. "Vou ficar aqui. Alguém precisa garantir que ele esteja bem."

"Então chame uma ambulância depois de sair", disse Greg, juntando-se a nós. "Ele fez isso sozinho. Você não precisa ficar tentando consertar tudo para ele."

A determinação tomou conta da expressão da mãe. "Você não entende. Ele nem sempre foi assim."

"Mas ele está assim agora", disse Greg. "Ele está*estive* assim há anos. E ele não vai melhorar se nada mudar."

Mamãe lançou um olhar rápido para mim, Alec e Greg.

"Ele estava prestes a me soltar", eu disse. Não porque estivesse defendendo meu pai, mas porque não suportava ver a expressão de miséria abjeta no rosto da minha mãe, como se a última esperança dela estivesse se esvaindo. "Quando eu disse 'Pai', ele pareceu voltar a si e perceber o que estava fazendo."

"Você ainda deveria ir dar uma lição nele", disse uma voz baixa. Nos viramos e vimos Stefan parado ali perto, com uma mochila pendurada no ombro. "Todos nós deveríamos."

Com isso, ele foi embora e, por algum motivo, tive a sensação de que nenhum de nós o veria por um longo, longo tempo.

Mamãe me encarou. "Você vai primeiro. Ele pode acordar e, se você ainda estiver aqui, ele pode dar um jeito de piorar tudo."

"Tem certeza?", perguntei.

"Sim. Vou ficar bem." Ela enxugou as lágrimas e balançou a cabeça. "Já lidei com merdas piores do que essa."

"Vá", disse Alec.

Sem precisar que me mandassem de novo, agarrei a mão de Lauren e a levei para fora do quarto, sentindo seus dedos tremerem em minha mão. Ou talvez fossem os meus que tremiam.

"Você está bem?" Lauren perguntou enquanto nos aproximávamos da porta da frente.

Parei só o tempo suficiente para abraçá-la. "É, e você?"

"Eu penso que sim?"

Um sorriso surgiu nos meus lábios. "Obrigada por me salvar. Estava quente. Talvez eu*sou*para brincar com taser."

Ela balançou a cabeça, me puxando para um beijo rápido e intenso. "O que posso dizer? Minha tara salvadora tomou conta."

Saímos e encontramos Josh e Aly perto dos arbustos mais distantes, Josh curvado, Aly esfregando suas costas.

"Ele está bem?", gritei.

"É", ela disse, vindo em nossa direção. "Ele está só vomitando agora."

Olhei para as costas de Josh, me perguntando o que diabos tinha acontecido com ele para que o cheiro de carne queimada o fizesse vomitar. E então me lembrei de quem

era o pai dele e imediatamente decidi que não queria saber.

"Não acredito nesse merda", disse Aly, lançando um olhar furioso para a casa. Ela se virou, agarrando o rosto de Lauren, observando seu vestido arruinado. "Você está bem?"

“Estou bem”, disse Lauren.

Aly a soltou e se virou para mim. "Vem cá."

Abri a boca para dizer que eu também estava bem — as mãos dele estavam em mim há apenas alguns segundos —, mas ela já estava se movendo, inclinando minha cabeça para trás para poder me examinar, de repente, toda séria.

“Isso dói?” ela perguntou.

"Não."

"Que tal isso?"

"Não."

Ela cutucou e cutucou até que eu finalmente me afastei. "Ele não me machucou de verdade, eu só..."

Lauren entrelaçou os dedos nos meus. "Chocada?"

Olhei para ela e assenti.

Aly agarrou meu ombro. "Sinto muito mesmo."

"Não sinta. Se eu tivesse feito isso sozinho, teria sido muito pior."

Contei a ela como papai estava prestes a me deixar ir, mas seu olhar se voltou para a casa enquanto eu falava, e ela ainda parecia tão furiosa que fiquei preocupada que ela pudesse voltar para dentro. Josh finalmente se juntou a nós, colocando um chiclete na boca e, em seguida, envolvendo a cintura da noiva com um braço preventivo.

Aly suspirou, percebendo que sua chance havia passado. "Por favor, me diga que Moira não vai ficar."

“Ela provavelmente vai ficar”, eu disse.

“Por que ela o atura há tanto tempo?”, perguntou Aly.

Suspirei. "Ele nem sempre é assim. Você já viu. Ele pode ser engraçado e charmoso, e a maior parte disso é reservado para a mamãe. Ela leva a melhor sobre ele. Que droga, acho que ela pode ser a única pessoa que ele realmente ama."

Lauren emitiu um pequeno som de angústia e me abraçou. "Que triste."

Retribuí o abraço. "E é verdade que ele nem sempre foi tão ruim. Ele piorou muito com o passar dos anos. Acho que muito disso se deve ao medo e à percepção. O fato de eu ter me afastado dele mostra às pessoas em nosso mundo que há fraquezas na casa dele, e que há muitas outras pessoas, como meu pai, tentando explorar isso em benefício próprio. Ele tem medo de ser usurpado, de se tornar dispensável, porque sabe melhor do que ninguém o que acontece quando você é."

Aly franziu a testa. "Você acha que ele vai atrás de você?"

Balancei a cabeça. "Não. Mamãe vai ficar por mais do que ela mesma. Ela vai ficar por todos nós. Ela é o último elo do papai com a humanidade dele, e tenho certeza de que ela passará os próximos dias lembrando-o de que, se ele fizer alguma coisa para*realmente* me machuque, essa família ficará irreparavelmente destruída e ele será o arquiteto de sua própria ruína, deixado completamente sozinho no mundo."

Lauren franziu a testa. "E daí? Você acha que ele vai se recuperar? Tentar fazer as pazes?"

Concordei. "Finalmente. Naquela fração de segundo antes de você dar o choque nele, eu senti como se estivesse olhando para o velho pai. Aquele que me ensinou a arremessar uma bola de beisebol, aquele que costumava colocar o Greg nos ombros durante os desfiles para que ele pudesse ver por cima da multidão."

Aly não pareceu convencida. "Bem, aconteça o que acontecer, acho que todos podemos concordar que terminamos com esses jantares."

"Ah, porra, sim", eu disse.

Josh emitiu um som contemplativo. "Talvez a gente comece a ter nossos próprios jantares em família."

Aly sorriu radiante, olhando para Lauren e para mim. "O que vocês acham?"

"Gostei", disse Lauren. "Nic?"

Sorri. "Estou dentro."

34

Lauren

"Como você está?" Nic perguntou,esfregando a mão nas minhas costas.

"Um pouco nervoso", admiti. "Uma coisa é fazer isso no conforto do meu quarto, outra é fazer isso diante de uma plateia ao vivo."

Ele assentiu e se aproximou. "Não precisamos fazer isso se você não quiser."

Balancei a cabeça. "Não. Eu quero."

Dois meses se passaram desde que Nic assumiu a propriedade do prédio da Velvet, e muita coisa mudou nesse período. As reformas estavam a todo vapor no terceiro andar. Abrimos as portas também nas noites de quinta e domingo, e já estávamos movimentando o suficiente para que o negócio se tornasse lucrativo. Na esperança de capitalizar nossa troca de ideias anterior, estávamos até sublocando para fotógrafos boudoir e camworkers durante o dia. A Velvet estava faturando mais do que nunca, e não apenas porque Nic havia cumprido sua palavra e reduzido nosso aluguel.

As coisas também mudaram entre nós. Nic mal me deixou sair de perto naquele primeiro mês, preocupado que tivesse calculado mal e que seu pai pudesse realmente nos machucar. Mas Moira ficou quando todos os outros foram embora, e ela passou esse tempo resgatando Nico Sênior do abismo, centímetro por centímetro. Agora eles estavam em terapia de casal, e a ideia de reconciliação não parecia tão impossível quanto nos dias imediatamente posteriores àquele jantar desastroso em família.

Nic estava lentamente começando a relaxar, começando a acreditar que era realmente, verdadeiramente livre, e a mudança que o ocorria era incrível de se testemunhar. Ele havia parado de usar máscara na boate. Passávamos todos os fins de semana visitando os vários cômodos juntos, aprendendo o que gostávamos como casal. O voyeurismo continuava sendo nossa tara mais compartilhada, mas Nic tinha outros gostos que ainda estava explorando, e descobrimos que exibicionismo e bondage eram dois dos seus favoritos. Daí nós dois parados no estreito corredor dos fundos que corria atrás de todos os cômodos privativos, eu vestida de lingerie e um

robe de seda, ele, uma calça jeans de cintura baixa.

Meus olhos não paravam de se fixar em seu torso nu, nas asas esfarrapadas tatuadas em seu peito, nas armas em suas costelas e, em seguida, em seu abdômen, sem marcas de tatuagem, mas pontilhado de cicatrizes. Os músculos de Nic não eram chamativos. Eram densos, compactos. Ele não tinha um corpo de rato de academia; tinha o físico de alguém que havia ganhado músculos à custa de esforço, e eu era viciada em vê-lo. Principalmente porque, na metade das vezes em que transávamos, eu estava com tanta pressa para tê-lo dentro de mim que ele raramente tinha tempo de fazer qualquer coisa além de abrir o zíper da calça. Eu ficava me dizendo para ir mais devagar, para não ter pressa, mas mesmo vários meses depois da primeira vez que o vi novamente no corredor da igreja, eu ainda perdia a cabeça por ele, e, sinceramente? Eu esperava que isso nunca mudasse.

“Tem certeza de que não quer saber no que vai se meter?” ele perguntou.

Balancei a cabeça. "Não saber é metade da emoção."

Seus lábios se curvaram num sorriso diabólico. "Então, fique à vontade."

Meu olhar pousou na corda vermelha favorita dele em suas mãos. O som dela rangendo no corredor estreito fez meu pulso acelerar. Eu o vira praticando nós com ela quase sem parar no último mês — enquanto estávamos no sofá assistindo TV, bem atrás da minha câmera sempre que ele assistia a uma das minhas sessões de filmagem, até mesmo à mesa de jantar depois de terminar de comer. Ele era como uma daquelas avós que carregavam seu último projeto de crochê para onde quer que fosse, só que ele estava aprendendo todas as maneiras de me amarrar com ela em vez de me fazer um belo par de luvas.

Não que eu estivesse reclamando. Eu adorava que ele estivesse saindo da concha. Adorava que eu pudesse compartilhar meu mundo tão abertamente com ele. Ele se manteve fiel à sua palavra, nunca sentindo ciúmes do meu trabalho ou tentando me restringir de forma alguma. Ontem à noite, ele fez sexo oral em mim enquanto eu trocava mensagens de texto com um submisso, e juro que isso resultou nas mensagens de texto mais inspiradoras da minha vida.

"Ei", ele disse, passando um dedo pela gravata do meu robe e usando-o para me arrastar para frente.

Olhei para ele, meus nervos e desejo competindo pelo domínio. "É?"

“Você sabe que eu te amo, certo?” ele disse.

Sorri. "Eu sei. E eu também te amo."

Ele assentiu. "Ótimo. Lembre-se disso, porque você pode começar a achar que me odeia no meio do caminho."

O que—

O sinal sonoro soou, indicando o início do show, e Nic entrelaçou os dedos nos meus e me conduziu pela porta. Cada sala do Velvet era diferente, decorada para capturar o clima do que acontecia lá dentro, com acessórios específicos para cada kink em cada palco. Na sala de bondage, a iluminação era suave e aconchegante, e a madeira laqueada para facilitar a limpeza. Meus saltos estalavam no assoalho ao passarmos por uma cruz de Santo André, um cavalo de açoite e uma cadeira de rainha.

Mantive o olhar fixo à frente, focado nas costas largas de Nic, porque sabia que, se olhasse para a multidão, minha ansiedade aumentaria. Eu queria tanto fazer isso, sonhava com isso há anos, mas era a nossa primeira vez nos apresentando. Por mais excitada que estivesse com os pensamentos sobre o que estava por vir, sobre ser...*assistido*tão perto, que eu ainda estava nervoso.

Nic nos parou ao lado de uma simples chaise tântrica de couro acolchoado que havia sido convenientemente movida para o centro do palco — pelo menos eu ficaria um pouco confortável durante o que quer que estivesse por vir. Ele jogou a corda nela e se virou para mim, segurando meu rosto, me inclinando para cima até que nossos olhares se encontrassem. Seus olhos estavam mais escuros do que o normal, um esmeralda profundo devido às pupilas dilatadas, e saber que a promessa de me amarrar e me fazer gozar na frente de todos o deixava tão excitado só serviu para me deixar ainda mais excitada.

“Obrigado por fazer isso comigo”, ele disse, pressionando sua testa na minha.

Soltei um suspiro trêmulo, desejando que o meu último nervosismo desaparecesse. "De nada."

“Eu te amo, Lo.”

"Eu também te amo."

Com um puxão, ele me fez ficar na ponta dos pés para que pudesse selar sua boca sobre a minha. Eu me abri para ele imediatamente, amando o jeito como sua língua deslizava contra a minha, como ele se aproximava, como se até mesmo o menor espaço de ar entre nós fosse inaceitável. Ele não se limitou a me beijar; ele me reivindicou, me marcou, dizendo a todos os outros no recinto que, embora pudessem assistir, só ele tinha permissão para tocar.

Suas mãos se afastaram do meu rosto, e um puxão na minha cintura me indicou que ele estava abrindo a faixa do meu robe. O ar frio percorreu minha pele quando ela se abriu, me fazendo tremer, e então ele a empurrou para baixo, sobre meus braços, para que todos pudessem ver a renda quase imperceptível que eu usava por baixo.

Um assobio cortou a multidão, e então a voz familiar de Taylor. "É, vadia!"

Todos riram, inclusive eu e a Nic, e eu ia dar o maior abraço nela depois disso por ter cumprido a promessa de acabar com a tensão imediatamente. Talvez a maioria das

pessoas não quisesse que os amigos os assistissem com o parceiro, mas a Taylor e o Ryan já tinham visto cada parte de mim, tinham me ajudado a criticar meus vídeos. Para mim, isso não era muito diferente, e pensar neles lá me deu ânimo, me lembrou que todos naquela sala estavam ali com boas intenções.

Música filtrava do alto, sombria e melódica. As luzes diminuíram, e de repente parecia que éramos apenas Nic e eu no quarto. Ele me guiou até a chaise longue e me pediu para deitar nela. E então ele estava em mim, as mãos apoiadas nas minhas costelas, os lábios percorrendo meu pescoço. Ele se moveu para baixo, lambendo e mordendo meus mamilos através da renda até eu ficar ofegante, cravando meus dedos em seus cabelos para mantê-lo ali. Mas ele tinha outros destinos em mente e continuou se movendo, se soltando delicadamente do meu aperto para descer pela minha barriga. Ele deu um único beijo casto no tecido que cobria minha boceta, e então enganchou as mãos sob meus joelhos e os empurrou para cima, então parecia que eu estava sentada em uma cadeira invisível enquanto estava deitada.

“Mantenha-os lá”, ele disse, com a voz áspera.

Assenti, observando, esperando com a respiração suspensa para ver o que ele faria em seguida. Ele levantou a corda e a desenrolou, revelando que, na verdade, eram três pedaços separados. Dois, ele deixou cair sobre minha barriga, e o terceiro, ele dobrou ao meio, criando uma curva — mais comumente chamada de "mordida" em termos de bondage. Ele enrolou a corda em volta da minha coxa esquerda, logo acima do joelho, uma, duas, três vezes, e então deu dois nós quadrados simples para prendê-la, deixando a mordida para fora. Com um puxão, ele testou para ter certeza de que ela seguraria, e então esticou a perna para poder beijar a parte interna da minha panturrilha.

Seus olhos, escuros e ardentes de desejo, encontraram os meus. "Não está muito apertado?"

Balancei a cabeça, a expectativa aumentando.

Ele sorriu e deslizou a mão pela minha perna, batendo na lateral da minha bunda com força suficiente para arder. "Essa é a minha garota."

Vários sons baixos da plateia me disseram que eu não era o único a apreciar os elogios, e o lembrete de que estávamos sendo observados me deixou sem fôlego, no bom sentido. Não foi muito diferente do que eu já fazia, mas em vez de receber meu feedback por meio de mensagens e dicas, pude ouvir ao vivo, e saber que estávamos prestes a estrear em uma sala cheia de gente elevou meu desejo à estratosfera.

Nic puxou uma das cordas extras da minha barriga, arrastando-a lentamente entre as minhas pernas, e amarrou-a na minha outra perna exatamente da mesma maneira que a primeira. Eu não tinha ideia do que ele estava fazendo. Este não era um dos laços

que tínhamos praticado antes, mas eu confiava que ele não me machucaria, que ele conhecia meus limites. E se as coisas saíssem do controle, eu sempre podia usar minha palavra de segurança: taser.

Ele se colocou entre as minhas pernas quando terminou, agarrando a ponta da primeira corda. Então, inclinou-se para a frente, com a mão em volta do meu pescoço, ajudando-me a sentar-me apenas o suficiente para enrolar a corda atrás dele. Ele a enrolou sob minha axila e a puxou para a frente novamente, onde enfiou uma ponta na mordida da minha perna oposta. Então, deu outro nó quadrado simples e puxou, apertando a amarração, aproximando meu joelho do peito.

Meu Deus, ele ia me amarrar como*esse*? Eu não conseguiria envolvê-lo com as pernas. Não conseguiria me esfregar nele. Ficaria quase completamente imóvel da cintura para baixo. Não era de se espantar que ele se preocupasse com o fato de eu o odiar; ele sabia o quanto eu adorava me mexer quando transávamos.

Mas então percebi que isso também significava que ele teria controle total sobre mim, e minha almazinha submissa se iluminou de prazer. Se eu já estava molhada antes, agora estava prestes a ficar completamente encharcada por ele.

Ele se inclinou, me beijando, pressionando minha perna ainda mais perto do meu peito, estreitando ainda mais o vínculo. Sua ereção, escondida dentro da calça jeans, pressionava meu núcleo. Eu me contorcia contra ela, desejando-o.*precisando*ele, mas ele riu e se afastou, e isso me deixou pensando quando nossos papéis se inverteram e*EU*tinha se tornado o impaciente.

"Como assim?" ele perguntou, amarrando a corda.

"Seria muito melhor se você já estivesse dentro de mim", resmunguei, incapaz de me conter.

Alguém bufou na plateia e, enquanto algumas risadas baixas ecoavam pela plateia, Nic começou a amarrar minha outra perna, puxando-a com um pouco mais de força do que a primeira. Eu ofeguei e ele sorriu, prendendo-a no lugar, e então suas mãos caíram, e eu me acomodei na amarra, achando-a surpreendentemente confortável. As cordas sustentavam o peso das minhas pernas, então eu não teria que me esforçar para mantê-las no ar, e eu já podia imaginar como seria bom pressioná-las enquanto eu me movia. Além disso, minhas mãos estavam livres, então eu seria capaz de... espere um segundo, onde...*aqueles*vem de?

Nic pendurou um par de algemas vermelhas no dedo.

“Levante os braços acima da cabeça”, ele disse, saindo de entre minhas pernas.

Quase chorei com a perda dele, com a demora. Eu precisava dele dentro de mim,*agora*.

Ele foi para o lado elevado da chaise enquanto eu seguia sua ordem. Foi então que

notei uma alça de metal bem no topo e percebi que ele me queria completamente indefesa. Minha boca ficou seca. Ele assumindo o controle total assim?*Sim, papai.*

Seus dedos estavam quentes contra a pele dos meus pulsos enquanto ele os prendia com as algemas e, em seguida, usava o último pedaço de corda para prendê-los ao gancho. Uma vez feito isso, ele se reposicionou entre as minhas pernas, olhando para mim, admirando sua obra, seu olhar se demorando onde as cordas se cravavam em minhas coxas. Eu podia sentir o calor emanando dele, ver a necessidade em seus olhos. Ah, sim, essa era a sua tara favorita, sem dúvida. A visão de mim amarrada assim era...*destruindo*ele.

"Lo", disse ele, com voz grave e gutural. Colocou as mãos na parte de trás das minhas coxas, e eu as senti tremendo. O homem estava a cerca de três segundos de perder o controle e precisava saber que eu estava ali com ele.

"Me fode", implorei. "Por favor."

As mãos dele soltaram minhas pernas. Senti um estremecimento, ouvi o som de algo sendo rasgado e percebi que ele tinha rasgado a virilha da minha calcinha. Gemidos e suspiros ecoavam da plateia, mas eu mal conseguia ouvi-los por causa do meu pulso pulsando nos ouvidos. Nic cuspiu na mão, e eu não fazia ideia de por que a visão era tão excitante — talvez porque ele estivesse impaciente demais para pegar o lubrificante em uma prateleira próxima, ou talvez porque não fosse uma coisa "legal" de se fazer. Quanto mais eu ficava com ele, mais percebia que "legal" era superestimado. A outra mão dele foi para a calça apenas o tempo suficiente para liberar aquele pau grande e lindo, e então ele se cobriu com a própria saliva, encaixando a cabeça na minha boceta e enfiando bem lá dentro.

Respirei fundo, cada músculo do meu corpo se contraindo. Amarrado daquele jeito, ele parecia enorme, quase grande demais para caber, e por mais que eu quisesse com força e rapidez, percebi que ele teria que esperar para não me machucar.

Então desisti. Deixei meus próprios desejos e necessidades de lado, entreguei a ele todo o poder e me recostei na chaise longue para aproveitar o passeio, meus músculos internos relaxando, facilitando para ele penetrar mais fundo. Ele deve ter sentido a mudança em mim, porque seus olhos se ergueram de onde estávamos unidos, e a expressão em seu rosto era tão crua, tão cheia de necessidade, devoção e posse, que me apaixonei por ele novamente.

Suas mãos pousaram novamente nas minhas coxas, empurrando para baixo, me esticando ainda mais enquanto ele empurrava os quadris para a frente e me penetrava. As cordas se apertaram. Meu peito arfava enquanto eu respirava fundo, e seu olhar pousou nos meus seios. Senti cada centímetro glorioso dele se esfregando dentro de mim enquanto ele se retirava. Outra estocada, mais profunda dessa vez. Seu maxilar se

apertou, e eu sabia que ele estava se segurando, sendo cuidadoso, mal se contendo. Eu adorei, porque mostrou o quanto ele se importava, o quanto ele queria que isso fosse bom para mim também.

Minha excitação diminuiu e, com uma última estocada, ele gozou fundo, parando ali, os dedos cravados nas minhas coxas, respirando com dificuldade. Ao nosso redor, o som de outras pessoas se juntando a nós ecoava pela sala, e percebi como a acústica no palco era boa, muito melhor do que na plateia, cada suspiro e gemido perfeitamente audíveis. Era uma delícia. Sexo amplificado, tocando direto nos meus ouvidos.

Nic também deve ter notado, porque parou, com os olhos fixos nos meus, e inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo. Um olhar malicioso para a multidão fez seu pau endurecer dentro de mim, confirmando que ele gostava de ser observado tanto quanto gostava de me amarrar. Ele e eu íamos ter*então* muito divertido tocarmos juntos.

Seu olhar retornou ao meu, ardente, e eu tive tempo suficiente para perceber o que estava por vir antes que ele me apertasse mais forte e me impulsionasse para frente, com força e rapidez. Tudo o que eu podia fazer era ficar ali, erguendo meus quadris para encontrá-lo e apertando minhas coxas em volta de sua cintura enquanto ele iniciava um ritmo constante. As cordas me cravavam, não com força suficiente para machucar, mas com força suficiente para que eu não conseguisse esquecer que estava amarrada, contida, à sua mercê.

Ele se inclinou para frente, apoiando uma mão na chaise, a outra segurando meu quadril e,*oh Deus*, isso mudou tudo. Agora ele estava me atingindo exatamente onde eu precisava, acariciando um ponto bem fundo que fez meus olhos revirarem. Seu osso pélvico roçava meu clitóris a cada estocada enquanto ele inclinava a cabeça para baixo o suficiente para lamber meu mamilo através da renda fina do meu sutiã.

Eu o encontrei, golpe após golpe, deleitando-me com cada sensação, prolongando o prazer o máximo possível em vez de correr até a linha de chegada. Foi incrível, a bunda balançando, os peitos balançando, as coxas se contraindo, os dedos dos pés se curvando, mordendo os lábios, a barriga tremendo, roubando o fôlego, tipo, o Nic se saiu melhor, e de repente fiquei com inveja de todos na plateia por terem conseguido vê-lo trabalhar. Se eu tivesse pensado antes, teria instalado uma câmera em algum lugar para poder reviver aquele momento repetidamente pelo resto da minha vida.

Minha boceta pulsava em volta dele. Arqueei as costas o máximo que pude, mudando o ângulo para que ele deslizasse ainda mais fundo. Ele afastou os lábios do meu peito e eu levantei a cabeça. Olhar para ele, ver as cordas esticadas nas minhas coxas e sua barriga se contraindo enquanto ele me penetrava era tão erótico que fazia

todas as outras cenas que eu já tinha visto parecerem insignificantes em comparação. Não é à toa que tínhamos tantos participantes recorrentes no Velvet. A adrenalina de fazer aquilo era como uma droga, e eu voava cada vez mais alto, sem querer que o momento acabasse nunca.

Um gemido atingiu meus ouvidos e finalmente virei a cabeça, olhando para a multidão. A princípio, eram pouco mais que formas abstratas, mas, à medida que meus olhos se adaptavam, vi braços se movimentando, cabeças balançando, até mesmo um ménage à trois completo na última fileira, e a percepção de que Nic e eu éramos os que os colocaram naquele frenesi me levou ao limite, o orgasmo que eu vinha segurando rompendo minhas defesas e se chocando contra meu corpo como uma onda de maré rompendo uma represa. Gritei, tremendo, estremecendo, meus músculos se contraindo enquanto Nic continuava a me penetrar, prolongando-o.

Ele gozou com um gemido um segundo depois, o pau tão rígido dentro de mim que eu sabia que ele estava tão excitado quanto eu. Depois, ele quase desabou sobre mim, a testa apoiada entre meus seios, os pulmões arfando contra minhas coxas amarradas.

A multidão gritou, iniciada por Taylor, e a cena terminou do jeito que começou: com amor e risos.

Epílogo

"Graças a Deus o tempo ajudou",Aly disse enquanto liderava o caminho para fora da porta dos fundos.

Segui-a, carregado de taças de vinho, com o cuidado de me virar de lado na saída para não bater acidentalmente no batente da porta e quebrar uma delas. "Eu sei", eu disse. "Fiquei preocupado ontem quando vi a possibilidade de chuva. Não me entenda mal, ainda estaria bom dentro de casa, mas não assim."

À nossa frente, duas mesas de piquenique estavam juntas no deck dos fundos. Toalhas brancas as cobriam, e no centro, uma série de potes e vasos cheios de hortênsias brancas, as últimas da estação. Tínhamos colocado velas brancas ao redor delas, e cada conjunto tinha um jogo americano redondo de vime com um prato em cima e um guardanapo branco puxado por um porta-guardanapos de vime. Talheres dourados estavam dispostos de cada lado dos pratos, e estávamos prestes a depositar os copos com aros dourados que completariam o visual.

Josh e Nic penduraram luzes de café em estacas altas de jardim, e Aly e eu movemos todos os seus vasos de plantas para o pátio, emoldurando a mesa. Lanternas de furacão se espalhavam entre a vegetação, iluminando as pedras do calçamento e lançando uma luz dourada por todo o cenário. Era deslumbrante, uma aula magistral de refeições ao ar livre que só conseguimos graças a muitas fotos no Pinterest tarde da noite.

O som dos grilos enchia o quintal enquanto colocávamos os copos no lugar, e uma música suave vinha de dentro. Tínhamos tido sorte com aquela onda de calor de fim de estação, mas eu sentia o cheiro do outono no ar, aquela mistura distinta de folhas caídas, chuva e terra escura e rica. Não demoraria muito para o frio chegar, e isso me fez valorizar ainda mais aqueles dias fugazes.

Ryan entrou pela porta dos fundos carregando duas garrafas de vinho, uma tinto e uma branca, com Walter logo atrás.

Walter correu até mim, com o novo elefante de pelúcia que Nic tinha comprado na

boca. "Terminou de brincar com os gatinhos?", perguntei.

Ryan colocou o vinho na mesa. "Fred pulou nas costas dele e tentou montá-lo como se fosse um pônei."

Agachei-me e amassei o rosto de Walter. "Ah, não, querida. Aquele gatinho malvado te assustou de novo?" Aquele gato era destemido, não tinha noção do próprio tamanho ou mortalidade, e Maud era ainda pior. Graças a Deus, Walter era tão bom com eles.

Walter ofegou, animado por ser o centro das atenções, seu terror já esquecido.

Tirei o bichinho de pelúcia da boca dele e joguei-o para o outro lado do quintal, e ele saiu correndo atrás. Quase esbarrou em Ben, o funcionário de Ryan que virou nova paixão, ao virar a esquina da casa.

“Desculpe!” gritei.

Ben se recompôs, segurando duas latas de seis cervejas nas mãos. "Tudo bem! Guardei a cerveja!"

"Quem disse cerveja?", perguntou Jackson enquanto ele e Taylor saíam carregando os primeiros pratos de comida.

Josh agarrou a porta antes que ela se fechasse atrás deles e olhou suplicante para sua noiva. "Querida,*por favoooor*?"

“Não!” Aly gritou de volta.

“Sim!” Ben respondeu a Jackson.

"Ah, graças a Deus", disse Jackson. "Sou inculto demais para vinho."

"Nem mesmo no pequeno recinto ao ar livre deles?" Josh reclamou.

"Eles não podem sair", disse Aly. "Eles vão chorar o tempo todo, e você sabe disso."

“O que você trouxe?” perguntou Jackson.

Josh fez um gesto obsceno. "Mas eles vão ficar tão tristes sozinhos lá dentro."

“Uma cerveja âmbar e uma pilsner”, respondeu Ben.

Aly foi até Josh. "Eles vão ficar bem. Parem de me fazer sentir uma péssima mãe."

"Ei! Vocês, vadias, vão me ajudar com o resto ou o quê?", perguntou Taylor para mim e para Ryan.

Eu ri e a segui para dentro, deleitando-me com o caos. Era apenas o nosso terceiro jantar em família, mas todos pareciam seguir esse caminho, todos falando uns sobre os outros, três conversas acontecendo ao mesmo tempo, a meio segundo de se transformarem em um caos total. Eu adorava, absorvia cada segundo e guardava esses momentos como lembranças que eu poderia recordar com carinho quando estivesse velho e grisalho, relembrando minha juventude selvagem.

Imaginando onde Nic estava, coloquei a cabeça para dentro da sala de estar.

"Me ajudem", disse ele, afundado numa poltrona com Fred no colo e Maud no

peito. Nenhum dos dois dormia, nenhum dos dois estava encolhido. Eles simplesmente... sentaram em cima dele, como se o estivessem imobilizando e ele realmente precisasse ser resgatado.

Fui até lá e peguei Maud no colo primeiro, colocando-a no sofá. Fred se virou em meus braços enquanto eu o levantava em seguida, me presenteando com sua barriga grande. Aly o tinha treinado muito bem. "Estou com bronzeador demais para terapia de pelos", eu disse a ele. Ele ronronou e começou a fazer biscoitos no meu pescoço, e eu não consegui resistir, mergulhando com muita cautela em sua penugem.

Nic se levantou atrás de mim. "Acho que eles estavam tramando alguma coisa."

Coloquei Fred no chão e me virei para ele: "O que há com você e os gatos?"

Ele apontou para além de mim. "Olhe para eles e me diga que estou errado."

Virei-me. Fred e Maud estavam sentados um ao lado do outro no sofá, olhando fixamente para Nic. Certo, talvez ele tivesse razão.

Agarrei o braço dele e o arrastei para fora da sala. "É porque eles sabem que ainda não te conquistaram."

"Acho que não é isso", disse Nic. "Depois que Fred expulsou meu cão de guarda, Maud me ameaçou com uma faca."

Bufei. "Claro que sim."

Pegamos mais pratos de comida na cozinha e voltamos para fora, e os cinco minutos seguintes passaram em uma onda de atividade enquanto todos trabalhávamos juntos para pôr a mesa, servir bebidas e nos acomodar para comer.

"Nada de Moira hoje à noite?", perguntou Taylor.

Nic balançou a cabeça. "Ela e meu pai estão em terapia de casal."

As consequências do último jantar da família Trocci ainda estavam se desenrolando. Stefan não estava em lugar nenhum, e Greg e Alec ameaçaram sair da casa dos pais se as coisas não mudassem. Nico Sênior não estava lidando bem com a situação, para dizer o mínimo, mas me animei com o fato de ele estar pelo menos disposto a continuar a terapia, e Moira disse que ele tinha começado a perguntar sobre Nic recentemente. E não para coletar informações, mas como se estivesse genuinamente curioso sobre a nova vida de Nic.

Quem sabe, talvez ele realmente fizesse algum progresso e aprendesse a ser uma pessoa melhor. Mas não estávamos esperando.

"Onde está o Tyler?" perguntou Aly.

Josh tomou um gole de vinho e pousou o copo. "Ele disse que está alguns minutos atrasado e que é para começar sem ele. Ah, e ele vai levar um acompanhante."

Aly arqueou as sobrancelhas. "Sabemos quem?"

Josh balançou a cabeça. "Não. É estranho. Eu implorava para ele parar de

compartilhar coisas demais comigo quando morávamos juntos, mas desde que me mudei, não tenho ideia do que está acontecendo na vida dele."

Essa foi a minha deixa para voltar ao meu próprio vinho. Tyler havia cumprido sua promessa e deixado Nic cuidar principalmente das operações diárias do novo empreendimento conjunto, e embora eu odiasse guardar segredos dos amigos, este não era meu para contar — eu havia prometido a Nic que não o repetiria. Eu só esperava que Aly e Josh entendessem quando finalmente viesse à tona. Parecia provável que entenderiam, considerando a quantidade de segredos que guardavam, mas nunca se sabe.

Servimos nossa comida e nos acomodamos para comer, conversando e rindo enquanto o dia se transformava em noite. Tyler apareceu no meio da refeição, puxando uma mulher alta e deslumbrante atrás de si. Stella, ele nos contou. Os dois pareciam um casal estranho, a princípio, ele com seus cabelos loiros e beleza de quem comeu milho, e ela com seus cachos negros e inúmeras tatuagens, mas algo neles...*trabalhado*. Talvez fosse porque ambos estavam impecavelmente vestidos, como se planejassem comparecer a algum tipo de gala ou exposição de arte depois do jantar, ou pela maneira como se olhavam enquanto se aproximavam, sempre encontrando desculpas para se tocarem enquanto se sentavam na ponta da mesa.

Tyler imediatamente começou a colocar comida em seu prato, mas Stella se absteve.

"Sinto muito", disse ela, com a voz mais baixa do que eu esperava, educada. "Eu comi antes de virmos. Tenho sensibilidade alimentar e não queria que você se preocupasse com isso. A culpa é minha pelo atraso."

Tyler estendeu a mão e pegou a dela. Foi um gesto de conforto, de gentileza, a coisa menos babaca que eu já o vi fazer, e me fez olhar para Stella sob uma nova luz.

Aly dispensou-a com um gesto. "Ah, você está bem. Somos uma família sensível, então da próxima vez é só nos avisar com antecedência e garantiremos que você tenha opções. Ou você pode trazer sua própria comida. Não nos sentiremos ofendidos."

Stella sorriu, e foi como se o sol tivesse voltado para brilhar sobre a nossa festa. Havia muita gente bonita naquela mesa, mas Stella dava trabalho até para o Josh. Ela era obviamente boa demais para o Tyler, mas pelo jeito como ele a mimava durante a refeição, ele parecia saber disso e estava se comportando muito bem. Rezei para que ela ficasse por perto. Com ela ali, a presença dele era 90% mais tolerável.

"Quer mais uma cerveja?", perguntei ao Nic enquanto o jantar terminava. Ele finalmente tinha começado a beber um pouco, e achei adorável sua baixíssima tolerância ao álcool. Ele era fofo quando estava embriagado, mais carinhoso do que o normal e mais efusivo.

"Você vai nos levar para casa?", ele perguntou, inclinando-se para beijar meu ombro.

"Você vai mesmo me deixar dirigir seu bebê precioso?", retruquei. Enquanto o sol ainda estava quente durante o dia, as temperaturas começavam a cair à noite, e a moto estava quase pronta para a temporada, então pegamos o carro dele.

"Você sabe dirigir com câmbio manual?" ele perguntou.

Deslizei a mão por baixo da toalha de mesa e passei os dedos por sua virilha, emoldurando seu pau. "Você sabe que eu consigo."

Aly fez um barulho de ânsia de vômito. "Eu ouvi isso."

Afastei a mão e lhe dei um sorriso. "Desculpa."

"Não, você não vai", ela disse, virando o resto do vinho.

"Ela não está mesmo", confirmou Ryan. "Ontem mesmo, eu os peguei—"

"Então! Tyler!", interrompeu Josh, na mudança de assunto mais impassível de todos os tempos. "Como você e Stella se conheceram?"

Os dois se entreolharam, trocando um olhar que parecia abranger uma conversa inteira. Finalmente, Stella assentiu brevemente.

"Bem", disse Tyler, olhando para a mesa, "essa é uma longa história".

Agradecimentos

É realmente preciso uma aldeia para publicar um livro, e isso é*muito* Verdade para este. Antes de mais nada, preciso agradecer a cada profissional do sexo que se dispôs a conversar comigo pessoalmente ou responder minhas perguntas em fóruns enquanto eu pesquisava e escrevia. Vocês são tão incríveis, gentis, acolhedoras e pacientes. Espero ter deixado vocês orgulhosas e que possam se ver lindas e alegres em Lauren e na família que encontraram.

À minha agente, a incomparável Jill Marr, por toda a sua sabedoria e orientação ao longo da minha jornada de publicação. Adoro poder ligar para você no meio de um "menty b" completo e saber que terminaremos a conversa gargalhando como duas bruxas em volta de um caldeirão tramando a dominação mundial. E a todos os outros da SDLA, especialmente Andrea, Nick e Jake, por todo o seu trabalho árduo.

Para Hayley e Sierra, as melhores editoras de "sim, e" e "ooh, mas e se" que uma garota poderia desejar. Obrigada,*para sempre*, Por terem me dado uma chance. Obrigada por nunca me dizerem para baixar o tom (mesmo com minhas respostas malucas por e-mail). Obrigada por sempre terem os melhores insights e ideias. E a todos os outros da equipe Slowburn/Zando: Molly, Anna, TJ, Julia, Natalie, Emily, Nathalie e Ashley. Tenho certeza de que estou esquecendo de alguém, porque tem muita gente incrível fazendo coisas nos bastidores. Se estiver, me desculpem e eu amo vocês!

Muito obrigado a todos os meus editores estrangeiros que estão incansavelmente traduzindo e trazendo o Lights Out série para seus mercados. São tantos que é impossível listar, e mais pessoas estão se juntando à festa a cada semana. Mal posso esperar para que todos os seus leitores incríveis se juntem a nós nessa jornada alucinante.

Aos meus bisavós, que fugiram da Itália e vieram para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. Grande parte da história deles inspirou esta. E ao resto da minha família, que continua me incentivando e lendo tudo o que publico, mesmo que eu os proíba — ESTOU OLHANDO PARA VOCÊ, MÃE.

Para minhas três melhores amigas, minhas guardiãs de segredos, que estão comigo desde o começo: Ange, Khanh e Sarah. Não me esqueci do nosso plano de

aposentadoria em conjunto de comprar um vinhedo na Nova Zelândia e envelhecer de forma vergonhosa e bêbada nele, e é melhor você não ter feito isso também!

E por último, mas não menos importante, para o meu protagonista da vida real, meu marido: Oi. Você é gato. Vamos nos beijar.

Sobre o autor

New York Times e *EUA hoje*autor de best-sellersNavessa Allenmora às margens da Baía de Chesapeake com o marido e seus gatos mimados. Ela publica seus livros em formato de série em seu site via Patreon. Para acompanhar seus trabalhos mais recentes, ler cenas bônus exclusivas e se deliciar com a arte de personagens NSFW, visite:patreon.com/navessaallen.